

A romantic couple is shown in a close embrace, kissing. The man is on the left, wearing a blue and white plaid shirt that is unbuttoned at the chest. The woman is on the right, with long, dark, wavy hair. They are positioned in the upper half of the frame. The background features a city skyline at sunset, with a bridge in the foreground and the sun low on the horizon, creating a warm, golden glow. The sky is filled with soft, white clouds.

QUANDO EU TE ABRAÇAR

LUCY VARGAS

SÉRIE ENTRE OS MAIS VENDIDOS DA AMAZON, ITUNES, KOBO E GOOGLE PLAY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Quando Eu Te Abraçar

Trilogia Ward - Vol. 3

Lucy Vargas

*Para minha mãe, ela ainda não conhece o
Sean Ward além do que escuta, mas sabe
o que é bom.*

*Para Elimar e Patrícia, vocês sabem o que
tem feito por mim.*

*Para todos os novos integrantes da
família Ward que fizeram esse livro
acontecer.*

Capítulo 1

Desde que eu te abracei pela primeira vez, minha vida virou de ponta cabeça.

Essa seria a última vez, ao menos assim Sean havia decidido, como se ele tivesse algum tipo de controle sobre os desmandos do destino. Porém, ele estava nesse trabalho há anos e eles já haviam errado demais. E nunca haviam deixado alguém escapar tantas vezes por entre os seus dedos.

— Aquele filho de uma... — disse Kevin, levantando e saindo para tomar um ar.

Ao se aproximar da caixa que eles haviam acabado de tirar do chão, antes mesmo de olhar, Sean foi tomado por uma sensação de mal estar. Ele respirou fundo e olhou para dentro da caixa, para o corpo de mais um bebê, esse devia ser o oitavo. E isso, desde que eles começaram a caçar. Ele não conseguia sequer fazer uma estimativa real do que havia visto antes. Eles tentaram, mas em alguns momentos acabavam descobrindo que apesar da aparência, eram mais durões por fora do que por dentro.

— Eu já guardei o outro — disse Ramond, entrando no cômodo escuro na parte de baixo da casa.

Ele ainda era o novato, mas estava se saindo muito melhor do que o esperado, especialmente porque suas primeiras missões reais começaram exatamente nesse caso. E por “guardei o outro”, Ramond estava sendo sutil ao falar do corpo do bebê. Ao menos o outro que eles encontraram ainda lá em cima, enrolado numa manta. Eles não sabiam como ele havia morrido, só sabiam que se houvessem conseguido chegar ali um pouco antes, talvez ainda pudessem tê-lo salvado. E essa era justamente a cilada desse trabalho, eles não podiam se deixar abater por esses acontecimentos. As possibilidades os comeriam vivos de dentro para fora.

Sean se ajoelhou e engoliu a saliva, ele poderia ter pego a caixa e levado, mas por uma questão de respeito e compaixão, ele segurou

o pequeno corpo do bebê e o tirou de dentro daquela maldita caixa. Ele tentou não olhar, mas foi impossível. Era uma menina, pelo tamanho e pelos casos de bebês desaparecidos, essa devia ser a menina de seis meses que sumiu em Ontário, no Canadá. Ela não morreu pacificamente, seu rosto não era como o de uma bonequinha que estava dormindo. Ela sentiu dor, aquele corpinho pequeno nos seus braços sofreu.

Ele escutou os sons dos passos, Ramond se aproximou com a manta e o saco mortuário onde iam deitar o corpo para levá-lo. E Sean só conseguia olhar para o sangue sujando as pernas do bebê.

Aquela imagem não deixaria sua mente, ao menos não em algum momento próximo.

* * *

Bea 22:30 - {Envia um vídeo} Olha isso, Sean! Fica olhando!

O coração dele se aqueceu ao assistir e Sean viu o vídeo duas vezes antes de responder. Bea havia deitado de lado e dava para ver toda a sua barriga e a parte de baixo dos seus seios, onde sua camisola estava dobrada. E ela filmava só aquela área, dava para ver o bebê se mexendo, empurrando contra a barriga dela, devia ser seus pés, suas mãos, mas ela estava agitada. E faltava pouco para nascer, era como se avisasse: *Ei, estou quase chegando! Olha para mim!*

Como se a vida deles já não estivesse girando em torno daquele bebê. Bea estava com uma barriga de quase nove meses. E fazia tempo que Sean não se afastava dela, ele estava nervoso e apreensivo. Dividido entre o que precisava fazer e o que necessitava. Ele queria voltar para lá e pôr a mão na barriga dela para sentir quando o bebê estava agitado assim, ele adorava senti-lo.

Sean 22:39 - Ela não quer dormir?

Bea 22:40 - Não! Que danada! Olha isso, acho que ela quer brincar de bater palma! Ou isso é um pé?

Bea 22:42 - {Envia vídeo}

Ele assistiu ao vídeo que era mais curto que o outro, mas mostrava mais de perto os empurrões contra a barriga de Bea. Sean ficou sentado contra a cabeceira da cama, repassando o vídeo e Beatrice não sabia como havia o ajudado essa noite ao lhe enviar isso.

Sean 22:46 - Eu acho que é um pé.

Bea 22:46 - Danada! Não para de me chutar! Acho que vou lá para a banheira para ver se ela dorme. Ela gosta.

Sean 22:47 - Além dos chutes, tudo bem?

Bea 22:48 - Cadê você para me escorar? Ela sabe que estou sentindo sua falta.

Sean 22:49 - Eu já volto, Bea. Eu juro. Eu preciso de mais um dia.

Bea 22:50 - Relaxa, eu vou usar seu travesseiro para descansar a barriga! E eu estava muito mal acostumada. É bom eu largar logo o conforto, porque esse bebê vai acordar durante à noite. Certeza!

Sean 22:51 - Não esquece nosso mantra para ela ser um bebê diurno.

Bea 22:52 - Vou colocá-la para dormir agora, ao som da minha voz.

Sean 22:53 - Eu te amo.

Bea 22:54 - Eu também te amo. Volta logo para me mimar!

Ele deitou, mas foi na galeria do celular e assistiu todos os vídeos que ela havia enviado ao longo da gravidez, ele guardou todos. Porque não queria outro tipo de memória atrapalhando seu sono.

* * *

— Eu tenho que voltar para casa, não posso ficar longe logo agora, mas... Se falta pouco, se ele está lá, precisamos pegá-lo agora — disse Sean, encarando seu primo.

Nenhum dos dois devia estar ali, Sean tinha motivos para não ficar longe de casa, aliás, ele só estava participando porque infelizmente acabou mais envolvido com esse caso do que gostaria. E também

porque o raio de atuação do homem era os Estados Unidos e o Canadá. Era perto para ele. E Jared só veio porquê dessa vez eles não iam perdê-lo e também porque se demorasse mais de dois dias, ele ficaria e Sean voltaria para casa.

A polícia estava procurando uma rede de sequestro de crianças para vender no mercado negro, pelos mais diversos motivos. Só que em geral, era para pais que queriam adotar um bebê pelos meios ilegais. Era difícil entender como eles conseguiriam ser felizes com seu novo bebê, sem pensar de onde ele veio e que uma família poderia estar destruída por ter tido seu filho levado.

Talvez eles nem imaginassem a verdade sobre a origem de seu bebê, mas não dava para ser tão ingênuo assim na vida.

E o FBI estava tendo sucesso nessa busca, já haviam recuperado alguns bebês e encontrado outros. O que causou sofrimento e alegria, pois assim que localizavam a criança, eles a tomavam dos novos pais, os prendiam e por causa da cobertura da mídia, agilizavam o processo e estavam devolvendo os bebês aos verdadeiros pais. Infelizmente, esse belo resultado não se estendia a todos.

Não só por causa das crianças que ainda não haviam sido achadas ou nunca seriam.

E foi aí que Jared topou com o caso. Depois que ele se interessou pelo sequestro de crianças para a servidão sexual, ele acabou topando com alguns casos estranhos. E com um dos seus informantes ele descobriu esse caso dentro do caso da rede de sequestro de bebês. O cara que eles procuravam pegava as crianças, usava, abusava e se elas sobrevivessem, ele vendia para os pais adotivos. Se morressem, ele escondia o corpo e pegava outro bebê. E ninguém estava atrás desse cara. Tudo que ele fazia, entrava nas estatísticas dos bebês desaparecidos e que a polícia ainda estava procurando.

Um pedófilo da pior espécie com uma preferência séria por bebês de menos de um ano e inserido numa rede de venda de crianças, era tudo que os pesadelos deles não precisavam. E lá estavam eles. Num dos trabalhos mais complicados que já fizeram, porque era muito fácil para eles trabalhar em casos que só eles buscavam. No

entanto, trabalhar dentro dos limites do caso da polícia federal era um problema. Ficar fora do radar deles, era complicado. Porque o homem que eles queriam, entrava e saía da investigação sem que o FBI o percebesse. Quando o bebê sobrevivia ao seu abuso, ele contatava pessoas que a polícia estava perseguindo, para efetuar a venda. E então o FBI ia atrás dessas pessoas e não desse cara.

Frequentemente, eles pensavam se os novos pais do bebê faziam alguma ideia do que seu novo filho havia passado. Era um neném, eles acabariam descobrindo o abuso assim que o levassem ao médico para um exame completo.

* * *

Eles não planejaram chegar lá naquele momento. Eles queriam entrar sem chamar atenção e quando o maldito piscasse eles já estariam à sua frente sem ter emitido som algum. Era assim que trabalhavam, silenciosamente. Mas deu tudo errado.

— Tem mais dois na cozinha! — informou Kevin pelo rádio.

— O filho da puta vai descer! — era a voz de Ramond.

— Entra, entra, entra! — mandou Jared, sua voz saindo clara pelo fone de ouvido.

Alguém com certeza ia chamar a polícia, porque havia casas ali perto e do jeito que as coisas começaram a dar errado, a qualquer momento uma senhora ia acordar para beber água e escutar aqueles estouros estranhos.

As duas portas da casa foram abaixo ao mesmo tempo, a janela da cozinha também. Kevin estava usando uma arma com silenciador, mas os caras lá dentro não. Ramond e Anne passaram pela sala e não sobrou ninguém vivo. Jared estava correndo escada acima. E Sean estava quieto demais e não disse nada ao rádio além de “vou descer”. Então desapareceu pela porta para o porão.

Kevin, sempre atento ao seu trabalho duplo, assim que ficou livre foi atrás de Sean. Lá embaixo havia dois caras, um estava todo torto na escada, mas estava vivo, pelo jeito Sean passou por ele e só deu com a arma na sua cabeça, porque estava com pressa. Kevin o

prende ali com uma algema e bateu de novo, pelo menos teriam alguém vivo.

Estava tudo dando errado demais para o gosto deles. Então Kevin desceu mais rápido ao ouvir os sons, era obviamente uma briga misturada ao som do choro fraco de um bebê. Quando ele chegou lá, viu um cara grande, saudável e forte, algo que eles não haviam esperado. Era claro que quando se pensava num pedófilo maldito que abusava de bebês, não era aquela imagem que vinha à cabeça.

Bem, fosse como fosse, o cara podia ser grande e vencer bebês indefesos, mas não era páreo numa briga mano a mano. Ele estava embaixo de Sean e havia uma faca perto de sua mão, porém, não conseguia mais segurá-la.

Kevin correu e chutou a faca, imaginou se Sean havia sido esfaqueado e escutou o som dele soltando o ar de forma dolorosa e então o viu estremecer. As mãos dele estavam em volta do pescoço do homem que estava todo sujo de sangue pela mandíbula, rosto e no pescoço também. Sean olhou suas mãos e ficou de pé muito rápido, como se houvesse levado um susto. Kevin o iluminou com a lanterna e viu que suas mãos estavam todas cortadas, sangrando e ele usava só uma das luvas, logo ele as fechou com força o que só piorou o sangramento.

— O sangue é seu? — Kevin abaixou e olhou o homem que agora estava morto.

Sean ainda estava olhando para as mãos cortadas, mas respirou fundo e se afastou, foi até a mesa e olhou o bebê que havia parado de chorar. O bebê também estava sujo de sangue e dessa vez não era dele.

— Aquele porco imundo — Sean disse muito baixo, lamentando.

Depois de remexer nos bolsos do homem, Kevin pegou a outra luva do chão e viu que estava cortada, pelo talho explicava porque havia tanto sangue. Não era luva de proteção que eles usavam dependendo da situação, Sean esteve usando apenas um par por precaução para não deixar digitais para todo lado, o que agora não fazia mais diferença.

Ele tocou o bebê e tentou fazê-lo reagir, tirou-o dali e o segurou com cuidado, era outra menina, também em torno dos seis meses.

Kevin olhou em volta e encontrou uma manta jogada no chão e a levou lá para aquecê-la.

— Chame a Anne, acho que ela não vai... — Sean disse baixo.

Anne desceu correndo logo após o chamado pelo rádio e Jared veio junto.

— Eu achei um menino lá em cima, ele está ok — avisou Jared. — Mas temos que ir.

Anne era a médica e única mulher dessa operação, ela pegou o bebê do colo de Sean, deitou-o na mesa novamente e depois de um momento de silêncio tenso, conseguiu trazê-la de volta e a colocou no respirador infantil manual.

— Precisamos daquela ambulância e depois do hospital, ela não vai resistir muito — ela disse, segurando o pequeno embrulho apertado em seus braços.

Sean estava muito quieto ali no canto, ainda com sangue pingando de suas mãos. Ele só passava o olhar pelo local, imaginando se encontraria pequenos corpos enterrados ali. Jared disse para Anne partir com Ramond e os outros dois. Já tinham a operação armada para lidar com o bebê.

— Vamos sumir com esse corpo — disse Kevin, apontando para o pedófilo. — Precisa ser limpeza completa para cobrir o que deu aqui — ele instruía aos outros dois.

Jared se aproximou de Sean e parou bem a sua frente.

— Toma isso aqui — ele lhe deu uma toalha para envolver as mãos. — Vai com eles costurar essas mãos, nós vamos procurar aqui.

— Tem que limpar tudo, eu sangrei naquele filho da puta e se ele ficou aqui por uns dias, vai ter corpos enterrados. Mandem os caras virem aqui procurar.

Eles tinham uns caras que vinham vestidos de pintores, jardineiros, reforma e coisas do tipo para escanear locais nos quais eles não tinham tempo de ficar. Eles limpavam tudo e depois sumiam.

* * *

Era meio-dia e meia e Sean estava exausto, estava há dias com insônia. Ele estava no GW, sentado no sofá da sua sala, com os braços cruzados, as pernas também cruzadas nos tornozelos e a cabeça recostada no encosto. Tinha acabado de tomar um analgésico e fechado os olhos para descansar por uns dez minutos. Suas mãos estavam melhores, mas ainda estavam enfaixadas e inventar algo para Beatrice sobre como ele voltou com as duas mãos tão machucadas foi um exercício de criatividade. Ela sabia porque ele se machucava, mas não os detalhes.

E no momento ele estava fazendo de tudo para não deixá-la estressada ou preocupada. Por isso que agora ele não ia se afastar de casa por nada, aquelas situações foram atípicas. Estava difícil trabalhar por longas horas com as mãos machucadas, até alguns de seus dedos acabaram feridos, mas Sean seguia no trabalho, digitando menos do que o seu habitual.

— Chefe!! — Rico entrou correndo e chamando-o aos gritos.

— Pelo amor de Deus, Rico. Agora não — Sean nem abriu os olhos.

— Seu celular!

— O que você está fazendo com o meu celular? — ele continuava com os olhos fechados.

— Peguei para filtrar as ligações... Madame Ward ligou!

Sean abriu um olho só.

— Você tem que decidir se esse é o apelido da minha mãe ou da minha esposa. Agora que minha mãe não vai mais sair da cidade, recomendo que devolva o apelido para ela. Combina mais.

— As duas acabaram de ligar! Uma está aqui! — Rico brandia o celular.

Sean pulou de pé imediatamente e pegou o celular, não sabia se ia escutar a mãe ou Beatrice, mas sua dor de cabeça sumiu assim que escutou:

— Eu estou a caminho do hospital, minha bolsa estourou — informou Beatrice, numa voz de calma contida e fingida.

Ele não lembraria exatamente do que se passou nos minutos seguintes. Porém, Rico lembrava de ter saído correndo atrás dele, com Kevin na frente para pegar o carro e de como ele descobriu que

o segurança era enlouquecido ao volante. Porque eles chegaram ao hospital tão rápido que Bea havia acabado de ser trocada.

Dava para ver que Sean mal estava respirando, Beatrice, por outro lado, respirava muito para aguentar as contrações. A bolsa estourou e ela entrou em trabalho de parto bem rápido. Fora isso, ela parecia calma. Ao menos mais calma do que o esperado, mas não como aquelas mães de comercial que dão a luz com batimentos cardíacos estáveis e uma expressão de complacência etérea. Ela estava suando ali, trincando os dentes e amaldiçoando.

Apesar de o parto ser esperado para dali a uma semana, o bebê resolveu que queria estreiar em grande estilo e causar um infarto geral nas duas famílias. Assim que nascesse, descobriria que para os Ward e para os Stravos, um novo bebê na família era um grande acontecimento. Era a primeira vez que as duas famílias concordavam em ser dramáticas ao mesmo tempo e pelo mesmo motivo.

Apesar dos Stravos terem vários bebês recentes, eles já eram normalmente dados a um escândalo coletivo. Os Ward, por outro lado, tinham visto o último bebê há mais de cinco anos, quando Tibby nasceu. E Sean se tornando pai era um acontecimento por si só. O negócio era tão sério que os rumores familiares diziam que a tia-avó, depois de anos, ia pegar um voo e se dignar a pôr seus pés nos Estados Unidos só para visitar a criança. Isso, claro, daqui a um mês, porque era quando a etiqueta lhe permitia.

— Parabéns, meu filho! — disse Candace, correndo para abraçá-lo assim que Sean entrou na sala de espera para dizer que havia nascido.

— É uma menina — disse Sean, apesar de eles já saberem disso, mas agora era real. E ele não tinha nada mais em sua mente para dizer, o fato de que havia acabado de ver uma garotinha minúscula e chorosa e constatar que era sua, ainda estava dominando os seus neurônios.

Ele estava num estado de nervosismo e euforia que confundia o seu sistema e fazia parecer que estava calmo. Porém, seu coração ainda batia rápido demais e ele estava um tanto perdido. E acredite “perdido” não é uma palavra geralmente usada para descrevê-lo.

— Ai, que máximo, uma menina para ser amiga da Tibby! — gritou Tess, se abraçando a eles.

— Como a Beatrice está? — Candace estava doida para ir lá no vidro olhar a neta.

— Eu acho que estou mais traumatizado do que ela, mas ela começou a me xingar antes de começar a empurrar e depois também. Agora ela só sussurra, mas tenho certeza que não são declarações de amor — ele confessou.

Apesar de o bebê ter nascido alguns dias antes do esperado, o susto passou logo e Beatrice, que havia decidido pelo parto normal, passou bem pela experiência. Ela sempre teve medo do parto, mas foi se acostumando ao inevitável conforme os meses passavam. Assim que levaram o bebê, tudo que Beatrice fez foi dizer:

— Nós realmente fizemos isso, que loucura — ela nem abria mais os olhos, só abriu para olhar o rostinho inchado da filha.

Sean não disse nada, ele alternava o olhar entre ela e a enfermeira levando o seu bebê. Ele não sabia bem, mas desde que vira a filha pela primeira vez, estava um tanto paralisado.

Ninguém se preocupou em esconder que os Ward tinham corrido para a maternidade e como os fofoqueiros sabiam que estava perto do bebê nascer, as orelhas estavam em pé. Agora tinha um bando de paparazzi em volta do hospital, esperando que eles saíssem para ir para casa.

GENTE! O BEBÊ WARD NASCEU

!! Tô aqui perto do hospital, fazendo a stalker, mas não me aguentei! Ele veio nascer logo aqui perto! Vi Madame Ward chegando com a TessW.

O pessoal fofoqueiro do hospital disse que ninguém pode chegar lá perto, só os médicos e enfermeiras porque aqueles seguranças magia dos Ward não deixam! Genteee! Isso tá parecendo nascimento de bebê real, só que aqui no EUA! Tô mooorta! A gente não tem rainha, palácio e família real para dar babado, mas tem os Ward! Meu blog está bombando de acesso! Todo mundo catando informação sobre o nascimento!

— do uppersofnewyork.net — 1721 comentários

* * *

Mais tarde, Candace e Tess se colaram ao vidro do berçário para ver o bebê e até Victor apareceu para ver a nova integrante da família através do vidro.

— Nasceu, caramba! — Sean comemorava com o celular colado a orelha.

— Como assim JÁ nasceu? — Jared dizia pelo celular, demonstrando assombro.

— Veio antes — respondeu Sean.

— Filho da puta! Não consigo um voo agora!

— Relaxa, eu estou tentando.

— Minha afilhada — disse Jared, com um sorriso.

— Ela é minúscula, é linda.

— É claro que minha sobrinha seria linda — Jared estava todo bobo com a notícia, ansioso para vê-la. Ele não seguia a etiqueta da tia-avó. Mesmo que tivesse que se desinfetar, porque não sabia bem os procedimentos para se relacionar com um recém-nascido, ele iria ver sua afilhada. — Vou buscar meus presentes exagerados de padrinho e pego o voo assim que os pilotos chegarem!

Don estava lá perto do vidro e deu uma risada quando viu Ramond chegando todo bonitão e arrumado e ajeitando a gravata como se fosse para uma entrevista de emprego.

— E então, estou bem? — ele perguntou, sorrindo.

— Não adianta ficar com esse sorriso que você ainda vai ralar muito antes de assumir o posto — avisou Don. — E saiba que bebês não enxergam bem até alguns meses, pode deixar o terno novo em casa — ele brincou.

Don deixou seu posto e Ramond ficou, ele supostamente ainda estava em treinamento, como todos os seguranças ficavam por meses, não importava quanta experiência tivesse antes. E ele entrou para o time pouco tempo antes de Bea engravidar. Ele olhou pelo vidro para aquela coisinha miúda que a enfermeira estava pegando para levar de volta. O embrulhinho minúsculo seria sua missão, Ramond Verner se preparava para ser o segurança pessoal do bebê

e se tudo desse certo com seu emprego, provavelmente a veria crescer.

* * *

— Olha, Sean. Ela voltou — disse Bea, recostada na cama do quarto.

A enfermeira entrou empurrando o bercinho de rodas, agora o bebê estava usando um dos macacões que eles trouxeram de casa e estava agasalhada e parecia confortável na manta.

— Ela está ótima — informou a enfermeira, estacionando o berço bem ao lado da cama onde Bea descansava.

Sean se abaixou e olhou para o bebê, ele simplesmente parou um momento ao lado do berço e olhou para ela e soltou um arquejo de assombro quando o bebê deitou a cabeça na sua direção e o olhou também.

— Eu acho que vou ficar viciado nisso — ele apoiou os braços nas bordas do berço, descansando o queixo sobre as mãos, enquanto ainda olhava para a filha. — Eu não sei se ela está mesmo olhando para mim, mas eu vou fingir que sim.

— Claro que vai — Bea disse de lá, olhando para eles e sorrindo levemente. — Agora pega ela e depois me dá. Quero fazer tipo aquelas mães de filme e contar os dedinhos.

— Eu sempre conto — riu a enfermeira.

A mulher esperou para ver se Sean ia pegar o bebê do berço, mas ele ficou de pé e deu um passo para trás, continuava olhando atentamente para a filha. Porém, não tentou pegá-la.

— Tudo bem, é normal ficar um pouco nervoso na hora de pegar pela primeira vez — disse a enfermeira, pegando a recém-nascida do berço. — Quer sentar para pegar?

— Eu... — ele ficou olhando para ela, mas depois olhou para as próprias mãos como se as inspecionasse. Elas ainda estavam se curando. Então as fechou e franziu o cenho. — Espera.

O quarto já estava com presentes, decoração e coisas que a avó e tia trouxeram, parecia que iam passar dias lá. Ele foi até o banheiro do quarto, deu para ouvir a água da pia correndo com força. Ele

demorou um pouco, quando voltou suas mãos estavam super limpas, ele se livrara das faixas e estavam até avermelhadas de terem sido tão esfregadas. E ele havia puxado as mangas da camisa, para cobrir os seus antebraços.

— Ah, acho que agora sim, hein — disse a enfermeira, sorrindo e conseguindo não deixá-lo mais desconfortável do que ele já estava. Ela segurava a recém-nascida daquele jeito de quem fazia isso todo dia.

— Sean, tudo bem, eu sei que você vai segurar direitinho — Bea balançou a cabeça para ele. Achava que ele estava exagerando.

— Eu vou... — ele pausou e não se aproximou mais da enfermeira. Ela quem chegou perto dele e encostou o bebê embrulhado na manta contra seu peito e ele o segurou.

As duas o observaram, ele ficou imóvel, apenas a segurando e a olhando. Em pé ali na frente da cama. E admirando aquela coisinha ainda inchada. Ela nasceu com pouco cabelo, bem fininho e escuro.

— É como a Tibby quando ela nasceu, lembra? Você estava lá — disse Beatrice.

A resposta dele foi assentir levemente, mas sem tirar os olhos do bebê. Ele também não tentou tocá-la, só continuou segurando-a, bem protegida por seus braços e sua manta. Havia um sorriso leve na sua face, desses que você não nota, são tão naturais e sinceros quanto o sentimento que os causa.

A enfermeira sorriu, olhando para ele e para o bebê. Até que Sean levantou o olhar para ela e deu um passo como se fosse devolver.

— Ela pode ficar com a mãe agora — disse a mulher.

— Ai, caramba! Agora ela vai ser minha para sempre! — exclamou Bea.

Ele lhe deu o bebê, Bea segurou a filha e escutou algumas instruções da enfermeira. Ela abriu a manta e tocou o bebê, contou os dedos como disse que faria e brincou sobre isso. Acariciou com as pontas dos dedos e sentiu sua pele delicada. Estava totalmente apaixonada por aquela coisinha pequena. E Sean olhava para elas, sorria e apertava as próprias mãos.

— Olha o tamanho desse pé! É menor que o da última boneca que tive — Bea sorria, descobrindo o bebê. Ela havia visto os recém

nascidos das irmãs, mas aquele era o seu primeiro. Estava assombrada.

Ele tornou a olhar a mão, esticou o braço e colocou o pezinho do bebê sobre a palma da sua mão direita onde não tinha nem os arranhões curando. E isso divertiu Bea ao ver a gritante diferença de tamanho. Eles haviam chegado ao hospital no meio da tarde e já era noite quando a filha finalmente foi liberada para ficar no quarto de vez. Então, iam receber alta bem cedo.

* * *

— Tudo bem mesmo? — Sean olhava de forma desconfiada para Beatrice.

— Quando eu chegar em casa vou para cama, mas tudo bem para sair daqui — ela disse baixo, já que a filha estava dormindo no pequeno berço móvel.

— O médico disse que tudo bem, então... Tem certeza que podemos ir? — Sean não sabia se achava bom ou ruim que tudo acabasse tão rápido. Ainda nem eram oito horas e eles já estavam livres. E com um bebê.

— Claro que sim — Bea se olhou no espelho de mão e checou a maquiagem leve que havia aplicado, assim como seu cabelo arrumado. Agora sim ela parecia calma, de verdade.

Sean não estava calmo, nem um pouco. Por isso ele ficava quieto e olhava. Ele ficou ainda mais quieto quando a médica responsável pelo parto entrou para se despedir do bebê. Estavam lhe dizendo um bando de coisa e ele estava anotando tudo mentalmente. Bea pegou aquela coisinha pequena e ficou sorrindo, depois a colocou com muito cuidado na cadeirinha em que ela seria levada no carro.

Eles bem que tentaram sair discretamente, mas pela hora que chegaram à porta do hospital, o nascimento já tinha virado notícia internacional e como estava cedo e nublado, além das super câmeras dos paparazzi, foi flash para todo lado dos curiosos e dos blogueiros. Não nascia um pequeno Ward desde a Tibby que já passara dos cinco anos e ela havia nascido totalmente na encolha, a mídia só soube depois.

Havia gente dando entrevista para o E! — Entertainment Television, dizendo que veio de longe para vê-los sair com o bebê. Havia câmeras montadas em frente a saída, era tanta confusão que haviam posto um cordão de isolamento na rua, para a mídia ficar do outro lado e assim não atrapalhar a saída lateral do hospital onde o carro os esperava, mas outras pessoas também precisavam passar para acessar o hospital.

O pessoal da fofoca não parava de fazer vídeo e live stream para quando eles saíssem. Até os chatos do TMZ estavam lá, bem posicionados para conseguir a melhor foto do bebê. Nem os pais da criança haviam esperado tanta atenção. Don e Kevin não estavam gostando nada disso, até Marcus apareceu lá para ver se estava tudo ok. E Ramond não perdia sua pequena missão de vista.

Todo mundo aqui fora já sabe que é uma menina! Também não me aguentei, fiquei com inveja daquela maldita do uppersofnewyork.net (mentira, a gente se adora! Tô aqui ao lado dela) e vim pra cá! Os Ward acabaram de sair carregando a coisinha pequena! Quase desmaiei. Não deu para ver nada! Só alguma coisa pequena e agasalhada dentro da cadeirinha que eles enfiaram no carro. O jeito é esperar uma foto dessas super câmeras. Mas BeaW saiu de lá linda, rica, andando e já matando os pobres mortais com um vestido lindo de alguma coleção de gestantes e usando um casaco claro (provavelmente para disfarçar a barriguinha pós-parto). Pelo menos ela não saiu de lá de salto. Acho que eu ia dar um tiro nela daqui mesmo. Mas Ó, o cabelo dela já estava feito, porque alguém que pariu há algumas horas não pode estar com o cabelo daquele jeito do nada! Duvido! E a comitiva Ward foi junto!

— do manhattaninsiders.com — 857 comentários

Capítulo 2

Não me diga que está aqui. Não me prometa que tudo ficará bem. Apenas abrace-me forte, aperte até ser doloroso e só então, sussurre para mim que nunca mais partirá. E eu acreditarei.

Depois de ter Isabelle, Bea ficou muito emocional. E ela estava odiando isso. Porque chorar não era seu forte, ela estava doida para acabar essa sua fase de TPM eterna. Ela até pediu a Rose para consultá-la, pois isso não parecia normal. Rose mandou ela parar de querer bancar a durona, estava tudo bem, ia passar.

Eles só começaram a receber visitas mesmo, quando o bebê já estava com dois meses. E foi também quando eles pararam de se enrolar. E eles compraram o tipo mais prático, moderno e rápido de fralda que havia. Você basicamente vestia a fralda no bebê, como uma calcinha e fechava dos lados. Não havia como errar.

A babá, no caso a “ajuda profissional” que eles combinaram que teriam, havia sido contratada pouco antes da criança nascer. E foi por indicação, porque era um pouco difícil arranjar trabalho com os Ward. Primeiro que ninguém ali confiava fácil, Sean tinha um sério problema de precisar ter a confiança dele conquistada. E a pessoa tinha que assinar um contrato e um acordo de confidencialidade, além de ter toda a sua vida checada antes. Bem, eles pagavam muito bem, isso contava, não?

Mesmo assim, eles também haviam combinado que apesar da ajuda profissional, eles não ficariam dependentes da babá, ela estava lá para impedir que eles cometessem alguma loucura de pais completamente inexperientes e sem jeito nenhum para o negócio. E para preencher os buracos, especialmente quando Bea voltasse inteiramente a sua carga horária de trabalho, porque ela estava de licença maternidade. Só que mesmo assim, quando dava, ainda olhava seus trabalhos.

E foi justamente por causa desse último acordo deles que Bea percebeu que ela não estava vendo coisas, havia algo de muito errado com Sean desde o início. Quando o bebê nasceu, ele só o

pegava para fazer tarefas como acalmá-la quando a mãe estava ocupada, Bea achou que fosse falta de jeito.

E ele ainda estava com as mãos machucadas, enfaixadas e ela pensou que ele estava cismado que podia passar “bactérias” para a recém-nascida.

As mãos dele ficaram boas. Então ele aprendeu a trocar fraldas e não foi um desastre na tarefa.

Ele também sabia pôr a roupinha e mexer no monitor do bebê. Ele ligava bastante quando saía. E voltava mais cedo do trabalho por causa do bebê. Também não viajou nem mais uma vez, para poder ficar com elas. Quando estava perto, ele dava tudo que Beatrice precisava na sua mão. Talco? Aqui! Pomada? Aqui. Fralda limpa? Aqui! Roupinha? Serve essa? Água? Acabei de pegar! Seu jantar? Vou à cozinha buscar.

Ele só não pegava uma coisa. A criança.

— Ela acordou — disse Bea, saindo da cama.

— Eu a acordei? — perguntou Sean, sentando na cama.

— Não, ela não escuta de lá.

Como ele já estava sentado, ela esperou só um momento para ver se ele lhe diria que iria lá pegar a filha. Porque ela preferia que ele não ajudasse em qualquer outra coisa, mas pegasse o bebê além das vezes em que estava executando tarefas. Todo o resto, ela podia fazer e havia a babá. De verdade, ela não se importava se ele não pegasse tudo que ela queria ou que não limpasse algo rapidamente. Era um trabalho em equipe e estavam todos cumprindo suas metas e ele estava as ultrapassando, mas não cumpria a parte mais importante. Ao menos, importante para ela.

Beatrice deixou o quarto e foi ver a filha que tinha um quarto ao lado do deles no terceiro andar do triplex. Era temporário, quando ela ficasse maior, eles a mudariam para o quarto maior no mesmo andar. Mas agora que eles dividiam o mesmo quarto e os closets deles haviam sido conectados e a antessala movida, sobrara muito espaço, suficiente para o quarto temporário do bebê.

Ela se debruçou sobre o berço, ainda estava estranhando porque até o mês passado, Isabelle tinha um bercinho conectado a cama deles e Bea só precisava se sentar e pegá-la. Agora que ela passara

dos dois meses, havia sido movida e era vigiada pela babá eletrônica com câmera que transmitia os sons e a imagem para o pequeno monitor portátil que eles podiam carregar pela casa.

— Ué, você está com fome de novo ou fez xixi? Não me diga que andou aprontando mais coisa nessa fralda? — ela brincou assim que pegou a filha.

Bea andou pelo quarto, ninando Isabelle para ela se acalmar e a deitou no trocador para checar sua fralda e sim, ia ter que trocar. Ela estava no meio da troca quando Sean entrou e se aproximou, ele sorriu para Isabelle que manteve os olhos nele.

— Não consegue mais dormir? — ela perguntou, depois que fechou a fralda nova.

— Daqui a pouco o sono volta.

Beatrice duvidava, o sono não voltou nas outras noites. Ela tornou a pegar Isabelle no colo e a ninou por um tempo, na esperança de não precisar amamenta-la agora porque estava tentando acertar os horários. Às vezes dava certo, outras não.

Meia hora depois quando ela voltou para o quarto, ele não estava dormindo e Beatrice ficou remoendo a situação e sentiu seu queixo tremer do mesmo jeito que sua filha fazia quando ia começar a chorar. Então se virou e se escondeu por baixo das cobertas antes que ele notasse.

Na quarta-feira, Rita, a babá, foi embora no final da tarde, ela ficou um tempo sozinha com Isabelle enquanto Bea tinha uma reunião com Hartie e Nick no seu escritório em casa. Eles tinham que fechar alguns projetos e entregar, agora Hartie podia fazer isso, especialmente quando a desculpa era Beatrice estar com a filha. Não que Nova York inteira não soubesse disso, já que o bebê dos Ward virou a obsessão local.

Eu não sei para que os Ward se deram ao trabalho de chamar a filha de Isabelle, todo mundo sabe que ela será eternamente Belle Ward. E se ao nascer ela já deu ibope, imagina quando crescer. Tô doido para ver essa criança! Daqui a pouco ela faz quatro meses e não tem uma foto boa pra gente fazer comparação com pai e mãe,

gente! Arranja logo foto dessa menina! Será que eles também não são obrigados a apresentar a criança para imprensa não?

Eu super acho que deviam ser! Tô que não me aguento de curiosidade! Não para de baixar Ward nessa cidade para ver o bebê e a gente na pista.

— do blog famousnewyorkers.com — 654 comentários

* * *

Independentemente do que os blogs achavam, quando falavam com seu bebê, Bea e Sean a chamava de Bel.

— Não pode fazer bagunça lá, Bri. E nada de perseguir brinquedos — disse Bea, entrando no quarto do bebê com a cadela em seu encalço. Semana passada, Brianna havia ficado tão encantada com o móbile que acendia e girava que fez de tudo para pegá-lo. Eles tiveram que colocá-lo para o canto do berço.

Ela se surpreendeu ao encontrar Sean lá, não sabia que ele havia chegado mais cedo. Porém, ele estava apenas debruçado no berço e parecia estar tocando o bebê com muito cuidado, usando as pontas dos dedos para acaricia-lo. Se não soubesse o que se passava, Bea diria que ele apenas não queria acordá-la, mas Belle estava se mexendo lá dentro e adoraria ser tirada dali.

Brianna correu e foi fazer festa para Sean, depois ficou cheirando o berço, ele era alto então ela só conseguia olhar por cima do colchão e cheirar para ver se o bebê estava ali. Ela até se enfiava embaixo do berço para dormir. Desde o dia que eles chegaram e Sean apresentou Brianna ao bebê, ela reconheceu a nova integrante. Ficou pelo menos uma semana rondando o “filhote novo” até que resolveu que era seu também e fez morada embaixo do berço. Só virava uma bagunça, quando ela estava lá, o bebê chorava e se um deles não chegasse rápido o suficiente para pegar o bebê, Brianna começava a latir. Imagina a sinfonia.

— A Rita já foi?

— Sim, depois que cheguei — ele informou.

Sean se afastou para deixar Bea se inclinar e tirar Isabelle de lá, porém, ela só chegou perto e ficou o olhando.

— Ela não gosta de ficar sozinha no berço quando tem gente aqui. Sabe, mesmo sem ver ela sente que tem pessoas por perto. Não sei se isso é mimá-la ou não, mas ela é tão pequena. Quando não quer nada ela até fica aí um pouco, escutando os bonequinhos se mexerem — ela mexeu num dos móveis que ficavam acima do berço e podiam rodar, piscar, acender ou tocar música para distrair o bebê. Briana logo levantou as orelhas quando um deles começou a tocar.

Os olhos de Isabelle seguiram os bichinhos se movendo, mas a atenção dela voltou para os pais e ela começou a reclamar, afinal, o que aquelas pessoas faziam que não a tiravam dali?

— Mesmo ainda vendo pouco ela está começando a saber quem está aqui, sabia? — Bea perguntou baixo.

Sean engoliu a saliva e tirou o bebê do berço cuidadosamente, segurando sua cabeça numa mão e o corpo apoiado na outra mão e antebraço. Isabelle gostou de sair e moveu as pernas no ar. O movimento normal, seria aconchega-la junto ao peito, não era a primeira vez que ele a pegava, só não era constante como deveria. E não fazia sentido, não condizia com todo o resto que ele fazia. Era o único ponto inexplicável.

— Droga, Sean — Bea deu um passo e tomou o bebê dele e saiu do quarto rapidamente.

Brianna levantou as orelhas, mas continuou sentada ao lado do berço e ficou olhando para Sean, esperando. Ele soltou o ar e foi atrás dela, só então a cadela o seguiu. Brianna já tinha sido “expulsa” do quarto também e tinha seu espaço exclusivo na conexão entre o quarto e a antessala, com sua cama e seu castelo. Mas ela tinha várias “camas diurnas” pelo tríplice e foi numa delas que ela deitou.

Assim que entrou no quarto, Sean viu Bea andando para lá e para cá à frente das janelas, balançando Isabelle lentamente. Assim que o viu ela virou o rosto e ele a escutou chorar em silêncio, daquele jeito que sai apenas o som da respiração.

— Beatrice — ele chegou perto dela e entrou no caminho que ela fazia.

Ela parou e olhou para ele, mas balançou a cabeça e foi até a cadeira de descanso e colocou a filha, então ligou o móbile e o leve balançar da cadeira para entretê-la.

— Não — ela se afastou dele e da cadeira e voltou para perto da janela.

— Desculpe-me — ele disse.

Agora ela se virou de repente, queria gritar com ele, ter um ataque emocional, brigar ou só falar alto, mas isso assustaria o bebê.

— Desculpar pelo quê? Você nem sabe pelo que está se desculpando!

Sean olhou para Belle que estava lá na cadeirinha, o balançar estava começando a niná-la, provando que aquela cadeira que só faltava servir cafezinho era um investimento válido.

— Você sequer é assim, Sean! Você não está me respondendo, você não diz nada! Você não é assim! — ela parou e respirou fundo, pois havia falado a última parte mais alto e isso chamou atenção da filha que começou a se mexer, procurando a mãe.

Pouco depois Belle começou a choramingar.

— Vai lá pegá-la — Bea disse baixo.

Ele ficou ali no meio, sua esposa estava com os olhos cheios de lágrimas e sua filha estava choramingando. Sean foi até lá e pegou a filha, tirando-a da cadeirinha e falando com ela, acalmando-a. Beatrice ficou os observando até ele recolocar o bebê lá e dessa vez também ligou a música e lhe devolveu a chupeta que eles tentavam que ela não usasse o tempo todo. Porém, no momento era exatamente o que Belle queria para ficar na dela por um tempo.

— Você só olha para ela — Bea disse baixo e ele se aproximou dela. — Não! — ela se afastou de novo. — Você fica olhando para ela. Eu vi você fazer isso no dia que ela nasceu. Você faz tudo, dá tudo, mas só olha para ela. Quando você tem que pegá-la... Você não faz ideia do seu olhar. Ele chega a escurecer. Seu olhar é desesperado.

— Eu só quero protegê-la, Bea. Eu não...

— Protegê-la de você? Sean... Eu te dei três meses. Eu sabia que apesar de querer um filho e de ter ficado feliz durante toda a

gravidez, quando se tornasse real, você ficaria muito preocupado. Mas não assim. Eu não sei nem te explicar o jeito como você fica quando a segura.

As lágrimas começaram a descer e ela passou os dedos para secar, amaldiçoando aquele seu maldito estado sensível e o jeito como suas emoções pareciam a flor da pele.

— Mas depois de três meses, você só se fechou mais. E eu não sei o que fazer. Eu não posso ficar com você assim. Você não diz nada e às vezes tem pesadelos barulhentos. Você não os tinha, eles eram silenciosos, agora você pula da cama. E não me diz. E não consegue segurar a sua filha! Não sem... sem... Meu Deus, Sean. Você não vai machucá-la.

— Eu sei, eu não vou. Eu prometo.

— Não. Você não tem que prometer. Eu sei!

Bea deu uns passos para a janela e ficou ali por um momento.

— Eu não vou suportar ficar com você sofrendo assim, Sean. Não posso. Você se fechou demais dessa vez. E você não só me trancou do lado de fora, mas a nossa filha também. Se você a tocasse do jeito que olha para ela. Com todo esse amor que há aí nos seus olhos quando você só a olha, mas eu não posso mais passar outros três meses com você assim. Não estou mais por conta própria. Os meses vão passar e ela vai começar a entender.

A cor simplesmente sumiu do rosto dele, Sean ficou pálido, se havia algum tom abaixo de branco, então era a cor que ele estava agora. E se ela achava que o olhar dele era de desespero quando segurava a filha, era melhor olhar para ele agora. Aquilo sim era um olhar de puro desespero e terror. E ele nem se movia, na verdade, nem dava para saber se estava respirando.

— Não, Beatrice — a voz dele saiu falha e grave. — Não faça isso. Não foi isso que decidimos fazer da nossa vida.

— Isso foi antes de você viajar pela última vez, voltar e se fechar como uma tumba ao mesmo tempo em que nossa filha nasceu. Você está sentindo falta do seu trabalho? Já faz uns três meses que você não vai a lugar algum.

— Eu não estou sentindo falta, eu quero ficar com vocês.

— Mas você não está realmente. Eu acho que você precisa ir resolver isso.

Sean chegou bem perto dela e a puxou para ele, abraçando-a.

— Não me deixe agora, Bea. Eu vou melhorar, vou fazer tudo que precisar. Você é o meu mundo. Eu só tenho você e a Bel, sem vocês eu não tenho pelo que lutar.

Agora ela começou a chorar de verdade e tampou o rosto com as mãos, mesmo dentro do invólucro dos braços dele. Quando ela abaixou o rosto, Sean beijou sua testa, mas não a soltou porque não podia deixá-la ir.

— Eu estou aborrecida e emocional, ficam me dizendo que são os hormônios, mas pensei que isso era só na gravidez — ela passou os dedos pelos olhos, contendo as lágrimas e os abriu. — É óbvio que eu não vou deixá-lo, eu só não posso mais vê-lo assim e sem saber como ajudar. Não tenho como viver com você assim. Não quando eu não sei o que está acontecendo, mas sei que te machuca.

Ele passou as mãos pelo cabelo dela, afastando-o do seu rosto e a encarou.

— Eu vou dar um jeito, eu prometo. Eu vou fazer isso, hoje, agora.

Dando um passo para trás, Bea se inclinou para olhar a filha, porque estava silencioso demais, porém o bebê havia adormecido com o balançar da cadeirinha. Até a música havia parado, mas ela continuava dormindo. Sean continuou olhando para ela e deu alguns passos em seu encalço, parecia que na mente dele havia alguma chance de ela simplesmente pegar seu bebê e fugir dali, deixando-o para trás. Era absurdo, mas era apenas o terror que ele tinha de perdê-las falando pelo seu lado racional.

No entanto, Bea sentou à beira da cama e manteve o olhar em suas mãos. Sean se sentou na poltrona, dali ele via seu bebê dormindo e sua esposa que acabara de dizer que ia deixá-lo. Não importava que ela houvesse dito que não ia e que foi só uma reação emocional, ela havia pensado no caso.

— Você vai me dizer o que tem te perturbado? Não diz que não é nada. Eu sei que foi algo muito real.

— Só que não é nada, Bea. Nada com você ou com a Belle — ele olhou para suas mãos que agora só tinham as marcas curadas dos cortes. — Eu seguro a Belle e tenho essas lembranças. Antes dela nascer eu fui atrás de um cara que sequestrava, molestava e vendia os bebês que sobreviviam. Droga, Bea, eu não quero te dizer essas coisas. Você não precisa escutar isso agora.

Era horrível de saber, ela concordava, mas ele não precisava poupa-la. Ela queria saber, especialmente se fosse para entende-lo e dividir a dor com ele para aliviá-lo.

— Tudo bem — ela levantou e foi para perto dele, ajoelhou entre suas pernas e ficou bem perto, apoiando os braços em suas coxas. — Diz pra mim. Você viu os bebês?

— Sim, vi alguns mortos. Eu peguei os corpos, eu olhei para eles. Eu vi o que ele havia feito.

— Você o pegou?

— Nós o pegamos, mas eu entrei lá e ele estava com um bebê, uma garota. E você estava grávida, eu pensava nisso e no fato de que eu queria muito pegá-lo. E a criança estava ali choramingando, machucada. Eu tentei pegá-lo, ele reagiu e eu só queria pegar o bebê antes que ele morresse. E eu apertei demais, ele me atacou com a faca. Foi por isso que machuquei as mãos, ele as cortou enquanto eu tentava pegá-lo e quando eu o peguei pelo pescoço, eu só queria desacordá-lo para pegar o bebê antes que fosse tarde. Só que foi demais, eu nunca deixei ser demais antes. Eu sempre soube parar na hora certa, mas eu só pensava naquele bebê ali, machucado. Eu quebrei, eu quebrei seu pescoço, eu...

Como ele nunca havia contado em detalhes, ela ficou apenas o olhando, surpresa e apertando as mãos em suas coxas. E ela tinha noção de que ele estava deixando muita coisa fora do que dizia.

— Eu comecei a sonhar com situações em que eu não consigo pegar o bebê. E desde que a Belle nasceu, às vezes ela aparece. Eu a seguro, mas na maior parte das vezes, quando a pego e olho para minhas mãos nela, eu lembro delas cortadas e infectadas pelo homem que eu acabei matando. Nos sonhos e nas minhas lembranças, minhas mãos sempre estão sujas de novo — ele pausou como se pudesse ver a imagem. — Eu vi aquele sopro de vida sumir

dos olhos dele e não senti nada. E depois eu segurei o bebê, era idêntico a outra que eu tinha visto dias antes.

Só que a outra estava morta — ele completou, mentalmente.

— Ela viveu? A garotinha do dia que você encontrou esse homem?
— ela perguntou isso com tanta esperança de sair alguma coisa boa no final daquela situação horrível que se a menina houvesse morrido, Sean pensou seriamente na possibilidade de mentir e não decepcioná-la com algo tão mórbido.

— Sim, ela conseguiu — ele pausou e moveu as mãos. — Eu vou esquecer. Eu prometo.

— Não, você não vai. Eu sei que não vai, mas você não precisa. Eu lembro quando me disse que precisava fazer o que faz. Você só precisa parar de pensar nisso dessa forma — ela segurou as mãos dele e as apertou, depois deu um beijo sobre o dorso da sua mão direita. — Viu? São perfeitas para segurar a Bel também.

— Isso nunca me aconteceu antes, Bea. Sempre me afetou, mas nunca ficou comigo assim.

— Foi uma coincidência ruim, entrar nesse caso e ter uma filha logo depois. Só que você salva essas crianças, Sean. E você é o pai da Bel. O único jeito de machucá-la é não amá-la. E eu sei que você a ama desde o segundo que eu lhe disse que estava a esperando. Só que ela é tão pequena e o único jeito de lhe mostrar o que sente, é a segurando. Tudo mais você já nos deu, só que ela precisa de ainda mais. Só mais um pouco, eu sei que você consegue.

— Eu consigo, você vai ver.

— Não preciso, eu sei que sim.

Apoiando as mãos sobre os antebraços que ela descansava sobre suas coxas, Sean se inclinou e a observou de mais perto.

— Eu te afastei também, não foi?

— Na verdade, isso não está só na sua conta. Um bebê causa uma alteração tão grande, nos dois primeiros meses eu estava sempre tão exausta que eu demorei a notar que havia algo errado com você e quando vi já estava muito ruim. Eu o via lá dentro do quarto dela, tentando ajudar e fazendo coisas e demorei a ver o que realmente acontecia até você me acordar toda noite com os pesadelos. E os

horários doidos também não ajudaram. E... sim, você se fechou como um cofre e dessa vez não me deu a chave.

— Ainda bem que também temos ajuda profissional.

— Sem a Rita ia ser tão pior. Eu sei que pessoas sobrevivem a isso desde que o mundo é mundo, mas confesso que gostei muito de dar esse emprego a ela, por motivos óbvios.

Sean soltou o ar e parou de tentar fazer a transição para um assunto que pudessem lidar sem todo aquele peso sobre eles.

— Eu sinto tanto, Bea — ele a segurou e puxou para cima, trazendo-a para o seu colo. — Eu não quero decepcioná-la.

Ela se aconchegou contra ele e o abraçou, descansando a cabeça no seu ombro.

— Você não me decepciona, eu fiquei preocupada. Odeio quando você se machuca assim. Eu vi dor no seu olhar quando te disse para pegá-la. Eu só o quero feliz e você me orgulha. Depois do que me disse e tudo que eu sei que não me disse. Todas às vezes, eu só o quero de volta, inteiro. E dessa vez, você não voltou inteiro.

Sean descansou o rosto contra a cabeça dela e só prometeu silenciosamente que superaria outra vez. Só que ele sabia que nunca voltava inteiro, porque seus pedaços haviam se perdido há tempo demais. Mesmo achando que já havia visto tudo, Sean descobriu que ainda existiam situações que lhe tirariam um pouco mais. E não importava quantos pedaços viessem faltando do seu quebra-cabeças, Bea tinha todas as peças de encaixe. Ele só precisava não estragar isso.

Capítulo 3

Venha para os meus braços e traga também suas inseguranças, seus medos e segredos. Eu te mostro os meus e você me mostra os seus. Somos mais fortes juntos.

Quando as cólicas do bebê atacaram com vontade, Bea ficou enlouquecida. Ela achou que já estivesse acostumada com o choro, mas aquilo beirava a insanidade. Ela realmente conseguia entender como algumas mães perdiam a razão. Ela deve ter ligado para a mãe e para Rose umas dez vezes. E o pediatra estava sendo uma ajuda valiosa.

— Tudo bem, ela está melhorando, acho que gostou de passear — disse Sean, andando para lá e pra cá com Bel no colo. — Eu fico com ela mais um pouco.

Bea soltou o ar e se deixou cair sentada sobre a cama. Ele ainda não havia conseguido trocar de roupa, mas Bel parecia adorar a gola da sua camisa de botões e estava segurando ali com todo o seu intento. E ele a distraía, andando pela casa e a balançando levemente. Ela havia parado de chorar há uns dez minutos e estava ereta no colo dele, participando.

E ele estava se dispondo a participar exatamente no único ponto que esteve faltando. Dava para ver que ele estava lutando, estava em seus olhos e ações. E a cada vez que ele segurava Bel e não tinha mais aquele olhar, mostrava que estava lutando com todas as suas forças para ser tudo que elas precisavam.

— Todo mundo não diz que a partir dos quatro meses a cólica vai melhorando. Por que não funciona? — ela esfregou a têmpora, pois tinha ficado horas com o choro ininterrupto da filha.

— Passear ajuda, não disseram isso? — Sean franziu o cenho e continuou distraído a filha.

— Passear com ela?

— Não, você quer ficar sozinha por um tempo?

— Eu estou um trapo. De tarde eu comecei a chorar junto com ela, foi ridículo — ela levantou. — Vou passear no banho.

Assim que ela entrou no banheiro, Sean olhou para Bel e sorriu.

— Quem é a garotinha que está aprontando todas? Você! — ele exclamou e abriu um sorriso maior quando ela sorriu de volta. — Vamos sair numa aventura e passear lá em cima. Você gosta do céu, não gosta?

Estavam no verão novamente, então ele simplesmente foi lá para o topo do tríplice andar perto da piscina com Belle, ela adorava sair e agora que o tempo estava esquentando, eles a levavam para beira da piscina perto do pôr do sol ou à noite. Por causa dos paparazzi que estavam doidos por uma foto dela, ainda não haviam ido passear com ela pela rua, só entravam no carro e iam ao seu destino como a casa da avó ali na cidade.

No final de semana, eles iam liberar as primeiras fotos com ela, haviam tirado há alguns dias. E achavam chato não postar uma das milhares de fotos que tiravam dela com o celular e a câmera, mas Bea mandava vídeos para os seus pais acompanharem a neta e eles planejavam outra visita. Jared sempre mandava mensagens, perguntando como estava sua garota e Sean compartilhava imagens. A tia-avó também demandava atualizações e desde que ela se rendeu a um smartphone, ninguém mais teve paz, porque ela realmente gostava das “atualizações” semanais com imagens para ela enxergar.

Agatha ainda não estava fã de celular, então mandava colocarem as telinhas na sua frente para ela ver.

* * *

O período de terror das cólicas estava melhorando e Beatrice não estava mais se sentindo um trapo todo dia. Quando lembrava do primeiro mês com o bebê em casa, ela era obrigada a admitir que aquilo sim foi desesperador. Tanto que ela não reparava em Sean e no que ele estava fazendo.

Até hoje ainda se culpava por ter demorado a notar que havia algo de muito errado com ele. Só que ela esteve tão cansada, que repassando tudo na mente, sabia que não teria visto.

Para sua mente e corpos exaustos, abrir os olhos e vê-lo ali sempre, indicava que ele estava participando. Ele até deu Bel nos seus braços algumas vezes para ela amamentar. Ela nunca olhou para ele atentamente nessas ocasiões para ler o seu olhar. Assim que pegava o bebê e o posicionava no seio, ela não sabia que ele se afastava, perturbado, lembrando que havia segurado um bebê morto e muito parecido com sua garotinha.

Depois do que ele contou, ela sonhou com isso umas duas vezes. Foi horrível e ainda estava acordando para perceber que ele tinha saído da cama. Só que ela ainda era uma mãe de um bebê de poucos meses e que quando batia na cama, estava muito cansada. Então ele estava conseguindo ter seus pesadelos sem acordá-la.

Com quatro meses e algumas semanas, Belle estava emitindo muitos sons e estava entendendo bem melhor as brincadeiras que eles faziam para animá-la e distraí-la. Também estava mais sociável, para o bem e para o mal. Só que ela ainda não encontrava com muitas pessoas, apenas as de sempre. Além de quem trabalhava na casa, ela via Hartie em alguns dias da semana quando ele ia lá resolver trabalhos com Bea. Também havia conhecido Rico, mas Sean saía mais e o assessor não precisava ir tanto até lá.

Candace visitava toda semana, afinal, ela morava ali perto e estava firme como vovó. Ela até havia tido sua primeira experiência de ficar com a neta só para ela por umas horas, quando Sean estava no GW e Bea estava ocupada revisando um projeto para ser finalizado. Ela supostamente ainda estava de licença maternidade, mas o mundo continuava e nenhum projeto podia ser entregue sem passar pelos seus acertos finais e não dava mais para atrasar as entregas.

— Meu Deus, esses Ward malditos, com genes dominadores do mundo, deixam a marca registrada em todos os rebentos. Deve ser por isso que procriam pouco, deve dar muito trabalho genético fazer mini-Wards para continuar a dominação mundial — disse Hartie, se divertindo ao segurar Belle.

— Ei! Fui eu que carreguei essa coisinha aí por nove meses. Ela tem muito sangue Stravos.

— Ah, amada. Você foi o forninho, olha para isso — ele indicou o bebê que segurava. — Você nunca foi iludida antes, vai começar agora que virou mãe?

— Eu não sou iludida, é verdade. Ela tem meus olhos. Quando crescer tenho certeza que vou ver mais coisas parecidas comigo.

— Gata, essa genética deles é possuída. No próximo melhora, não viu a irmã dele? Deu ruim na forma, saiu pálida e descolorida.

— Que próximo? Enlouqueceu? Não, de jeito nenhum. Preciso de um intervalo de pelo menos uns três anos. No mínimo.

— Bota esse forno para fazer pão, mulher! — ele disse alto, divertindo Bel ao balançar-la e exagerando de propósito para entretê-la — Você não disse que queria um menino também. Vamos dominar o mundo e parir mini-Wards! Como é que ficam as gerações futuras sem um próximo Ward para babar?

— Vamos dominar o mundo porque não é você parindo — lembrou Bea.

— Gata, com o dinheiro que vocês têm, eu ofereceria minha barriga de aluguel para chocar os seus Ward. Só que, eu vim com defeito de fábrica. Me deram o glamour, a beleza e o bom gosto, mas esqueceram de instalar meu útero. Além disso, eu gosto muito do meu pênis. E desconfio que eu ia ser rejeitado na seleção genética da família! — ele ria. — Meu pedigree não é dos melhores.

— Você é ridículo! Você com certeza não podia ter um útero! Não seria justo com a humanidade! — ela brincava.

* * *

Mais tarde Bea amamentou e deixou a filha com Rita enquanto ela terminava de olhar o trabalho que Hartie lhe trouxe. Quando terminou, ela entrou no quarto do bebê, mas já que a filha não estava no berço, devia estar com alguém. Beatrice olhou o relógio e entrou no quarto. Foi com certo alívio que viu Belle sonolenta e deitada na cama, só não sabia se estava acordando ou iniciando uma soneca. Ela tirou as sandálias para não fazer nenhum barulho e se aproximou lentamente, fora do campo de visão da filha que piscava lentamente. Sean estava ajoelhado, colado a cama e

acariciava a barriga do bebê com os dedos, Bel estava fechando os olhinhos, mas teimava com o sono. Só quando ela dormiu mesmo que Bea se ajoelhou perto e sussurrou para ele:

— Sabe, ela é exatamente como você desejou naquele dia lá em cima.

Ele abriu um sorriso e tinha parado de acariciar a barriga do bebê, só tocava sua mãozinha minúscula e estava planejando quebrar o contato sem acordá-la.

— Quando ela abriu os olhos para mim pela primeira vez, eu quase caí para trás — ele sussurrou de volta. — Pareciam ouro, como os seus. Só que ainda estão mais claros. Eu não conseguia parar de olhar para ela.

— Os meus também eram mais claros, escurecem com a idade. Mas como diz o Hartie, ela também é tudo que eu queria. Uma mini-Ward. Já olhou bem para ela, é uma versão sua só que minúscula e feminina. Eu achava que a Tibby parecia com você, mas espera só até essa aqui crescer um pouco mais.

— A Tess não investiu bem no mercado de pais, não dá para saber se a Tibby parece com a minha família ou a família do pai — ele se divertia, porque agora isso era uma piada familiar. Eles não eram assim tão parecidos, mas quando as similaridades se resumiam a aparência de uma criança, ficava engraçado.

— Dá, pelos traços. Ela parece com vocês. A Tess pode ter escapado, mas não deu para fugir com a Tibby.

Sean sorriu e voltou a olhar para Belle, ela já tinha cabelo suficiente para prender um lacinho, mas não parecia que seria tão escuro quanto o dele, mas também não estava um castanho rico e aberto como a cor natural de Beatrice. Estava no meio, mas era um bebê, só o futuro diria para qual lado ia pender.

— Bea, o que aconteceu? — ele tirou o braço da cama, com cuidado para não balançar e acordar o bebê.

Beatrice puxou a blusa e secou as lágrimas que escaparam e desceram pelo seu rosto.

— Eu juro que já parei com todo o sentimentalismo. É só que eu fico que nem uma idiota quando o vejo tocando nela agora. Antes eu via e não sabia o que você sentia. E agora você consegue e ela

fica tão feliz com você — ela sentiu os olhos arderem de novo e escondeu o rosto, tentando não derramar mais lágrimas.

Ele tentou se aproximar dela, só que agora ela se irritava com suas próprias reações emocionais.

Quando achava que havia voltado ao seu normal, acontecia um episódio de lágrimas e fungadas.

Então se levantou e foi para perto da janela. Brianna, que estava deitada ao lado da cama, próximo de onde Sean esteve ajoelhado, só levantou a cabeça quando viu ambos passando. Como eles não saíram do quarto ela continuou no mesmo lugar.

— Tudo bem, você não precisa se irritar. Não é um problema — ele a virou para ele, à frente da janela onde ela tinha se refugiado e passou os polegares pelo seu rosto, secando o remanescente das lágrimas.

— Eu não gosto. Não sou assim. Não simplesmente começo a chorar do nada.

— Eu sei, mas não tem problema — ele passou os braços em volta dela e lhe deu um aperto contra ele o que a fez sorrir. — Tudo bem?

Beatrice assentiu, mas continuou abraçada a ele e encostou a testa contra o seu ombro. Sean só olhou por cima do ombro e Bel continuava lá dormindo, então ele acariciou as costas dela e soltou o ar. Se nada interrompesse, ele podia ficar bem ali até o bebê acordar.

A família real local liberou as fotos do bebê! HAHHAHAHAHA E não foram os Kennedy!

Vocês sabem que estou falando dos malditos Ward! Ninguém conseguiu foto daquela criança até eles liberarem! Dá para acreditar numa coisa dessas? Nem para pôr na People. Eles simplesmente liberaram no site oficial e na fanpage. Não dá para lidar com essa família.

Sabe o que não dá para lidar também, com a FOFURA daquela criança! Sabe que dá alerta no meu celular quando esses malditos postam. Quando vi o que era, saí correndo pela rua, me enfiei na Starbucks e conectei o tablet para postar aqui!

Senhoras e senhores, Isabella — Bella — Ward [imagem].

MORRI com essa mini-Ward! É a cara da família! Olha esses olhinhos que coisa mais linda, isso ela pegou da mãe. Só que todo o resto veio do meu crush Ward eterno! Mas que genética é essa??? Vamos clonar isso aí. De preferência, clones tipo os stormtroopers.

Quero boys Ward adultos, em quantidade, para fazermos uso deliberado. Porque essa distribuição de Ward para as manas necessitadas está muito injusta. Está pior que distribuição de renda!

Aliás, alguém sabe quem diabos atualiza o site, Fan Page, Twitter e Insta da família Ward? Eu quero esse emprego! Me chama que eu vou!

— do famousofnewyork.net — 998 comentários

* * *

— Desculpa, eu fiquei preso. Não deu para sair antes e depois teve o jantar. Eles vieram do outro lado do mundo. É melhor que eles venham do que eu tenha que ir — Sean largou o paletó e a gravata na poltrona e foi ao banheiro lavar as mãos.

— Foi tudo bem? — Bea estava recostada contra os travesseiros e tinha um livro sobre o colo, ela finalmente havia voltado a ler com frequência. Antes estava caindo no sono antes de terminar o capítulo.

— Eu não queria ter chegado tão tarde, ela já dormiu?

Como ele realmente parecia culpado, ela enfiou o marcador na página do último livro da Sherryl Woods, uma leitura leve que ela estava usando para se distrair.

— Sean, tudo bem, de verdade — ela esticou o braço e passou os dois dedos pela testa dele, desfazendo o vinco de preocupação. — Isso vai acontecer algumas vezes, vai acontecer comigo também. E eu sei que vamos contornar. Eu estava aqui, não é? Estamos indo bem nos horários. Por enquanto, um de nós está sempre aqui. Mas em breve, vai acontecer de ambos estarem fora porque vamos ficar presos com sei lá o que, com o trânsito, os caras do Japão ou do raio que o parta. — ela sorriu e tornou a recostar. — Vai dar certo. Você tem sido o máximo. Acho até que alugou algum veículo voador para voltar tão rápido.

— Bem que eu queria. Kevin não gostou muito dos dias que o trânsito estava um inferno e nos enfiamos no metrô — ele sorriu de volta.

— Eles são ridículos, Don também resmungava quando entramos no metrô. Diz que a rota de fuga é péssima e é tudo mal planejado, dá para acreditar? Todo mundo pega o metrô o tempo todo. Inclusive eles!

Sean assentiu e se inclinou, beijando-a brevemente. Ele queria beijá-la por mais tempo, mas parou e a olhou. Ultimamente Bea não estava nada interessada nele, sexualmente falando. E Sean até leu um livro e uns artigos sobre pais e a fase após o nascimento, como era para ambos, sobre o período de amamentação e ele também era um completo novato no assunto. E agora só a tocava brevemente, com receio de parecer que estava a fazendo sentir pressionada quando na verdade ele estava mais preocupado se estava fazendo algo errado na relação.

Ainda bem que ele e Matt, marido de Rose, alimentaram a amizade via Skype, porque foi para ele, pai de três filhos, que ele perguntou algumas coisas. Matt ficou se achando, porque dessa vez ele que ficou lhe dando dicas e depois perguntando se deu certo.

— Quer ir tomar banho? Daqui a pouco ela vai acordar e te escravizar e só vai lembrar de mim quando a barriga roncar e eu não vou poder te salvar daquele ser pequenino se jogando para você — disse Bea, olhando rapidamente para o monitor.

— Vou aceitar.

Ele deu impulso para levantar, mas ela se esticou e segurou sua mão. Sean parou antes de levantar e a olhou.

— Sabia que eu te acho o máximo? Eu sei que você ainda lembra e que pensa naquilo que me contou e que ainda sonha. Mas seu amor por aquela garotinha minúscula é mais forte do que qualquer trauma ou lembrança. Então, daqui a pouco quando ela se jogar para os seus braços, você não vai ficar mais com receio de abraçá-la. E vai segurá-la enquanto ela quiser.

Agora ele não sabia nem o que lhe dizer, ficou sem palavras, apenas feliz e a puxou para perto e abraçou bem forte. Beatrice

também se abraçou a ele e aproveitou o conforto que sentia em seus braços.

No entanto, como tudo na vida de pais de bebês era imprevisível, quando Sean saiu do banho, Beatrice estava com Isabelle no colo e a menina parecia aborrecida. Uma hora queria ficar no colo, depois debatia as perninhas para ser colocada na cama. Então percebia que não foi uma boa ideia e se retorcia toda, chorando para alguém pegá-la.

— Toma — Bea soltou a pequena bomba pirracenta nos braços dele. — Se vira um pouco com ela, acabei de perceber que estou morta de fome.

Então ela saiu do quarto, deixando Sean com aquele elemento perigoso. Isabelle parou ao perceber que estava com uma pessoa nova, não era mais a mamãe. Sean a levantou a sua frente, até ficar com o rosto na altura do seu e eles ficaram se olhando, mas ele franzia o cenho para ela e disse no seu melhor tom de pai sério.

— Nada disso, temos coisas muito mais interessantes para fazer. Não — ele balançou a cabeça e a manteve do mesmo jeito quando ela começou a se mover. — Vai ficar aí, ainda vamos para o nosso passeio noturno.

Belle estava ficando acostumada a ir passear lá em cima em alguns dias e nesse horário sempre era o pai que levava e isso estava ficando marcado nela. No começo, foi como um exercício para Sean, ele descobriu num dia que a levou para distraí-la da cólica. Ele começou levando-a na cadeirinha, depois a pegava no colo lá em cima. Até que passou a leva-la já no colo e era como sair de casa com ela, mesmo que só estivessem saindo para o topo do triplex. E era um tempo que eles passavam sozinhos, só tinha ele para segurá-la se ela chorasse. E, no começo, ela sempre chorava porque não queria ficar na cadeirinha, queria ver coisas e ir para o colo. E assim eles formaram aquele elo do passeio noturno.

* * *

— Que bagunça, Bel! — Beatrice disse lá de dentro do quarto do bebê quando Sean entrou.

Ele podia escutar Bel emitindo sons ininteligíveis lá da cadeira de descanso e ocasionalmente se balançava toda. Bea jogou os brinquedinhos no berço e saiu de lá levando a lixeira tampada, onde devia haver fraldas sujas.

— Urgh, a pior parte. Chega de xixi por hoje, mocinha. E o número dois também já foi de bom tamanho da última vez — ela disse, mesmo sabendo que ainda ia mudar pelo menos mais uma fralda para a noite.

A resposta de Bel foi balançar as pernas. Era o seu auge dos cinco meses, ela estava correspondendo até demais a tudo que acontecia a sua volta. No momento parecia até que aplaudia a mãe tendo que limpar sua bagunça, em breve ela ia aprender a usar aqueles movimentos animados e doidos dos seus braços para bater palmas. Porém, assim que viu Sean na porta, ela levantou os braços. Desde que havia aprendido esse movimento, era o seu preferido. Junto com sons agudos que traduzidos diriam: *Me pega! Me pega!*

— Não adianta ficar aí bancando o bonito, ela já gosta de você. E eu preciso tomar banho e comer. O jantar dela vai ser todinho seu — avisou Bea e saiu.

Ah, sim. Beatrice também tinha dias de alteração de humor. Todo mundo tinha, ainda mais quando estava cuidando de um bebê. Estava mais divertido agora que ela tinha esses ataques repentinos, limpava a bagunça, dizia algo e saía. Há alguns meses, Beatrice estava mais apática e bem mais cansada. E Sean estava com olheiras, porque o bebê acordava demais para mamar e os pesadelos estavam mais frequentes. Mesmo depois que Bea apagava e Belle também, ele não dormia de novo.

Agora, o maldito estava ótimo e dormindo melhor. E parecia que estava se divertindo e dividindo segredos com Belle.

— Amanhã eu volto mais cedo para você ter aquela aventura na banheira de novo — ele disse a Bel assim que a pegou. — Hoje você pode ficar na cadeirinha enquanto eu corro. Vou até deixá-la ver um pouco de desenho, só um pouco. Acho que vai ajudar o humor da mamãe se a gente der uma sumida por um tempo. O que acha?

Bel não achava nada, ela só sabia que estava sendo levada para algum lugar e ela gostava daquele cara, a outra figura que não era

sua mamãe. Gostava tanto que nem chorava mais quando ele a levava para longe da mãe. Inclusive sentia que algo não estava acontecendo quando o cara não a levava em algum momento.

— Eu sei, é chato me ver correndo naquele troço. Como um ratinho, mas eu tenho que me exercitar. Como vou te perseguir daqui a uns meses? — Sean falava com Bel enquanto se trocava.

Ele demorou fora do campo de visão dela, ao menos mais do que ela gostaria. Então, Bel começou a emitir avisos de que ia chorar.

— Ei, qual é? E o nosso programa? — disse Sean, enfiando uma camiseta e chegando para pegá-la no colo. — Você vai me deixar assim? Abandonado?

Bel emitiu um som agudo que parecia até que ela estava concordando. Deu para ouvir Beatrice rindo lá do banheiro, já que ela estava se secando do banho, com a porta aberta. Sean estreitou o olhar naquela direção e depois olhou Bel com um ar divertido e disse baixo:

— Ela adora me zoar — ele deu de ombros e foi indo embora com a filha. — Mas eu gosto, fazer o que? Quando você crescer pode nos ajudar. Porque aqui em casa a diversão é liberada para todas as idades.

Quando ele voltou da corrida de uma hora, Bea estava na cama, apagada. E ele empurrava Bel no carrinho, ela parecia calma, mas se visse a mãe ia reagir e precisava mamar antes de dormir.

— Nada de banho pra mim, Bel — ele foi lavar as mãos e o rosto e voltou, entrou no quarto dela e a colocou no trocador para mudar a fralda para a noite.

Ela parecia muito concentrada, Sean ficou a distraíndo, para ela ficar só com ele e não pedir a mãe. Enquanto isso, a mamadeira aquecia, pois a libertação de Bea depois que Bel ficou menos dependente e ela havia voltado a trabalhar meio-período, foi a bombinha elétrica para tirar o seu leite. Ela achava o paraíso, dava para regular tudo e outra pessoa podia alimentar Bel com o seu leite materno.

— Atenção, súditos! — Sean fazia movimentos exagerados para Bel e os bonecos. — Hoje o lanche da noite vai ser comigo. É, eu sei, não sou bonito como a mamãe e nem cheiro igual, mas tenho

leite quentinho — ele mostrou a mamadeira e tornou a pegá-la no colo. — E nada de acordar daqui a pouco para reclamar que foi largada com o feioso aqui. Hoje eu até me barbeei para você, viu?

Bel apoiou a mão no pescoço dele e finalmente se interessou pela mamadeira. Para o seu alívio.

Depois ele a ninou até ela dormir e Sean saiu de lá se achando pôr eles estarem se entendendo de vez. Certos dias, ele tentava, mas ela não caía no truque e chorava pela mãe, mas em dias como hoje, os dois acabavam bem. Ele ficou se achando ainda mais quando viu que Beatrice continuava dormindo. Ele tinha acabado de tirar uma foto de Bel dormindo e mandou para Jared com a legenda “Consegui isso sozinho. Quem é sinistro agora?” E a resposta imediata foi “Duvido, cadê a mãe dessa criança para resgatá-la?”.

* * *

No final de semana, Sean conseguiu outra oportunidade para pôr Bel para dormir. Dessa vez Bea não estava dormindo, estava lá no banheiro usando seu tempo livre em proveito próprio. Quando finalmente saiu de lá, era ele que já estava na cama, dando uma olhada nos seus e-mails pessoais pelo Ipad. Assim que a viu, ele terminou de digitar o e-mail que estava respondendo para Roy e largou o aparelho no criado mudo. Bea foi fechar as cortinas e apagou as luzes, deixando só o abajur perto da cama.

Ela sumiu por um tempo quando foi dar uma olhada na filha lá no berço e voltou para o seu lado da cama. Sean a seguiu com o olhar quando ela subiu na cama e ficou de joelhos. Em dias como hoje, quando nenhum dos dois tinha trabalhado e Bel estava num dia bom, eles tinham mais energia para conversar, assistir algo junto ou passar o tempo.

— Sean... — ela se sentou sobre as pernas e ficou olhando para ele.

Ele levantou as sobrancelhas e manteve o olhar nela, hoje ela estava usando um robe de seda por cima de uma camisola do mesmo tecido e cor. Ele só sabia porque tinha a acompanhado e viu

o pedaço da camisola aparecer quando ela subiu na cama, mas o robe estava bem fechado e amarrado.

Sean não imaginava porque ela queria mantê-lo fechado, mas pensando bem, fazia tempo que ela não usava nada parecido com isso para dormir. De qualquer forma, ele puxou as cobertas até seu abdômen o que com certeza esconderia a ereção. O que ele podia fazer? Não dava para evitar, olhava para ela e desejava, era o seu normal. Ainda mais se estava ali deitado e ela estava em volta da cama de camisola. Estranho seria ele não reagir.

— Sabia que eu tenho passado um tempo com o Ross? Geralmente de tarde, até consegui alguns dias de manhã antes de trabalhar enquanto a Rita fica com a Bel. Ele é tão versátil, até fez um programa especial para pós-gravidez. E funciona.

— É mesmo? Isso é perfeito, Bea. Estava escondendo o jogo?

— Não... — um pouco, mas ela não ia dizer. — Achei divertido roubar o seu personal trainer bem debaixo do seu nariz. E ele nem contou!

— Você disse para ele não contar?

Ela assentiu e ficou enrolando o laço do robe nos dedos.

— Eu não sou fã de manter uma rotina de exercícios, queria contar depois que me mantivesse nela fielmente.

— Quer voltar a ir comigo? Foi divertido te carregar escada acima — ele sorriu, lembrando do outro verão quando ela cismou que queria fazer uns exercícios e começou a malhar junto com ele e os dois se divertiram muito nas tentativas que nem sempre davam certo. E logo depois ela descobriu que estava grávida. Não dava para saber, mas entre as alternativas, a academia do tríplice era um dos locais “suspeitos” para eles terem concebido a filha.

— Não... — ela olhou para baixo e mordeu o lábio rapidamente, percebeu o que estava fazendo e soltou, mas continuou mexendo no laço do robe. — Só o Ross já é demais para mim. Ele é muito animado... E com a amamentação e com ele, eu até perdi o peso que ganhei na gravidez.

Sean abriu um sorriso para ela.

— Então não foi tão ruim aguentar o sargento Ross. Espero que ele não tenha pegado muito no seu pé, mas você não ganhou muito

peso.

— Só uns milhares, meu quadril parecia uma bola de praia — ela reclamou, sem olhar para ele.

Ele franziu o cenho, pois não achava nada disso. E ele não era nem esquecido e muito menos distraído, mas era óbvio que também era precavido e não ousaria teimar nisso com ela. Estava feliz por ela contar sobre seus avanços com Ross.

— Você ficou linda a gravidez inteira — ele lhe deu um sorriso terno. Era verdade, ele achava, continuaria com a mesma opinião. Ele tinha as melhores lembranças dela enquanto esperava o bebê e não achava que era apenas seu olhar e sua mente de marido apaixonado.

Bea deu um leve sorriso, mas torceu a boca e desviou o olhar. Ela continuava mexendo no laço do robe que já desfizera, pois seda escorregava. E o olhar dele continuava sobre ela, assim como suas cobertas muito bem colocadas sobre seu corpo. Beatrice engoliu a saliva e voltou a olhá-lo.

— Eu segui aquelas dicas de procurar um tempo para minhas atividades particulares, especialmente quando os meses vão passando para o bebê — ela comentou, mas voltou a olhar para o seu colo e o cenho dele se franziu novamente.

— Leu num livro? Eu li um e aquelas suas revistas. Nós não somos assim tão perdidos. Dá para manter a Bel viva e saudável — ele brincou.

— Li sim, nas revistas também. Mas a Rose foi mais útil, sabe como ela é.

— Ah, sei — ele assentiu, lembrando bem da cunhada.

— Quando a Tess estava na cidade, na semana passada, eu até a levei. Foi divertido, passamos um tempo juntas e ela gostou da minha esteticista. Disse que vai usar essa desculpa para vir aqui mais vezes.

Dessa vez foi ele que engoliu a saliva, a verdade é que ele queria arrancar aquele laço da mão dela. Já tinha desfeito, mas quando percebeu, ela segurou as lapelas e as juntou. E Bea não estava prestando atenção no laço, tinha acabado de franzir o cenho, pensando em porque estava falando sobre seu tempo de cuidados

peçoais e a sua adorada esteticista. Bem, porque a irmã dele foi e elas se divertiram e Sean ficava feliz por ela se aproximar de sua irmã. Mas já fazia uns dois meses desde que o médico liberara e ela havia retornado aqueles tratamentos estéticos de rotina, ao menos eram rotina para ela. Limpeza de pele, massagem, drenagem linfática e outros procedimentos corporais.

E havia algumas novidades que ela estava experimentando, para cuidar das consequências da gravidez no seu corpo. Como mãe de primeira viagem, assim que começou a reparar, Bea ficou um pouco preocupada. Ela falava desse tipo de coisa o tempo todo com Rose, Tess, Terry, Elis e até com o Hartie. Ué, ele também adorava um peeling.

— Tomara que ela traga a Tibby também.

— Acho que ela quer voltar a morar na cidade ou a pelo menos passar mais tempo aqui... Sabe aquele meu apartamento que você odeia, ela manteve o contrato dele.

— É só ela voltar. Ela não precisa alugar aquele lugar, tem esse prédio inteiro, deve ter lugar vago aqui. É maior. Tem outros... — agora ele quem estava franzindo o cenho.

— Ela gosta de lá — Bea deu de ombros, também não entendia porque Tess se apegou, mas era um local agradável.

Ele só bufou, Sean simplesmente odiava o pobre apartamento que não tinha culpa de nada. Só que na mente dele, representava um local que mantinha Bea longe dele de todas as formas que ela quis se afastar quando foi morar lá. Enquanto esteve naquele apartamento, ela realmente nunca o convidou, ele quem entrou lá por conta própria no dia que levou o papel do acordo nupcial. E Sean tinha sérios problemas com qualquer coisa que lhe desse esse sentimento de afastamento que ele sentiu por tanto tempo.

O olhar dela voltou para ele e agora Beatrice o encarou, Sean contemplou aqueles olhos que ele tanto adorava e quis beijá-la. E o normal dele seria sentar e pegá-la para um beijo, depois tombá-la na cama por cima dele e sumir com aquele robe. Só que ele estava levando na boa, deixando-a se interessar novamente por ele.

— Eu... — ela começou, mas parou e depois tornou a abrir a boca, porém não disse nada, murchou visivelmente e virou o rosto.

Isso chamou atenção dele e Sean se apoiou nos braços, sentando direito na cama. Mas Beatrice se virou, puxou as cobertas e deitou, de robe mesmo e de costas para ele. Ela cruzou os braços e ficou bem quieta, agarrada ao cobertor e ele não podia ver sua expressão.

— Você... — ele continuou a frase, para ver se ela terminava, então se aproximou e tocou seu ombro. — Tudo bem, Bea?

— Sim, eu fiquei com sono — ela disse baixo, mas sua frustração era totalmente pessoal. E ela ficou triste ali no seu canto, mesmo com ele tão perto. Como foi que ficou tão inapta para expressar o que precisava?

Preocupado, ele se deitou, mas não gostava de não entender nada das reações dela. Não podia ter feito algo de errado, podia? Para confortá-la, Sean acariciou seu braço e beijou seu ombro, então a abraçou. Beatrice se encolheu dentro do abraço dele e virou o rosto para o travesseiro, senão ele ia lhe fazer perguntas. Mesmo assim, ele tinha aquele jeito de lhe fazer sentir-se confortada e ela se sentiu menos miserável dentro do abraço dele.

No domingo, eles saíram para passear com Bel. O tempo estava agradável e eles se divertiram empurrando-a pelo parque e depois levando-a para ver a avó e então para lhe mostrar uns barcos e lanchas passando pelo rio. Ou seja, à noite Bel estava com a bateria zerada. Depois de todo o ritual com o bebê e dessa vez Beatrice amamentou e colocou Belle para dormir, Sean foi para a academia.

Pelo jeito hoje ele ia “trocar umas porradas” com seus garotos. Agora até os rapazes estavam se exercitando em horários diferentes para atividades em que interagem. Ross não estava lá, porque ele esteve de manhã para sua sessão com Bea, até ele estava surpreso por ela seguir no programa, mas muito contente.

E quando Sean voltou, mais tarde que o habitual, Bea não estava dormindo. Só que hoje havia desistido da camisola e do robe de seda e estava com um blusão da Disney que tinha uma Minnie enorme mandando um beijinho. Sean não conseguia decidir se era de propósito, mas para ele dava no mesmo. É claro que ele adorava a camisola de seda, com aquelas alças fáceis, o tecido gostoso e que escorregava. Sinceramente, ele gostava de tudo que saía fácil. Só que ele sabia muito bem o que queria, independentemente de como

estivesse coberto e com a Minnie piscando para ele ou não, o que ele desejava estava bem embaixo daquele tecido.

— Seu nariz está no lugar? — ela perguntou, porque agora sempre brincava com isso.

Ele estava suado como se houvesse corrido uma maratona e ia bater no banheiro no próximo minuto, mas virou para ela e sorriu, apontando para o nariz.

— Intacto.

Bea sorriu e acabou ficando com a expressão colada na cara para disfarçar quando ele arrancou a camisa e o olhar dela foi direto para o seu corpo suado. E seu sorriso foi se fechando enquanto seus olhos desciam pelo peitoral dele, paravam nos mamilos que ela gostava de morder e nos cortes dos músculos no abdômen onde era muito legal brincar e também se apoiar para ter impulso na cavalgada. E nos bíceps que ficavam tão retesados quando ele estava por cima, mandando ver daquele jeito que ele dominava tão bem. E nas costas largas, com aquela tatuagem enorme e quando ele se movia, dava para seguir os músculos ali também.

Ele ficava uma coisa quando estava por cima, uma máquina enlouquecedora. De lado também, por baixo também, por trás era uma loucura. De pé então... Gente...

Sean estava lhe dizendo alguma coisa e ela, temendo ser pega no flagra virou o rosto rapidamente e olhou para lugar nenhum. Estava até corada pelo que esteve pensando. Ainda bem que ele foi tirar o resto da roupa no banheiro, porque aquelas coxas fortes... ah, caramba, dava para fazer inúmeras coisas pecaminosas em cima delas. Elas super aguentavam o seu peso e davam impulso, colo e apoio e...

— Bri! Não! — Bea levantou e impediu que a cadela fosse para o banheiro. — Não pode. — ela fez o sinal que a treinadora ensinou.

Brianna já tinha passado pelo treinamento e apesar de já ter quase dois anos, continuava levada. E muito apaixonada por Sean. Quando ele entrava e ela não via e assim não ganhava um agrado, ia correndo atrás dele. Semana passada ele já estava entrando no banho e não a viu, Bri tomou aquilo como uma ofensa, afinal ele nem olhou para ela. Então quando ele entrou no banho, ela

aproveitou o vidro aberto e pulou para baixo da água também. E depois saiu molhando tudo pelo banheiro e pelo quarto. E teve que ser perseguida pela casa para conseguirem secá-la. Foi uma bagunça.

Depois do comando de Bea, Bri voltou com o rabinho entre as pernas e sentou lá na sua cama diurna, esperando Sean sair do banheiro. Assim que ele saiu de lá, felizmente usando o roupão azul, ela foi correndo para ser cumprimentada.

— E minha outra garota, como está? — Sean sentou no chão por uns minutos para dar atenção a Brianna. Ela ficou tão feliz.

Agora ele tinha três garotas, vivia se gabando disso. No momento, depois de receber sua dose de carinho, Bri estava muito bem.

— Caramba, perdi a hora — Bea foi rápido demais pro seu lado da cama.

Logo depois ele voltou do closet no maior conforto, com roupão aberto e o short do pijama.

Beatrice se ajeitou na cama e puxou os cobertores sobre os joelhos e deu uma olhada no monitor, para ver se Bel continuava dormindo. Sean largou o roupão para lá e puxou a regata por cima da cabeça enquanto subia na cama e se aproximou de joelhos sobre o colchão.

— Ela acordou? — ele perguntou, se aproximando mais para olhar o monitor.

— Ainda não.

— Vai ser minha vez?

— Acho que sim.

— Ótimo, ela não viu minha cara feiosa antes de dormir.

Beatrice balançou a cabeça e tocou o rosto dele, acariciando com os dedos.

— Você sabe que não tem nada de feioso — ela sorriu levemente e deslizou os dedos pela mandíbula dele, tocando até o seu queixo e Sean fechou os olhos em resposta ao carinho.

— Eu sei que agora que ela realmente vê as coisas, tudo que ela sabe é que eu não sou a mamãe. E que a mamãe é muito mais bonita e tem um cheirinho muito mais gostoso e eu concordo

plenamente com ela. Mas sou um bom feioso, a gente tem se entendido.

— Eu acho que ela já te adora, mas ela logo vai descobrir que o feioso é só dela.

Sean abriu os olhos assim que ela tirou a mão do seu rosto e a olhou, Beatrice até sorriu levemente sob a força do olhar dele, agora ela já voltara a dar atenção a forma como ele a olhava.

Ela gostava, ajudou bastante na sua autoestima durante todo o tempo, porque ele sempre tinha um momento para olhá-la como se ela fosse a única mulher que ele enxergasse. E a acompanhava com desejo estampado nos seus olhos turquesa, até quando ele estava tentando disfarçar. Mais ainda por que ele estava a desejando o tempo todo, com o afastamento físico o castigando.

— Posso ser das duas, juro, ela compartilha. Vou negociar com duas mamadeiras e uma chupeta, sou bom em negociações.

— Não me diga.

Ele pegou a mão dela e colocou no seu rosto de novo e voltou a fechar os olhos quando ela continuou acariciando.

— Bea, o que você queria me dizer ontem?

— Nada, eu só estava contando um bando de coisas bobas sobre sei lá... limpeza de pele e depilação — ela soltou um som de escárnio, brincando com ela mesma.

— Depois disso.

— Era só isso.

Ele duvidava, sabia quando ela estava fugindo do assunto.

— Eu gosto quando me conta um bando de coisas bobas sobre sei lá o que.

— Você não conta muitas...

— Meu bando de coisas bobas é chato. Mas quer saber, segui o conselho do Rico e troquei de xampu e condicionador. Não gostei do resultado, preciso do meu cabelo penteado durante o dia e sem me dar trabalho, não tenho tempo para isso — ele segurou a mão dela e esfregou a palma pela sua bochecha, por baixo do seu queixo até o começo do seu pescoço. — Me dá boa noite hoje? Senti falta na noite passada.

— Eu também senti — ela se inclinou para ele e o abraçou.

Aproveitando, ele deitou e a levou junto, abraçando-a quando já estavam deitados e ele pronto para os seus beijos e carinhos de boa noite. Ela estava claramente mais interessada nele, dava para notar pela progressão da interação física entre eles. E estava olhando com bastante interesse.

Capítulo 4

A falta que sinto de você é corrosiva, afeta minha mente e acaba com minha concentração. Não deixe os dias nos afastarem, volte para os meus braços e descanse seu corpo no meu e nunca mais se afaste.

Segunda foi mais um dia de novidades para eles. Os seis meses de Isabelle estavam se aproximando e Beatrice queria fazer uma leve comemoração na tarde do dia que cairia numa sexta-feira. Ia ter bolo e coisinhas boas para beliscar de algum buffet que ela ia escolher. Os pais dela viriam, era sua melhor desculpa para visitar a neta, estavam doidos para ver de perto como ela ia, pois era sua única neta que morava longe. Jared e Gwen também já haviam confirmado, afinal, ele era um padrinho dedicado. Rose não ficava atrás como madrinha e disse: Seis meses? Claro!

Tess e Angelo com certeza trariam Tibby e Candace obviamente não perderia. E agora que morava na cidade com Kevin, Joce participava sempre que podia. Era um ensaio para o aniversário de um ano, quando provavelmente teriam mais Wards, o resto dos Stravos e alguns amigos.

No entanto, tudo isso estava na lista de afazeres. Hoje, desde que Belle nasceu, era a primeira vez que Beatrice e Sean saíam para trabalhar no mesmo horário. A filha ficou com Rita, a babá estava se preparando para assumir uma carga horária maior do que o pouco tempo que Beatrice se ausentava e Sean estava no trabalho.

Bea estava reassumindo sua carga horária, estava com muitos projetos em espera e assim que viu a agenda que teria de dar conta, ficou um tanto preocupada e viu que teria de voltar a ir para o escritório todos os dias. O bom era que ela trabalhava na quadra de trás, podia vir em casa ou Rita podia pôr Belle no carrinho e levá-la até lá. E aí que entrava Ramond, o segurança de Belle que estava assumindo o posto agora que a babá estrearia a nova função de levar o bebê para passear.

Não era preciso citar que Sean estava tenso em ter seu bebê pelas ruas sem ele em nenhum lugar perto, mas ele ia ter que se acostumar. Devia ser pôr isso que o pobre Ramond estava comendo o pão que o Diabo amassou no treinamento. Mas ele era um bom rapaz, só que quando voltou ferido da guerra no Iraque depois de duas convocações e meses de fisioterapia, resolveu que não era isso que queria para sua vida. Assim, por intermédio de Kevin, ele acabou no programa dos Ward, que demandava muito mais do que ele esperava. E descobriu que era ali mesmo que queria estar.

Sean chegou ao elevador do terceiro andar do triplex e o chamou, logo depois Bea saiu com sua bolsa na mão. Era dia de pelo menos três encontros com clientes que teriam o interior de suas casas completamente reformulado por ela. E Bea colocou um belo vestido de inverno da Sonia Rykiel, blazer feito na medida da Mil-Miu, meiacalça porque já estava frio e botas de cano curto e saltos altos da Tabitha Simmons. E estava maquiada e penteada para ter sua foto estampada nos blogs de fofoca.

Ela parou ao lado dele, de frente para o elevador e olhou dentro da bolsa para ter certeza de que o celular estava lá. Depois enfiou a alça até seu cotovelo e suspirou antes de dizer:

— De volta ao trabalho pesado — então abriu um sorriso, porque ela adorava o que fazia. — Só que por menos tempo. — E agora ela também amava o tempo com sua garotinha, então nada de hora extra longe dela.

Enquanto isso, ele só continuava olhando para ela até que disse:

— Você sai assim todo dia e não me leva?

Ela riu dele, porque até parece que ela não saía assim desde sempre. Porém, fazia uns meses que não se sentia assim ao escolher seu traje, se vestir e maquiar, pegar a bolsa e sair para o seu trabalho. Talvez fosse porque hoje estava voltando de verdade, para todas as suas funções. E ela adorava o que fazia, ao mesmo tempo que amava estar lá para sua filha, também adorava o que sentia quando estava vendo os seus projetos tomando forma e seus planos para sua empresa se tornando realidade.

Era como acontecia com os Ward, eles tinham sede pela evolução, pelas metas e pelo sucesso.

Eles tinham a necessidade da adrenalina e do desafio profissional correndo em suas veias e ela também tinha. Como diziam os blogueiros, ela foi infectada pela doença dos Ward. E ela tinha o mesmo ingrediente secreto, gostar do seu trabalho, ela tinha paixão por criar ambientes de todos os tipos e tamanhos e torná-los reais.

— Estou com uma sensação estranha de que esqueci algo. Será que falei tudo pra Rita sobre a Bel?

— Falou. Ela tem seu celular. E pode até não parecer, mas a Rita está aqui desde que a Bel nasceu. Relaxa, é a primeira vez que fica fora tantas horas. Vai dar certo — ele olhou o relógio e estavam num bom horário.

Eles entraram no elevador e assim que ficaram sozinhos lá dentro, ele tocou seus ombros, afagou, sentindo-a sob a palma de suas mãos e gostando disso. Sentindo falta também e odiando reprimir suas mãos perto dela como vinha fazendo. Depois desceu as mãos pelas suas costas, segurou sua cintura e pegou seu quadril, acariciando até o seu traseiro onde apertou levemente de cada lado.

Beatrice arregalou os olhos e o olhou por cima do ombro esquerdo, expressando surpresa e algo que Sean não conseguiu ler em seu olhar.

E ele não gostou do que viu, porque ele sempre a acariciava, ainda mais se estivessem sozinhos.

Seu corpo atraía o seu toque. Assim que ele a virou para ele, Beatrice apoiou as duas mãos no seu peito e o olhou. Sean segurou seu rosto e a beijou, daquele seu jeito tão característico e a única forma que realmente gostava de beijá-la. Consumindo-a, tomando sua boca, devorando seus lábios e apertando-a contra ele com o desejo que ela lhe causava e o carinho que lhe instigava.

Bea sempre demorava a abrir os olhos quando ele a beijava assim, então mesmo sem abri-los, ela disse:

— Nós já chegamos ao térreo. Vão entrar...

— Não me importo — ele segurou seu rosto e Bea foi obrigada a encarar aquele olhar intrigado, com seu cenho franzido. Isso dava-lhe a impressão de que ele estava lendo informações na sua face.

No entanto, antes que alguém chamasse o elevador e eles fossem obrigados a subir novamente, ele apertou o botão da porta que a

essa altura já havia se fechado e saiu, levando-a pela mão. O porteiro deu um sorriso e um meneio de cabeça, fingindo que não esteve assistindo pela câmera enquanto eles se beijavam no elevador parado. Esse tipo de coisa não abalava mais Kevin e nem Don, eles estavam até batendo um papo enquanto esperavam lá fora e escaneavam a saída do prédio com o olhar.

Na porta do Clarence, Sean a acompanhou por alguns passos e parou, soltando sua mão, mas ainda olhando-a seriamente.

— Quer almoçar comigo? — a pergunta não condizia com sua expressão intrigada, mas Bea se surpreendeu mesmo assim.

— Queria... mas não dá tempo, no almoço eu vou vir aqui em casa.

Ele assentiu, se trabalhasse tão perto, provavelmente também viria em casa.

— Um café, então, de tarde. Só nós dois.

Agora ela que estava franzindo o cenho para ele.

— Você trabalha lá em Midtown, não dá tempo de sair daqui, tenho uma apresentação de projeto no começo da tarde.

Sean passou a mão pela boca e desceu pela mandíbula, enquanto a olhava, ele demorou uns segundos só observando, deixando as máquinas funcionarem na sua mente. Até que perguntou logo:

— Eu estou te negligenciando? Estou deixando de fazer alguma coisa importante na relação e não estou percebendo?

As sobrancelhas dela pularam imediatamente e Beatrice balançou a cabeça.

— Não, Sean. Claro que não. Eu te disse o quanto estava feliz e orgulhosa por tudo que tem feito para participar, além de todo amor que tem dedicado a Bel.

Não era sobre essa parte que ele estava falando. Era óbvio que ia participar, ele era o pai, amava a filha e nunca foi o tipo que deixava sua parte do trabalho ou responsabilidades para outros fazerem.

Então não ia começar justamente pela filha, largando tudo para a mãe. Ele já havia tido aquele problema há uns meses. Mas isso era o óbvio. Ele estava falando deles, só dos dois. Havia uma grande diferença entre as duas coisas e não entende-la era exatamente o que podia afundar relacionamentos.

— Então por que diabos você acha que eu não viria de Midtown até aqui para tomar um café com você?

— Por causa do trânsito, dos seus horários...

— Beatrice.

— Vamos lanchar juntos. Naquele lugar que gosto, o Via Quadronno. Lá tem um ótimo café. Umas quatro da tarde?

Ele não parecia estar comprando a dela, mas assentiu e deu um passo para trás. Bea soltou o ar, pois ele estava só a olhando, mas aquele maldito olhar dele era como se dissesse um parágrafo inteiro sem emitir som. Não que essa nova versão dele estivesse com problemas de dizer o que precisava, só que ele sabia o efeito que tinha.

— Sean... — ela disse baixo, em tom de pedido e se aproximou dele, ficando bem junto ao seu corpo, colocou a mão no seu peito e esfregou levemente sobre seu coração. Depois deitou a cabeça e ofereceu os lábios para ele beijar.

A reação dele foi soltar o ar com diversão.

— Eu já estava sentindo falta de quando você vem com esses truques para me enrolar — ele declarou.

— Não é truque coisa nenhuma! — ela tirou a mão, mas não foi longe.

— Te vejo mais tarde — ele se inclinou e deixou um beijo em seus lábios.

O mais tarde deles não aconteceu, porque no horário do almoço Bea foi em casa comer e ver a filha. E de tarde, teve mais uma reunião, se atrasou para sua apresentação, aproveitou a pausa para bombear leite que ela estava começando a achar que não tinha a mesma abundância de antes, o que a preocupava. E quando ela mandou recado para Sean, eram quatro e meia da tarde e ele achou que ela tinha desistido, ou seja, ele estava na sua sala lá no topo do GW.

Já que eles não se encontrariam de tarde, Sean ficou no trabalho para adiantar umas coisas. E chegou em casa no horário do jantar, mas com isso, ele planejava chegar bem mais cedo amanhã. Ele encontrou Beatrice sentada no cantinho da nova saleta que ela havia criado para o terceiro andar, já que a antessala que ficava entre os

quartos deles havia sido desfeita. Ela o viu entrar e seu olhar era um tanto desconfiado, já que os planos deles haviam ido pelo ralo. No entanto, ele pôde ver o nariz dela franzindo conforme ele chegava mais perto.

— Que cheiro é esse?

— Jantar — ele levantou as sacolas que trazia e colocou na mesinha perto das janelas, onde era aconchegante tomar um café.

— Mentira, você trouxe... — ela olhou o nome nas sacolas. — Mentira! Você foi até lá?

— Sua massa preferida — ele tirou uma das caixas de dentro da sacola, entregou a ela e lhe deu um garfo. — Lembrei de lá. Acho que não comemos nada disso há muito tempo.

— Eu estou chocada! A dieta que se dane, vou comer até cair!

— Eu estou com fome e vou comer até cair com você — ele tirou outra caixa de lá e pegou um garfo.

Bea olhou em volta e ao invés de sentar no sofá, foi lá para o canto, perto da janela onde sentou no chão e cruzou as pernas, então empurrou a tampa da sua caixa e soltou um gritinho de excitação.

— Você é incrível! — ela exclamou, olhando para o seu prato especial de tagliatelle, com brócolis, um molho incrível que só esse restaurante fazia, alho, azeite e misturado a uma porção especial do melhor peru defumado e perfeitamente temperado.

— O Frank era quase no caminho — ele disse, falando do restaurante italiano lá na Segunda Avenida que não era no caminho dele, mas foi lá do mesmo jeito, era um dos preferidos dela.

— Hum... — ela encheu o garfo e enfiou na boca, fechando os olhos para mastigar.

Sean carregou sua caixa para lá, sentou no chão em frente a ela e sorriu ao olhá-la, enquanto ela apreciava a comida. Depois ele experimentou o seu prato que também era mais um dos talentos simples e saborosos do Frank: Gnocchi “do Tio Tony” envolto em espinafre, em molho de tomate e manjeriço e cobertura de queijo. Ele estava de boca cheia quando ela terminou mais uma garfada e disse:

— Tô tão feliz de ter te esperado para o jantar.

— Agora, né?

— Isso é tão bom — ela comeu mais e revirou os olhos, adorando e o divertindo. — Obrigada por lembrar.

— Nadir e Cristina não podem saber disso, vão nos acusar de esnoabar o cardápio delas — ele brincou. — Sabe como elas ficam com o menu da casa. Sentam para discutir lá na mesa, cheias de anotações e livros de receita. Discutem e tudo.

Bea riu, era verdade, as duas gastavam um bom tempo se programando e agendando as compras.

E brigando uma com a outra, se acusando de estragar dietas ou exagerar no cardápio balanceado.

Elas tinham pratos especiais planejados, era engraçadíssimo. Agora, Sean e Bea até estavam fazendo as refeições em casa mais vezes do que o normal. Tudo por causa da Bel.

— Vamos esconder nossa transgressão — ela sorriu e continuou comendo.

Eles comeram por um tempo, sentados ali no canto, junto a janela como se estivessem escondidos dos outros. Mesmo que a essa hora, a única pessoa que viria atrás deles seria Rita para avisar de algum problema com Bel que com certeza estava acordada e aprontando. Ela só dormia depois do jantar, por enquanto, só com papai ou mamãe.

— Lembra de quando não tinha quase nada aqui no tríplice e nós comemos pizza, sentados perto da janela também. Mas porque não tinha uma cadeira sequer aqui dentro! — Bea riu e olhou para a caixa branca no seu colo, catando uns pedacinhos de peru defumado.

— E o Don levou a pizza dele e ficou lá embaixo todo desconfiado do que estávamos aprontando — ele ria, lembrando-se daquele dia.

— Nós estávamos meio que seminus aqui... Depois de batizar metade da casa! — ela gargalhou.

— E bebendo vinho e champanhe do gargalo, como dois selvagens — ele ria junto.

— Lembra que eu fiquei meio alta...

— Você ficou bêbada, Bea. Rápido demais — ele ria.

Ela jogou a cabeça pra trás e gargalhou.

— Bêbada e seminua pelo trípex, com o rosto sujo de pizza. E não fazia ideia de onde estava o meu sutiã. Depois de...

— Mandar ver por três cômodos seguidos, nem eu sabia onde estava — ele ria.

Os dois gargalharam juntos.

— E depois você me fez nadar nua. Seu maldito!

— Sim, mas você tentou me afogar. E no final não acampamos no trípex. Depois de transar até na janela, encher a cara de pizza e champanhe, dormir no chão não ia ser legal.

— Eu sei que acabamos lá no quarto de hóspedes do Jared. Era o único lugar mobiliado — ela tampou a caixa, cansada de comer e continuou rindo.

— Sabia que até hoje ele não sabe disso? — contou Sean, divertindo-se.

— E nem vai saber! — ela exclamou, aliviada que ele não sabia, mas nunca tinha parado para se preocupar com isso.

Ele ficou sorrindo e terminou sua comida, quando fechou a caixa e deixou o garfo, Bea esticou o os braços e segurou as mãos dele, apertando-as. Sean apertou de volta. Como estavam sentados no chão, de pernas cruzadas e de frente um para o outro, de longe pareceria que estavam fazendo alguma brincadeira.

— Adorei jantar com você — ela disse, ainda apertando suas mãos.

— E eu com você. Mas vamos jantar de verdade num final de semana. Nós dois, na rua. Faz tempo.

— Vamos sim — ela sorriu.

Beatrice pegou a caixa dele e abriu a sua, encaixando, depois levantou.

— Já que você fez o jantar, eu lavo a louça — ela brincou, recolocando tudo na sacola. — E vou pegar algo para bebermos, estou até o topo de macarrão — ela sorriu. — Chá gelado está bom?

— Sim. Vou pegar a Bel e deixar a Rita livre — ele olhou o relógio em seu pulso e franziu o cenho.

— Batiza o seu chá?

Sean levantou a cabeça e abriu um sorriso, como se dissesse: *Você me conhece.*

— De leve — ele respondeu.

Beatrice saiu com as caixas e ainda feliz com seu jantar surpresa. Pena que o plano do jantar fora não se concretizou naquele final de semana. Nem no outro...

Gatoos! Vocês viram que Beatrice Ward está à solta novamente? Agarrem já todos os catálogos de moda que preciso saber o que ela estava vestindo! De onde são aquelas botas?

Já podem começar a colocar as infos nos comentários. Ela estava saindo na encolha, mas hoje a pegaram na rua, pronta para ser a capa da minha seção de moda do dia. Pena que estava sem a Belle Ward. Mas que dificuldade que é para conseguir ver aquela criança. A gente quer participar, somos partes desde o início! Eu postei umas das primeiras fotos dos dois juntos, nem tinha casamento em vista ainda. Já que a mãe partiu para sambar na nossa cara diariamente outra vez, ela podia levar a coisinha pequena a tiracolo. Enfim, hoje eu não soube do meu sonho quente ambulante, vulgo, SeanW. Vai ver ele ficou com o bebê!

— do uppersofnewyork.net — 567 comentários

* * *

— Chegou cedo — Bea sorriu quando foi surpreendida ao ver Sean entrar no quarto antes das seis da noite.

— Consegui fugir — ele deixou o paletó, colete e gravata nas costas da poltrona, largando-os como se não quisesse vê-los mais.

Beatrice se aproximou e o beijou levemente, então se afastou. Sorrindo, mas se afastando do mesmo jeito. Como ele achava que ela vinha fazendo ultimamente. E ele não conseguia ler o motivo, vislumbrar o problema ou imaginá-lo. Sean era um cara de soluções e praticidade, era assim que seu trabalho funcionava. Então era desesperador para ele como sua relação com a mulher que ele amava, nunca aparecia a frente dos seus olhos como um esquema claro. Do jeito que era, sua mente via problemas lá no GW e era como se um esquema de planos de solução se iluminasse.

Porém, nunca com ela. Só quando estava lendo seu corpo e suas reações e enxergando-a de verdade, ao olhar em seus olhos. E às vezes isso lhe dava aquela constante sensação de déjà vu. Pois havia passado por isso no passado, ficou anos sem resolver os problemas do seu relacionamento.

Você está imaginando em cima do passado — ele pensou. Era só aquela sensação de desconexão que ele estava sentindo.

Ela foi para o banheiro e no caminho penteava o cabelo, dizendo que Bel estava sendo distraída por Rita enquanto ela tomava banho. Seguindo-a, Sean abriu alguns botões da camisa e ela ainda estava falando quando ele entrou no banheiro também e ela se virou para olhá-lo. Bea parou imediatamente e estacou.

— O que aconteceu, você está se afastando do meu toque. Dia ruim? — ele perguntou baixo. Sendo que a última pergunta era só ele esperando que fosse apenas um dia ruim, todo mundo tem dias ruins em que simplesmente não quer saber de outras pessoas.

Era uma surpresa até para ele, perguntar algo assim na lata, eles não faziam isso antes. Porém, a necessidade faz a oportunidade. E Beatrice arregalou os olhos por um momento, ainda apertando a escova.

— Nunca — ela respondeu, surpresa.

Ele não se sentia bem pensando nisso e muito menos perguntando sobre, então voltou para o quarto e continuou abrindo os botões. Ficou propositalmente de costas e esfregou seu peito na região sobre o coração, pois só de pensar na possibilidade de ela se afastar ao ponto de rejeitar seu toque de novo, sentia pontadas de dor no coração. Eram incontrolláveis, uma dor que ele nem podia explicar de onde vinha, provavelmente pela força do que sentia por ela e de tudo que reprimiu nos quatro anos que passaram fingindo.

Estava marcado nele, Sean ainda podia lembrar de cada vez que ela fugiu ou rejeitou ser tocada e ele nunca entendia o olhar magoado que ela lhe dava quando o rejeitava. E ele não solucionava isso e virava só mais uma repetição no casamento arruinado. Ainda era muito cedo para ele esquecer aqueles anos.

Beatrice largou a escova lá, correu para fora do banheiro e se abraçou as costas dele, passando os braços em volta do seu corpo e

pressionando o rosto contra ele. Ela franziu o cenho por um momento, imaginando se apesar de ele ter perguntado outro dia, ela quem podia estar o negligenciando. E não queria fazer isso, de jeito nenhum. Não queria que ele sentisse isso. Eles não podiam fazer isso um com o outro, tinham que se manter trabalhando na consistência da relação. O que aconteceu com eles e por tanto tempo, não se conserta e se esquece em uma semana ou um mês.

— Eu te amo. E amo muito. Isso nunca aconteceria — ela disse, apertando a bochecha nas costas dele. — Não novamente.

Ela apertou os braços em volta dele e beijou suas costas, tornando a encostar o rosto ali. Sean olhou por cima do ombro e colocou os braços sobre os dela.

— Eu só tenho medo de voltar. Quando eu sinto você se afastando de mim e escorregando para longe, fugindo por entre os meus dedos como já fugiu antes. Eu só reajo. — Ele deu um sorriso totalmente sem humor. — E até faço perguntas cretinas como essa. Eu faria mil delas. Faria tudo, mas não a deixaria ir de novo.

— Nós não vamos voltar, não vamos deixar nada similar acontecer. Além disso, eu sou feliz com você. Eu teria sido feliz todo esse tempo, se estivéssemos juntos como estamos agora — ela continuou abraçada a ele e fechou os olhos. — Não vou ficar longe de você de novo. Se você não fizer o mesmo. Promete?

— Claro que sim.

— Então, eu também.

Ela o soltou e ele continuou abrindo a camisa e puxou para fora da calça. Bea deu a volta e o olhou, chegou bem perto, descansou o corpo contra o seu, ficou na ponta dos pés e tocou seu rosto para beijá-lo. Sean a abraçou e retribuiu, ela passou as mãos pelos seus ombros e pelas suas costas, sentindo a tensão deixando-o enquanto a beijava.

— Vamos jantar juntos lá em cima. Levamos a Bel no carrinho, passamos um tempo com ela. Daí ela vai dormir mesmo e aí conversamos um pouco — ela decidiu e esperou ele concordar, então foi tomar banho antes que a babá fosse embora.

Pelo menos quando conseguiam fazer planos em casa, eles podiam mantê-los. Belle não dormiu assim tão rápido, mas quando

Bea estava terminando a sobremesa, ela já estava no carrinho piscando repetidamente, tentando lutar com o sono, mas perdendo a batalha. Não era fim de jogo, quando eles a trouxessem para o quarto ela provavelmente acordaria e faria mais uma bagunça na hora de entrar no berço. Estava difícil tirar esse hábito dela, mas depois que deitava ela estava indo quase a noite toda. Tirando dias que acordava em torno de quatro da manhã, demandando que trocassem sua fralda e lhe dessem um agradinho para barriga. Leite da mamãe estava ótimo, especialmente se fosse direto dela.

* * *

— Quem é a coisinha linda da vovó? — perguntou Candace, sentada numa poltrona e segurando Bel no colo, brincando com ela e sorrindo. — Eu nem consigo acreditar que essa fofura existe mesmo — ela virou para Victor e disse baixo, aproveitando que Beatrice tinha acabado de sair da sala. — Eu quase desisti de ter netos vindo do Sean, você sabe como não gosto de ser indiscreta, então só citei isso quando estava provocando a Beatrice depois que ela pediu o divórcio. Era problema deles, mas secretamente, eu bem que queria.

Eles estavam no apartamento dela na Park Avenue e Candace estava super feliz por eles terem aceitado ir jantar lá, porque fazia meses que isso não acontecia. Ela quem ia até a casa deles, visitar e ver a neta, mas era sempre de dia. Agora que o bebê estava com cinco meses, eles estavam conseguindo horários mais flexíveis.

A campainha tocou e Aroldo abriu, deixando Sean entrar, ele era o último a chegar, veio direto do trabalho e sorriu assim que viu a mãe brincando com Bel.

— Pensei que ia nos abandonar e ia comer sanduíche na rua. Fiz um menu tão bom — disse Candace, assim que o filho entrou na sala.

— Eu não ousaria — ele deu aquele sorriso que ganhava a mãe e foi até lá. Cumprimentou Victor e pegou Bel no colo.

Aliás, Victor agora era mesmo parte da família. Eles acharam que o cara não ia durar, porque Candace ia logo ficar de saco cheio e

manda-lo passear. Porém, ele seguia no posto, devia estar agradando a ela e era agradável com eles. Já participava dos momentos importantes, Bel até simpatizava com ele. E Candace estava feliz, eles mantinham bem o sistema de cada um no seu canto, mas ele costumava estar por lá quando ela estava livre.

Se tivessem feito uma aposta, iam todos perder, porque ninguém apostaria em Victor. Todos apostariam em Candace lhe dizendo que foi bom enquanto durou, mas era melhor ele sumir. Porque por todos esses anos, desde a morte de Trent Ward, Candace nunca se apaixonou por outro homem.

Ela levou anos para sequer tentar se relacionar. A dor da perda a consumia, algo que fez parte do afastamento dela e do filho. Logo no início, até olhá-lo era doloroso. E Sean estava espiralando para fora do controle, imerso demais em seus dois trabalhos.

Na época que o pai morreu ele ainda estava funcionando no automático, queria vingança, sentia dor e revolta. Os primeiros resgates foram sujos e quase o mataram, ainda levou um bom tempo até criar a operação complexa e profissional que tinha agora. E ele não queria se conectar, não queria sentir mais nada e preferia viver sozinho a própria dor da perda do pai.

Foram anos assim para eles. Com Candace vendo sua filha se rebelar e se destruir numa relação abusiva e se drogar para apagar tudo que sentia. E seu filho, totalmente desconectado emocionalmente, cobrindo o vazio que o corroía com trabalho e perigo. Ela sempre soube que ele estava fazendo algo, porque a tia-avó sabia e elas tiveram uma conversa muito franca sobre quando iriam perde-lo. Ela só nunca soube detalhes. Ainda bem que não terminou assim. Nem para os seus filhos e nem para ela. Estava feliz agora. Coincidentemente, foi depois que resolveu voltar de vez e recuperou os dois filhos que ela conseguiu se apaixonar novamente.

— Também senti saudade o dia todo — Sean respondeu para os gagaga que a filha emitia, como se estivesse mesmo lhe dizendo algo e então deu um beijo leve na sua cabeça.

Candace, que era dessas pessoas difíceis de se abalar, ficava tocada quando via Sean abraçando o seu bebê com tanto carinho. Ela era mãe dele, sempre vinha a sua mente tudo de onde eles

vieram até onde estavam agora. Ela passou anos da sua vida achando que ele nunca chegaria perto de nada tão “normal” quanto isso. Porque Sean não fazia nada “normal”, ele fingia. Depois Candace até se iludiu com o casamento com uma mulher que ela achou que não ficaria com ele porque Sean a magoaria, destruiria e a afastaria. E tudo quase foi pelo ralo e não importava mais se ele conseguia o normal ou parte ou tudo. Para ela só importava que ele conseguia viver do seu jeito e ser feliz. Então Candace não ia se envergonhar por sentir lágrimas nos olhos, era seu filho.

— E a Bea? — Sean olhou em volta e viu que nem a bolsa dela estava ali.

— Acabou de ir lá para dentro — Candace recebeu Bel de volta e ajeitou seu vestido quando a sentou no seu colo novamente. — Vodka com gelo e limão? — ela perguntou ao filho, concluindo o que ele escolheria. — Vamos servir o jantar daqui a pouco.

— Claro — ele tirou o paletó e deixou com sua pasta e foi lá dentro.

Ele encontrou Beatrice no banheiro do fundo, que era bem maior que o toalete perto da sala. Ela estava em frente ao espelho passando um pente largo pelo cabelo de forma despreocupada. E usando um vestido verde, de mangas curtas, levemente acinturado e sapatilhas. Ele estava dividido, invejando como ela parecia confortável e desejando experimentar com suas mãos e boca.

— Ah, você chegou — ela disse, olhando-o pelo espelho. — Ia te mandar uma mensagem quando terminasse aqui.

— Minha mãe está lá se divertindo com a Bel. E você, está escondida do jantar em família? Eu fazia isso quando era criança — ele parou atrás dela, segurou sua cintura e beijou seu pescoço.

— Eu fui pra casa, tomei banho, arrumei a Bel e vim direto. Não pentei o cabelo nem nada. Estou dando uma disfarçada no visual — ela se inclinou e passou o rímel, rápido e fácil como quem fazia isso há anos, todos os dias.

— E isso é porque você pretende tirar umas dez selfies no banheiro da sua sogra? — ele brincou.

— Você sabe muito bem que toda vez que aceitamos vir jantar na sua mãe ela tira uma foto e manda para por aí. Imagina se não vai

tirar hoje, na primeira vez que aparecemos junto com a Bel.

— Então eu estou ferrado, garanto que não estou parecendo com o que eles me descrevem na internet — ele deu um passo para o lado e desviou o olhar para ela rapidamente quando deu uma puxada no colete, como se estivesse se aprontando pra uma foto. Depois abriu a torneira e lavou o rosto.

— Ridículo — ela guardou o rímel e pegou uma toalha, colocando no rosto dele.

Sean segurou a toalha e secou o rosto, depois a largou na bancada e passou a mão pelo rosto, se ajeitando.

— Melhor?

Beatrice parou a frente dele e abriu seu colete e o tirou, abriu mais um botão da camisa e depois a soltou no punho e foi dobrando as mangas. Então passou a mão pelo seu cabelo escuro e o bagunçou, depois penteou com os dedos.

— Irresistível e confortável — ela decidiu.

Ele deu um passo, deixando-os perto demais e Beatrice descansou os antebraços sobre seus ombros, inclinando a cabeça para poder encará-lo.

— Não te vi o dia todo — ela disse baixo. — Senti saudade.

Sean tocou seu rosto, passou os dedos pelo seu pescoço, desceu as duas mãos pelos seus braços e pegou-a pela cintura, como se a sentisse por baixo de suas palmas. Gastando tempo em cada lugar que tocava e deixando a sensação de tê-la em suas mãos se instalar em sua mente.

— Eu quero muito colocar as mãos em você — ele a olhava numa mistura única de saudade, adoração e desejo. — Eu sinto falta de tocar em você o tempo todo — ele abriu as mãos nas costas dela, deixando-as ali, só para senti-la. — De gastar horas te beijando e explorando cada pedaço do seu corpo... Acho que está começando a me afetar. Não consigo mais focar.

Beatrice lhe deu um sorriso e estreitou o olhar.

— Você sempre teve dificuldade de chegar perto de mim e não usar pelo menos isso — ela disse, pegando as mãos dele e mostrando no ar, depois devolveu para onde estavam, no seu

quadril. E voltou a apoiar as mãos nele. — Eu adoro isso — ela prolongou as vogais do *adoro*.

Beatrice o puxou pelo rosto e o beijou, o envolveu pelo pescoço e ficou na ponta dos pés para se colar a ele. Ele a fazia sentir-se adorada e ela tinha vontade de ficar eternamente abraçada a ele, beijando-o para que ele sentisse de volta tudo que a fazia sentir e como ela também o amava e adorava.

— Vem aqui — ela chamou, toda marota, numa voz suave que o tentava. E apoiou as mãos na bancada e deu impulso, sentando sobre ela.

Sean a olhou de um jeito que só faltou um dos seus olhos tremer para completar sua expressão.

Não me oferece o paraíso se eu não posso entrar, ele pensou. Aproximando-se, Sean apoiou as mãos nas coxas dela e se inclinou para ela. Beatrice acariciou seu rosto, admirando-o de perto e beijou seu queixo, depois foi beijando sua mandíbula. Sean sorriu porque ela estava mesmo dando beijinhos nele, o que o divertia.

Ela roçou o rosto no dele e o acariciou com a ponta do nariz e beijou seu pescoço onde o segurou e puxou para mais perto, beijando-o com carinho. Sean apertou sua cintura e se perdeu no beijo que ela lhe dava. Percebeu que não devia estar a beijando o suficiente, para o tempo fugir tão facilmente de sua perspectiva. Ou talvez não, era simplesmente assim para ele. Se perdia quando estava com ela, o que mais podia haver no mundo além dos lábios dela nos seus e da sensação de senti-la em suas mãos?

Quando afastou os lábios dos dele, Beatrice sorriu e usou os calcanhares para puxá-lo para mais perto e riu por ter o surpreendido. Ela o abraçou e prendeu as pernas nele, depois parou para olhá-lo enquanto corria as mãos pelo seu peito, sobre sua camisa.

— Acho que temos que voltar — ela fez um bico, mostrando tristeza, mas seu olhar era divertido.

Ele deu um passo para trás, deixando-a pular da bancada, mas disse:

— Não posso ir ver a minha mãe agora.

Bea tinha se virado para o espelho novamente, mas virou o rosto para ele e franziu o cenho. Sean levantou a sobrancelha e deu para ver um resquício de diversão em sua face. Ela começou a rir quando ele deu uma rápida olhada para baixo.

— Realmente, Sean. Essa sua calça chique atrapalha na função, se fosse algo mais simples ia esconder melhor — ela se virou e mostrou algo enorme com as mãos, claramente zombando.

— Começa a me contar algo sobre o Shrek, lembra dele? Verde, feio, nojento...

— Ele não é nojento. Só desagradável.

— Continua falando.

Beatrice voltou a olhar no espelho e passou as mãos por baixo do cabelo, jogando-o todo sobre as costas.

— Reparou algo? — ela perguntou.

— Você cortou?

— Você perguntou?

— Sério, Bea, se cortou foi muito pouco. Acredite, meu esporte favorito dos últimos meses é admirar. Eu sei do que estou falando.

Ela apenas sorriu.

— Gosta assim?

— Gosto de todos os jeitos, mas se você puder não raspar. Gosto dele.

Ela deu uma olhadinha de lado, como se soubesse do que ele estava falando.

— Gosta para que? Só para admirar?

— Essa conversa está piorando tudo, Beatrice.

— Para puxar e enfiar os dedos e me segurar em momentos oportunos e privados?

Ele abriu a torneira na água fria e molhou os pulsos, mas não estava gelada o suficiente. Beatrice já não tinha mais o que ajeitar, mas deixou o cabelo sobre o ombro e o olhou pelo espelho.

— Acho que vou deixar assim, dá menos trabalho. Ou talvez eu faça algo sutil.

Dessa vez, Sean deixou a toalha sobre a bancada e se virou para ela, de costas para o espelho e abriu um sorriso. Ela continuava não ajudando sua situação, porque agora o fazia ter lembranças.

Desde que descobriu a gravidez ela nunca mais usou nada químico no cabelo, ficou tudo ao natural. E enquanto amamentava, também não mudou nada. Ao todo, já fazia mais de um ano. Estava novamente similar a época da faculdade.

O chato era que os blogueiros estavam achando que ela tinha mudado o visual para a pós-maternidade, mas não, aquele era o seu tom natural. Porém, entre as indicações para a estação que é lei em todo blog de moda, já estavam indicando coloração com tom similar, para alcançar a cor dela.

A única coisa que ela fez recentemente foi ir ao salão para harmonizar o tom, porque esse problema da fama causava isso, ela tinha que consertar o visual, mesmo quando não era a prioridade do momento com um bebê de cinco meses e sua vida pessoal e profissional para cuidar.

— Eu não disse, mas você está me fazendo lembrar a época que te conheci.

— Eu sei — ela pendeu a cabeça, com um leve sorriso. — Eu me olhei no espelho e pensei que não tinha a menor cara de ter um bebê agora — ela riu. — Sei lá o que eu estava esperando, na minha imaginação achei que estaria tão diferente. Mas gostei disso, acho bom a Bel parecer minha irmã quando tiver quinze anos.

Sean não sabia se ela ia gostar de saber que parecia mais jovem quando estava como agora, bem ao natural. Com a maquiagem, tinha um ar mais maduro e ela fazia de propósito, especialmente quando ia fechar contratos. Então sim, ele achava que Bel chegaria aos quinze anos e Beatrice receberia aqueles elogios típicos de parecer irmã dela. Até porque teria apenas quarenta e poucos anos. E ele gostava, porque lhe trazia muitas lembranças adoradas.

— Eu não estou parecendo com o meu pai também. Um dia achei que ia estar a cara dele quando fosse pai.

— Você é a cara dele, Sean. Só que mais novo e com umas boas interferências da sua mãe.

Após uma pausa, Bea se virou para ele.

— E aí, nossa conversa doméstica o distraiu e desarmou seu problema? — ela brincou e abaixou o olhar, com uma expressão cômica. — Posso buscar gelo se você preferir a tortura.

E não é que tinha funcionado. Melhor que o Shrek.

— Vem comigo, minha garota implicante — ele passou o braço em volta dela, beijou seu rosto e a levou de volta para a sala.

Geralmente as fotos eram depois do jantar, mas como precisavam de Belle acordada, Candace resolveu tirar antes. Beatrice levantou com a filha no colo e lançou para Sean aquele olhar de “eu não disse?”. E então foi sentar no sofá grande, assim dava para todos saírem na foto.

Candace tinha um site, com um blog. Afinal, ela tinha um programa de variedades, focado em viagens, culinária, entrevistas e assuntos familiares. A maior parte do seu público era feminino.

Então uma das fotos foi para o seu blog. E ficou todo mundo...

TÔ MORTOOO! A primeira foto em família que esses malditos Ward divulgaram desde que o bebê nasceu. E nem foram eles, foi minha diva eterna bancando a avó incômoda. Não tô me aguentando com isso, gente. Eu ficava morto de inveja dos blogueiros do Reino Unido, aqueles metidos, postando foto das famílias ricas e ainda da nobreza local e da família real.

E eu postando subcelebridade. Aí os Ward tiveram um bebê e eu tô rebolando na cara deles!

Olha essa foto. Achei a cara das fotos da família real desses países que ainda tem realeza.

Tô mortoooo! Minha diva, madame Ward, é a rainha, claro. BeaW ainda é novata no babado, vai ter que ostentar muito para assumir o posto de CandaceW, minha rainha da classe.

Agora vou ali me jogar da ponte por causa da barra que tá sendo ter que aceitar que não vou mesmo parir os filhos do SeanW. Pelo menos a gente gosta da BeaW. Acho que a ponte do Brooklyn tá até engarrafada com a fila para se jogar. Ai, que sofrimento.

— do famousnewyorkers.com — 867 comentários

* * *

Sean tinha acabado de entrar no quarto quando Beatrice saiu do banheiro e foi direto para o seu lado da cama. Hoje, ela estava com

o robe aberto ao invés de fechado e se escondendo. Ela passou os dedos pelo cabelo e o juntou num coque frouxo no alto da cabeça que ele sabia que iria soltar assim que ela se ajeitasse na cama. Sempre soltava.

— Pode apagar? — ele perguntou, já que estava mais perto do interruptor.

— Sim, por favor.

Ela subiu na cama e se ajeitou e ele se aproximou, estalando o pescoço depois da sessão de exercícios noturnos. Bea realmente o invejava, mesmo antes de ter um bebê ela não tinha disposição para chegar em casa depois do dia de trabalho e ir se exercitar. E ele já fazia isso de manhã, mas ultimamente estava preferindo fazer quando chegava. E nos dias em que estava estressado, ele ia correr ou nadar ou socar para relaxar ou espairar. Sinceramente, ela até entendia ir pra piscina relaxar, mas no caso dela ia mais nadar ao acaso ou beber um drink na espreguiçadeira inflável sobre a água do que nadar voltas como ele.

Bem, isso não fazia diferença. Ele era mil vezes mais ativo do que ela no quesito exercícios e olha que ela estava se esforçando dia sim, dia não com o Ross. Beatrice só estava conjecturando sobre tudo isso, porque Sean estava suado e sem camisa pelo quarto, enquanto se dirigia para o banheiro, para banhar aqueles músculos firmes embaixo de água quente e sabonete. Ela suspirou e afundou mais na cama. Estava novamente se interessando por ele sexualmente, há umas semanas ia e voltava, num momento queria muito e no outro não conseguia nem pensar nisso. Agora estava constante e não parava de olhar para ele e se sentir atraída, com vontade de tocar.

Quando ele finalmente cansou do chuveiro quente e foi para cama, ela estava enfiada embaixo das cobertas, mas se moveu quando ele também deitou depois de dar uma olhada lá no berço. Ele se aproximou para lhe dar boa noite e a tocou, os olhos dela abriram imediatamente quando sentiu sua mão sobre a lateral de sua coxa. E foi mais forte do que ele, assim que sentiu sua pele nua, ele acariciou e chegou mais perto, deixando o peso de sua mão descansar sobre seu quadril.

A camisola devia ter subido completamente porque ele não sentia o tecido, só a lateral da calcinha dela. Ele pensou que era uma pena ela ainda estar usando calcinha para dormir. Beatrice soltou o ar e reagiu encolhendo os ombros quando ele a apertou e mordeu o lábio quando ele chegou mais perto e ela sentiu o calor do seu corpo próximo de suas costas. Quanto mais ele a tocava, mais ela reagia e quando ele finalmente achou a camisola em sua cintura e colocou a mão por baixo, seu corpo estava emitindo ondas de desejo tão fortes que doíam. Ela literalmente sentia algo tão poderoso que era momentaneamente doloroso e prazeroso.

Sean puxou as cobertas e deixou formar uma barreira entre a sua ereção e o traseiro dela, mas continuou muito perto. Ele acariciou seu abdômen e sentiu a respiração dela acelerar e tocou seus seios, sentindo a pele macia em volta e só depois acariciando o mamilo sensível com o polegar, para cima e para baixo até ela estremecer.

— Vai me dar boa noite, Bea? — ele finalmente perguntou baixo.

Só então ela abriu os olhos e respirou fundo para trazer sua voz de volta, mesmo assim ela saiu baixa. Beatrice virou o rosto na direção do seu ombro e disse:

— Me toca um pouco mais?

Ele não havia parado, sua mão continuava acariciando, percorrendo seu corpo com uma saudade que beirava a reverência.

— O quanto você quiser.

A resposta dela devia ter sido um sorriso, mas seus olhos haviam se fechado outra vez e seu corpo voltou aquela prazerosa dor desejosa que acompanhava o toque dele e levava as sensações por cada ponto sensível, assim como direto para o seu clitóris desprezado e a bem-vinda umidade quente que esteve desaparecida e agora retornara ao seu corpo com vontade.

Sean poderia tocá-la a noite toda, o quanto ela quisesse, porque fazia tempo demais que ela não lhe pedia isso. Não pedia nada, para falar a verdade. No momento, ele faria tudo que ela pedisse. E quem também tinha o poder de trazê-los quando pedia era aquele bebezinho fofo de cinco meses e meio que subitamente estava muito irritado e chamando alguém para vir acudi-lo. Aos berros.

O choro fez os olhos de Beatrice se abrirem e ela suspirou, dessa vez por outros motivos e acendeu o abajur.

— Está muito cedo para ela acordar — ela comentou, intrigada. — Acho que é fome, vou aumentar seu lanche noturno. Ela vai fazer seis meses, será que eu devia dar mais papinha de fruta? Ainda não me acostumei com isso.

Sean sorriu levemente, perguntar isso a ele ia gerar uma resposta totalmente opinativa. Ele também dava as refeições a Belle, mas a parte de calcular a quantidade ficava com Bea. Apesar de ele nunca tê-la visto recusando nada, ela sempre bebia a mamadeira toda e agora estava maravilhada em descobrir a papinha fresca e quando estava direto no peito fazia a festa.

— Já perguntou ao pediatra, ou a Rita, Rose... sua mãe?

— Tem razão, gente que entende das coisas — ela deixou o quarto e foi ver a filha que continuava chorando.

Bea voltou pouco depois, agora estava tudo em silêncio novamente.

— Acho que ela sonhou, queria colo e atenção, mas quando coloquei de volta no berço, ela dormiu — ela franzia o cenho, mais intrigada ainda com a filha.

Após apagar o abajur de novo, Bea se ajeitou na cama e puxou as cobertas. Sean deu uma olhada no monitor e colocou os braços por trás da cabeça. Ela se virou para ele e foi se aconchegar perto, mas quando ele cravou os olhos nela, suas sobrancelhas se levantaram de surpresa. Será? Ele estava com aquele olhar claro e direto, cerrado por desejo. Bea mordeu o lábio e se divertiu pensando:

Caramba, ele ainda me quer!

Para testar se ele estava mesmo no clima, como se já não estivesse claro por aquele olhar incrivelmente excitante, ela se aproximou e encostou os lábios nos dele. Foi o beijando e chegando mais perto e o olhou, mas ele a pegou pelo pescoço e continuou o beijo. Ao invés de perder tempo perguntando, ele colocou as mãos nela, tocando-a e sentindo o que ela queria dele.

E ele estava mais no clima do que ela esperava, o que a deixou numa mistura de animação e receio. Bea deitou e o deixou se inclinar sobre ela, segurando seu rosto, para não perder o beijo nem

por um momento. Sean se moveu sobre ela e encaixou o corpo ao seu com a mesma naturalidade de sempre e ela afastou as pernas, deixando-o entre elas. As mãos dela foram para as costas dele e procuraram sua pele, tentando afastar o tecido de sua camiseta.

Sim, sim, me toque — ele pediu mentalmente enquanto arrancava a camiseta e a jogava para fora da cama, mal se afastando dela. Beatrice inclinou a cabeça, dando acesso ao seu pescoço e se desmanchando quando os lábios dele desceram por ali. Mas ela abriu os olhos ao sentir as alças da camisola deslizando pelos seus ombros. Ele liberou seus braços e expôs seus seios, mas ao contrário do que costumava fazer, suas carícias foram delicadas em volta deles. Por causa da penumbra no quarto, também não tinha uma visão clara, mas ela podia vê-lo sobre ela, abaixando o rosto para beijar o vale entre seus seios e traçar um caminho para sua barriga.

— Eu... eu não sei se o sono dela é profundo — ela murmurou e parecia um pouco triste pela constatação. — Eu não quero frustrá-lo.

— Eu jamais fico frustrado quando estou a tocando — ele respondeu seriamente, concentrado demais no que fazia.

Ela lhe deu um leve sorriso, daqueles impossíveis de disfarçar ao escutar algo que lhe deixa feliz. Sean se apoiou nos braços só para beijá-la e lhe dizer baixo, contra seus lábios:

— Tenho sentido tanto a sua falta.

E lá estava ela sorrindo novamente.

— E eu a sua, bonitão.

Dessa vez ele sorriu contra a carne macia do seu abdômen e levantou sua camisola de cetim, beijando seu ventre, agarrando sua calcinha e a arrancando, dando-lhe o mesmo destino de sua camiseta. Ele segurou suas coxas, afastando-as a sua frente e elevando seus joelhos no ar. Essa parte ele sabia que podia seguir. O som que ela emitiu soou como um gemidinho de antecipação aos ouvidos dele. E ele a queria tanto que ao invés de salivar, sentiu a boca seca.

Sean umedeceu os lábios, mas realmente começou a salivar quando sentiu o gosto dela. Ele fechou os olhos com aquela expressão de deleite e se ajeitou entre as pernas dela, pronto para usar bem o seu tempo. Quando lambeu o seu sexo, ela se moveu,

inquieta, mas ele queria provar mais antes de chegar ao seu doce preferido. E deixou-a úmida e suspirando, lambendo por cima dos seus grandes lábios, sentindo-a estremecer rapidamente quando o toque acabou tocando a pontinha do seu clitóris excitado.

Beatrice afastou mais as pernas, como se pedisse e ele tinha um leve sorriso quando circulou seu clitóris com a língua e começou a chupá-la. Ela reagiu, soltando um gemido de surpresa pelo choque de prazer repentino, mas ele se tornou contínuo, assim como os sons dela. Sean a chupava com gana, cheio de fome, seguindo instintivamente o jeito que sabia que ela gostava, fechando os olhos em deleite com seu gosto o inebriando e tomado pelo sentimento de tê-la novamente. Ela gozou, seus músculos tremendo e seus gemidos enchendo o quarto.

Quando abriu os olhos, ela podia sentir as mãos dele acariciando seu corpo, subindo pelo seu abdômen e tornando a descer. Bea rodou o quadril, sentindo-se desejosa e estimulada. Sean apertou suas coxas, impedindo-a de se afastar, mas não era isso que ela queria. Estava se oferecendo para mais e ele mantinha a boca nela, acompanhando seus movimentos, sugando a entrada do seu sexo e penetrando a língua, buscando sua recompensa.

— Sean... — ela desceu as mãos e o agarrou pelo cabelo, abrindo-se mais, esfregando-se contra sua boca.

Apesar da penumbra, ele levantou o olhar e a admirou. *Caramba* — ele enlouquecia quando ela correspondia assim. Sean sequer estava falando, estava concentrado demais em chupá-la e aproveitar sua chance de ter todo o acesso a ela que desejava. Beatrice o soltou, apoiando as mãos na cama e tentando se mover, arqueando as costas e estremecendo no lugar, esquecendo tudo e perdendo a noção em sua busca do orgasmo. Ela mal percebia o quanto estava se movendo para ele, indicando com o seu corpo como estava quase lá e para ele continuar ali, sem parar. Ela parou de repente, por um curto momento e seu corpo relaxou inteiro, explodindo em prazer, os gemidos saindo baixinhos e aliviados. Um sorriso apareceu no seu rosto e Bea só conseguia pensar: *Como eu senti falta disso.*

Assim que abriu os olhos ela o procurou e o viu subindo sobre ela até ficar na altura do seu rosto.

Sean se aproximou e Bea umedeceu os lábios e ele lhe deu aquele beijo delicioso, úmido e íntimo, esfregando a língua pela sua, deixando-a sentir um pouco do gostinho do prazer que ele causava.

— Hum... saudade do meu gosto em você — ela disse baixo contra os lábios dele.

— Saudade de você — ele a beijou pelo pescoço e voltou para os seus lábios. — Inteira.

Virando-se na cama, Beatrice continuou o beijando e Sean deixou-se ficar de lado, mesmo sentindo-a insinuar o corpo contra o seu enquanto buscava seus lábios. O toque dela sobre sua pele era como uma linha acesa de pólvora direto para o seu pau e ele só conseguia pensar em ter mais dela. Foi difícil quando ela desceu a mão pelo seu abdômen e o segurou, claramente alegre com o que encontrou. Mais complicado ainda foi...

— Tudo bem, Bea. Nós podemos só... — ele disse baixo, mas não estava rejeitando os beijos.

Estava lutando com muita força para pensar no caso de ela ainda não estar à vontade para seguir adiante no sexo.

— Eu quero — ela colocou a mão por dentro do calção de dormir que ajudava bastante por ser largo abaixo do cós e segurou o seu pau. — Caramba, Sean.

— É sério, eu... — ele gemeu quando ela o segurou e deslizou a mão por ele, claramente gostando muito do que fazia.

— Mas eu quero, quero muito — ela empurrou o calção para baixo e já que ela estava a fim, ele deixou ela fazer o que quisesse. O membro duro descansou, pesado e quente entre eles e Bea o acariciou. — Você quer mesmo bancar o cavalheiro com uma ereção desse tamanho? — ela abriu um enorme sorriso.

Ela empurrou a única peça de roupa dele com os pés e a chutou para fora da cama, depois se colou a ele, mas Sean a puxou para cima do seu corpo. Bea se equilibrou sobre ele e apoiou as mãos no seu peito.

— Assim que você quer? — ela perguntou.

Ele agarrou os joelhos dela, afastando mais e dobrando as pernas, realmente a levantando sobre ele, deixando-a aberta para o que queria. Segurou seu pau que ele sentia latejar e direcionou.

— Não me faz esperar mais, eu preciso ficar dentro de você.

Ou ia enlouquecer. Disso ele tinha certeza. E seu gemido foi de prazer e alívio quando ela desceu, deixando-o penetrá-la, movendo o quadril de pouco em pouco para aceitá-lo inteiro. Ele quis perguntar a ela se estava tudo bem. Mas ela estava ótima, apoiando seu peso nele e impulsionando seu quadril para senti-lo entrando e saindo. Beatrice se inclinou para frente, mudou seu apoio para os ombros dele e bateu seu quadril contra o dele, convidando-o a ajudar.

Sean segurou nos joelhos dela, apertando com muita força, mas ela não ligou, ele estava ajudando mais do que gostaria. Fincou os calcanhares no colchão, manteve as pernas levemente dobradas e a empurrava para cima, ouvia o som do choque entre eles e sentia seu pau batendo no fundo.

Perfeitamente no fundo. Ela gemia constantemente, rebolando aquele quadril para provocá-lo, como se houvesse algum jeito de ele ficar mais vidrado nela.

Aliás, vidrado até demais. Ele soltou os joelhos dela antes que a machucasse de verdade e enfiou os braços por baixo do travesseiro onde estava sua cabeça. E segurou ali, com força para se conter, jogando o quadril com mais embalo e perdendo a cabeça com a forma como ela empurrava contra ele. Sean trincou os dentes, ele não podia soltar dali. Ele ia derrubá-la na cama e montar em cima dela, ia perder o controle e estocar furiosamente, apertando os dedos nas suas coxas, deixando marcas, arrancando gritos de prazer. Ele queria prendê-la embaixo dele, segura-la no lugar enquanto ela gozava, gemendo tão descontroladamente que ia sair agudo e ela ia xingá-lo como só fazia quando estava além do seu normal. Ele queria controlá-la, agarrando o seu cabelo e encostando seu rosto contra o colchão, metendo até o fundo e tirando completamente, tantas vezes que ela soltaria aqueles choramingos de prazer e pediria mais, achando que morreria se ele parasse.

Ele queria acabar com ela até que ela o consumisse, até o prazer chegar a doer. Não podia soltar dali de forma alguma, ele mal podia abrir os olhos. Estava faminto e tocar nela e ficar dentro dela foi como a ignição de um desejo que ele não podia mais conter.

Beatrice gemeu e chamou o nome dele, apertando os dedos em seu peito, estremecendo e gozando sobre ele, apertando-o dentro dela repetidamente. É claro que com o tesão que sentia no momento, ele não podia nem tentar conter. E teve um gostinho do que era chegar a doer de prazer quando gozou dentro dela, ofegando pela mistura do sexo e do esforço de segurar por trás daquele maldito travesseiro.

Deixando-se descansar sobre o corpo dele, ela segurou seu rosto e o beijou com carinho e uma enorme vontade de sentir o seu gosto, mordeu seus lábios e enfiou os dedos pelo seu cabelo escuro, esfregando a língua pela sua e movendo levemente o quadril.

— Você é tão bom que eu quero te morder mais vezes — ela deu uma mordidinha no seu bíceps esquerdo, já que seus braços continuavam para cima e com os movimentos, o travesseiro acabou empurrado.

— Para de me provocar — ele disse.

— Por que? Você gosta — ela se moveu e deitou ao seu lado, mas continuou junto a ele.

— Gosto mais se vou ganhar algo com isso.

Ela sorriu, com a penumbra no quarto ele podia ver, mas não tanto quanto queria. Beatrice se ajeitou para perto dele, passou a perna por cima da sua e beijou seu peitoral, mordiscou seu mamilo esquerdo e depois o lambeu e foi brincar no seu pescoço.

— Beatrice — ele disse, num aviso.

Surpreendendo, apesar de suas intenções escusas não serem nenhum segredo, ela levantou a cabeça e disse:

— Me dá mais.

— Não.

— Tá se fazendo de difícil pra mim?

Ele virou o rosto e deu uma olhada no monitor do bebê, esperando muito que Bel estivesse adormecida como um anjinho.

— Já olhei pra lá — ela contou.

Ele voltou a olhar para ela e finalmente tirou os braços debaixo do travesseiro e os descansou dos lados do corpo, mas ela estava colada nele e assim que viu sua mão livre, a segurou e colocou no seu pescoço. E era justamente onde ele não queria por, isso o fazia

pensar em prendê-la pelo pescoço, de costas na cama, com as pernas dobradas no ar enquanto ele a tomava com força suficiente para ela arranhá-lo.

— Infelizmente pra você, eu sei o que põe seu lado selvagem pra fora — ela disse, apertando a mão dele em volta do seu pescoço.

Era uma onda muito louca o quanto ele podia segurá-la por aquele pescoço delicado, apertar e controla-la, sem realmente machucá-la, mesmo sabendo que... Sean balançou a cabeça e a encarou.

Dava para ver seus olhos dourados no quarto mal iluminado. Ela desceu sua mão pelo seu corpo e deitou mais, descendo na cama. Ele acompanhou com o olhar e se virou, pegando sua coxa e Bea a levantou para ele e foi justamente isso que ele usou para virá-la de lado bruscamente.

Em resposta, ela riu quando aterrissou de lado, animada em ganhar o que queria. Ele passou o braço em volta dela, prendendo-a e agarrou sua coxa, levantando alto, para lhe dar todo acesso que queria. Ela prendeu a perna sobre a dele e se esfregou contra seu corpo, sentindo perfeitamente o pau duro contra o seu traseiro. Claro que sim, com o desejo que dominara seu corpo, Sean nem conseguia se deter e endureceu de novo mais rápido do que o seu normal.

— Segura — ele mandou, apertando a coxa dela e a puxando ainda mais, sem deixá-la sair da posição.

Bea deslizou a mão pelo membro duro e moveu o quadril, sentindo a cabeça deslizar sobre seu sexo.

— Agora me coloca dentro dessa boceta molhada — ele apertou mais forte, como incentivo.

Beatrice não conseguia ver, mas o sentia deslizando para o lugar certo e ele empurrou o quadril, penetrando-a até estar todo dentro dela. Ela soltou um "Ah" prolongado de prazer e deitou a cabeça.

Ele repetiu o movimento várias vezes, escorregando cada vez mais, batendo com mais força a cada vez e ela não conseguia se mover, presa por ele. Tudo que conseguia fazer era mover as pernas e sentiu quando ele soltou, deslizou a mão pelo interior da sua coxa e encontrou seu clitóris escorregadio e excitado. Assim que o

acariciou ela se abriu mais, gemendo prazerosamente, enquanto ele a tocava e a fodia, movendo os dedos com força, até com violência e logo ela estava gozando contra os dedos dele e em volta dele.

— Mais? — ele perguntou perto do ouvido dela, pela forma como a estava segurando.

— Mais! — a voz dela saiu falha e aguda, mas a intenção foi uma exclamação. — Goza em mim, Sean.

Ele a segurou pela parte de dentro da coxa, deixando-a o mais aberta que aquela posição permitia. Beatrice podia sentir a dor do aperto dele e gostava da sensação, ele estocava buscando o próprio orgasmo dessa vez, ela podia senti-lo inteiro dentro dela, com suas bolas batendo no seu sexo quando ele ia até o final com muita fome. Ela soltou um gritinho, sentindo-se estremecer novamente e ele fechou os olhos, sua mão escorregou até seu tornozelo e ele a segurou ali, mantendo sua perna no ar e começou a gozar, demorou no processo, marcando-a mais a cada jato. Com certeza sentiu como descarregar a longa espera, tanto que ele escorregou para fora do seu sexo repleto de sêmen.

Quando Sean soltou sua perna, ela caiu sem forças. Beatrice podia sentir a ardência no tornozelo onde ele segurou por último e ficaria uma marca na sua pele, mas os pontos onde ele segurou na sua coxa também iam guardar a forma dos seus dedos. Ela se encolheu de lado, sentindo os ecos de prazer ainda ecoando pelo seu corpo, mantendo seus olhos fechados porque suas pálpebras estavam pesadas. Ainda podia senti-lo no seu corpo e queria manter a sensação um pouco mais.

Ficou silêncio por um minuto, dava para ouvi-lo ofegar e acompanhar sua respiração voltar ao normal e o grunhido que ele emitiu quando voltou a ficar de lado.

— Bea... — ele acariciou seu ombro e se inclinou para vê-la. — Tudo bem?

— Aham... — ela não abriu os olhos, só assentiu com um sorriso na face.

— Vem cá — ele disse, tentando virá-la para tirá-la dali.

— Não, não... — se mexer não era uma boa opção no momento, só quando seu corpo e especialmente suas pernas voltassem a

funcionar.

— Eu te carrego, juro. Ficou uma bagunça.

— Até parece que nunca fazemos bagunça, só faz um longo tempo que não fazemos — ela murmurou, ainda de olhos fechados.

Sean franziu o cenho e soltou o ar, deixando seu corpo afundar na cama. Aquela roupa de cama ia ter que ser trocada e lavada assim que eles levantassem.

Um tempo depois, o choro de Bel os acordou, tanto o som vindo lá do quarto quanto o que saía bem alto do monitor. Beatrice franziu o cenho e só abriu os olhos, seu grande esforço preguiçoso só tirou sua perna do lugar.

— Tudo bem, minha vez — ele disse essas palavras abençoadas e levantou.

Em resposta, Beatrice sorriu e fechou os olhos, pensando que podia mesmo ter acertado na loteria dos pais de bebês. Claro que ele não fazia mais do que a obrigação dele ao levantar e cuidar da filha, mas como Sean estava mesmo sendo o máximo, ele super merecia um maravilhoso sexo oral agora que ela estava interessada nisso outra vez. Ela faria isso em alguma oportunidade próxima. O que no caso deles, na atual situação, era melhor não marcar na agenda. Ela dormiu de novo e nem o viu voltar para a cama.

Capítulo 5

Eu adoro os dias que você tira para me provocar. Porque eu sei que ganhando ou vencendo, no final da brincadeira vou acabar com minhas mãos no seu corpo e minha boca na sua e você vai passar a noite inteira nos meus braços.

— Parabéns Belle! — disseram os convidados, sorrindo, batendo palmas e tirando fotos enquanto Beatrice balançava a filha por trás do bolo de seis meses.

O bebê obviamente não fazia ideia do que estava acontecendo, só sabia que era um bando de gente e muita estimulação sensorial para processar. E tinha aquela coisa bonita e apetitosa, o naked cake que estava no meio da mesa e ela queria muito enfiar a mão nele e a mãe ficava a impedindo.

— Vem com a vovó — disse Belinda, pegando a neta. Agora que Belle havia resolvido parar de estranhá-la, estavam num amor só.

— Olha só que coisa mais fofa — disse Gwen, depois de tirar uma foto de Belinda com a neta e devolver o celular.

Belle estava num vestido rodado com detalhes brancos e vermelhos. Uma loucura de fofo, mas já tinha chutado o sapatinho para longe. No começo da reunião familiar, quando ainda estavam todos impecáveis e Belle estava com os sapatinhos e o cabelo no lugar, Beatrice deu o celular para Jared tirar uma foto de Sean segurando aquela coisa fofa no colo enquanto ela se aconchegava a eles. E desde que o bebê nasceu, foi a foto mais íntima que ela postou no Instagram. Fazia só uma hora e já tinha quatrocentas mil curtidas e tinha ido parar na People e em todos os sites especializados.

— Confessa que sou o padrinho mais amado desse país — disse Jared, passando com Belle num braço e segurando um salgadinho na outra mão.

É claro que Belle queria pegar o salgadinho dele e ficou super intrigada quando ele o enfiou na boca e ela não viu voltar nada para ela pegar.

— Tira uma foto disso! — exclamou Tess, apontando para Tibby e Belle. A menina havia trazido um chapéu igual ao seu de presente para a prima e agora ambas estavam com eles.

— Mas gente, elas parecem mais irmãs — disse Cherry e levou uma cotovelada de Rose. — Ué, ninguém mandou ela casar com um cara que parece primo dela. — completou e levou outro cutucão.

— Olha, ela não estranha o vovô — disse Nikko, todo feliz, segurando a neta mais nova que tinha e parando para posar para uma foto. — Eu estou mesmo ficando velho, agora tenho neta da minha caçula. Juro que a ficha demorou a cair — ele abriu aquele seu enorme sorriso, sua marca registrada.

— Para de palhaçada. Eu estou na minha última bisneta e você se achando velho? Vira essa máquina para cá, tem que tirar foto minha com a nova geração enquanto estou viva — disse Agatha, se sentando numa poltrona perto e esperando colocarem Belle no seu colo para a foto. — Olha só esses olhos. Herdou bem, amor — ela se derreteu toda quando a menina riu pra ela. — Ah, a bisa vai sentir muita saudade quando for embora — ela disse ao bebê.

Até Joce que costumava ter muito receio de segurar um bebê, estava acostumada a ideia. Ela morava na cidade e sempre os visitava, tanto que Belle não a estranhava, pois desde que nasceu ela costumava vê-la algumas vezes ao mês. Sean e Beatrice haviam basicamente a adotado para sua família e agora eles também eram como a família dela. Ali ela era tia Joce para Belle.

— Olha, como ela gosta de mim — ela mostrou, enquanto segurava Belle por um momento, para também sair nas fotos.

— Você até rola no chão para ela — brincou Kevin, olhando-a com pura ternura.

Eles estavam morando juntos agora e tinham até resolvido mudar o status para noivos, mesmo que não estivessem pretendendo casar em breve. Mesmo assim, Kevin estava pronto para o momento que ela quisesse marcar a data. Joce estava procurando temas e lugares para o casamento e dizia que assim que decidisse, iam marcar a data. Ele seguia aguardando e procurando convencê-la todos os dias, só para garantir. Afinal, Kevin era o tipo precavido. Ela já havia fugido de volta para a Inglaterra uma vez e ele não queria arriscar.

— Pausa tudo, vai chorar — anunciou Agatha e como todos pararam no lugar, deu para ouvir aquele início de choro, meio soluçado.

— Ah, vem cá. Todo mundo está comendo, menos você, não é? — Bea pegou a filha e Bel já estava soltando aquele chorinho de reclamação. — Juro que também não consegui comer.

Elas deixaram os convidados por um momento e Beatrice levou a filha para a sala de leitura onde era silencioso e a amamentou. Bel ficou bem mais feliz, pronta para voltar a toda a animação.

Beatrice até achou que ela ia tirar um cochilo depois de mamar, mas nada. Estava pronta para mais.

Quando retornou, Beatrice finalmente conseguiu sentar e comer um pouco de todos os quitutes que encomendou para a pequena comemoração. Havia sido uma ótima desculpa para reunir todos e ainda comemorar os seis meses de Belle. A festa de um ano não seria muito maior, eles não viam uso para festas gigantescas para um bebê tão pequeno, fariam isso quando ela entendesse melhor. Porém, com certeza seria maior na questão dos convidados, o que acabaria necessitando de outro tipo de logística. Ela olhou em volta e viu que Belle estava com Candace agora, sendo mimada como nunca foi num dia só.

E Sean não estava mais comendo bolo onde ela havia o deixado, estava lá no canto conversando com Jared, com certeza um daqueles assuntos que não era para os inocentes convidados da festa imaginarem. Eles falavam baixo e não pareciam exatamente felizes, mas se mantinham alertas para ninguém se aproximar sem que eles percebessem. Depois se afastaram, Sean recuperou seu pedaço de bolo pela metade e Jared foi sentar perto de Gwen, onde arranjou mais salgadinhos.

— Vamos para as fotos familiares — chamou Tess, parando atrás da câmera que estava sobre o tripé, lá na sala de visitas.

Para a festa de um ano eles iam precisar do fotógrafo, ainda bem que Bea conhecia uma profissional ótima que fez as fotos deles quando liberaram para a imprensa pela primeira vez.

— Por isso que eu amo o bebê das amigas, quando chora a gente devolve pra mãe — disse Hartie que tinha se voluntariado para o

papel de tio. Agora não só quando vinha encontrar Beatrice em casa, mas quando Bel ia lá no escritório visitar. — Toma que a bomba é sua — ele devolveu a menina a mãe.

Beatrice abraçou seu bebê, balançou com carinho e deu beijos na sua cabeça. Ao mesmo tempo que estava muito feliz por ela já estar maior, estava pensando que ia sentir falta de abraçar aquela coisinha pequena que podia englobar nos seus braços. Ela tornou a arrumá-la e recolocou o sapatinho para as fotos em família.

— Sua vez de sair com ela nas fotos — ela disse, passando Bel para Sean.

A menina se agarrou na gola dele e foi uma luta para fazê-la soltar e se virar para olhar a câmera, agora que estava agarrando coisas, ela estava terrível. Era melhor tirar o colar antes de pegá-la, mas por incrível que pareça até que cabelos longos não estavam sofrendo nas suas mãozinhas gorduchas.

A menos que fosse o da mamãe, aí ela abraçava, crente que estava fazendo carinho, mas estava puxando o cabelo.

— Ah, meu Deus! Ela já aprendeu a mandar beijo! Olha isso — disse Tess, rindo do movimento estranho que Belle fazia com a boca e parecia um beijinho.

— Bee-eel! — chamou Tibby mandando beijo para ela e tentando chamar sua atenção.

Depois das fotos, Bel foi tirar seu cochilo merecido, não antes de Bea tirar uma foto dela babando no ombro do pai, já dormindo e com o cenho franzido. Os adultos tinham seus assuntos e mesmo depois que os convidados foram embora, os hóspedes ficaram pelo apartamento. Os Stravos iam embora daqui a um dia e Jared ia ficar mais uns dois dias na cidade, mas ele ficava lá na penthouse.

— Cansei — disse Bea, esticando as pernas sobre a cama.

Sean largou o celular e sentou na poltrona perto da janela, deixando a cabeça cair para trás.

— Acho que depois de toda essa animação, vamos precisar acordar a Bel para o jantar, se ela for direto vai ficar acordada até tarde.

— Duvido! Para comer ela com certeza acorda sozinha. Espera só — riu Bea.

— Comilona igual a mãe?

— Ah, para de ser bobo. Sua mãe disse que você comia loucamente nessa idade, não parava de chorar se tirassem a mamadeira ou o peito e você não estivesse satisfeito. Por isso que ficou desse tamanho — ela brincou.

— Você sabe o que a sua mãe me disse? — ele perguntou.

— Não ouse repetir se não quiser ir dormir no sofá — ela avisou, imaginando muito bem o que sua mãe esteve contando sobre quando ela era um bebê.

— Péssimo dia para me pôr para fora do quarto, Bea.

— Não estou nem aí, se vier com aquela história de bolotinha...

— Sua mãe que disse que você era uma bolotinha quando era um bebê — ele disse rápido.

Ela pegou uma almofada e jogou nele.

— Foi você que tocou no assunto — ele lembrou, se divertindo.

— Vai dormir do seu lado da cama hoje — ela cruzou os braços.

Ele apenas sorriu levemente e levantou de lá, indo para a cama e se jogando do seu lado. Ele pegou o controle e acionou a TV que desceu do suporte no teto onde ela se escondia. Sean olhou o relógio e esperou até o aparelho descer completamente e ela já ligou no canal do jogo. Sim, quando podia ele acompanhava o campeonato de futebol americano. E ele era New York Giants desde pequenininho. Assim como Beatrice era Baltimore Ravens desde sempre. O que ocasionava muita provocação e guerra doméstica quando os dois times se enfrentavam. E a implicância era liberada, mas nenhum dos dois podia contar muita vantagem porque o último título do Giants foi em 2011 e do Ravens em 2012. Só que o Ravens era só bicampeão da NFL enquanto o Giants já era tetra, mesmo que fossem títulos muito espaçados, para ambos.

Ou seja, o choro e a zueira eram liberados em dias de jogo.

Infelizmente, ainda não era hora do Giants entrar em campo, mesmo assim, para amantes do esporte, acompanhar outros jogos era lei. Aliás, eles tinham um novo problema doméstico. Sean tinha seu “horário de pai” com Bel e nos últimos jogos de semana ela ficou com ele enquanto viam o Giants num dia e o Jets no outro. Ambos times de NY. Bel não prestava atenção na TV, até porque eles

não deixavam que ela ficasse muito tempo olhando o aparelho, mas ficava excitada e pulando no lugar quando o pai levantava e comemorava um touchdown do seu time.

Porém, Bea disse que Bel não seria Giants nem por cima do cadáver dela. Sean argumentou que ela não ia ser Ravens, pois não ia crescer em Baltimore para se apaixonar pelo time da casa. Isso ainda ia dar muita discussão.

— Sean... — Bea chamou, depois que ele ficou em silêncio assistindo ao jogo e ela havia passado os últimos minutos na internet do Ipad.

Ele virou o rosto para ela e esperou.

— Quando você vai voltar? Digo, para o trabalho.

Ele ia trabalhar todos os dias da semana, então sabia muito bem do que ela estava falando.

— Não sei.

— Você quer voltar, não quer?

— Sim.

— Você está inquieto, está cada dia pensando mais nisso.

— Não...

— Eu posso ver, Sean. Você fica inquieto em casa. Fica preocupado, sai para falar ao celular. Vai lá para cima quando vai demorar falando. Desce para falar com os garotos no primeiro andar.

— Eu estou bem, Bea.

— E fica monitorando daqui, por isso tem passado tanto tempo lá no primeiro andar.

— Eu decidi que quando a Bel nascesse, eu ia dar um tempo.

— Você já está fora há seis meses. E na maior parte da minha gravidez, você não ia mais, só voltou para ir naquele caso que... bem, aquele que você me contou, dos bebês.

— Eu estou bem seguindo daqui — ele assegurou.

— Duvido. Eu não quero te prender. Foram seis meses, acho que você precisa. Está até mais estressado ultimamente.

— Eu não estou preso. Eu precisava ficar mais tempo em casa, com você e com a nossa filha. Eu não quero perder mais do que eu já perco ficando fora a maior parte do dia. Eu queria ter filhos para vê-los crescer. Eu não quero ficar longe de você quando precisa de

mim. E eu não quero me desconectar de você, não agora quando estamos indo e voltando.

— Não estamos indo e voltando — ela franziu o cenho para ele. — Mas agora que estamos juntos, dormimos juntos, comemos juntos, partilhamos nosso tempo e conversamos, eu não deixo mais de ver as coisas. Eu vejo você. Eu sinto você. E eu sei porque está assim, estranho. Está sentindo falta de ir junto com os garotos resolver os seus casos. Salvar aquelas pessoas. Faz parte de você, salvando-as ou perdendo-as, eu já entendi que é o que torna você o que é.

Sean ficou olhando, perdido por um momento. Ele balançou a cabeça e ficou dividido sobre qual assunto tratar, estavam misturando ali. E procurando o ponto para continuar, depois de assimilar o fato de que ela havia o entendido perfeitamente. Não foi surpresa o fato de ele escolher o assunto que tratava sobre eles.

— Nós estamos, Bea. Num momento está bem e no outro nos fechamos e nos afastamos. E eu acabo te fazendo aquelas perguntas cretinas. E você não fala nada quando nota que eu me afastei, fica amuada e me olhando como está olhando agora. Numa mistura de desconfiança e preocupação.

— Eu não faço isso.

— Faz, droga. E eu faço alguma coisa errada que causa isso. E você faz um bando de coisas para me fazer recear voltar no tempo. Eu sei que termina naquela sensação de afastamento. De desconexão.

Ela voltou a olhar para frente e pensou por um momento.

— Acho que todos os casais fazem isso.

— Nosso problema é o nosso histórico — ele lembrou.

— Mas a gente prometeu que não faria nada daquilo de novo e estamos indo tão bem. Só que isso que você está fazendo de ficar aqui preocupado e tentando controlar o que acontece lá, funcionou por um tempo. Agora, depois de tantos meses, está causando exatamente isso que você falou. Você está se fechando pra mim, está ficando estressado em casa. E finge que não tem um pesadelo sequer. Eu durmo com você todos os dias.

— Eu não sei porque você está tão preocupada com isso. Eu pensei que estar aqui com você e a Bel era mais importante do que

todo o resto.

— Porque estou preocupada com você — ela moveu os ombros. — Isso que parceiras fazem, se preocupam e prestam atenção. Eu quero que você continue delegando as viagens do GW para os seus diretores para ficar aqui com a gente, sempre que puder. Eu estou falando só do que te deixa inquieto, sem sono, preocupado, alerta, saindo para falar escondido no celular, demandando atualizações e se entocando no primeiro andar. E se fechando emocionalmente para mim.

— Eu vou parar, eu prometo — ele esticou o braço. — Vem cá.

Beatrice chegou para o lado na cama até estar bem perto dele e se aconchegou ao seu lado, deixando-o passar o braço em volta dos seus ombros e trazê-la ainda para mais perto.

— Vai parar de se fechar?

— Sim.

Para ele, estava tudo bem levar o assunto até ali. E ela ficava dividida entre tê-lo ali do jeito que descreveu, ou seja, incompleto e preocupado. Ou vê-lo partir de novo. Beatrice sabia que ele precisava, ele havia lhe dito, ela havia enxergado como era parte dele.

Eu não estou podendo com a fofura de Belle Ward. Eu to apaixonada por aquela menina.

Eu pensei que minha paixão platônica e doentia ficaria só no Sean Ward. Mas Sean + bebê fofa no colo eu não aguento!!!!!! Tive um troço quando abri o Instagram e vi aquilo.

Desculpa BeaW, você estava gata, rica e eu to te odiando que parece que não pariu bebê nenhum desse corpo, mas nem te reparei na foto. Só via Sean e aquela coisinha fofa!

Enfim, já parei de babar ovo. A foto é da comemoração de seis meses da filha dos Ward.

Dá para acreditar que já passou tudo isso. Ontem mesmo eu estava postando foto da BeaW grávida, gente.

— uppersofnewyork.net — 598 comentários

Como um teste para todos eles, Sean ficou fora por três dias. Eles acharam que Bel ainda era muito nova para realmente notar, mas ela percebeu algo no segundo dia. E quando ele foi vê-la de manhã, porque na verdade entrou em casa na manhã no quarto dia, ela ficou emburrada. Choramou um pouco para ele. Ainda não dava para saber se era por falta, mas ele não passou impune.

— Talvez seja melhor você ir e voltar às vezes, para ela ir acostumando — disse Candace, vendo-o segurar a filha chorosa. — Daqui a pouco, você vai voltar a viajar de verdade e ela vai estranhar.

— Não vou ficar muito tempo longe dela — ele a carregou para fora, ia passar a manhã com ela, mas na hora do almoço ia sair para trabalhar.

— Isso é bom, fico feliz. Mas estaremos aqui caso precise, ok? Sua irmã está na cidade.

— Ainda?

— Está se decidindo sobre escola para a Tibby.

— Ela vai mesmo ficar aqui a semana toda?

— Vai, disse que quer tentar. E o Pagani não pode ficar enfiado lá na praia durante a semana, elas querem ficar com ele.

— Você ainda não parou de chamar o cara de Pagani? — perguntou Sean, divertindo-se com a mãe. — Já deu um ano, mãe.

— Só pelas costas dele — ela sorriu e pegou a bolsa. — Vou embora, tenho que gravar ainda.

Ela se despediu dele e Sean sentou sobre o tapete de atividades com Bel que tentou sentar e tombou, ele a segurou e puxou o brinquedo que estava lhe ensinando a usar, com cores, formas e botões grandes para apertar.

Sean 10:36 - Tô em casa, minha mãe já foi. Bel ta ok.

Pouco depois ela ligou para ele.

— E aí, ela estranhou?

— Não sei se foi uma reclamação. Vou descobrir no futuro.

— Espero que ela tenha reclamado. Deixa passar mais uns meses, ela vai aprender a reclamar de verdade.

— Eu não sei porque você parece estar se divertindo com isso.
— Não estou! Juro!
— Quando você vem para casa?
— À noite.
— É sério?
— Ué, você não vai estar aí mesmo.
— Eu só vou resolver umas coisas e volto.
— Ah, bonitão, então toma conta da casa e do bebê pra mim, ok?
— ela riu.
— Para onde você vai?
— Eu tenho um compromisso às seis da noite, chego umas sete horas. Prometo.
— Beatrice, o seu “umas sete” é a partir das nove horas.
— Isso foi antes de eu ter um bebezinho para cuidar. Vai ser às sete de verdade. E você está precisando passar um tempo com ela para compensar.
— Eu não acredito em você.
Ela riu dele, o som chegando claro pelo telefone.
— Vou dormir cedo e de meia e tudo para deixar meu protesto registrado — ele informou.
Agora ela estava gargalhando do outro lado.
— Duvido! — ela riu.
— Espera só.
— Então, eu vou para a cama nua. Espera só.
— Não vou ver nada, vou por aquele tapa olho de dormir.
— Vai ficar dormente também?
— Eu sou muito resistente.
— Eu sei disso, Sean — ela respondeu, num tom de duplo sentido.
— Chega, não posso ter esse tipo de conversa com você enquanto estou com o bebê.
Ela voltou a rir e eles desligaram.

* * *

Beatrice realmente entrou em casa às sete e quinze da noite. Ela foi direto ver Bel que demonstrava melhor sua insatisfação para ela.

Beatrice pedia desculpa, dizendo que havia morrido de saudade enquanto a filha chorava contra ela, deixando sua reclamação registrada. Demorou um pouco para chegar ao quarto e quando entrou lá, Sean estava muito concentrado na reprise do jogo do Giants que ele não pôde ver. E o melhor, usando pijama. Assim que ele a viu, ficou de pé e disse:

— Meu bem, chegou cedo — ele zoou, porque nunca a chamava de “meu bem” e agora já havia dado oito horas.

Bea deu dois passos e se dobrou rindo.

— Você é ridículo! De onde você tirou isso? — ela ria, até soltou a bolsa.

— Do meu closet — ele deu a volta na cama. Estava usando o pijama completo, com a calça larga de cordão e a parte de cima que parecia um paletó, fechado até o pescoço. — Alguém me deu isso.

— Não te vi usar isso nem quando estava nevando, você é uma piriguete que não sente frio.

— Claro que sinto, estou congelando. Vou até pôr as meias.

Beatrice se aproximou e parou no meio do quarto, então se indicou para ele.

— Ah, você não está doido para pôr as mãos em mim?

As mãos e muito mais...

Sean levantou a sobancelha e desceu o olhar por ela, hoje estava de blusa leve e saia lápis de cintura alta, já havia tirado o casaco ³/₄ que usou na rua e também o salto que esteve usando. É claro que ele queria pôr as mãos nela e fazer miséria, no entanto, tinha que honrar sua promessa. E ela estava rindo muito dele.

— Não — a expressão dele enganava bem, mas seu tom não foi tão certo.

— Poxa... — ela puxou a blusa de dentro da saia e começou a desabotoá-la. — Eu pensei que ia chegar em casa e encontrar meu marido quente e sedento por mim.

Fervendo seria a palavra certa, ele pensou. Sempre voltava cheio de tesão quando viajava e ficava dias sem tocar nela.

— Bebi copos e mais copos de água gelada para abaixar meu fogo, você não faz ideia — ele brincou.

Bea gargalhou, duvidando muito que ele houvesse feito isso. Como já estava na brincadeira, ela tirou a blusa e depois desceu o zíper da saia, olhando para ele como se estivesse fazendo algo que não sabia o final. Quando terminou o zíper, arregalou os olhos, fingindo surpresa.

— Oh! Ela abre — ela brincou. — Uma pena que você não vai ver o resto — ela foi para o banheiro, com a saia aberta mesmo, mostrando a lateral da calcinha.

Assim que ela entrou no banheiro, ele soltou o ar e depois os ombros. Pensando: *Resista. Prove que consegue.*

Em geral, ele só conseguia quando estava irritado com ela. E anos de afastamento provaram que era capaz, quando ela também estava o ignorando. Não quando estava o provocando.

— Péssimo dia para isso, Sean. Péssimo — ele saiu do quarto e resolveu que jantar era sua melhor defesa.

Até no jantar, ela estava se divertindo, olhando para ele com um sorriso. Ele não devia tê-la esperado, educação perdia apostas. E ela sempre ganhava as apostas, porque ele até preferia perder, conseguia ver vantagem em perder e ficar com ela como prêmio. Pois bem, hoje ele resolveu que ia ganhar. Contra todas as probabilidades.

— Eu a coloco para dormir — ele se ofereceu, pegando Bel no colo.

Beatrice estava achando-o engraçado demais naquele pijama. Não tinha nada demais, a cor era até bonita, azul escuro. E tinha uns detalhes engraçados na gola e nas mangas. Como Sean era uma piriguete enrustida que só se manifestava nas roupas de dormir, ele usaria a calça no inverno, mas coisas de manga e com gola o incomodavam para dormir, ele arrancava na primeira oportunidade.

Ela ia deitar rindo ao pensar que ele ia ser forçado a usar aquilo a noite toda.

Aproximando-se, ela deu um beijinho de boa noite em Bel e a deixou para ir dormir com o pai, mas não sem antes dizer:

— Ótimo, então eu vou lá para o quarto tirar minha roupa e deitar naquela cama macia.

Ainda deu tempo de vê-lo fechar a cara e ir embora levando Bel. Depois, Bea quase engasgou rindo quando ele apareceu ao seu lado no espelho do banheiro para escovar os dentes. Ela simplesmente olhava para ele e queria rir. Sean não tinha nada cômico, pessoas que o conheciam não o classificariam como engraçado e a imagem dele não evocava nenhuma graça. Porém, quando o via enfiado naquele pijama grande, fazendo a cara mais cínica, ela gargalhava.

— Sabe quem eu vi essa semana? — ela deu a volta na cama, hoje estava usando um dos seus robes de seda, havia até escolhido um mais curto.

— Eu vou gostar de saber?

— Claro, foi sua antiga amiga colorida, a Alva. Ela vai se casar!

— De novo? — ele levantou a sobrancelha. Não andava mais com ela, mas ainda tinha contato com seus conhecidos de NY.

— Sean, é uma notícia boa, dá para mostrar alguma animação?

Ele franziu o cenho e enfiou o tapa olho por cima da cabeça.

— É o quinto casamento?

— Terceiro! — ela respondeu, como se fosse um absurdo ele contar mais dois.

— Por que você está animada? Eu não vou em outro casamento dela.

— Ah, Sean... — ela abriu o robe e ele puxou o tapa olho o mais rápido que pode. O que os olhos não veem o coração não sente e assim ele não bombeia sangue para a ereção que com certeza ia dar sinal.

— Não vou.

— Ela era amiga sua.

— Já fui nos dois primeiros, o segundo eu nem me lembro porque concordei em ir. Mal lembro da cara do ex-marido dela.

Beatrice parou ao lado da cama e ficou muda por um momento.

— Eu sei porque concordamos em ir ao segundo. Para sairmos juntos, estávamos numa daquelas baixas em que quase não nos víamos porque não havia eventos para ir. Acho que estávamos desesperados para ter algum contato um com o outro. Nós até dançamos juntos no casamento. Eu mal respirava enquanto você me segurava para a dança, seu cheiro invadia meu nariz e eu não sabia

se devia fingir um sorriso ou te perguntar se ia passar a semana em casa.

Sean sentou na cama, tirou o tapa olho e olhou bem para ela.

— Bea... — ele chamou, como se estivesse lhe avisando que não ia falar de novo.

Em resposta, ela fez aquela sua expressão magoada.

— Lembrar disso é golpe baixo e você sabe — ele avisou.

Bea continuou com aquela cara e subiu na cama, jogando o robe para o lado, mas não estava nua como ameaçou, estava com a camisola que era conjunto do robe. A seda era sensual, mas ela não ia dizer que ainda não estava assim tão confortável com o próprio corpo para desfilar nua e com a luz acesa. Estava recuperando sua autoconfiança. E esperava que Sean não notasse ou ele provavelmente daria um jeito nisso.

— Eu senti sua falta.

— Ainda é golpe baixo — ele voltou a deitar e abaixou o tapa olho.

— Você não sentiu minha falta?

— Eu sempre caio nisso, Beatrice.

Ela soltou um muxoxo e também deitou.

— Eu vou me tocar sozinha.

— Beatrice — ele disse entre os dentes, tentando que essa imagem não se cravasse no seu cérebro ou a ereção não ia descer facilmente.

Tarde demais.

— Vou lá no armário pegar umas pilhas para o meu coelhinho — ela disse baixo.

Dessa vez não deu para aguentar, ele riu e ela também. Então Bea apagou o abajur, se virou na cama e se apoiou sobre o peito dele.

— Tira esse troço do rosto e me beija — ela disse.

— Não.

— Por quê? Eu nem coloquei a calcinha.

Ele abriu um sorriso. Divertir-se com ela era precioso, afinal, foi assim que eles começaram.

— Já estava na hora de você voltar a vir para a cama sem calcinha. E eu não coloquei a cueca, mas isso não muda nada. Se eu

te beijar, perco o jogo.

— Sério que não? — ela desceu as pontas dos dedos pela barriga dele.

Sean agarrou a mão dela e a parou.

— Como sempre — ele lembrou.

— Você tem certeza que não quer um agradinho oral? Eu estou oferecendo...

— Eu vou te cobrar tudo isso. Não vou esquecer nada do que você me disse.

— Amanhã eu vou dormir de cinta e calça jeans — ela disse, deitando ao lado dele e se virando.

— Eu não acredito que pela primeira vez, desde que te conheci, eu vou vencer uma aposta na cama.

— Você me paga. Sou uma péssima perdedora.

— Eu sei disso, Beatrice. Você me disse isso no dia que nos conhecemos. Acho que aquela foi a última aposta que ganhei de você. Até hoje.

— Eu lembro disso. Do Gerry caindo na piscina, ele ainda é o diretor de lá?

— Sim, tão doido quanto, só que uns anos mais velho.

Bea se virou na cama e o olhou, mas ficou sorrindo sozinha, forçando sua memória a voltar aquele dia. Até abriu uns sorrisos, voltando as partes da conversa que ela lembrava. Então decidiu que depois de tanto tempo, ele merecia ganhar a aposta.

* * *

Um dia depois, era sábado de tarde quando Bea entrou no quarto e se surpreendeu ao escutar barulho. Ela achou que Sean ainda estivesse praticando lá na academia. Ela apertou o controle que escondia a TV no teto e se virou ao ouvir mais barulho, Sean saiu do banheiro, ainda úmido do banho e usando só uma toalha em volta da cintura.

— Você sabe quantos graus está lá fora? — ela perguntou, um tanto deslumbrada com toda aquela exibição de pele ainda brilhando

pela umidade, até o cabelo dele ainda estava úmido. Devia estar todo cheirando a sabonete e xampu.

Delícia! — pensou Bea, animada.

— No meu banho estava bem quente — ele se aproximou e parou a alguns passos.

Um sorriso muito leve apareceu no rosto dela enquanto o olhava.

— Tira a roupa — ele disse.

— É sério?

— Agora, Beatrice.

— Isso tem alguma coisa a ver com a Rita estar aqui em casa no final de semana e no meio da tarde?

— E ganhando bem para isso. Tira tudo.

Ela abriu o suéter e o jogou na cama, parecia que tinha acabado de ganhar um presente. Depois tirou a camiseta e passou por uma rápida hesitação ao olhar na direção das janelas. Estava claro à beça ali e ela não se expunha desse jeito fazia um tempo. Sean não dava a mínima para isso, o que ele queria era tê-la para ele logo. Por isso puxou a toalha e soltou, ficando nu ali mesmo, para deleite dela. O olhar de Bea desceu com certo assombro e apreciação, ele tinha o poder de fazer parecer que nunca tinham feito isso antes. Ele surtia esse efeito e totalmente nu ali e excitado, ela estava soltando os botões do short bem rápido e depois o empurrou para baixo.

— Mais rápido — ele disse.

Ela soltou o sutiã e tentou não se preocupar com isso, depois desceu a calcinha e ficou tão nua quanto ele. Então, levantou a cabeça e o olhou com desafio.

— Gostou?

— Você é deliciosa.

Ele estava ficando mais e mais duro à frente dela, estimulado pela visão dela e não precisava de prova mais clara de que não estava mentindo.

— Para meu coração até hoje quando olho para você — ele se aproximou dela e Bea soltou um sonzinho fraco quando ele segurou seu pau. — E só você faz isso — ele moveu a mão pelo membro.

Não dava nem para fingir que não estava olhando, Bea estava prestando atenção nos “detalhes” e umedeceu os lábios quando ele

chegou perto. Agora ela estava doida para tocá-lo também.

— Vem cá — ele levantou as mãos e a chamou.

Obedecendo, ela foi para ele, o agarrou pelo pescoço e o beijou. Sean a pegou pela cintura e a puxou contra ele, encaixando seus corpos e aproveitando para sentir cada pedacinho dela, apertando bem com as mãos para ela lembrar que era assim que ele gostava.

— Eu quero o que você me ofereceu ontem — ele a afastou pelo rosto e a encarou.

Beatrice umedeceu os lábios e colocou as mãos nos ombros dele, puxando para baixo até ele sentar na beirinha da cama. Depois ela o olhou de cima para baixo e sorriu:

— Caramba, quanta coisa — ela moveu as mãos no ar, excitada em ter Sean inteirinho, nu e preparado para o seu prazer. — Você realmente me faz sentir como aquela garota que entrou num quarto com você pela primeira vez.

Convencido, Sean colocou as mãos para trás, exibindo melhor tudo que ela tinha e disse:

— Posso te foder como na primeira vez, você quer? — ele estava brincando e fazendo uma proposta indecente ao mesmo tempo.

— Claro que quero — ela o empurrou. — Vai para trás.

Ele deitou e ela o escalou, parando em cima dele, com uma perna de cada lado e as mãos passando pelo seu peito.

— Eu teria sido tão boa para você se tivesse ganhado a aposta — ela lembrou.

— Você vai ser boa comigo agora. Muito boa. A melhor — ele decidiu.

Claro que ia, ela começou a ficar excitada quando ele saiu do banheiro com aquela toalha bem mal presa na cintura.

— Vai ser uma tortura tão prazerosa... — ela abaixou e beijou seu pescoço, desceu roçando o lábio pela sua pele, sentindo seu cheiro, esfregando o rosto nele e sorrindo pelo contato.

— Eu gosto, continua aí — ele respondeu, abrindo os braços dos lados do corpo.

Beatrice brincou nos mamilos, divertindo-se por ele corresponder tanto aos toques, especialmente ali. Ela lambeu sobre eles e levantou o olhar divertido para ele, então mordeu e depois esfregou

os dedos. Foi mordiscando em volta e lambendo como desculpa. A mistura o excitava, fazia seu pau latejar, mais ainda quando ela olhava para ele e esfregava sua língua úmida nos mamilos masculinos e pequenos. Ficavam uma graça quando eretos, perfeitos para brincar.

— Seu gosto é bom demais, eu podia brincar aqui por horas, ouvindo esses sons roucos da sua garganta — ela provocava, aproveitando seu dia por cima.

Descendo sobre o corpo dele, ela lambeu pelas leves entradas e protuberâncias dos músculos do seu abdômen e brincou no seu umbigo, chegando logo a cabeça do seu pau rígido descansada sobre seu ventre liso. Beatrice lambeu a glande e deu leves sugadas, mesmo sem tocá-lo. Podia senti-lo reagir sobre suas palmas, sua respiração acelerou e seus músculos se retraíam enquanto ela lambia e sugava pela extensão do seu membro, ainda sem tirá-lo do lugar.

— Resistindo bem, Sean?

— Puta merda — ele resmungou entre os dentes.

Num movimento rápido ela o escalou novamente, montou seu quadril e se ajeitou sobre ele. Só parou ao sentir seu pau sob o seu sexo úmido, foi para frente e para trás sobre ele, excitando-se com os movimentos. Sean podia senti-la esfregando-se perfeitamente, seus grandes lábios roçaram seu pau até ela se apertar contra ele, deixando-o experimentar o toque contra o seu clitóris enquanto o lubrificava com sua excitação.

— Bom assim, Sean?

Ele segurou os joelhos dela e abriu os olhos, encarando-a com aquele olhar entrecerrado de prazer e desejo.

— Mais, eu sei que você está mais molhada do que isso.

Apoiando as mãos para trás, ela deslizou por ele, até sentir a glande do seu membro passar sob a entrada do seu sexo, deixando-o mais escorregadio pelo tanto que ela estava excitada. Ambos gemeram enquanto ela ia e voltava sobre seu pau, deleitando-se com o prazer que sentiam juntos.

Resistindo a vontade de simplesmente iniciar a penetração para conseguir prolongar a sensação.

Aos murmúrios ele pedia mais e ela se apoiou no peito dele, deixando-o sentir seu sexo da pontinha do seu clitóris a entrada da sua vagina.

— Lembra de como eu fiquei excitada no meio da gravidez? — ela perguntou baixo, olhando para ele, sem parar de se mover, notando que ele não conseguia mais ficar com o quadril parado. — E você me fodia bem gostoso, todo atencioso, mas trincando os dentes, com receio do que podia fazer comigo.

Ele gemeu em resposta e subiu as mãos, apertando seu quadril, movendo-se para sentir cada pedacinho dela no seu pau.

— E você esfregava o meu clitóris o tempo todo enquanto me fodia e eu gozava sem parar, só que você nem metia até o fundo e depois gozava bem em cima do meu clitóris e me fazia gozar de novo. Completamente úmida — Bea fechou os olhos, excitada com seus movimentos e a lembrança.

— Caralho, Bea. Eu vou gozar — ele puxou o ar, apertando-a contra ele.

— Era tão bom...

— Você ficava tão molhada... Escorregava tanto pelos meus dedos, tão quente, eu queria te chupar o tempo todo — ele fechou os olhos e gemeu. — Eu adoro quando você faz isso.

— Eu estou muito molhada agora, vou ficar mais se você gozar pra mim.

Dessa vez ele a segurou com mais força e gemeu, forçando-se a abrir os olhos.

— Esfrega esse clitóris no meu pau e eu gozo o quanto você quiser.

Ela deu um gemidinho, sem conseguir parar de se mover para gozar contra ele, sentindo que estava quase lá. Seu sexo pulsava e ela começou a estremecer em êxtase, inclinando-se para ele gozar nela. Sean gemia guturalmente, segurando-a no lugar, se empurrasse o quadril ficaria dentro dela, mas começou a gozar contra a entrada da sua vagina.

— Eu adoro acabar com você — ela sorria.

Sean a agarrou pelo pescoço e a beijou enquanto eles ainda se moviam um contra o outro, nos resquícios de prazer compartilhado.

Beatrice se esticou sobre ele e o beijou avidamente, ela continuou se divertindo enquanto rolavam na cama, tentando não desconectar os beijos e cheios de mão boba no processo.

— Eu ainda estou louco de tesão por você — ele disse contra seus lábios, agarrando seu traseiro com as duas mãos e a pressionando contra ele.

— Então me fode, Sean. Do jeito que você quer há meses — ela o agarrou pelo pescoço e adorou quando ele a colocou de costas na cama e ficou por cima.

— Ah... — ele disse em tom apreciativo. — Adoro os dias que você tira para falar sacanagem.

Beatrice tinha uma expressão de quem estava pronta para o pecado quando ele a prendeu na cama e ocupou o espaço entre suas pernas, levantando-as mais e mais no ar, embolando-a naquela posição que ele gostava, para ir até o fundo.

— Você gosta de me obrigar a falar... — ela fechou os olhos e soltou um gritinho quando ele a penetrou de uma vez, dando-lhe aquela deliciosa sensação de invasão e preenchimento rápido demais. — Sean!

— Como se você precisasse ser obrigada — ele disse junto com a respiração.

— Não estou sem vergonha todo dia! — ela exclamou, ainda com os olhos cerrados, com suas frases interrompidas pelos gemidinhos agudos que ele lhe arrancava.

— Só... — ele apertou suas coxas, apoiando-se. — Quando eu... — Sean pontuava o que dizia com estocadas fortes. — Te Fodo. Não é?

Ela respondeu com gemidos incontroláveis e moveu o quadril, aceitando mais, o quanto ele tivesse para ela.

— Não, é?!

— Seu maldito. Te odeio... — ela só murmurou, saiu mais um sussurro junto com a respiração ofegante e acelerando mais e mais.

Claro que odiava e estava o odiando mais enquanto gozava em volta do pau dele, latejando repetidas vezes, prendendo-o dentro dela, apertando as coxas dos seus lados para senti-lo chegar ao orgasmo bem lá no fundo.

Como Sean pagou hora extra a Rita até o final da tarde, Bea ainda teve muita sacanagem para falar, recuperando os meses em que nem pensava em dizer nada disso. Enquanto Sean recuperava o conjunto dos fatores, porque ele gostava de ter uma visão ampla de tudo.

— Você está insaciável hoje — ela se apoiou sobre o peito dele, levantando a cabeça para olhá-lo.

— Sabe, podemos pagar extra por outros dias também.

— Saudade me deixa faminto — Sean escorregou as mãos pelo corpo dela. Dava para sentir o tesão crescendo nele novamente. — Agora deixa eu te chupar ou monta no meu pau.

Ela soltou uma risada sonora, daquelas que você não acredita no que escutou, mas ao mesmo tempo está superexcitada com a perspectiva do que vai ganhar.

— Ah... — ela imitou o tom apreciativo dele. — Adoro os dias que você tira pra ser sujo. Ou seja, todo dia. — Bea se apoiou no peito dele, elevando o torso. — Até quando é fofo, você é sujo, Sean.

— Escolhe — ele mandou.

— Hum... adoro essa sua boca funcionando no lugar certo.

— Eu também. Abre essas pernas lindas para mim.

Ela sentou na cama e afastou as pernas para ele.

— Assim?

— Mais — ele ficou de joelhos.

— Muito mais? — Bea afastou um pouco mais.

O olhar dele apreciou seu sexo ainda brilhante pela umidade e Sean umedeceu os lábios e a puxou pelos tornozelos, derrubando-a na cama e a arrastando para o alcance dele.

— Muito mais — ele a encostou contra a cabeceira e desceu entre suas pernas, colocando-as por cima dos seus ombros.

Quando Beatrice tornou a abrir os olhos, estava completamente torta contra a cabeceira e só com a perna esquerda sobre as costas dele, a outra ela tinha afastado o máximo que dava, dando mais espaço enquanto não pensava em nada, apenas mergulhava em prazer.

Já estava quase na hora de eles voltarem para a realidade quando Sean a libertou e ela descansou a cabeça sobre ele de novo,

puxando o cabelo suado que grudara em seu pescoço.

— Saciado agora?

— Por enquanto.

Ela se divertiu e virou a cabeça para vê-lo melhor. Eles realmente haviam terminado dessa vez, ela estava sensível da penetração e a estamina dele era incrível, mas não interminável. Porém, a provocação nunca tinha limites.

— Vai ter que ficar até amanhã porque você sabe quem já acordou da soneca da tarde, não é?

Sean riu e inclinou a cabeça, olhando para o monitor também. Bel estava acordada e dava para ver a mão de Rita no berço.

— Ela está uma mocinha, até fica sozinha no berço.

— Por pouco tempo — lembrou Sean.

— Vamos esperá-la reclamar.

Eles ficaram observando pelo monitor e se divertiram enquanto Bel se esforçava para sentar por conta própria.

— Vai conseguir, agora vai — ele disse.

Os dois comemoraram quando Bel conseguiu sentar, mas durou muito pouco.

— Ih, vai tombar! — disse Bea, se sentando.

Bel se desequilibrou para o lado e tombou, de novo, eles vinham acompanhando seu processo de sentar e tombar há dias. Só então ela começou a emitir aquele aviso de que estava começando a chorar.

— Vou deixar a Rita ir viver a vida dela — disse Bea, pulando da cama e indo para o banheiro tomar uma ducha rápida e por uma roupa para ficar com Bel.

Sean fechou os olhos por um momento e soltou o ar, então rolou da cama e foi para o banheiro também, além do seu turno com Bel mais tarde, tinha trabalho a fazer.

Capítulo 6

Você tem certeza disso? Diga para mim que ficará até o final. E que seremos sempre você e eu.
Eu sabia sobreviver antes, sem nada, só esperando. Agora, não sei mais, eu preciso da vida que você me mostrou, da certeza de que eu poderei abraça-la todos os dias.

Nas semanas seguintes, eles se complicaram enquanto assumiam mais tarefas de volta ao trabalho. Beatrice estava cheia de trabalho atrasado, Sean não estava gostando de alguns resultados que recebeu depois que deixou algumas de suas tarefas para outras pessoas. Ao mesmo tempo, Bea estava adorando sua nova estagiária e Sean havia descoberto diretores com os quais podia contar, havia até promovido alguém. Então eles ficavam de um lado e do outro. Se complicando e acertando.

E Sean ficou mais ativo, passando de dois a três dias fora de cada vez. E mantendo contato o tempo todo, mesmo quando Bea não estava, ele podia falar com Rita e falar pra Bel pelo viva voz.

Além de escutar os novos sons que ela estava produzindo. Nem todas as vezes que ficava fora, era algo arriscado, depois de analisar o que deu certo e o que não deu no GW, ele foi pessoalmente para alguns locais.

— Quem vai dormir com o papai hoje? Eu vou morrer de saudade. De novo — ele dizia para Bel, carregando-a para cama.

Bel respondia com vários sons e movimentos, animada demais para o horário, ou seja, não ia dormir rápido.

— Te deixaram dormir demais à tarde, não foi? Confessa — ele continuava conversando e brincando com o bebê. — Ela está falando agá, agá de novo. Eu sempre quis saber por que bebês descobrem o g cedo.

— Ga, ga, ga, ga deve ser fácil. Ela chama tudo de gaga sei lá o que — disse Bea, olhando para os dois. — Já ouvi gaga-baba, mas só em momentos especiais. Ela reclama dizendo bubu. Ela também chama a Bri quando ela some. Mas a gente, nada.

E Bel continuava com o gaga-ga-gaaa-gaga-ba.

— Ah, ela disse um ba! — disse Sean, todo animado e respondendo a Bel.

— Conversa com ela, conta que você vai viajar, ela vai ter uma opinião muito extensa sobre isso.

Ele assentiu e sentou na cama, virando-a em seu colo.

— Eu vou ver o tio Jared, vamos nos encontrar lá na casa dele e sair para fazer coisas de primos — ele contava a filha.

Bel reclamou da posição, se ajeitou contra ele, emitiu muito gagaga em resposta e acabou achando a sua posição preferida para se aconchegar.

— Acho que estamos ficando com sono — ele desceu um pouco na cama e deitou a cabeça dela contra ele.

Bel até aceitou por um tempo, mas enfiou a mão na boca e começou a fazer sons de reclamação, ela não percebia que com a mão ali, nem o gagaga saía para eles fingirem que entendiam.

— Eu não sei como ela não engole a mão... — ele colocou o dedo e tirou a mão dela da boca e Bel continuou fazendo o movimento de sucção com a boca. Só que agora que estava livre, choramingou e esticou a mão toda molhada na direção da mãe. — Ei, eu pensei que essa noite seria só você e eu. Uma noite especial — brincou Sean.

Beatrice ficou de joelhos perto deles e abriu os braços dramaticamente, até pegar Bel e levantá-la.

— Dá um abraço na mamãe! Um abraço! — ela deu leves pulinhos no lugar divertindo a filha. — Abraço babado! — riu ao senti-la babando sua bochecha.

Depois ela a levantou no ar e a deitou sobre o colo de Sean.

— Hora de dormir, gatinha — ela brincou na sua barriga. — Sim, dormir, não babar! — riu, limpando seu queixo.

Sean levantou para andar um pouco com ela e tentar distraí-la, depois foi para o seu quarto e sentou na poltrona, segurando-a no colo bem juntinho ao seu peito enquanto o mobile iluminado rodava.

— Eu também queria ficar acordado a noite toda — ele disse, notando que ela lutava contra o sono e ficava olhando para ele e apertando o elefante que ele segurava junto com ela no seu colo. — Mas nós dois vamos dormir. Eu vou voltar correndo.

Bel não estava feliz naquela posição, então lutou para sentar direito e Sean a ajudou a ficar de frente para ele, porém, começou a rir quando ela tombou de cara no seu peito.

— Se isso é o seu jeito de dizer que me adora, eu também te amo muito. E odeio ficar longe de você — ele a abraçou e ela ficou com sua bochecha gordinha amassada contra ele.

— Ah! — ela exclamou, oferecendo o elefante.

— Não vou levar o Sr. Elefante para viajar, Bel. Ele vai te fazer companhia — disse Sean, ajeitando-a no colo de novo.

Bel acabou dormindo e ele a beijou na testa e encostou o rosto ali levemente e disse que não ia demorar na viagem. Depois a colocou no berço. Quando chegou ao quarto, até Beatrice já estava na cama, sonolenta.

— Ela finalmente tombou? — ela perguntou.

— Agora foi — ele subiu na cama e deitou junto a ela. — Vou sentir saudade.

— Eu também — Beatrice se ajeitou contra ele e fechou os olhos.

Vocês viram aquela foto super gente como a gente que a Beatrice Ward postou no Instagram! AMEEI! Aquela cama gigante estava uma bagunça! Duas malas, uma cheia das roupas chiques do SeanW (quero saber para onde ele vai porque eu vou também!), a outra parcialmente vazia, mas com a bebê dentro. E aquela cadela linda, mais rica do que eu, com as patas em cima da cama, tentando pegar algo! E uma bagunça de coisas em volta! Me senti tão confortado com o inferno que deixei na minha cama antes de sair. Só que lá na minha cama não tem as mãos do SeanW tentando conter a cadela e pegar o bebê ao mesmo tempo.

Ódio dessa maldita, samba na minha cara até naquele caos que estava lá. Não queria sua cama não, amor, nem o bebê que ainda não tô pronto para isso, mas manda entregar o marido lá em casa!

— do manhattaninsiders.com — 765 comentários

* * *

Jared Ward estava no meio de uma negociação que não estava dando certo. Aliás, o certo tinha ficado em casa. Ele soube desde o início que se meter nesse tipo de negócio ia dar merda. E isso, sendo sutil. Só que foi mais forte do que ele. Já estava ligado demais a missão, havia sido contaminado pelo primo. Ele não conseguia não se importar. Mesmo assim, certas coisas estão acima do seu campo de atuação e é preciso entender isso. Não para desistir, mas para planejar.

Ele havia planejado.

Estava dando ruim do mesmo jeito.

— Anda logo, Cracker. Trinta mil e mais as garotas. Se você sair vivo.

— Não era esse o trato — ele disse, tirando os óculos escuros.

— Dane-se o trato. Quer as putinhas ou não quer?

— Eu tenho a grana. Elas viraram um problema, eu tenho a solução. É só me entregar.

— Aqui não funciona assim — ele riu e fez piada com os outros dois caras. — É no braço, na faca ou no mano a mano. Se perder é capaz do Koll ainda arregaçar essa sua bunda bonita — ele gargalhou.

— Vou é levar uma puta pra mim — disse Koll, olhando com pouco caso para Jared. Pelo jeito, achou que sua bunda estava muito magra para o seu gosto.

— E o dinheiro, entra aonde? No teu rabo? Pediu isso tudo isso para que? — perguntou Jared, ganhando tempo.

— Sem grana, morto ou vivo, você não leva nada. Com a grana, você sai vivo, idiota — ele indicou o cara ao seu lado. — Pega esse babaca metido a rico.

O tal do Koll avançou e na boa... Deram o que pra ele tomar quando era bebê? O cara devia ser mais largo que o Don e olha que o segurança era de responsa, ele não foi escolhido para proteger Beatrice à toa. Mas Don era uma responsa com elegância. Esse cara aqui era só bestialidade. Todo mal feito e grande demais.

— Ô Honey — Jared chamou, dando uma rápida olhadinha por cima do ombro e chamando Sean. Eles não estavam usando nomes

reais, ninguém estava. Os apelidos ridículos que escolheram eram de propósito. — Acho melhor você dar um pulinho aqui.

— Qual é, cara? Amarelou, era pra você ser arregaçado, não seu namoradinho.

— Você vai ficar aí de bucha assistindo, então também vou ficar aqui de olho em você. E na minha mercadoria. Não vem se fazer de esperto — retorquiu Jared.

O cara ficou com um sorriso convencido e apagou o resto do cigarro sob a ponta do sapato. E Sean apenas observava tudo através dos óculos que usava, mas quando foi chamado se aproximou, dobrou a manga da camisa de manga longa uma vez e olhou pro cara.

— Você sai vivo se ele viver — o cara do cigarro disse, com diversão.

Jared só pensou que ia ter que dar um tiro no cara se tudo desse errado, então as coisas dariam ainda mais errado. Eles teriam recuado depois que o acordo mudou, mas iam ser descobertos e iam comprometer os outros caras que foram contratados por eles para se infiltrar. Sem contar as garotas, iam voltar para a escravidão ou seriam executadas como mercadoria avariada. Jared foi avisado que aquilo era mais do que resgate. Bem mais.

O som do impacto de corpos, golpe ou algo se quebrando fez Jared se sobressaltar no lugar. O tal do Koll estava mandando ver, mas Sean estava dando nele e os dois deviam ter tomado algo muito forte, porque só isso explicava aguentarem de pé. E não tinha regras, dedo no olho, chute na canela, aperto no nariz, estava rolando de tudo. Koll estava fazendo uso do seu arsenal de golpes baixos. E tudo que Jared conseguia pensar era: Beatrice vai ficar tão puta da vida quando ver que Sean está todo amassado de novo. Vai sobrar para todo mundo...

Foi aí que surgiu uma faca. E o sangue dele gelou. E foi aí também que surgiu o golpe sujo. Foi lâmina para um lado e areia para o outro. O cara piscou sem ver nada, Sean o derrubou, chutou a faca pra longe e tascou areia pela boca e pelo nariz do cara, o sufocando com uma mão e enfiando mais areia com a outra. Koll tossia areia no ar e mais entrava pela sua boca, até que ele estava

apenas sufocando e engolindo areia. E Sean permanecia em cima dele, porque ele não era bobo. Se largasse o cara, com areia ou não, ele ia vir com tudo, que nem touro cego.

O babaca do cigarro ia pegar a arma, mas Jared pegou primeiro e engatilhou apontando uma para a cara dele e outra para o amiguinho dele.

— Seu fodido do caralho. É para lutar, não para jogar sujo — reclamou o babaca do cigarro.

— É luta de rua, seu puto ingênuo! — disse Jared. — O nome já diz tudo. Sem regras, sem heróis. Apenas sobreviventes.

Sean ficou de pé e chutou o cara de lado, Koll tossiu desesperadamente quando foi virado. Ele o colocou de lado exatamente para não matá-lo.

— Vem pra cá, anda! — Jared disse para as três garotas.

Elas correram para o lado dele do galpão.

— Não vai ser assim não, babaca. Desisti do acordo — o cara do cigarro indicou com a cabeça e o amigo dele pegou a arma. E eles ficaram num impasse.

“Vai morrer todo mundo, eles sabem” — disse Marcus, avisando os outros pelo rádio.

E entrou um tiro pela janela, derrubando o amiguinho com a arma. Todo mundo se jogou no chão e escutou os tiros vindo de algum lugar. Sean rodou no chão, pensando que lá estava ele de novo enfiado numa situação com tiros rolando por cima da sua cabeça. O único consolo era que agora ele não era o alvo principal. Ele não ia mais se meter em algo ruim assim, mas era a missão pessoal de Jared. E seu primo passou sua vida empenhado na sua missão pessoal que acabou virando a dele também. Então, era justo que estivessem juntos de novo.

E sem cobertura. Porque não era para ter tiro nenhum. Aquilo era uma transação financeira.

Assim parecia até aqueles filmes de máfia que toda transição financeira terminava em chumbo. Era incrível. O pior era que eles estavam fazendo participação especial demais no filme, estava quase virando uma franquia. Sean não nasceu para ser ator. Jared até se daria bem no showbizz, mas não naquele filme.

— Havana! — gritou uma das mulheres, segurando a outra que foi baleada.

Justamente a garota que causou tudo isso. Quem levou Jared a vir em busca delas para tirá-las dessa vida de escravidão. Deu certo denunciar os donos para a polícia, jogando as provas no seu colo e armando para eles chegarem onde precisavam para iniciar uma investigação enorme. Porém, eles não conseguiram salvar Havana e suas amigas, ao menos, não a tempo de elas estarem vivas.

Os pais de Havana estavam desesperados, fazendo uma campanha pelas redes sociais para pedir ajuda para encontrá-la. E ela estava bem ali, morrendo. Porque aquele filho de uma puta, o babaca do cigarro, gostava de mudar de ideia em negociações e fazer gracinhas só para dificultar a vida alheia.

Puto da vida, Jared levantou e chutou o cara para longe do seu esconderijo, deixando-o na linha de fogo. Depois pegou a garota e a carregou para o canto.

— Temos que sair daqui — disse Sean. — Os caras dele estão atirando do outro lado.

Eles se afastaram pelos cantos e chegaram no final, o lado por onde chegaram e o utilitário negro com Ramond ao volante parou a frente deles, levantando poeira. Eles colocaram as garotas para dentro, Havana desacordada e sangrando. Depois correram para o carro onde vieram e saíram cantando pneu, mas para o outro lado. Precisavam manter a história de que haviam chegado ali sozinhos e foram atacados também, por algum concorrente rival. Afinal, no momento eles eram Honey e Cracker, dois caras que existiam, mas não eram eles. Estavam com a identidade emprestada, pois os caras nunca mostravam a cara. Foi um trato com o Diabo.

O que todos do submundo sabiam sobre os caras reais era que Honey falava pouco e batia muito.

Cracker falava muito e preferia sacar a arma e trazer o dinheiro. E ambos eram um mistério. Porém, Sean e Jared haviam os descoberto há um tempo, então não contavam quem eles eram e os dois davam um apoio em ajudá-los a conseguir o que queriam. Uma parte só não podia sacanear a outra.

* * *

Quando saiu para o trabalho, Bea estava preocupada porque Sean havia passado o dia anterior inteirinho sem telefonar ou mandar mensagem. E as ligações davam fora de área e depois só caixa postal. Também não recebeu as mensagens do WhatsApp. Então ela tentou Kevin e ele também deu caixa postal. Ela ligou para Joce e perguntou se sabia dele, mas ela não conseguia falar com ele.

Então à noite, ela tentou de novo e Kevin atendeu, disse que já estava fora de turno e ia dizer a Sean para ligar. E ele não ligou. E Kevin não atendeu mais.

Durante o dia, ela deixou um bando de mensagens, porque Sean nunca faria algo assim. Mesmo se fosse só ela, agora que eles não faziam mais essa de não se comunicar, ele responderia suas mensagens. Porém, com a Bel, ele sempre ligava e atendia rápido, mesmo quando não podia, ele devolvia com aquela mensagem dizendo que se não fosse urgente, ligaria em cinco minutos. E Kevin sempre, sempre atendia as ligações e era a fonte mais confiável para passar um recado.

Don passou o dia dizendo que não sabia de nada.

Assim que entrou em casa no final da tarde, Beatrice levou Bel até o segundo andar e pediu para Nadir dar uma olhadinha rápida nela, pois Rita estava indo embora. E desceu para o primeiro andar.

Ela passou direto pelas portas dos cubículos que cada um tinha e foi para a área central, na mesa viu Don, Alvez e mais dois, olhando a TV e beliscando biscoitos variados de tigelas.

— Don, não adianta mais me enrolar. Eu não nasci ontem, tenho um cérebro inteiro funcionando e agora ele me conta as coisas. Sean jamais ficaria sem retornar o contato por dois dias. Cadê o meu marido?

Os quatro pularam de pé e olharam para ela com surpresa, mas Don fez aquela cara de que sabia que essa bomba estava para estourar.

— Ramond nem está aqui. O Alvez que tem saído com a Bel. Pode parar de insultar a minha inteligência! — exigiu Beatrice.

Don fez um movimento com a cabeça e os outros saíram, ele se remexeu na frente de Beatrice e a encarou.

— Ele está com Jared, tenho certeza que estão bem.

— Se ele estivesse bem, estaria me ligando.

— E eles estão voltando. Nós perdemos contato quando eles foram se esconder.

— Se esconder do que?

— Você deve imaginar.

— Aqueles filhos da mãe disseram que não iam mais se meter em nada que voltasse atrás deles!

— É, deu mer... Não estava nos planos.

Beatrice cruzou os braços e seu olhar parecia que furaria pelos olhos dele e atravessaria seu crânio, tão penetrante e atento que era.

— Eu vou encontrar meu marido num hospital de novo, Don? Se eu não estivesse lá naquele dia, vocês teriam escondido tudo. Por acaso vou ficar aqui como uma tola ou vou encontrá-lo em coma numa cama de hospital?

— Nada como aquilo vai acontecer novamente. Foi só um contratempo. De verdade, é só cautela — Don fez sua expressão mais sincera.

Ela se virou e soltou o ar, só de lembrar dele naquela cama, ligado aquele bando de aparelhos, por dias em coma induzido para se recuperar. Toda vez que se lembrava daqueles dias de terror no hospital, esperando que o acordassem, sem saber como ele estaria. Beatrice achava que iria pirar.

— Onde ele está?

— Os rapazes estão indo pegá-los. Devem voltar para Londres ou...

— Você vai me levar para onde ele vai, para o lugar mais perto de onde ele vai estar.

— Tem certeza disso?

— Em que país eu acabaria?

— França, provavelmente.

Ela se virou e voltou para o segundo andar onde pegou seu celular e selecionou o número de Rita, a babá. Esperava que pudesse

contar com ela, mas se ela não pudesse ir, então que se danasse, ia assim mesmo.

— Como é? — perguntou Rita, achando que estava escutando errado.

— França, amanhã, você pode?

— Eu...

— Você tem passaporte, não é?

— Tenho, mas nunca fui para Europa, eu não...

— Dou um jeito.

Ela se virou e ia descer de novo, mas Don que não era pago para dormir em serviço, já estava ali aguardando.

— Da última vez que te levei para algum lugar, eu tive que pagar no tatame — ele avisou.

— Jared quem teve a ideia. Dessa vez ele está sumido também.

— Sumido não, só temporariamente fora de área e propositalmente, eu garanto.

— Você vai me levar para lá — ela apontou pra ele. — Eu não acredito em tudo que vocês me dizem. Pelo que sei de vocês, ele pode estar sendo costurado agora. Ele aparece aqui já se curando, até de resfriado. Imagina de tiro!

— Ultimamente ele está bem calmo — disse Don, abrindo as mãos. — Estamos todos.

— Agora que eu não sou mais um alvo, posso ir onde eu quiser, não é? Sem nenhum de vocês pirando que alguém vai atrás de mim.

Don abriu a boca para dizer que não era bem assim, ela sempre pôde ir onde quisesse. Era só que sempre foi um ótimo alvo para sequestro, mesmo que não fosse pelas mesmas pessoas que pegaram Sean. E agora, junto com o bebê, ela era diamante no mercado de sequestros milionários, daqueles tão bem armados que se não fossem as provas da polícia, você acharia que era coisa de filme.

Qualquer um devia imaginar que os Ward virariam o Universo de cabeça para baixo pelas duas e isso incluía pagar milhões de resgate. Porém, Don era pago para nada disso acontecer e agora Beatrice havia aprendido a nunca ir a locais escuros e ermos, como

um estacionamento, com uma pessoa desconhecida, por mais que quisesse tirar alguma história a limpo. Sean a fez prometer isso.

Don também. Assim como ela os fizera prometer não se arriscarem tanto.

— Claro — respondeu Don, optando pela resposta resumida.

— Então vai preparar sua mala, eu sei que você deixa uma aqui para emergências — ela se virou para sair, mas parou e lembrou que ele não vivia só para esse trabalho, tinha duas filhas e uma esposa.

— Se você não puder ir, sem problema, me arranja o Alvez ou um dos garotos.

Don deu um leve sorriso e levantou a sobrancelha, daquele seu jeito. Ele fazia isso quando ia informar a ela de algo que não aconteceria no seu turno. Isso a fazia lembrar que o conhecia pelo mesmo tempo que conhecia Sean e o tinha como seu segurança pessoal desde que se casou. Ou seja, eles se conheciam bem demais.

— Você vai levar os dois, vou dizer ao Alvez para empacotar. E eu vou para casa mais cedo, volto amanhã de mala e cuia. Ninguém sai sem mim.

E Don também era seu parceiro de crime, por vontade própria ou não. Afinal, tudo que ela aprontava, coincidentemente, era no turno dele.

* * *

Aprontar a mala de um bebê para a primeira viagem de sua curta vidinha era um trabalho muito maior do que parecia. Pelo menos para uma mãe de primeira viagem. Beatrice gastou muito mais tempo tirando e colocando coisas das malas que havia comprado para o bebê do que na sua. Aliás, ela estava levando só uma mala pequena, porque não pretendia ficar muito. E uma mala média além da maior bolsa de bebê que tinha. Como era sua primeira vez, havia exagerado no que levar para Bel. Tinha medo de precisar de itens para ela e não ter levado.

Há anos que ela não pegava o jato só para ela, devia estar com Sean, mas ele voltou, o que só a deixou com a pulga atrás da orelha

quando descobriu isso. E decolou de novo no final da manhã, depois da checagem.

A princípio, Bel não gostou daquele negócio de voar, especialmente quando pegaram uma turbulência leve quando se aproximavam do continente. Isso a acordou o que a deixou irritada com a pressão da cabine e o local desconhecido. Ainda bem que Beatrice não havia esquecido seus itens preferidos, o lenço e o elefante. O lenço era da mãe, ela o pegou para ela e por ter o cheiro de Bea, a acalmava. E o elefante era seu primeiro brinquedo preferido, o primeiro ao qual ela se apegou. Eles até compraram mais um idêntico porque aquele ia ficar sujo e velho e seria uma crise.

* * *

— Ah, minha garotinha linda.

Beatrice havia chegado de surpresa na casa de campo dos Ward na França, em geral estava vazia.

Era o mesmo local onde Sean havia a levado para conhecer parte da família quando ainda namoravam. Depois só voltaram lá uma vez, porque nunca tinham tempo para ir além de Paris, onde ficava o escritório do GW no país. E então o casamento ficou tão ruim que eles não iam mesmo viajar juntos para lá. Ela ia ficar na capital, mas adivinha quem não ia passar nem perto de lá? Pois é.

Porém, ela encontrou quem menos esperava visitando a casa. A tia-avó com mais duas amigas, fazendo um passeio pelo campo. Tinham acabado de vir de trem para a França, pelo jeito era algo que elas faziam às vezes. Ela desconfiava que era aquela viagem de jogatina ilegal da terceira idade que a tia-avó fazia com outros “velhos ricos”, segundo as palavras de Jared. Não dava para saber se ele estava falando sério ou apenas blefando.

— Fico feliz em encontrá-la num espaço de tempo tão curto e sem ter de pegar um avião para a América.

— Eu também — disse Bea.

A tia-avó sempre chamava os Estados Unidos de "ir para a América". E Beatrice até hoje ficava em dúvida sobre como realmente se comportar com ela. Se Sean que era aquela pessoa que não precisava de apresentações para deixar claro como era, colocava gravata e se barbeava para ver a tia-avó. Só porque ela apreciava. E olha que ele era um dos seus preferidos. Então, o que Bea ia fazer? Ainda bem que segundo ele: Ela gosta de você, relaxa, todo mundo na família se arruma para vê-la.

Verdade ou não, até os jornais diziam que quem mandava nos Ward era Anne Ward. A matriarca da família. Inclusive quando estavam os criticando seja lá por qual motivo no mercado econômico, *sempre aparecia um para brincar: Se quer ter alguma influência, fale com Anne Ward, ela quem deixa que eles façam isso com os outros. Bando de sanguinários. — Nesse caso, sanguinários era no sentido de competição. Eles ainda estavam por aí destroçando a vida dos concorrentes. E era óbvio que algumas dessas pessoas a chamavam de "velha sanguinária".*

Porém, se você quisesse uma trégua, ajuda, negociação ou só precisasse mesmo fazer um apelo a alguém com uma face mais humana dentro da família Ward. O jeito era procurar a tia-avó. Depois que todos os outros meios houvessem falhado. Não era fácil conseguir um horário com ela, mas se resolvesse recebê-lo era porque estava interessada na história.

— Escolheu uma ótima opção para a primeira viagem dela — disse Anne. — Acho que ela vai gostar daqui, é diferente daquela selva de pedra.

— É uma novidade para ela — disse Bea, pegando Bel do carrinho.

— Deixe-me ver essa coisinha. Sabia que no momento ela é o membro mais novo da família? Depois dela, só há a Tibby e pouco depois o Travis. Estamos falhando miseravelmente em produzir a próxima geração dos Ward. Eu entendo que esses garotos não queiram casar ou não tenham encontrado o amor de sua vida, mas eles poderiam pelo menos reproduzir com umas moças inteligentes. Afinal, namoram tanto para quê? Só temos três crianças, o número exato para manter o controle do GW na família e se um deles não

tiver interesse nos negócios? Não os forçamos, sabe. Tem que ser um gosto nato.

A tia-avó segurou Bel por baixo dos braços e a pegou com carinho. Bea temeu que ela a estranhasse, não era a primeira vez que se viam, mas era um bebê, não ia lembrar. Bel espirrou e Anne riu.

— Isso, isso... a bisa tem cheirinho de velha, mas não tem problema — ela brincou.

Beatrice podia jurar que aquela era a primeira vez que via Anne sendo tão amável e usando um tom de voz tão afetuoso. Ela até fazia uns agrados aos “seus meninos” que eram homens a partir dos vinte e tantos anos, mas não tão amável quanto nesse momento.

— Sean me disse que um dos seus parentes distantes teve um bebê pouco antes, não lembro o nome. Acho que era um primo da Rússia, nunca o vi.

Anne estava sorrindo para Bel, mas levantou a sobrancelha e lançou um olhar sério a Beatrice.

— Estou falando do ramo principal dessa família, meus descendentes e dos meus dois irmãos, aqueles que sempre comandaram esse negócio. Nós estamos lentos na continuidade, não faço ideia do que o outro lado tem produzido — então ela voltou a olhar para Bel e sorriu. — Mas essa bonequinha linda, vai ser inteligente e tomara que goste dos negócios, precisamos de outra mulher para assumir um lado quando o pai ou o tio dela saírem — ela a segurou mais perto e disse — Ela é a cara do pai. Já devo ter lhe dito isso, mas você tem belos olhos exóticos — ela comentou, já que Bel havia herdado esse traço genético da mãe.

Então Anne foi se sentar na poltrona, levando Bel.

— Chá, meu bem?

— Sim, claro — disse Bea, indo se sentar também.

— Afinal, além de finalmente levar esse bebê lindo para viajar, você está aqui atrás do seu marido?

— Vamos nos encontrar aqui — disse Bea, porque era toda informação que tinha.

— Então creio que vai todo mundo se encontrar aqui, pois minha filha estava o caçando. Ele e sua versão sem modos — ela também

adorava o Jared, mas dava essa descrição a ele. — Ela está em Paris, se ele vier para cá, ela provavelmente aparecerá. Não sei o que esses rapazes tanto arrumam, ela teve que ir assumir as pressas. Vou ter uma conversa com ele. Eu já lhes disse para não aprontarem em dupla, precisamos de um dos dois trabalhando onde deve. Não foi à toa que os dois assumiram ao mesmo tempo.

— Eu concordo — disse Bea, preferindo não entrar em detalhes sobre em que partes concordava. — É mais fácil quando um dos dois fica de plantão. — Nesse caso, ela gostava porque se algo acontecesse, sempre havia o outro para esganar.

A filha da tia-avó era Victoria Ward, irmã mais nova do pai de Jared. Antes de resolver reestruturar o GW e jogar Sean e Jared lá para cima, para aprenderem na marra, ela era a chefe geral de todo o GW. Beatrice achava a mulher um exemplo de vida. Depois de Hillary Clinton, ela era sua segunda na lista, antes até de Angela Merkel, a Chanceler da Alemanha. Você simplesmente olhava para a mulher e a palavra poder aparecia na sua mente sem nenhuma explicação. Não podia ser a toa, ela comandou o GW inteiro desde que Trent Ward, pai de Sean, morreu.

E antes disso, Victoria já era a CEO do GW na Europa. Ela sempre teve mais talento para os negócios do que o seu irmão mais velho, que era pai de Jared. Por isso que ela ameaçou o irmão a deixar o filho ir morar com Trent em NY quando Sean foi sequestrado. Do jeito que Jared era, ele iria com ou sem o consentimento do pai, mas foi uma ótima forma de ele não estragar o filho. Jared só voltou para Londres de vez quando terminou a faculdade.

O celular de Beatrice tocou e ela pediu licença para atender.

— Eu vou te matar — ela falou, assim que chegou ao jardim da casa.

— Eu tentei ligar quando você aterrissou, mas não dava sinal.

— Onde você está?

— Indo para onde você está. Como está a Bel?

— Você não faz ideia?

— Kevin me atualizou assim que chegou aqui.

— Você sumiu.

— Como você está?

— Irada!
— Eu sei.
— Te prenderam em algum lugar?
— Pelo telefone não. Eu vou chegar logo.
— Ao mesmo tempo que quero te ver, eu também não quero vê-lo nunca mais.
— Nunca mais é muito tempo, Bea.
— Nunca mais pelos próximos dias, agora que sei que você está vivo, não quero vê-lo nunca mais por semanas.
— Sabe que eu faço tudo que você pede, mas semanas é muito tempo. Eu não aguentaria.
— Você poderia ver a Bel — ela fungou e levantou a cabeça, respirando fundo, como é que ia ter um ataque emocional na frente da tia-avó?
— Eu sei, mas eu quero te ver.
— A tia-avó está aqui.
— Me perdoa.
— Não.
— A Bel gostou da viagem?
— Eu vou tomar o chá com ela.
— Com a Bel?
— E a sua tia-avó. E não, a Bel não gostou muito do avião.
— Eu vou chegar logo.
— Vai para o inferno. Cadê o Jared? Ele está bem?
— Está aqui do lado em profundo silêncio para não piorar pro meu lado.
— Mande-o para o inferno também.
— Ele também quer perdão.
— Não.
— A Gwen está aí? Ela não atende.
— Ela vinha para cá?
— Só depois que ele ligou e disse onde ia chegar primeiro.
— Não, não chegou. Acho bom você aparecer aqui sem um furo sequer.

Ela desligou e voltou para a sala, onde se sentou à frente da tia-avó e fingiu que estava tudo bem enquanto tomavam o chá e depois

ela deu o lanche da tarde a Bel.

— Se você segurou até aqui, tenho certeza que segura tudo mais que vier — Anne ficou de pé e se aprumou. — Nunca é fácil nessa família. — ela foi deixando o cômodo para acordar uma de suas amigas dorminhocas. — Deus sabe que nunca é fácil nessa abençoada família. O que pouparam essa geração de ódio familiar, pesaram a mão em todo o resto. Não há dinheiro que dê jeito no talento para arrumar problemas que corre em nossas veias.

Beatrice ficou sozinha com Bel, já que havia dispensando Rita para se refrescar no quarto e descansar um pouco. Ela andou pela casa com ela no colo e o local não era gigantesco, mas era grande. E enquanto segurava o bebê, ela olhava em volta no salão de recepção e depois na sala de jantar e começou a se sentir oprimida pelo que sentia.

Da última vez que pegou o avião para a Europa, quase perdeu Sean para sempre. Já fazia mais de ano, mas as lembranças estavam vívidas nela como se houvesse acontecido ontem. Ainda era doloroso tocar no que aconteceu naqueles dias. Ela abraçou Bel e saiu para o jardim, procurando um lugar para se esconder. Não achava que algo havia acontecido, mas olhava para a filha e pensava que ela não se lembraria do pai. Aquela figura que lutou tanto com seus próprios demônios para se abrir para ela, sumiria da memória do bebê.

Do lado direito, ela viu o caramanchão todo fechado e com janelas em volta e entrou lá. Pelo jeito pessoas já haviam estado ali, porque havia uma mesinha com resquícios do lanche, mas Beatrice ignorou e foi se sentar nos bancos acolchoados que percorriam as paredes. O elefante caiu e Bel ficou se contorcendo para pegar, ela o devolveu a ela e a virou no seu colo. Mas com ela, Bel não gostava dessa posição, só com o pai, sabe-se lá porque. Ela não lembraria disso. Nem de todas as vezes que dormiu no ombro dele. E como ele a carregava no topo do Clarence, ou da primeira vez que entrou na piscina em sua vida e que foi ele quem a segurou. Além de todas as histórias que ele leu, mesmo sabendo que ela não entendia absolutamente nada. E de como os dois riram juntos, assim que Bel

realmente aprendeu a dar risadas. Ou das madrugadas em que foi ele quem “salvá-la” do berço.

Respirando fundo, Beatrice decidiu parar com os pensamentos mórbidos. Foram anos e anos, na verdade, uma vida em que ele deve ter passado por momentos piores. A diferença é que ela não teve de sofrer, porque não sabia de nada. Afinal, mesmo após o casamento, o normal deles era não ligar para o outro constantemente e nem esperar por isso, depois piorou tanto que não havia ligação nenhuma. E imagina quantas vezes ele “sumiu” e ela nunca soube. E esse era um dos motivos que Sean usava para esconder o que fazia. Um dos motivos que os separou. Se ela não soubesse, não se preocuparia. Acabou que ela não sabia de nada sobre ele e juntando a todo o resto, quase terminaram ali.

* * *

— Ela não está atendendo — disse Sean enquanto seguia pelo salão principal, então escutou o som do telefone na sala de estar e o viu lá em cima da mesinha.

— Da casa ela não saiu. Só pode estar no jardim — informou Don.

Jared saiu para o jardim, ele estava ao celular, mas procurando outra pessoa. Sean atravessou todo aquele caminho bem cortado e lúdico sem ver nada e entrou no caramanchão. Beatrice havia escutado as vozes do lado de fora, mas só ficou ali sentada, balançando Belle. Quando ele entrou, ela sentiu vontade de chorar por vê-lo inteiro e ficou esfregando as costas de Bel, enquanto seus lábios entortavam para baixo.

— Achei, tudo bem — ele disse ao primo que voltou para a casa, ainda ao celular.

Sean entrou e foi até elas, colocou as mãos nas duas, tocando as costas de Bel e o ombro de Bea.

— Você veio até aqui... — ele disse, como se não acreditasse.

— Você sumiu, ou melhor... perdeu contato segundo a linguagem do Don. Eu tinha que ir para o lugar mais perto. Quanto tempo mais você levaria para voltar para casa?

— Eu estaria dentro do avião agora, sobre o oceano. Desesperado para te ver.

Beatrice balançou a cabeça e deixou Bel se virar, já que ela estava tentando o suficiente para olhar para a outra pessoa. Ela já estava reconhecendo vozes, então sabia quem estava ali. Só que assim que o olhou ela começou a chorar e esqueceu do elefante, levantando os braços para ele. Sean a pegou e segurou bem junto a ele, deixando-a chorar um pouco e lhe dizendo palavras de conforto.

Durante os minutos que ele deu alguns passos com Bel no colo, Beatrice só permaneceu os olhando. Até que ele se sentou ao seu lado, com a filha conformada, tanto que ela tentou pegar o elefante de volta. Eles permaneceram ali juntos por um tempo, com Bel emitindo seus agagaga e voltando a se divertir. Até que ela cansou e se jogou para o colo da mãe que a segurou junto com o bichinho.

— Há quanto tempo você já estava aqui? — ele perguntou, olhando o relógio rapidamente.

— Não muito — ela levantou o olhar para as janelas e percebeu que o céu já não estava tão claro, então estava ali há mais tempo do que pensava.

Por isso que Bel estava um tanto insatisfeita, porque estava chegando a hora do seu jantar.

— Bea, vamos...

— Só me diz uma coisa — ela interrompeu rápido, como se depois não tivesse mais ânimo para perguntar. — Você devolveu essas pessoas às suas vidas? Deu a elas uma nova chance de viver?

Sean hesitou, mas respondeu:

— Sim.

E ela viu a meia verdade em seus olhos e no seu tom.

— Mas não todas, não é?

E ele foi direto para sua resposta padrão.

— Nós fazemos só o que podemos.

Beatrice balançou a cabeça, mas acabou concordando.

— Eu não vou...

— Não — ela o interrompeu de novo.

Belle não estava muito contente ali no meio daquela conversa, ninguém estava brincando com ela, seu estômago estava ficando

vazio, seu bumbum estava molhado. Ela emitiu seus usuais sons de reclamação e se agitou. Sean a pegou de volta e a abraçou, mas foi para a porta.

— Fique aqui.

Ela cruzou os braços e continuou sentada ali. Bel olhou por cima do ombro dele quando estavam voltando pelo caminho de pedras do jardim e disse um bando daquela sua linguagem de bebê, como se avisasse que a mamãe não estava vindo.

— Eu sei, eu sei — ele respondia, carregando-a para dentro. — Você precisa de uma fralda nova antes do jantar e um passeio numa banheira morninha. Prometo que amanhã nos divertiremos no banho, ok?

Sean encontrou Rita lá dentro, meio sem saber o que fazer, já que não via nenhum dos integrantes da família por ali. Então estava disfarçando com um livro. Pelo jeito ela não fazia ideia do que estava acontecendo, pois só ficou aliviada ao vê-lo por causa de Bel.

— Eu nem o vi chegar — ela comentou, sorrindo para Bel e abrindo as mãos para ela.

— Pode ficar um pouco com ela, por favor?

— Claro. Vamos comer? Vamos? — disse Rita, pegando Bel junto com o elefantinho.

Quando ele voltou, Bea continuava no mesmo lugar, só havia cruzado as pernas. Sean foi até ela e ao invés de se sentar ao seu lado, abaixou a sua frente e ajoelhou, assim podia olhá-la mais de perto.

— Eu não quero te ver assim, não quero deixá-la preocupada.

Ela só olhou para ele quando Sean apoiou a mão sobre a coxa da sua perna que estava cruzada por cima.

— Eu paro. Não volto mais, vou ficar com você e a Bel.

— Não — ela balançou a cabeça.

— Se eu prometer, eu vou cumprir. Eu vou ficar só com vocês.

— Eu não quero — Beatrice descruzou as pernas e o olhou. — Foi só um susto, foi a primeira vez que aconteceu algo desde que tive a Bel. E desde que voltamos. Tirando aquele dia na Suécia. E foi a primeira vez que viajei sem você desde então. E de novo para te

encontrar. Juntou tudo na minha cabeça. Fiquei com medo de te ver machucado.

— Beatrice, eu estou falando sério.

— Não, eu não quero! — ela levantou e se afastou para o canto oposto, depois retornou e ficou se movendo do lado esquerdo dele. — Eu não o quero pela metade. Depois de tudo, eu só o quero se for completo. Pela metade não me adianta, seria como voltar ao tempo em que não havia nada. Só que estaríamos fingindo. De novo! Fingindo que está tudo bem, quando não está.

Ele se levantou lentamente e a olhou, Beatrice se deixou cair sentada no banco outra vez. Sean voltou a se aproximar, lá estavam eles novamente tocando em algum ponto em que ela não ficaria com ele. Não era verdade, ele tinha de saber disso, ela queria ficar, precisava ficar tanto quanto ele.

Mas dava uma espécie de curto circuito no seu sistema quando a opção de perdê-la outra vez aparecia, mesmo que na mais remota possibilidade.

— Não é só você que tem medo de voltar — ela disse baixo. — Só que eu não quero ter tudo enquanto você sacrifica parte do que torna sua alma completa. Um pedaço do que faz a sua razão para continuar.

— Minha razão para continuar é você e a Bel. É o que temos juntos agora. Seja lá o que for, se vai nos separar, eu não quero.

— Você, vivendo pela metade, fechado nos seus pensamentos e sentimentos. Preocupado com o que deixou e sofrendo por quem não pôde salvar. Isso é que vai nos separar — ela levantou a cabeça e fungou, passando os dedos pelos olhos para evitar as lágrimas.

Ele sentou ao lado dela e a abraçou, beijou sobre seu cabelo, sua testa, sua bochecha e segurou seu rosto, beijando seus lábios. E parou para passar os dedos por baixo dos seus olhos, secando o resquício de lágrimas.

— Mesmo que eu continue, eu preciso saber se você vai ficar, Beatrice. Se daqui a um mês, um ano, cinco anos, o tempo que for... você mudar de ideia e resolver que não era isso que queria quando voltou para mim e que é melhor pegar a Bel e ir. Você vai me deixar de joelhos e dessa vez eu não vou conseguir levantar.

Ela balançou a cabeça e tornou a passar os dedos pelo rosto e o olhou, atordoada por um momento.

— Não, Sean. Nunca mais. Nem que você perca a cabeça de novo e tente me afastar, eu não vou.

Em resposta, ele só ficou olhando para ela. Porém, “nunca mais” era uma ótima resposta para ele, dessa perspectiva ele gostava. E ele aprendia com seus erros, nunca mais ia afastá-la para protegê-la. Eles ficavam melhor juntos. Sempre.

— Só não some. Ao menos, não por muito tempo. Deixa um recado, sei lá. Qualquer coisa que me diga que mesmo que tudo tenha dado errado, você está só resolvendo e vai voltar — ela pediu.

— Eu não vou sumir, não vou mesmo. Se é mesmo só isso que precisa que eu prometa, eu vou cumprir.

Beatrice levantou o rosto para encará-lo.

— Talvez quando ficarmos mais velhos, mas agora não...

Ele assentiu e a beijou novamente, mais por carinho.

Capítulo 7

Eu não sei o que fazer comigo quando me imagino longe de você. Meu descontrole vai nos enlouquecer, porque eu perco a cabeça quando você se afasta. E fico como um tolo, falo sozinho e penso loucuras. E você não faz ideia do que me causa, mas tudo termina quando me abraça.

Quando Sean entrou na casa, levando Beatrice pela mão, ele deu de cara com sua tia-avó, toda arrumada no seu melhor. Trajando um sobretudo nude sobre um dos seus vestidos de jantar e sobre saltos médios, com seu cabelo grisalho bem penteado, maquiada com leveza e com belos brincos de diamante. Hoje cedo, ela estava usando seu conjunto de caminhada, mas com um ou outro, dava para entender porque até hoje, tinha gente que achava que se quisesse apelar para algo com os Ward, tinha que pedir a ela.

Assim que viu Sean, ela levantou as sobrancelhas e desceu o olhar, nada impressionada. E depois só voltou a levantar a sobrancelha direita, como se isso já fosse suficiente para fazer a língua dele funcionar. E Sean pendeu a cabeça para o lado, obviamente pedindo desconto por hoje.

— Vou jantar fora. Não desapareça até amanhã. E durma um pouco, está precisando — ela o instruiu, antes de se virar e sair com suas duas amigas.

Sean não duvidava nada que seu semblante estivesse demonstrando noites mal dormidas, foi muito estressante se esconder por aí, jogar os celulares descartáveis fora. Sem poder falar com sua esposa e com dificuldade para encontrar um ponto de encontro com Kevin e os outros. Porque antes tinham que se entender com Honey e Cracker. Os reais. Aqueles vendidos, filhos de uma...

— Vem comigo, Bea. Você precisa comer alguma coisa.

Ela soltou a mão dele quando viu Rita lá na sala de estar com o carrinho e foi lá e pegou Bel, abraçando-a e sentindo seu cheiro de

bebê limpo, depois do banho. A filha disse um bando de coisas ininteligíveis para ela que sorriu a escutando.

— Ela comeu? — ela perguntou a Rita.

— Tudinho — disse Rita. — Para variar — brincou.

Beatrice deu vários beijos na filha e lhe disse que ia comer também, mas já voltava. Quando ela a passou de volta para a babá, houve protestos, mas já estavam acostumadas. Desde que voltou a trabalhar todo dia, sempre se despedia assim. Às vezes Bel nem lhe dava ideia, outros dias não queria se separar por nada.

— Vem comer comigo — disse Sean, colocando a bandeja na mesa.

— Cadê o Jared?

— Teve que voltar para Londres mais cedo.

Era estranho Jared nem parar para descansar ou pelo menos passar a noite ali, mas Bea não ia nem fingir que entendia as loucuras que eles cometiam. Ela sequer viu a Gwen, se ele voltou direto com ela, alguma coisa tinha aí. Só que ela não ia perguntar agora e Sean não demonstrava preocupação, ele estava mais preocupado em pôr a mesa. Ele conversava com o cozinheiro francês e agradecia pelo jantar reconfortante que ele sempre tinha para oferecer. Nos últimos anos Sean havia visitado aquela casa algumas vezes. Sua tia, Victoria, gostava de receber ali. No geral, quando passava pelo país ele ficava num hotel em Paris mesmo, era mais perto da filial do GW.

— Eu estou faminto — ele se sentou depois de pôr o pote de Aligot à frente dela. — Vinho? — ele perguntou antes de pôr na taça dela.

Ela assentiu e eles começaram a comer juntos. O prato principal era Sole Meunière e soufflé de queijo e havia mousse de chocolate e Île flottante para escolher na sobremesa. O normal de Bea seria comer tudo e ainda experimentar um pouco dos dois doces. Mas ela só comeu mesmo seu peixe e uma sobremesa. Sem seu entusiasmo habitual ao ver dois tipos de doces maravilhosos. Depois eles deixaram Rita livre e Sean foi ficar com Bel, dar sua última mamadeira e colocá-la para dormir.

Mesmo por aqueles poucos dias em que não fez nada disso, sentiu uma falta imensa da filha. Ficava o tempo todo pensando em como ela estava dormindo, se demorou a pegar no sono.

— Tá tarde, vem — ele lhe deu a mão e a tirou do sofá. — Eu tenho certeza que o Hartie consegue dar um jeito.

O celular dela já estava quase morrendo mesmo, tinha que desapegar. Podia passar das dez da noite ali, mas lá em Nova York era de tarde, no meio do expediente. E Hartie estava no escritório, muito ativo nas mensagens. Rico também, mas Sean havia já havia colocado o celular no silencioso e o largou lá carregando.

Assim que se olhou no espelho, Beatrice viu que não tinha nenhuma maquiagem no rosto, só rímel a prova d'água que ficou borrado no canto depois que ela chorou. Era o ruim dele, grudava os cílios, até borrava, mas não saía sem o demaquilante bifásico. Ela já havia limpado quando Sean entrou no banheiro e a olhou pelo espelho. Ele se aproximou e franziu o cenho.

— Vai ficar tudo bem, Bea — ele disse baixo e a beijou levemente no ombro, sobre o tecido do roupão.

— A minha adrenalina passou, então minha bateria murchou — ela disse baixo, como se isso explicasse seu péssimo estado de espírito.

Pelo menos ela havia voltado a falar, ele pensou.

— Eu sei como é — respondeu Sean, tirando a roupa para entrar no banho. — Vem, vamos fechar a conta por hoje. Você precisa dormir.

Bea deixou que ele a ajudasse com o roupão, mas quando entrou no chuveiro, colocou as mãos no rosto e perguntou:

— Minhas olheiras estão tão ruins assim?

— Não — disse Sean, colocando-a embaixo do jato quente, ele não precisava ver olheiras para saber que ela estava precisando descansar.

— Foi o fuso horário... — ela disse numa voz muito fraca.

Também. Ele achava que foi tudo junto, porém se concentrou em massagear os músculos do seu pescoço e costas, enquanto espalhava sabonete. Beatrice encostou a testa contra a parede fria e não se importou com a água molhando um pouco seu cabelo preso.

Quando ele tirou as mãos de cima dela, Bea continuou tomando banho enquanto ele fazia o mesmo.

Um dos mistérios do banheiro e especialmente do banho era que após emoções fortes, em momentos difíceis, tristes ou até nos alegres, geralmente era ali que tudo se convergia. Cantar no banho, dançar de felicidade embaixo da água e quase cair ou chorar sem ver o amanhã, com a água lavando as lágrimas.

— Beatrice — Sean a segurou, mas suas mãos ainda escorregavam por causa do sabonete.

Ela lavou o rosto, livrando-se das lágrimas e abriu o box, saindo do banho e agarrando uma toalha que pressionou contra a face. Ele pegou o roupão e colocou sobre seus ombros, ela soltou a toalha na bancada da pia e enfiou os braços rapidamente, fechando-o. Sean não avistou outro roupão e enrolou uma toalha no quadril.

— Não é nada — ela murmurou.

— Vem comigo, está frio aqui.

— Não — ela o afastou. — Fique aí.

Beatrice só olhava para o peito dele e acabou virando o rosto, ele era grande e agora parecia ainda maior sob sua visão embaçada. Sua presença tão forte sempre a confortava e a fazia sentir-se protegida, mas no momento a sobrecarregava. Beatrice odiava perder o controle dessa forma. Odiava desmoronar e odiava mais ainda fazer isso na frente de alguém. Mesmo que fosse Sean, que depois de tudo que passaram nos últimos anos, já a vira passar por todas as suas fases, entre os mais diferentes picos emocionais.

— Bea...

— Eu só preciso aguentar isso por conta própria.

A visão dela com seu cabelo úmido, a água ainda descendo por sua pele onde o roupão não a cobria, parecendo gelada e frágil, não o agradava. Ele passou por momentos de preocupação quando a viu exausta por causa do bebê recém-nascido, mas isso era o esperado, eles sabiam que aconteceria. E depois o lembrava de quando ela estava naquela cama, assustada e magoada, depois de ser sequestrada. Ele odiava lembrar disso.

— Eu estou aqui. Tire força de mim, apoie-se em mim. Tire tudo o que quiser de mim. Tudo que precisar.

— Eu disse como o queria. Completo. E agora tenho de encontrar força por mim e pela Bel. Vai ser assim, sempre foi, só que agora eu sei o que você faz — decidiu Bea. Ela precisava ser a outra ponta forte daquela ligação e não decepcionar quando precisava provar isso.

Sean até assentiu, só porque entendeu o que ela disse, não porque concordava ou estava gostando.

— Não é você e a Bel — ele balançou a cabeça. — Somos você, Bel e eu. E minha parte na nossa família não é deixá-la por conta própria. Nunca. Você não me deixaria. Se me quer completo, apoie-se em mim.

— Eu sei que temos você. Só me deixa aqui — ela pediu e se virou para a pia, olhando para baixo.

Quando ele estava fora, devolvendo a vida de outras pessoas, era só ela e agora a Bel. Isso que ela queria dizer. E nesses momentos, ela queria ser tão forte quanto ele.

Só me deixa aqui. A frase ficou presa na mente dele. Sean tinha um problema que ele não sabia se precisaria tratar ou superar, mas quando ela se afastava dele e pior ainda, o trancava do lado de fora.

Era como se algo ligasse nele. Um alerta vermelho, uma sirene. Não conseguia desligá-la. Era tão forte, que até parecia um tipo de trauma daqueles anos em que viveram uma mentira e ele esteve o tempo todo trancado do lado de fora, longe dela. E agora não conseguia suportar a ideia.

— Eu vou limpar a pele, tonificar e hidratar e... — ela murmurou, sem olhá-lo e abriu uma bolsinha cheia de vidrinhos e potes e tirou sua escova de dentes do suporte.

Até parece. Ele sabia que se ela quisesse só escovaria os dentes e iria para a cama, como era o plano. Só estava falando que ia fazer isso tudo porque queria que ele a deixasse. A mente dele não conseguia nem raciocinar o conceito de deixá-la. Porém, Sean se virou e dando-lhe espaço, deixou o banheiro e foi para o quarto, ainda com a pele úmida do banho. Terminou de se secar lá e vestiu só a calça de dormir. Por causa do aquecedor a temperatura do quarto estava boa, era o banheiro que não estava tão aquecido assim.

Após uns cinco minutos, ele andava lentamente pelo quarto, até que se sentou de novo na beira da cama e juntou as mãos entre os joelhos. E encarou a porta novamente. Dois minutos depois, ele voltou a andar e parou de repente. Dava para ouvir o som do secador e Sean esfregou a mão pelo seu cabelo úmido. Depois de mais alguns minutos ele parou à frente da cama e deixou seu corpo cair sobre o colchão, cobriu o rosto com as mãos e não soube quanto tempo passou. Para ele deve ter parecido uma hora, mas foram minutos.

Quando ele tornou a se levantar, andou até lá e pensou: Se ela não sair desse banheiro frio em cinco minutos eu vou bater na porta. E seu pensamento seguinte foi: Privacidade, Sean.

Privacidade. Quando foi que você virou o monstro destruidor de privacidade alheia? Sai disso. — ele se afastou lentamente e soltou o ar.

Se ela sair de lá, você vai estar que nem um idiota, olhando para a porta. Some daí, vai ser ridículo. Aí ela vai mesmo achar que precisa se virar sem você, seu...

A porta abriu e ele estava parado num lugar que não era perto o suficiente da cama, nem da porta do closet, da mesinha ou sequer da porta do banheiro para ele ao menos parecer que ia bater. Para disfarçar, ele continuou e foi para a janela. Sean pensou que se fosse um cara normal, ia vê-la pelo seu reflexo na janela já que estava escuro do lado de fora. E ia poder ficar ali, fingindo que estava tudo muito bem e que ele não passou sabe-se lá quantos minutos olhando para a porta do banheiro, franzindo o cenho e pensando o que ia fazer para ela sair e ficar com ele. E nunca mais dizer ou fazer nada que ligasse aquele alarme de afastamento nele. O alarme da loucura como ele resolveu apelidar, porque não gostava dele. O negócio ligava e ele pirava. Porque ele não era assim, era de boa.

Calmo. Racional. As pessoas achavam que ele era frio como uma montanha congelada, feita para esqui. Mas a verdade era tão diferente.

Sean, cara... fica olhando para essa janela, ele ainda dizia para si mesmo.

— Tudo bem? — ele se virou e voltou para perto da cama, olhando-a atentamente.

Ele não combinava com essa merda de “normal”. Reflexo na janela é o cacete. Ele queria ver em cores, de perto, em detalhes e no modo HD se possível. Reflexo... Até parece. Se ainda fosse outra pessoa, ele tentaria brincar disso aí de reflexo, nenhuma dessas coisas funcionava para ele quando estava lidando com Beatrice. Querendo ou não, ela sempre o tiraria do prumo.

— Sim — ela assentiu e puxou as cobertas. — Meu cabelo ficou molhado, achei melhor secar, tá frio.

— Você está com frio? — ele se virou, olhando o termostato. — Posso aumentar a temperatura.

— Não. Viu minha camisola?

Vi sim. Jogada aqui e me fazendo companhia enquanto você congelava na porra do banheiro com esse roupão úmido. Perfeito, Bea. Faltou pouco pra eu achar que a camisola ia falar comigo.

— Aqui — ele se limitou a dizer e entregou a ela.

Ela virou de costas, tirou um lado do roupão e enfiou o braço da camisola de mangas e depois vestiu o outro. Virou de costas, como se ele fosse a droga de um estranho que não tinha acabado de tomar banho na porra do mesmo chuveiro que ela. *De costas.* Porque ele já não estava pilhado o suficiente com esse negócio de *me deixa sozinha*. Depois seria *me larga*. E *me esquece*. E só *me deixa aqui*. Até o *me deixa em paz*. Porque Beatrice era assim, quando começava, ela ia embora. Ele assistiu isso por quatro anos infernais.

É só aquele seu alarme falando, Sean. Desliga essa merda.

— Acho que tô com frio sim — ela largou o roupão e se enfiou embaixo das cobertas.

Claro que está.

— O banheiro daqui não recebe aquecimento suficiente — ele disse, pensando que era seu pior comentário da noite. O banheiro, certo.

Antes que falasse mais do sistema de aquecimento da casa que devia ser revisto no banheiro daquele quarto de hóspedes, Sean

apagou a luz e deitou. Ele puxou as cobertas e não se sentiu mais confortável por isso.

— Vem aqui — ele disse, virando o rosto para ela.

Beatrice levantou a cabeça do travesseiro assim que ele falou e se aproximou por baixo do cobertor, até se aconchegar a ele. Sean passou o braço em volta dela e a abraçou, apertando-a e trazendo-a mais sobre o seu peito. Estava escuro e mesmo assim ele olhou seu rosto, tentando avaliar se ela estava bem, mas ela deitou a cabeça no seu peito.

— Eu fiquei tão desesperada quando você sumiu. Eu só pensei em vir para mais perto — ela levou uns minutos para dizer isso e falou baixo o suficiente para que se ele estivesse dormindo, não acordasse.

Sean moveu a cabeça, enterrando o nariz no cabelo dela. Desligando aquele maldito alarme, ou não o deixaria dormir.

— Eu fiquei doido quando soube que você tinha entrado no avião pra cá. Eu tenho que lembrar que você não é mais o alvo daqueles caras. Mas na hora bate um desespero, minhas pernas até perdem a força.

— Eu fingi para o Don que estava toda decidida, que ia para onde você estava e que ninguém podia me impedir. Tudo mentira, eu estava apavorada.

— Aposto que ele ficou te olhando com aquela cara de quem sabia.

— Ficou.

— Odeio aquela cara que ele faz. O maldito sempre sabe a real.

Bea riu e voltou a esconder o rosto contra ele com um sorriso. Ele relaxou os braços em volta dela e aí sim estava pronto para dormir.

* * *

De manhã, pelo horário que calculava, Sean sabia que Bel já estava acordada e aprontando das suas com Rita. Beatrice tinha voltado para cama correndo depois de pisar no chão frio do banheiro.

Ela se enfiou por baixo das cobertas e ficou o apertando, roubando seu calor.

Eles iam voltar para Nova York e para suas rotinas ocupadas com trabalho e a aventura que era cuidar de Bel sem causar acidentes. Até hoje, eles haviam conseguido não causar nada que levasse um deles para o hospital, especialmente a filha. Nem eles acreditavam. E era válido lembrar que Brianna estava ótima. Devia estar triste por ter ficado no apartamento, mas ela tinha companhia e eles a levariam para viajar numa oportunidade mais calma.

Então, enquanto tinham tempo, Sean não se sentia culpado por roubar mais uns minutos com Bea.

Ficar junto com ela o ajudava a parar de pensar no resto. Era bom ele lembrar que não precisava mais pirar quando ela saísse para algo diferente, como uma viagem repentina para outro país. Ainda assim, ele nunca mais ia voltar para o ritmo de viagem que tinha antes. E não era pelo que eles concordaram ontem, talvez ela nem houvesse percebido.

Sorte a dele, porque assim podia pôr tudo na conta de seus esforços para reaproximá-los. Ele parou mesmo, depois de todos os acontecimentos do ano passado. Sean esperava que ela estivesse muito ocupada com outros pensamentos para lembrar daquele dia, porém, ele nunca esqueceria.

Aquela imagem dela amarrada e machucada, caída sobre a porta da van, sangrando enquanto ele a segurava, estava marcada em sua mente. Sean nunca a esqueceria.

Quando olhava para ela e sua mente lhe pregava uma peça e lhe lembrava daquele dia, ele era tomado por fúria, tinha vontade de voltar lá e matar os responsáveis por isso. E só sobraram dois vivos. Depois de toda a investigação, um deles pegou prisão perpétua e o outro ficaria preso por uns trinta anos. Beatrice sabia disso, por que aquele dia se desdobrou em dias e dias de notícias.

Até hoje lembravam que tentaram levá-la, a história do sequestro relâmpago virou lenda. O que só serviu para aumentar o assédio da mídia em cima deles. E no final os dois caras que sobraram vivos eram criminosos internacionais, um deles, o cara da prisão perpétua estava tão popular que mais dois países o queriam. E ele era

suspeito de outros crimes que nunca conseguiriam confirmar, já que ele nunca sairia da cadeia. O promotor, aquele que antes do julgamento já via seus nomes nas manchetes, conseguiu o que queria. Assim como o detetive Bosco que até hoje fingia que não viu tudo o que aconteceu naquele dia que Tibby foi levada.

— A gente apagou tão pesado que parecia que havíamos voltado no tempo para a época que a Bel acordava a noite toda — disse Bea. — Eu batia na cama, morria e era trazida de volta por aquele choro do além.

— Jet lag — disse Sean com um sorriso.

Levou uns dois segundos, mas ela levantou a cabeça lentamente e já com a sobrancelha levantada, olhando para ele para saber se ele havia mesmo se aproveitado da oportunidade. Sean deu um sorrisinho de canto de boca e Beatrice soube que ele estava sendo oportunista.

— Você lembra! — ela pulou pra cima dele e o beijou enquanto ria.

— Claro que lembro — ele sorria contra os lábios dela.

Ainda bem que ele havia apagado completamente junto com ela. Sean havia lhe dito que seus novos pesadelos eram sobre o caso dos bebês. Não era uma verdade completa. E ele estava deixando isso para trás, havia parado de sonhar com aqueles bebês inertes e machucados. Bel lhe dava sonhos melhores. Ele havia omitido a verdade sobre seus pesadelos violentos, aqueles que o faziam pular da cama e certos dias até a assustavam. Eles eram sobre Beatrice, presa e machucada naquela van. Em seus sonhos, ele tinha de lutar para chegar até ela. E nem sempre conseguia. Então acordava em pânico.

Sean sabia que não era bom que quisesse tanto protegê-la. Era errado, não era saudável, ele tinha que parar, bla, bla, bla. Não conseguia parar. Atualmente, ele estava convivendo com a possibilidade de que não havia nada que o fizesse parar. Como dizia Jared “ele armou tudo para protegê-la do túmulo”. Só que ele saiu vivo daquele pico gelado.

O tempo o faria parar de sonhar com isso. Ele esperava que sim. Então poderia voltar só para os pesadelos semanais, que o faziam

suar frio, com a ilusão de que era novamente um adolescente, preso numa cela embaixo do solo. Quebrado e pedindo para morrer. Ele preferia esses pesadelos, do fundo da sua alma, esses já eram parte dele. Não envolviam Beatrice ou sua filha. Eram suficientes.

— Você ainda me faz sentir um jet lag — ela lhe disse baixo e penteou seu cabelo com os dedos. — Especialmente quando acabo na França atrás de você — brincou.

— Eu ainda tenho aquele CD. Eu acho que o seu bilhete mora dentro dele, no encarte.

Deitando o torso sobre o dele, ela tocou sua mandíbula dos dois lados e o beijou com carinho e dedicação, demorando e aproveitando todo o contato. Sean descansou as mãos em suas costas e adorou o momento, beijando-a pelo rosto e acariciando-a levemente enquanto ela sorria daquele jeito de quando gostava de ser mimada.

— Você é o amor da minha vida — ela lhe disse baixo, tocando seu rosto novamente. — Nunca mais quero te ver longe de mim.

Ele passou os braços em volta dela, segurando-a junto ao seu peito. Pensando em tudo que esteve passando pela sua cabeça, em como ele tentava esconder dela o seu problema em ter se tornado protetor demais, em não conseguir esquecer o que aconteceu. E como tentava lidar com isso sem oprimir a sensação que ela tinha de proteção e liberdade.

— Você é minha vida, meu coração batendo no peito, minha vontade diária, meu motivo, meu pensamento feliz nos momentos difíceis, minha força para levantar em qualquer situação. Você é tudo — ele lhe disse, no mesmo tom baixo enquanto a olhava.

Bea acariciou seu rosto com as pontas dos dedos e disse sorrindo:

— Tudo, tudo.

— Eu nunca mais vou deixar que a machuquem — ele disse subitamente.

Dessa vez ela franziu o cenho por ele ter dito isso do nada e com aquele seu olhar sério, então esfregou a mão no peito dele.

— Eu sei. Sei disso — ela o abraçou, o confortando.

Sean a apertou nos braços, tentando não se torturar. Ela sabia disso antes também, teria respondido a mesma coisa e tinha

acontecido do mesmo jeito. Ele podia até não conseguir parar de pensar em protegê-la, mas tinha que parar de se torturar. Beatrice não pensava nisso, ela estava mais preocupada em ser forte e apoiá-lo no que ele ainda precisava fazer.

* * *

Depois que eles levantaram, Beatrice pegou Sean discutindo ao telefone. Ela levou um susto até entender que ele estava falando com Jared. Então ficou intrigada, porque Sean estava realmente danado da vida. Estava xingando o primo mais do que o normal deles de se xingarem ternamente.

— Seu puto do caralho, seu filho da... — ele o xingou mais umas três vezes antes de continuar a frase. — Por que você fez isso? Era só me falar. Caralho, cara! É claro que eu te ajudaria. Do mesmo jeito que você ajudou. Como eu te ajudei antes. Para com essa merda de culpa. Nós dois voltamos juntos, deu merda, mas estávamos juntos. Acabou.

Ele ficou escutando por um tempo.

— Eu estou muito feliz que correu tudo bem. Mas se fossemos garotinhos, você sabe que eu ia ficar de mal. Não, eu não fiz isso quando tinha idade para fazer, agora fiquei na vontade. Não, não vai ter me perdoa porra nenhuma. Eu estou aqui pra você para o que for. Esquece aquela merda no galpão. Não foi culpa sua.

Houve um momento de silêncio.

— Para de falar comigo, vai ver como ela está. Aqui está tudo bem. Digo para Victoria que você teve uma urgência.

Ele desligou e jogou o telefone sobre a mesinha do lado de fora. Ela não sabia se fingia que tinha chegado agora e não escutou ou se perguntava logo. Era curiosa, ia acabar preocupada com Jared.

Então deslizou o que faltava da porta de vidro e empurrou o carrinho de Bel para fora, o que fez barulho e ele se virou e voltou para perto da mesa onde ela parou.

— Sean... por que você estava xingando tanto o Jared? Faz muito tempo que não o vejo usar palavrão como virgula, sujeito e até preposição.

— Ele teve um problema e não me contou — ele afastou a cadeira para o carrinho de Bel passar. — Um problema com a Gwen.

— Por isso que ela não veio ontem? Está tudo bem?

— Sim. É só que ele tá sempre aqui pra mim quando preciso, ele arriscou a vida ano passado lá na Suécia. Me ajudou a te proteger. E agora ficou culpado por nós dois termos sumido e resolveu não dizer nada.

— Aconteceu alguma coisa com ela?

— Um problema com aquele porco de quem ela se divorciou. Eles já deram um jeito. Depois ela te conta os detalhes, tenho certeza. Eu só quis saber se eles estavam bem — ele se sentou no banco, mas ainda parecia aborrecido.

— Mas ela está bem mesmo?

— Sim, agora sim.

Beatrice puxou o carrinho para perto e Bel começou a reclamar, pois queria ver seus novos arredores. Ela a pegou no colo e deu uma pequena volta com ela, balançando-a levemente e lhe mostrando detalhes do jardim. Depois voltou para perto de Sean.

— Nós nunca comemoramos. Mal tivemos tempo para nos alegrar pelos seis anos casados, que bem... ficaram desfalcados — ele comentou, o aniversário de casamento foi bem perto dos seis meses de Bel e no meio da volta dos dois para a rotina completa de trabalho, especialmente de Bea. Então ficou um tanto apagado em meio a tantos acontecimentos.

Beatrice beijou a cabeça de Bel e a recolocou no carrinho e virou para olhar Sean.

— Comemoramos o que?

— Nós nos conhecemos há uns sete anos. Passou batido.

— Os sete anos ou a data?

— A data. Os anos não, alguns deles foram no inferno e todo mundo sabe que lá o tempo passa mais devagar.

Beatrice deu um sorriso leve de quem compreendia e apertou seu antebraço.

— Pensa que faz sete anos que eu fingi que não estava interessada. Ainda bem que você sacou a farsa. E sete anos que

resolvemos que já tínhamos ficado o suficiente e já dava para encenar um namorinho — ela sorriu afetuosamente.

— Encenar o cacete, eu tive que te pressionar para me namorar.

— Isso é um exagero, Sean.

— Eu te disse algo sobre viver de incertezas, porque é assim que você me deixava e me deixa, incerto. Só então você resolveu parar de usar meu corpo só para o prazer e me namorar.

Dessa vez ela deu uma gargalhada, o jeito como ele chegou ao final da frase foi ótimo.

— Você é ridículo, eu que devia dizer essa frase. Você me usou um bocado para prazer também. Eu só não falei antes, porque eu sabia muito bem que você era daqueles, comeu-sumiu. E se fosse taxado então, ia desaparecer na face da Terra.

— Eu estava me comportando tão bem na época, que injustiça. Você que era uma dessas mulheres incríveis que aparecem na vida de um cara, viram tudo de ponta cabeça, usam o coitado e o largam destruído.

— Você não está confundindo minha descrição com a história da Marla, não?

Ele também gargalhou depois dessa, tanto que chamou atenção de Bel que emitiu vários sons, participando da festa.

— Você me largou, Beatrice. Foi embora com aquela sua mala maldita, ainda bem que a roda dela quebrou pouco depois.

Ela inclinou a cabeça, rindo sem parar. Uma vez, quando namoravam, ela tinha mesmo brigado com ele, pegou tudo e caiu fora de mala e cuia. Ele levou um tempo para se recuperar, mas ela lembrava que havia chorado como louca, por dias. E acabou voltando. Não foi engraçado como parecia agora.

— Você se casaria comigo de novo? — ele perguntou.

— Nesse momento — ela devolveu.

— O jeito que eu te pedi foi o mais desajeitado possível. Eu nem tinha um anel.

— Foi lindo, eu aceitei porque foi totalmente sincero.

Sean tirou uma caixinha azul do bolso do casaco e só a abriu enquanto olhava para baixo.

Beatrice ficou com um sorriso leve no rosto enquanto o observava, então abriu a mão no ar e esperou.

— Dessa vez eu pensei antes e trouxe o anel — ele prensou os lábios num leve sorriso sem graça, como se ainda precisasse se desculpar pelo pedido desajeitado, mesmo que ela adorasse aquele momento.

Ele colocou a joia no dedo anelar da sua mão esquerda. O anel parecia muito com o seu anel de noivado, só que a pedra no meio era turquesa e não dourada.

— Da cor dos seus olhos — ela disse, olhando para sua mão. — Finalmente!

— O outro era da cor dos seus olhos, eu queria olhar para ele no seu dedo e lembrar disso. Esse é da cor dos meus olhos, porque eu quero que você olhe para ele e se lembre de mim — ele abriu um sorriso. — Acho que fiquei ciumento com a idade. Quero morar na sua mente.

— E você acha que já não mora? O tempo todo! — ela riu, abraçou seu pescoço e o beijou. — Posso ser sua noiva eterna, agora com a minha cor preferida no dedo. A cor mais bonita de todas. Vou te dar algo para lembrar de mim.

— acredite, Beatrice, eu não preciso de mais incentivo do que já tenho. Você sabe que não penso bem em presentes, mas lembrei de algo que você quis um dia, mas ainda não tinha. E ainda ia ser vantagem pra mim — ele adicionou, com um sorriso.

— Eu penso em você o tempo todo, de um jeito ou de outro, você está sempre na minha mente — ela aproveitou que já estava abraçada a ele e o beijou.

Os dois estavam muito entretidos no beijo quando Bel começou a fazer um barulhinho engraçado que em linguagem adulta, poderia muito bem ser interpretado como um pigarro. Eles se divertiram e Bea se virou para o carrinho e a pegou de novo.

— Você também está na minha mente o dia todo, meu amor! — ela disse para a filha, sorrindo e beijando sua barriga.

— Na minha também, nem precisa de muito gagaga para discutirmos isso — disse Sean.

Bea a deixou ir para o pai que a segurou e acariciou sua perna.

— Ano que vem, nessa época, você já vai estar até andando. Vamos comemorar juntos — disse Sean.

Bel respondeu algo que diferia do seu som dominante com G e foi mais como uh-baba-papapa.

— Olha Sean! Ela está falando coisas diferentes! Não teve um gaga nessa frase! Deve ter sido algo muito elaborado. Responde algo grande.

— Eu sei que você gostou disso, podemos até viajar para o Natal, o que acha? Você vai adorar vir aqui quando puder andar tudo.

Bel devia estar aprovando, porque falou mais frases com sons diferentes e ensaios de palavras.

* * *

Mais tarde, Victoria Ward, a ex-mando-tudo-no-GW chegou à casa. Eles iriam embora depois que ela falasse com Sean. Ela chegou, sentou no sofá e cruzou as pernas, ajeitando sua saia. Ela parecia com a mãe, tanto fisicamente como no temperamento. Então o pessoal da família gostava de brincar que ela seria a próxima “tia-avó”. Toda geração tinha uma e ela era a mais apta para o posto.

E Beatrice achava o máximo que Victoria conseguisse fazer Sean e Jared comerem na mão dela desde que ambos eram estudantes de faculdade. Porque eles começaram trabalhando para ela e depois foi ela que decidiu que eles estavam prontos sim, ao contrário do que outras pessoas, inclusive familiares, pensavam na época. E ela queria mais tempo para a própria vida e viu que eles já estavam crescidos o suficiente para se virarem no GW. Por conta própria.

Ou seja, por anos, a mulher teve a decisão final sobre tudo que eles planejaram na empresa até o momento em que ela armou a troca bem embaixo do nariz de todos que eram contra seus planos e passou o controle para eles. E ocorreu a reestruturação do GW, que foi um salto ainda maior para a empresa, que parecia não ter mais para onde crescer. E só foi possível crescer mais depois das mudanças. E ninguém pôde fazer nada, só os dois que trabalharam

como duas máquinas para chegarem ao ponto em que estavam. No topo do jogo e no controle de tudo.

— Nós temos um acordo, Sean. Vocês não podem sumir juntos. Podem sair para viajar, podem esquiar, podem aprontar tudo que quiserem juntos. Só que sumir completamente, não faz parte do nosso acordo.

— Foi um acontecimento isolado — ele respondeu.

— Vocês sempre me dizem isso.

Ele lhe lançou aquele olhar de arrependimento fingido. Victoria era o apoio deles, se ambos não estivessem disponíveis para lidar com o GW pelo motivo que fosse, ela entrava em cena. Ela ainda trabalhava, mas bem menos e queria matar os dois quando era obrigada a assumir temporariamente.

— Eu tive que vir para sede aqui na França, fingir que estava tudo absolutamente normal. E que não era um problema ninguém conseguir falar com as duas pessoas que comandam o GW. Eu acho que vocês já estão em continentes diferentes de propósito. Se um ruir, explodir ou sumir no mar, o outro fica vivo e segura as pontas.

— Eu fico sinceramente tocado com a sua prioridade para se importar com nossas vidas — ele disse, ironicamente e nem um pouco surpreso. Aquela era Victoria, antes dele, ela respirou, comeu, dormiu e casou com o Grupo Ward. Era claro que ela queria os dois vivos por gostar deles, mas quem estava ali era sua versão empresária, não a versão tia.

— Ainda bem. Eu não quero mais cabelos brancos, já tenho que ir ao salão mensalmente para retocar. E estou indo bem no meu tratamento antiestresse, não quero ter que voltar aos calmantes porque vocês, meus dois anjos, sumiram.

— Você gosta de segurar as pontas quando precisamos.

Victoria revirou os olhos e soltou o ar.

— Eu não quero precisar fazer isso. Por isso que meu escritório fica na França, só vou lá três vezes por semana. E não atendo celular nos finais da semana. A vida é muito bela assim. Para isso, preciso que vocês, meus garotos prodígio, continuem funcionando como duas máquinas, sete dias por semana.

— Você sabe que não fazemos mais isso — disse Sean, recostando com sua xícara de café.

— Eu sei, mas vocês sempre têm alguém lá. Na verdade, fico feliz que tenham chegado a um ponto em que aquela loucura passou.

— Foram oito anos para isso acontecer e para ouvi-la dizer isso — ele olhou por cima de sua xícara.

Victoria suspirou e o olhou daquela forma que esperava que ele entendesse.

— É bom que tenha encontrado alguém para dividir a vida. Por um tempo achei que não duraria, você ficava muito tempo fora de casa, fez o mesmo que eu, mas para mim o final feliz demorou mais — ela mexeu seu chá e bebeu um gole.

Sean só continuou bebendo seu café, ele que jamais contaria a tia como seu casamento foi arruinado e que na verdade, era como se tivesse reatado o relacionamento depois do fim. A história dele era mais parecida com a dela do que Victoria sabia. A diferença é que ele não chegou a se divorciar oficialmente. Ela costumava dizer que o GW era um amante muito ciumento, para ele o problema sequer foi apenas o GW.

— Agora eu quero ver aquela coisinha fofa antes que a levem para longe de novo — ela se levantou e ajeitou a saia. — Daqui a pouco ela faz um ano. Parece que foi ontem que a vi recém-nascida. E a Beatrice? Ela está cada dia mais famosa, acho até que já está nos sites de fofoca daqui. Você sabe que agora que tenho tempo, até vejo umas fofocas no celular. Fico sabendo tudo sobre a vida de vocês.

— Não conte isso a ela, da última vez que eu disse que ela já havia sido exportada, não deu certo para mim — Sean deixou a xícara e se levantou, depois franziu o cenho e a olhou. — Você não serve para fofoca.

— Me deixa. Sei mais informação inútil do que você pensa — ela sorriu.

Capítulo 8

Gosto quando você tira o dia para se divertir. E me escolhe como acompanhante. Eu iria mil vezes mais para rir com você, porque nós sabemos fazer a festa juntos. E eu não sei explicar, mas acabo com o prêmio da noite de farra nos braços e te levo para casa, só para mim.

Bel estava na fase de nascer dentinhos. A volta para NY já foi problemática, foi quando os tais primeiros dentes resolveram que era hora de dar as caras. Ninguém mais teve paz por umas semanas.

Dormir por uma noite era coisa do passado. Outra vez. Nem deu tempo de deixar de ser novidade e já saiu de moda outra vez. Assim que Sean a colocava no colo, ela abria a boca para ele esfregar sua gengiva, o que ela gostava muito. E babava eternamente. Porém, quando Beatrice era a guardiã do momento, ela lhe dava logo o mordedor gelado para Bel ficar em paz por mais tempo e dormir mais rápido.

Eles tinham feito planos quando estavam na França. Foi tudo por água a baixo. Beatrice estava cochilando no carro de novo enquanto ia para seus trabalhos. E Sean estava pensando em pôr sua máquina de café na sua mesa, assim não tinha que levantar e ir ao bar no canto do escritório.

— Olha! Já são dois! — Bea tirou mais uma foto dos dois dentinhos que apareceram na boca de Bel. Um já estava maior que o outro que começou a nascer depois.

Ela enviou a foto de Bel sorrindo com os dentes aparecendo enquanto tentava pôr a mão no celular. Chegou para os avós, sua irmã, tios e até para a tia-avó. Jared respondeu pouco depois, dizendo que ia chegar na sexta para ver os dentes de perto.

— Vem cá, coisinha fofa do tio — disse Hartie, pegando Bel de cima da mesa de Beatrice. — Eu nunca dei ideia para bebês, mas agora que você tem um, eu quero tirar molde dela para fazer boneca. Quando tiver visita eu vou pôr na poltrona lá na sala, senão

vou cismar que o bebê está vendo sem vergonhisse. Eu até aprendi a segurar como um profissional. Olha, ela me adora! — ele mostrou enquanto Bel agarrava seu cordão.

Como é que o bebê dos Ward já tem dentes? Eu estou em crise, estou me achando tão velho. Só eu não estou vendo o tempo passar? Belle Ward já tem dentes, daqui a pouco vou piscar e vou estar postando fotos dela na rua, usando as roupas retrô da mamãe! Genteee!

Segura esse relógio. E eu ainda quero dar na cara da BeaW. Além de ter sambado na minha cara com aquela cinturinha de novo, ela resolveu quebrar meu Instagram outra vez. Eu não paguei Iphone pra isso. Abri e caí duro com celular e tudo.

SeanW com aqueles dentes brancos, lindos, escolhidos a dedo para encaixar daquele jeito, mostrando aquele sorriso ofuscante e segurando aquele bebê gordinho e com dois dentes. Eu não pago 4G pra isso!! Eu sofria menos quando eles nunca tiravam fotos juntos ou um do outro. Como é que seguro essa barra de ver meu crush no Instagram da esposa BAPHO dele? Com aquela coisa fofa no colo. E meu sonho de parir os filhos do SW? Já não posso mais parir os filhos do Jason Momoa que já tem a ex do Lenny Kravitz. O que vai me sobrar? Eu sei que não posso parir nada nem por milagre divino, mas eu posso sonhar!

— do blog uppersofnewyork.com — 598 comentários

Apesar de postar uma foto aqui e outra ali, eles nunca contavam pormenores pessoais. Porém, desde que Bea engravidou, todos os sites e revistas de mães e bebês queriam saber como era para ela. Ela não estava interessada em contar sua vida pessoal, mas fez uma matéria sobre lidar com o trabalho durante a gravidez e nos primeiros meses, e como foi voltar à ativa e ser uma mãe de primeira viagem.

E enquanto os blogueiros — ao menos os que gostavam dela — falavam de suas roupas e se intrometiam a especular sua perda de peso. Beatrice achava que seu quadril nunca perderia os centímetros a mais para acompanhar o que ela já havia conseguido perder. Mas podia ser seu traseiro também que ela estava achando enorme. Ou

podia ser impressão, não fazia diferença, estava tudo na mente dela. E até que estava gostando do que via. Dependia do dia e do humor. No momento, enquanto olhava no espelho e segurava a barra da camisola acima do umbigo, ela estava curtindo.

Há alguns meses Bea ficava naquele mesmo espelho, em guerra com sua autoestima e de mal com sua autoconfiança. Puxando, virando e beliscando e se odiando. Sem nenhuma base para comparar, já que era seu primeiro filho. Ela era cruel com si mesma especialmente nos dias em que estava cansada, sensível ou de mau humor. Com o tempo, foi ficando de bem com seu corpo outra vez. E gostando mais de se dedicar aos cuidados pessoais. Sua fase ruim ainda caiu dentro da época em que sua libido estava zerada e morta. E isso também melhorou quando ela se interessou novamente por seu corpo.

Antes ela também fazia tudo escondido, mas Sean entrou e estacou, franzindo o cenho para ela. E pegando-a bem no flagra enquanto ela apertava o próprio traseiro. Beatrice soltou a camisola, se virou e estreitou o olhar.

— Quando você chegou?

— Agora — ele abriu as mãos e levantou as sobrancelhas.

Já que ele estava ali, ela tornou a levantar a camisola e perguntou:

— Tem algo diferente?

O olhar dele baixou de um jeito até cômico, se ela estava levantando a camisola, então devia estar perguntando sobre algo ali embaixo. Sean manteve o cenho levemente franzido e seu olhar fixo na parte abaixo de sua cintura.

— Sean? — ela perguntou, porque ele estava só olhando, não dizia nada.

Ele moveu o pescoço de um lado para o outro e os ombros também, mas continuou olhando. Até moveu os lábios, como se estivesse se divertindo e apreciando a tarefa.

— Sean!

— Eu fiquei o dia inteiro no escritório. Não desci nem para almoçar. Vi a mesma coisa o dia todo, nem a paisagem não apreciei. Entro aqui e você levanta a camisola e me diz para olhar. Então...

— Não era só para olhar!

— Para tocar também?

— Não. Era só pra ver...

Ele moveu a cabeça, ainda olhando para ela.

— Eu sei é que você está seminua e eu estou ficando duro. Gostei dessa calcinha. Dá para tirar? Vou ver melhor.

Ela soltou a camisola, deixando-a cair sobre suas coxas, cobrindo-a.

— Você é inacreditável. Quando me pergunta se seu cabelo está penteado e coisas do tipo, eu respondo!

A reação dele foi continuar olhando para ela, agora inteira. Para ele, tudo que via era o seu quadril, que chamou sua atenção desde o primeiro dia que se conheceram. Onde ele agarrou bastante na primeira vez em que ficaram. Seu quadril costumava ter marcas próximas, porque ele apertava com vontade, era onde gostava de segurar enquanto transavam, fosse do jeito que fosse. E onde ele apertava de propósito quando estava a fodendo com força. Era dali que ele deslizava as mãos e apertava seu traseiro quando a colocava de quatro. E onde ele também acariciava com carinho quando estavam juntos e por onde seu olhar passava quando ele a admirava, ele sempre adorou aquele quadril tão arredondado. Não importava o que ela lhe pedisse para ver, era isso que Sean enxergaria e pensaria.

— Eu achei que estava muito cansado — ele até botou a mão no ombro e apertou, tentando soltar os pontos tensos. — Mas aí você aparece seminua e não tenho controle sobre o meu corpo.

Ela manteve aquele olhar de reprovação para ele e foi para a pia, Sean entrou e foi para o outro lado, na área da ducha e começou a tirar a roupa para o banho. Quando estava só com o boxer ele se aproximou da pia e se olhou no espelho. Ele era humano ué, tinha dias que ele também se achava um lixo. Agora, por exemplo, ele até entortou a boca para o seu reflexo e esfregou a mandíbula, pensando se teria energia para se barbear. Porém, virou o rosto para Bea e disse:

— Posso olhar melhor depois do banho.

Ela balançou a cabeça e continuou escovando os dentes, mas depois que enxaguou a boca, disse:

— Você chegou tarde hoje.

— Foi um dia muito cansativo.

— Jantou lá, né? Eu te faço um chá bem quente para relaxar e dormir.

Sean assentiu, aceitando o chá.

— E massageio seus ombros para dormir, que tal? — ela complementou a oferta.

Ele tornou a assentir e resolveu que não queria se barbear droga nenhuma, mas tornou a virar o rosto para ela e perguntou:

— Você vai usar isso aí para dormir?

Beatrice lhe lançou um olhar divertido.

— Você vai mesmo para a cama de calcinha para me massagear?

Ela riu dele e o empurrou de volta para a área de banho, depois voltou e continuou rindo. Sean ainda estava sorrindo quando entrou embaixo da ducha quente.

* * *

Era noite de folga, depois de não comemorar nenhuma das datas pessoais, os Ward finalmente iam passar uma noite fora. Quem escutasse uma coisa dessas, pensaria que eles iam sumir e se esbaldar. Triste ilusão. Ah, os problemas da vida pública. Eles estavam arrumados para uma festa, cheia de gente chata, gente rica, oportunidades de caridade, tinha até um leilão. Mas ia ter som e pista de dança, Sean achava que eles estavam querendo atrair os ricos em crise de meia idade e também o pessoal mais novo que queria participar, mas fugia cedo porque ficava sem graça.

Sean parou à frente do espelho no hall, fechou o botão do seu paletó do terno Hardy Amies, com um corte mais moderno, parte de seu guarda-roupa para a estação, o alfaiate tinha vindo aos Estados Unidos entregar no mês passado. Porque eles vinham da Saville Row, em Londres. Depois queria passar incógnito por aí, por essas e outras que Beatrice dizia que sair com ele “estragava o seu disfarce”.

Especialmente quando estava frio e não queria ser reconhecida, ela puxava o capuz da parca ou colocava um chapéu e até ia discretamente, mas se o levasse junto. Pronto. O que era extremamente irônico, pois Sean trabalhava fora do GW, exatamente passando despercebido e entrando em lugares, tirando pessoas e se desse tudo certo, iam embora e sumiam sem ninguém ver.

— Vamos, ainda tenho esperança de consumir mais álcool do que posso pela primeira vez em mais de ano. Estou até com saudade de beber qualquer coisa — Beatrice parou na entrada no hall. Ela não bebia desde que descobriu estar grávida e depois começou a amamentar e não bebeu nada mesmo.

Depois desse tempo todo, sua primeira vez bebendo álcool foi aquela taça de vinho lá na França e no dia ela estava tão fora do seu normal que nem se deu conta disso.

— Eu lamento tanto... — ele brincou, se virando.

— Seu maldito, eu sei que você entorna umas doses quando encontra um dos seus primos.

— Você mesma batiza o meu chá, até parece que bebe mais do que duas taças — Sean desceu o olhar por ela e sorriu. — Você vai assim para se embebedar?

— Só porque estou modesta — Bea distorceu o que ele disse, ela entendeu, mas queria brincar.

Ela estava usando Michael Costello, um vestido claro, incrivelmente leve e fluído, era justo no corpo e pela delicadeza, dispensava decote, o modo como se moldava era suficiente. E a partir do quadril ele ia caindo ainda mais levemente, ficando mais transparente até a barra. A seda e o tule fluíam em volta de suas pernas conforme ela andasse sobre seus saltos Givenchy. Sean queria fugir com ela. Ele sempre queria, mas às vezes a vontade era maior.

— Vamos, antes que ela acorde. Se ela nos ver saindo ao mesmo tempo, já sabe — disse Bea, o pegando pela mão e partindo para a porta.

— Ela pensa que fomos dormir — disse Sean, que tinha se despedido de Bel por último, deixando-a com Rita.

— Claro que não pensa, está muito cedo, ela sabe que não teve jantar ainda — Beatrice ria no elevador. Achando Sean muito ingênuo, Bel era só um bebê, mas os horários de comer regulavam seu dia. E papai e mamãe dando tchau antes do jantar, depois ela ia olhar para Rita e fazer aquela carinha, como se soubesse que estava por conta dela.

Dez minutos depois, eles estavam no carro e Sean estava se segurando no suporte da porta.

— Não acredito que você me deixou dirigir o monstrengo! — Beatrice gargalhava, até jogando a cabeça para trás e enfiava o pé no acelerador, levantando aquele som de motor super potente acelerando.

O carro anterior já era história, mas Sean ainda era um cara dos clássicos. Ele estragou sua Ferrari Berlinetta quando a bateu do lado daquela van para tirar Beatrice de lá. E depois não a quis mais, pois lhe trazia uma péssima lembrança. Ele a substituiu por uma Ferrari 458 Spider, era completamente negra como a outra e sequer brilhava, era fosca. Por isso que Beatrice o chamava de monstro, de noite parecia um monstro negro deslizando e fazendo aquele barulho. Você basicamente só via o brilho dos faróis vermelhos e da placa iluminada. Já Hartie que não perdia uma oportunidade, batizou o negócio de Bat-móvel, pelas costas de Sean, claro.

Ela continuou acelerando para fora de Manhattan, Sean olhava pelo vidro e Bea se divertia, havia escolhido a música e I Luv This Shit do August Alsina tocava alto dentro do carro. Ela passava a marcha com gosto, curtindo o som do monstrengo acelerando mais. E Beatrice só parou quando freou em frente a mansão dos Dorough que estava com toda aquela parafernália de recepção de evento chique. Eles sempre chegavam do modo mais discreto, geralmente a limusine ou o utilitário negro parava e eles saíam silenciosamente. Só que hoje, quando ela parou, o motor emitiu aquele som de fera relaxando e ela riu, olhou para Sean e passou a língua pelos lábios como se houvesse acabado de passar por uma experiência prazerosa e divertida. Ele deu uma risada ótima. Beatrice tirou as mãos do volante e se moveu, curtindo a música, imitando aqueles rappers que ostentam carros caros em clipes de música.

Os manobristas abriram a porta e ela recolocou os saltos e saiu, dando a mão para o cara que abriu a porta. Sean estava rindo quando o cara a trouxe até ele, no seu dever de cavalheiro ajudando uma dama em saltos tão altos a dar a volta até o piso mais plano da entrada da casa.

— Obrigada, fofo — ela enfiou cem dólares na mão do cara como gorjeta para ele levar o carro e por tê-la levado até o marido. — Cuidado com meu monstro, hein.

O cara ficou olhando para ela e depois para a nota dobrada na sua mão, então se virou e correu para o carro que ele não sabia que era o *monstro*. Beatrice se apoiou no braço de Sean, se virou, colocou a mão na cintura e sorriu para as câmeras. A cara dele quando passou o braço em volta da cintura dela era de diversão e os outros não sabiam que ele estava com aquela cara porque Bea havia tirado a noite para aprontar.

Eu tô é morto na entrada da festa nos Dorroughs. Quem achou que eles não iam seguir a tradição da festa anual, estava doido. Tô aqui, com crachá e tudo e com esse vento maldito da praia acabando com meu cabelo. Estou CONGELADO. E tô aos prantos. Toda molhada.

Beatrice Ward passou aqui agora pouco parecendo que ia fazer clipe sexy com Shakira e Rihanna. Eu não sei nem qual foi o estilista que ousou fazer aquele vestido pra ela. Fiquei esperando ela começar a rebolar colada naquele carro. Sim, aquele carro do SeanW que parece até a balsa da travessia do inferno versão 2015. Eu juro que tenho medo dele, mas se ele me chamar para dar uma volta na Ferrari demoníaca dele eu me jogo lá dentro já sem roupa. E aquela maldita da BeaW veio dirigindo a balsa do inferno e tombou tudo aqui na entrada. Eu juro que eu fiquei tão doido quando vi aquele vestido dela que quase não babei no marido dela. Juuuuro!

Mentira. Ele estava um arraso. E hoje estava até sorrindo. Juro, ele abriu um sorriso com dentes aparecendo e tudo e saiu de dentro da balsa do inferno rindo. Ou ele bebeu ou está no melhor humor

que já o vi na vida ou sei lá o que a maldita da BeaW andou fazendo ali dentro. Mas o zíper dele estava fechado.

O cara dos carros disse que ela deu cem dólares de gorjeta pra ele. Cadê que ninguém me dá cenzinho?? Tô aqui em pé nesse frio vendo essa gente RHYCA passar e ninguém vem me dar grana! Daqui a pouco vou entrar também que hoje eu tenho crachá, baby!

— do famousnewyorkers.com — 867 comentários

Sean perdeu Beatrice de vista pouco depois de chegarem, não era difícil acha-la, pois hoje ela estava chamando mais atenção do que o seu normal. Assim que a avistou, foi fácil tornar a vê-la circular. Ele a viu agarrar no braço de Nina e arrastá-la por aí, a mulher quase tropeçava nos próprios saltos para segui-la. Depois ele a viu perto do marido de Nina, ainda a segurando e dizendo alguma coisa que fez o cara arregalar os olhos e olhar a esposa que virou a taça inteira.

Pouco depois ela a viu passar por Maribel e dar o dedo para ela e ainda torceu os lábios, debochando. Ele não fazia ideia de quem era aquela mulher que ela estava arrastando agora, mas ela lhe pediu uma bebida e a deixou no bar. E voltou com um drink, sentou ao lado dele, cruzou as pernas e mostrou a dose dupla que segurava, levantando a sobancelha como se o desafiasse.

— Você vai entortar — ele avisou.

— Claro que não — ela se apoiou no braço dele e virou o drink de uma vez, jogando a cabeça para trás, para descer rápido.

Assim que engoliu ela fez o caminho contrário, se inclinando para frente e fazendo sons de sofrimento.

— Caramba, isso arde! O que diabos eu peguei, era para ser de fruta.

Ele tirou o copo da mão dela enquanto ria, ainda bem que com aquele som tocando não dava para ouvi-los. Beatrice tossiu, depois levantou a cabeça, jogou o cabelo para as costas e respirou fundo antes de olhá-lo.

— Sobrevivi — ela informou.

— Você vai ficar bêbada antes do jantar — ele avisou, conhecendo bem seu histórico com bebidas.

— Que jantar? — ela perguntou como se já estivesse alterada, mas estava brincando.

Ele sorriu e se recostou, apoiando os dois cotovelos sobre o encosto. Beatrice o olhou e sentou mais perto, foi subindo o vestido e cruzou a perna para o lado dele, se aconchegando contra o seu torso. Ele desceu o olhar, admirando suas pernas macias e sensuais, do pedaço da coxa que ela mostrava até a ponta dos saltos.

— Sabe, se o meu batom não estivesse tão perfeito eu até te beijaria agora, mas não quero ter que retocar até depois do jantar.

Sean só lhe lançou um olhar estreito, nem se moveu.

— Eu tenho umas coisas para fazer — ela contou.

— Eu vi... — o tom dele era de quem tinha visto o que ela esteve aprontando.

— Continua aqui de papo com seus amiguinhos das antigas — ela disse, olhando em volta.

— Eu vou dizer para o Kevin dirigir de volta, não vou passar por isso sóbrio.

— Não! — ela virou o rosto para ele e disse baixo. — Vamos fugir mais cedo.

A sobancelha dele levantou, daquele jeito que ele fazia quando começava a ver vantagem para o seu lado e Sean descansou a mão sobre sua coxa.

— Sabe aquele salão que eles leiloam umas coisas, lá no canto, bem no meio da festa — ela perguntou.

— O leilão informal?

— Tem uma coleção de quadros com umas damas lindas, pintadas em fundos perfeitos. Quando abrir, compra pra mim. Já bebi demais para ver números.

— Você bebeu uma taça e um drink, Bea.

Ela se inclinou, pegou a bebida dele da mesa e cheirou. Era soda misturada com alguma coisa, mas tinha um pouco de álcool. Ela bebeu o que ainda tinha e colocou no lugar.

— Já é demais, Sean. Passei das duas taças, viu?

— Você vai me arranjar outra bebida, sóbrio e de garganta seca é demais.

Como esse era o sim dele, Beatrice levantou e ajeitou seu vestido lindo, olhou para ele por cima do ombro e se afastou. Depois não olhou mais até pedir a bebida dele e ir encontrar suas conhecidas, mas ela sabia que ele estava olhando. Ela não estava se importando com o que os outros estavam pensando do que ela fazia, estava ocupada com o caso que tinha com Sean hoje. E tinha mesmo seus próprios contatos para encontrar ali. Tinha vários babados nos quais se envolver.

Eu não sei se adoro ou se odeio a BeaW! Ou se quero ser tipo ela na próxima encarnação. Tô aqui tietando os ricos e famosos. E vocês sabem do meu amor pelo SeanW, adoro os sérios! Fui lá perto dele, toda me tremendo de nervosismo. Ele tá cheio de moças bonitas em volta pedindo selfie. E quando eu disse que era do blog, ele começou a rir. RIR, gente! Eu vi tudo rodar ali, virei uma manteiguinha. Quando ele olhou pra mim, eu acho que desmaiei. Aquelas moças devem ter me carregado. Eu só sei que depois, vi a BeaW lá! A MALDITA estava lá de boa, tirando altas selfies do colo do SeanW! E postando no Instagram direto do colo dele. Rindo horrores e postando aquelas fotos mara junto com ele.

Nunca na vida eu os vi fazer isso! E eu cubro os Ward desde... SEMPRE (sem querer denunciar minha idade, eu já postava sobre ele antes do Sean casar!) São nesses momentos que eu vejo que a vida não é justa. Eu sei que ela deve passar o dia no colo dele (se fosse eu, passaria a vida lá), mas não precisa ostentar na cara da sociedade!!

É por isso que Deus não dá asa a cobra! Se me desse, eu agarrava naquela coisa e vocês nunca mais iam me ver! HAHHAHAHA.

— do newyorklife.com — 689 comentários

* * *

Depois do jantar, Beatrice tinha seus quadros para serem entregues no dia seguinte e estava se achando a própria aventureira de festa depois da “enlouquecedora” quantidade de quatro taças de

champanhe e duas doses de drink. Se ela dissesse isso a Hartie ele riria dela por uma semana, dizendo que bebia isso antes mesmo de entrar na festa. Aliás, ele fazia falta em festas como essa. E Beatrice já tinha perdido a conta de quantas selfies aceitara tirar.

No entanto, enquanto o DJ fazia seus remixes, misturando hits daquele ano com alguns dos dois anos anteriores e ainda frescos na cabeça das pessoas, Beatrice dançava pelo meio dos bêbados de verdade. Nina tinha bebido uns cinco drinks daquele colorido, sendo que o sexto ela jogou no marido e agora estava perdida na pista, reclamando dele, enquanto ele a procurava, com a camisa toda manchada. De um tempo pra cá, Beatrice havia descoberto que eles realmente tinham sentimentos um pelo outro. Outra pessoa ficaria chocada, mas ela entendia do assunto. E Justinho estava sentado lá no canto, entornando mais champanhe do que dava conta. Apesar de todo o babado dos anos anteriores e de ambos ficarem com outras pessoas, eles haviam reatado. Mas continuavam do mesmo jeito.

— Eu nunca mais vou voltar para ele — dizia Nina, bêbada demais, segurando o braço de Beatrice.

— Acho que vai, porque você já era casada com ele quando te conheci e na época eu nem pretendia casar — observou Beatrice.

— Dessa vez é o fim.

— Como é que você fez para esconder por todo esse tempo que realmente tinha algo com o seu próprio marido? Eu pensei até que ele estava morando em outro país.

— Ele estava!

— Era casamento à distância? Eu já experimentei isso, mas pelo menos a gente se via às vezes.

— Ele voltou! — disse Nina, enrolando a língua. — E me deu um ultimato.

— Ué...

Beatrice estava doida para finalmente desvendar esse babado do casamento de Nina, que ela havia descoberto que não era assim tão cabeça de vento. Ela fazia de tudo para ocupar seu tempo. Provavelmente, para não pensar no...

— Gianna! — esse era o marido dela, chamando-a pelo nome de batismo que absolutamente ninguém usava. Pelo jeito, ele usava.

— Não! — disse Nina, afastando-se e deixando Bea na pista sobre a fofoca.

Sozinha, Beatrice voltou a “se divertir” com seus admiradores. As pessoas tinham um problema com elas que viviam fazendo proposta para eles. Tanto para ela quanto para Sean. E pior que todo mundo sabia que eles eram um casal. Até dava para entender se você nunca assistisse TV, entrasse em sites de notícias ou lesse o jornal. Porém, vivendo em Nova York, era difícil não saber. E totalmente impossível se não saber se frequentasse os mesmos locais. Eles estavam juntos há anos, mesmo com aquele tempo ruim que tiveram e o quase divórcio, eles sempre compareciam como um casal e mantiveram as aparências.

— Eu desisto, vou embora — disse Nina, aparecendo de novo.

Ela apareceu bem no meio do papo que Beatrice estava tendo com sua “última conquista”.

— Não sou lá muito modesto, não deixo nada a desejar — disse o cara.

Bea riu e deixou Nina segurar no seu braço, já que ela ainda estava meio tonta pela bebida.

— Dá para acreditar nesse cara! — ela riu, o indicando.

— Qual cara? — Nina estava ocupada demais em estar bêbada e fugir de ser levada para casa pelo marido.

— Além de ser casada, eu sou muita areia pro seu caminhãozinho — ela riu dele.

O cara estava rindo também. E o marido de Nina, apareceu e a levou com ele, dizendo que não podia deixa-la assim. Beatrice viu que Sean tinha saído lá do seu ponto de observação e estava no bar pedindo uma bebida. Ela foi andando para lá, ainda mantendo o cara na conversa.

— Claro que ele veio também — ela dizia para o cara que não fazia a mínima ideia que ela ia aprontar uma dessas pra cima dele.

— E ele é um espetáculo.

— Mesmo? — perguntou o cara, descrente.

— Olha isso! — ela surpreendeu ambos, abraçando-se a Sean e encostando o rosto contra o braço dele. Então olhou para o cara e deixou um braço livre, indicando o “cara novo” que ela havia agarrado ali no bar. — Olha isso, um espetáculo de marido!

Sean estava exatamente bebendo um gole de soda com gelo, limão e laranja e ele só olhou pelo canto do olho quando ela o abraçou. Pelo menos o outro cara mostrou que tinha personalidade quando indagou:

— Você apresenta todos os idiotas que dão em cima de você para o seu marido?

— Só os que não são muito babacas — disse Bea, ainda abraçada a cintura de Sean e com o lado do rosto contra ele.

Sean se virou, sem Beatrice precisar soltá-lo e passou o braço em volta dela. Só olhou seriamente para o cara, com uma expressão de leve pouco caso e demonstrando autoconfiança pura.

Daquelas típicas de quem sabia quanto estava a sua cotação no mercado e que aquele cara ali, não tinha a menor condição de lidar com o espetáculo que era sua esposa.

— Foi mal — disse o cara, antes de sair.

Ele era o que? O décimo da noite?

— Sério, Beatrice? Outro? — perguntou Sean.

— Ah, qual é? É engraçado, viu a cara dele quando você virou? — ela o soltou e parou a frente dele.

— Novato?

— Com certeza! — ela riu.

— Vai começar a pegar mal, vão achar que somos um desses casais que querem companhia — brincou Sean.

— Nossa! Já imaginou as propostas que receberíamos se isso caísse na boca do povo! — ela riu junto.

— E os convites que iam passar a chegar lá em casa, teríamos que esconder tudo para a Bel não ver.

Ela riu mais, porém, se virou para voltar.

— Ei, eu não vou ficar aqui pra você me apresentar para todos os putos que dão em cima de você — ele avisou.

Bea girou e cruzou os braços, olhando-o.

— E aquelas sacanas que estão indo lá checar o seu material. Essas você não quer me apresentar, né. Eu as vi subindo lá para te agradar.

— Me agradar não é assim tão fácil.

— Com certeza. Todas querendo saber se o que dizem por aí sobre você é real. Da próxima eu vou subir lá. Vou dizer para todo mundo que é mentira que você dorme com esse espetáculo todo aí de fora e que na verdade você dorme e acorda já de gravata!

— E meia, não esquece as meias, sempre funciona — ele brincou junto.

— Sean — Bea botou as mãos na cintura e fingiu seriedade. — Você para de aceitar bebida dessas mulheres. Todas elas indo lá para não deixar sua garganta seca. Você avisou a elas que vai voltar dirigindo ou está engandano a mulherada, dizendo que vai voltar com o motorista?

— Eu não estou aceitando nem água — ele disse, comprando o tom que ela usava, como se estivesse mesmo o alertando. E se divertindo.

— Olha lá, vai que te dão um boa noite Cinderelo. Como é que eu vou te salvar? Eu não vou rolar no chão com piriguete por sua causa não. Estou bonita demais hoje para me meter nessas coisas.

— Ah, é? Mas eu tenho que rolar no chão com esses putos que estão atrás de você?

Ela gargalhou, começou a rir e não conseguiu parar.

— Meu Deus! Acho que é o meu sonho secreto! Ver você com essa pose toda rolando no chão! — ela inclinou a cabeça, rindo mais e aí o olhou. — De verdade, Sean. Você já participou de um barraco alguma vez na sua vida? E barraco na bolsa de valores não vale.

Ele ficou mesmo pensando no assunto.

— No colégio, quando era bem novo, eu já rolei no chão brigando com outro garoto. Eu tinha uns seis anos. Não lembro o motivo.

— Eu quero te ver rolando no chão e puxando cabelo! — ela ria, caçoando.

— Puxar cabelo é golpe baixo.

— Barraco não tem regra!

Ele pegou sua bebida e ela também se afastou do bar, para voltar a resolver seus assuntos. Porém, antes de se separarem, ele disse:

— Sem tocar, Bea — ele lembrou que odiava que a tocassem. Como eles não conseguiam evitar as propostas, flertes e cantadas, começaram a se divertir com elas e fazer piadas internas. Porém, podia olhar, mas não podia tocar.

— É mesmo? E as mãozinhas pegajosas das gostosonas que tão sentando lá do seu lado, apalpando para saber se você veio ao natural ou se prendeu o equipamento para sair.

— Não tem ninguém me apalpando — ele se defendeu.

Eles estavam brincando, mas não tinha mesmo, Sean não gostava de estranhos colocando as mãos nele e o motivo era totalmente pessoal. Ele não se sentia confortável com isso até hoje, a menos que ele abrisse a exceção ou se dispusesse, como em encontros de negócios que todo mundo ia acabar tocando seu ombro, sua mão, etc. Ou pessoas que ele não se importava que invadissem seu espaço, como amigos e familiares.

— Coitado, mas você pode me apalpar se quiser — ela disse, virando mais um pouco, insinuando a parte mais carnuda do seu corpo, o traseiro.

O olhar dele desceu pelo corpo dela de um jeito muito óbvio e os dois riram de novo. Apalpá-la era uma coisa que ele fazia todo dia, com gosto. O que ele tinha de reservado com desconhecidos, ele compensava na disposição em pôr as mãos nela.

— Mesmo? Então vem cá — ele esticou o braço, chamando-a. — Você não quer ser apalpada?

— Agora não! — ela fugiu, sabia muito bem que se caísse nas mãos dele não ia sair mais.

Sean riu do jeito que ela literalmente fugiu por entre as pessoas e ele voltou com sua bebida sem graça para o lugar onde estava. Ambos socializaram um pouco e Sean abaixou sua bebida por um momento para olhar o celular e deu uma sonora gargalhada quando leu:

Bea 00:48 - Avisa a essa moça linda e peituda sentada entre você e seu amigo aí que não tem motorista hoje. Não vai dar para fazer

um rendez-vous no banco de trás.

Sean 00:49 - Eu disse, mas elas não acreditam em mim.

Bea 00:49 - Essas moças bonitas estão tentando te embebedar, Sean. Cuidado, depois acorda em lugar que nem lembra. Vão achar que você é vadio. Facinho, facinho.

Sean 00:50 - Mas eu sou fácil. Começo a tirar a roupa antes de você pedir.

Bea 00:50 - HAHHAHAHAHAHAHA Adoro os fáceis!

Sean largou seus conhecidos para lá, não podia beber e em festas assim, precisava de álcool para o tempo passar. Assim que ficou de pé e entrou por entre as pessoas, ele viu Beatrice. Quando ela o viu, ele moveu os ombros e deu um puxão de leve nas lapelas do paletó, como se ajeitasse e começou a ir na direção dela, se movendo no ritmo de Loyal do Chris Brown com Lil Wayne e Tyga. Ela soltou uma risada e começou a dançar na direção dele até estarem próximos o suficiente para dançarem um com o outro. Com aquela música era só se mover ao som e ir embora no ritmo. Ela foi andando para trás e dançando, o levando para mais perto do som do DJ.

Bea dançava melhor, mas Sean conseguia seguir o ritmo muito bem. E ficou sorrindo quando ela começou a dançar mais para ele do que para a música, movendo o corpo na batida certa, ajudando com os braços e deixando o cabelo passar pelo seu rosto.

— Nós vamos fugir agora ou depois da música? — ela perguntou enquanto dançava perto dele, enfiando as mãos por dentro do seu cabelo solto que estava arrumado para ter mais volume e cheio de ondas bem feitas.

Ele entendeu mais pelo movimento dos seus lábios. Um sorriso de canto apareceu no rosto dele que continuou dançando e foi andando para trás, dessa vez ela que o seguiu. De fora parecia que eles estavam só dançando mesmo. Quando chegaram longe o suficiente, ela colocou as mãos nos ombros dele e foi dançando para mais perto e sorrindo como se estivesse aprontando algo. Sean ajudou, até eles estarem perto o suficiente que podiam se beijar, mas acompanhavam a música. Beatrice o abraçou pelo pescoço e sorriu com o rosto bem junto ao dele, agora eles estavam no mesmo ritmo,

se movendo juntos. Pena que o remix entrou e mixou a música com outra.

Agora foi ele que a olhou como se estivesse aprontando uma e a pegou pela mão, levando-a para a saída, para fugirem dali.

Eu consegui um convite pra festa dos Doroughs. Aqui dentro está bem quente, eles gostam de fingir que é verão. Vim gata, para arrasar e rebolar meu traseiro até o chão. Vai que eu pegava alguém. Aí SeanW entrou na festa e eu não vi mais nada, fiquei o stalkeando, porque BeaW larga aquela coisa maravilhosa por aí e vai rebolar o traseiro na pista. Tudo bem que se eu fosse ela, provavelmente também ia rebolar meu traseiro lindo dentro daquele vestido pra tudo que é lado. Mas agora tenho outra foto com ele! Eu engasguei para pedir, mas ele tirou! Tô mooortaa! Olha essa foto linda! E hoje, nem coloquei meu Dior que comprei especialmente para ver SeanW.

Enfim, já era. Eu os vi fugir da festa agora pouco. Vou catar algum outro crush para stalkear. Tenho que aproveitar o convite! Continuem acompanhando minhas atts da festa pelo Twitter!

— Uppersofnewyork.net — 478 comentários

* * *

Pouco tempo depois eles já estavam longe da festa dos Dorough, com Sean dirigindo por Long Beach, com a capota abaixada. O vento era frio, mas Bea estava se divertindo, deixando-o desfazer seu cabelo. Ela tinha mesmo bebido um pouco mais do que o seu normal, mas ele duvidava que ela precisasse estar bêbada para ficar de joelhos no banco de passageiro, aproveitando o vento e cantando junto com o som do carro.

— Daqui dá para ver o mar. Vamos para a praia assim que esquentar?

— Tudo bem — ele fez a curva, parando o carro brevemente. Não dava para passar em frente à praia, pois era toda fechada pelo calçadão, mas havia as curvas que davam lá.

— Dirige! — ela disse, animada.

O vento estava frio, mas eles não se importavam. Bea escutava músicas do rádio do carro conectado ao celular, 2 On da Tinashe tocava enquanto ela cantava junto.

— Nós vamos ser presos, Beatrice — Sean disse, dirigindo enquanto ela se divertia.

— Você está sóbrio.

— Por perturbação da ordem. De madrugada.

Ela riu, porque era verdade. Se uma patrulha passasse, ia querer saber o que aquela Ferrari fazia ali com a capota abaixada, o som tocando enquanto os ocupantes pareciam ter vindo de alguma festa chique. Iam achar que estavam ambos bêbados. Felizmente para eles, Bea não conseguia beber tanto assim sem acabar apagando, então se ela estava acordada e dançando era porque estava só “alegre”.

Brincando com ele, Beatrice se virou no banco, sobre os joelhos e Sean desviou o olhar para ela, tirando o pé do acelerador, deixando o carro mais devagar do que já estava. Ela conectou o olhar com o dele e foi puxando o vestido, até que a parte mais transparente que antes esteve caída sobre o banco, começou a mostrar suas coxas sob o tecido.

— Deixa eu ver — ele disse, quando ela parou.

— Sabe que o capô está aberto, não é? — ela perguntou, até parece que era a voz da razão.

— Sei. Continua.

Beatrice lhe lançou um olhar cheio de segundas intenções e levantou mais o tecido, até a calcinha ridícula que ela estava usando, aparecer por baixo do tecido. Apesar da leve transparência, dava para ver perfeitamente que era minúscula. Sean levantou o olhar para o rosto dela e disse:

— Esse vestido é bem transparente embaixo e você saiu com isso?

A resposta de Bea foi dar um sorriso e manter a parte transparente dando uma ideia de sua calcinha. Sean se divertiu com a ousadia dela. Se inclinou e beijou o abdômen dela, sobre o vestido fino e inspirou seu cheiro, tirando a mão do volante e segurando no seu quadril. Quando ele levantou o rosto e olhou para ela, com desejo em seus olhos turquesa, Bea segurou seu rosto e o afastou e

se inclinou o suficiente para beijá-lo. Quando se distanciou, ela o olhou com um toque de seriedade misturada a sensualidade:

— Acho melhor dirigir bem rápido para casa, bonitão.

Um sorriso iluminou o semblante dele e Sean tornou recostar no banco de couro e disse:

— Coloca o cinto.

* * *

Sean apertou o botão do elevador sem nem ver o que estava fazendo, ele apertava com a mão esquerda e envolvia Beatrice com o braço direito. Enquanto ela o abraçava e o beijava. Eles entraram no elevador sem ver nada e felizmente dessa vez não havia ninguém lá dentro. Se houvesse também, a menos que saísse correndo, ia acabar subindo de novo e segurando vela no processo. Foi uma luta para inserir a chave que os levava ao terceiro andar do tríplice.

A porta do hall bateu contra a parede, eles entraram, Beatrice encostou Sean contra a parede e o beijou, ele empurrou a porta, deixando-a bater. Ela riu quando ele a tirou do chão e deu dois passos para dentro do hall e a bateu de frente contra a parede ao lado do espelho. Ele encostou sua cabeça na parede, ela apoiava as mãos ali e pressionava os seios. Quando ele subiu as mãos pelas suas coxas, levantando o vestido e a puxando, ela empinou o traseiro e olhou por cima do ombro.

Eles vieram se pegando do carro até ali, nem eles sabiam onde iam parar com aquilo, mas deu tempo de ao menos entrar em casa... ou quase. A porta tinha batido, não tinha?

A calcinha desceu ardendo pela sua pele, o tecido fino embolando-se e caindo ao passar dos joelhos. Seu vestido chique e leve também se embolou na sua cintura e Beatrice pressionava as mãos aos lados do torso, com o cabelo bagunçado, entre seu rosto e a parede. Ela gemeu, com os dedos dele testando sua umidade, ela estava úmida desde que começou a provocá-lo no carro.

— Não... — ela trincou os dentes e gemeu antes de continuar a frase. — Pude voltar o... o... anticoncepcional ainda. — o suspiro saiu junto com o gemido e ela fechou os olhos, louca, excitada e

levemente bêbada como estava, nem dava para acreditar que havia lembrado disso. Estava parando de amamentar, ainda não voltara ao anticoncepcional. Não podiam arriscar.

— Eu sei — ele encostou nela, colocou as mãos nas suas coxas, acariciando-a e apertando-as.

Beatrice se moveu contra ele, gostando do toque, pedindo por mais e por isso mesmo que ele colocou a mão em suas costas e a encostou rudemente contra a parede novamente. Ela gemeu de excitação. Ele tirou o preservativo do bolso e colocou a frente da boca dela.

— Rasga — ele disse, mantendo a outra mão nas costas dela.

Ela mordeu a ponta do pacote e ele o puxou, rasgando-o no processo. Beatrice cuspiu o pedaço da embalagem metálica e o sentiu apertar seu traseiro, empinando-o e ficando dentro dela de uma vez. Os joelhos dela quase cederam ao prazer que sentiu, suas mãos pressionaram a parede e ele pressionou sua cabeça contra a superfície e começou a fodê-la. De pé e sobre aqueles saltos e arqueada contra a parede, ela nem sabia como continuava firme.

— Não se mexe — ele disse, mantendo-a exatamente naquela posição.

— Sean...

A mão dele estava apoiada entre as suas espátulas, ela não conseguia tirar o torso do lugar. Ele segurou sua cintura, apertando-a sobre o tecido embolado do vestido que nem dava para saber se ainda estava intacto. E ela pouco se importava, também adorava quando eles simplesmente perdiam a linha e iam direto pro jogo. Ele a segurava para entrar e sair do seu corpo sem ela se mover, até ela soltar gritinhos enquanto ele a estocava rápido e curto, só para ela gozar rápido. Porque ele sabia o que fazer com ela.

Beatrice virou o rosto e encostou a boca contra a parede, se fosse um vidro estaria embaçado; o ar saía em ofegos enquanto ela latejava em volta do seu pau. E foi por pura força de vontade que os joelhos dela não cederam depois de gozar.

— Rebola esse quadril pra mim — ele disse, olhando para baixo.
— A visão é boa demais para não aproveitar.

Ele ainda podia senti-la pulsando em volta do seu pau quando ela começou a mover o quadril lentamente, apoiando as mãos na parede, com as pernas afastadas como ele a colocara. Sean encostou mais o corpo ao dela e beijou seu pescoço, moveu o quadril com o dela, sentindo-a deslizar fácil demais pelo seu pau. Puxando-o para o limite também, mas só se ela fosse junto de novo. A mão dele subiu para sua nuca, pegando seu cabelo também, a bochecha dela se esfregava contra a parede enquanto ele a fodia.

A saia do vestido caía a sua frente, roçando seus joelhos e Beatrice não podia ver, mas sentiu seu toque quente. Seus dedos encontraram seus lábios úmidos e seu clitóris super excitado que ele esfregou repetidamente. Ela rodou o quadril contra o dele em resposta ao toque, tão excitada que não sabia o que faria se não gozasse de novo. Nem ele, mais ainda com ela correspondendo assim. As respostas dela eram sua perdição.

Sean colocou as duas mãos nas costas dela, pressionando-a demais, todo o lado direito do rosto dela se esfregava contra a parede no mesmo ritmo do seu corpo, batendo ali quando ele atingia o fundo do seu sexo com vontade. Ela gemeu e começou a gozar de novo e o sentiu inchar assim como o ouviu gozar dentro dela. Seus sons também eram uma delícia, dava para notar a liberação e o prazer perfeitamente, era excitante notar como ele atingia o paraíso sem nenhuma contenção. E pulsando dentro dela, bem lá no fundo, com seu quadril ainda se movendo, sem conseguir se conter até o último jato de sêmen.

— Puta merda — ele disse quando saiu de dentro dela, voltando ao mundo real e pela primeira vez olhando realmente para onde estava.

Bea mordeu o lábio, ainda com os olhos fechados de prazer e teve vontade de rir. Sabia exatamente o que ele estava fazendo atrás dela. Devia estar olhando para os lados. Eles tinham uma sorte danada de morarem num lugar tão grande e sozinhos. Não havia nem como esconder o que aconteceu ali. A porta havia batido, os saltos dela fizeram barulho e eles foderam alto. Já imaginou se fosse daqueles apartamentos que a parede é a casa de outra pessoa,

assim como em cima e embaixo? Sorte deles que para todos os lados era a casa deles.

— Realmente, Sean — ela desembolou o vestido na parte de trás, conseguindo descê-lo e antes de tentar dar um passo, a primeira coisa que fez foi sair de cima dos saltos. — Faltava o hall, você nunca tinha me fodido no hall — ela abriu um sorriso e se virou para ele. — Porque foi isso que você fez, você sabe.

Ele lhe deu um olhar sério, abaixou e pegou a calcinha que provavelmente não ia se recuperar bem da experiência no hall.

— Só mais um segredinho sujo para a coleção — agora ele lhe deu um sorriso travesso.

Como eles até que eram bons em esconder o que aprontavam, ele não jogou a camisinha no lavabo perto do hall, só no banheiro do corredor. E assim que eles chegaram na área dos seus quartos e pararam, escutaram aquele som que já era parte de sua rotina. O choro de Bel ao acordar.

Beatrice começou a rir e Sean deu uma risada, divertindo-se com o timing do bebê e o estado deles.

Fim de farra por essa noite. Eles tiraram no par ou ímpar e Sean foi lavar as mãos para ver Bel, mesmo que Rita estivesse lá por essa noite. E Bea foi para o banho, porque de manhã seria seu turno com a filha.

Capítulo 9

Quando Eu Te Abraçar, aperte-se contra mim e se aconchegue ao meu corpo. Conte-me seu dia, seus melhores momentos e os piores também. Deixe-me ser parte do que torna sua vida tão preciosa, porque você é minha vida inteira.

— Sean, vamos passar o Natal com a sua mãe — disse Bea, carregando Bel que estava arrumada para sair.

Ele estava trabalhando, final de ano e início de ano seu trabalho chegava a acumular, era muita coisa para rever e planejar. Porém, assim que a escutou e a olhou, ele franziu o cenho e pareceu perdido.

— Vocês vão passar o Natal com ela... agora? — ele a observou pôr a bolsa no ombro e Bel ficou olhando para ele, lá do colo da mãe.

— Deixa de ser bobo, Sean — Bea ria, achando que ele estava brincando. Ela foi saindo da saleta e ele pulou de pé e foi também.

— Você me disse isso agora porque eu havia dito algo sobre isso? Eu lembraria.

— Não, você não disse nada — ela continuava indo pelo apartamento, com Bel no colo e a bolsa no outro ombro. E a filha virou e ficou olhando por cima do ombro da mãe enquanto o pai as seguia. Até que ela passou o braço por cima do ombro de Bea e começou a dar tchau para ele, como se estivesse caçoando da sua situação. Ela tinha acabado de aprender a dar tchau por conta própria, então o jeito como fazia ainda era engraçado.

— Eu disse que vou?

— Por que não iria? — Beatrice balançou Bel levemente e pegou também a bolsa do bebê que já estava pronta. — Ela convidou. Esse ano a Tess não vai, você sabe.

— Sei... — ele respondeu, mentindo, claro. Não sabia nem que ia ter Natal na casa da mãe esse ano.

Bea se virou de repente, tão rápido que ele estacou num pulo. Ela fazia isso com ele. Bel não gostou de sua visão por cima do ombro

ter deixado de ser o pai, então se virou de novo.

— Não sabe coisa nenhuma. Eu te conheço, Sean. Tenho certeza que você esqueceu que esse ano a Tess vai passar lá com os Pagani.

— Vou sentir falta da Tibby — ele disse rápido, para não ficar muito feio para o seu lado.

— Elas vão vir aqui antes, para não ficarmos sem vê-la — ela se virou novamente e foi andando.

— Claro! — ele exagerou na excitação, algo atípico dele e Bea virou de novo, dessa vez de forma menos súbita. Mesmo assim, Bel já estava ficando confusa com isso e não sabia mais que lado escolher para olhar.

— Você também tinha esquecido isso, não tinha?

— Eu tenho certeza que está anotado em algum lugar... — dessa vez não deu para disfarçar.

— Você é inacreditável. Tem milhões de coisas guardadas aí nessa mente, além de o GW inteiro e esquece essas coisas banais. Mas é incrível como lembra tudo que eu disse e você não devia lembrar mais.

Ele seguia andando atrás dela e Bel agora lhe dava tchau com as duas mãos, ela não entendia que uma só já era suficiente.

— Eu deveria saber para onde você está indo com a Bel ou não?

— Para a primeira festinha infantil da vida dela, a criança vai fazer um ano — disse Bea, continuando.

— Era para eu ir nisso?

— Eu não queria te torturar, você já vai sofrer bastante na festinha de um ano da Bel.

— Então, eu não sabia?

— Sean, assim não dá. Não vamos demorar, é só para ela ver que existem outras crianças do tamanho dela. Ela só vê a Tibby, o Travis e os filhos da Rose. São todos muito maiores do que ela.

— Me dá um desconto, eu fico nocauteado em fim do ano e início. Eu passei três horas olhando números e tabelas.

— É por isso que você vai ficar aí em casa, lindo e comportado. E a Bel e eu vamos pra rua — ela virou o rosto para filha e acariciou sua bochecha. — Não é, meu amor? Vamos largar o papai aí e fazer um programa só de garotas.

Beatrice parou na porta e o olhou.

— E hoje é você que vai ficar no turno da noite e da madrugada com ela, bonito. Para lembrar de olhar sua agenda pessoal — ela piscou e saiu. Bel continuava dando tchau pro pai e lhe dizendo “bui”.

Ela havia aprendido a palavra “fui” com Hartie, então agora dizia “bui” toda vez que percebia que estava saindo ou mesmo quando achava que estava.

* * *

— Chefe, os franceses também chegaram. Mando para a sala de reunião, para o café da manhã, para o banheiro ou... assim minha agenda não funciona! — dizia Rico, estressadíssimo.

— Rico, fala baixo — disse Sean, andando a frente das janelas do escritório.

— Eu estou um caco. Todo começo de ano é isso — disse o assessor, bebendo um longo gole de água gelada.

— Vai pegar a mamadeira para mim.

— Agora?

Sean se virou e balançou Bel que tinha acabado de se acalmar, ele continuou andando com ela pelo escritório e mostrando as coisas do lado de fora da janela. Ela estava a coisinha mais fofa. Seu cabelo escuro estava preso com um laço e o vestido roxo fazia parecer que havia sido convidada para a festa do dia. Ela tinha sapatinhos que combinavam, mas não havia sossegado até jogar os dois para longe, então Sean colocou cada um num bolso e a deixou descalça mesmo.

— Para de exclamar, você está estressando minha filha — ele disse calmamente e o encarou mais de perto. — Vai logo. Vou finalmente conseguir que ela tome a mamadeira da manhã.

Rico saiu naquele seu constante estado de desespero e voltou num piscar de olhos com a mamadeira. Sean pegou a mamadeira e tentou ludibriar a filha, mas Belle se inclinou e tentou agarrar a gravata azul berrante que Rico estava usando.

— Não, Bel, depois você puxa o Rico. Aqui a mamadeira — Sean a ajeitou no colo e lhe deu a mamadeira, agora ela já segurava, mas ele mantinha o apoio. Enquanto ela bebia, ele olhou para o assessor.

— Manda todo mundo para o café da manhã, eu não quero ninguém com fome quando eu chegar lá. Vai ser um dia longo. A pausa para o almoço vai ser breve. Chegou todo mundo?

— O pessoal da Alemanha está vindo do aeroporto. Sua tia está lá na outra sala e mandou dizer que se tiver que vir aqui te ensinar a cuidar do bebê, vai contar para a família inteira.

Sean só estreitou o olhar para ele.

— Ela tem um filho. Não é guru da paternidade. Eu me entendo com a Bel — ele olhou para a filha que agora bebia a mamadeira, mas mantinha aqueles grandes olhos dourados bem em cima dele. Sean sorriu ternamente para ela e a aconchegou com carinho. — É claro que nos entendemos. Nós sempre damos um jeito.

A sua nova diretora de projetos de marketing entrou, parecendo nervosa e ficou sem saber se ia a frente, chamava Rico ou dava meia volta.

— Ótimo que você está aqui — ele disse ao vê-la e foi caminhando para a porta. — Rico, meu paletó.

O assessor pegou o paletó e foi andando atrás dele.

— Quero que a sua parte seja a primeira na gestão interna para o ano que vem. Vamos apresentar os seus projetos para todas as nossas filiais e subsidiárias locais — dizia Sean andando para o elevador.

A nova diretora de marketing dele era nova mesmo, do tipo recém promovida e também era a mais jovem num cargo como esse. E isso a deixava num estado de nervosismo que ela fazia de tudo para disfarçar. Porém, quando olhava para ele, seu coração acelerava e não era de atração, era de nervosismo por ele conter toda a sua vida profissional na mão. E ela era ambiciosa, queria ser bem sucedida e provar que merecia o cargo. Ele tinha mais de um diretor nessa área e o geral, que vinha para a conferência. E Evelyn estava desesperada porque ia ver pela segunda vez na vida o chefe geral de marketing do GW inteirinho.

Na verdade, o GW inteiro estava ali hoje. Ela veria todos os responsáveis de marketing de todas as filiais do mundo inteiro. Além de todos os outros Ward que comandavam cada um a sua área no Grupo. E enquanto isso ela seguia o dono da festa para o elevador e

ele parecia mais calmo que um mar congelado e só demonstrava alteração pelas peripécias que sua filha de menos de um ano aprontava.

Aliás, Bel moveu seus olhos dourados para Evelyn e pareceu reparar nela pela primeira vez. Ela tirou a mamadeira da boca e a virou para ela, apontando o bico em sua direção. Evelyn ficou nervosa, com medo do bebê fazer jorrar um pouco de leite bem em cima dela. Ia ter que correr para o banheiro. E nem podia dar um ataque histérico se o leite caísse no seu cabelo recém escovado.

Primeiro que ataque na frente do chefe pegava mal, segundo que Sean nem parecia preocupado com o que o bebê aprontava enquanto ele falava com Rico.

— Oi, fofinha — Evelyn tentou fazer a menina gostar dela, quem sabe assim ela não jogava leite bem no meio da sua cara.

Bel perdeu o interesse na mamadeira e ficou olhando para ela, então se jogou na sua direção com a mão esticada para o seu colar. Um colar cheio de pedrinhas que a menina ia adorar colocar na boca.

— Bel, termina a sua mamadeira — Sean só desviou o olhar por um momento e devolveu a mamadeira para a filha.

Em resposta, Bel fez um bico e ficou olhando em volta, procurando algo para pegar. Ela já bebia suco natural, mas não queriam lhe dar o suco essa hora, ainda mais antes da sua mamadeira da manhã, então ela estava fazendo um protesto de bebê. Como não achou nada interessante, seu olhar voltou para o colar de gemas que Evelyn usava. Dava para ver que ela estava nesse momento planejando um jeito de agarrar o colar e com certeza enfiá-lo na boca.

— Você vai ficar com o marketing local, vai ser breve. Deve haver quinze dos gestores para você explicar os planos dos próximos meses — Sean voltou a falar com ela como se nunca houvesse parado.

Evelyn apertava o passo para acompanhá-lo ao saírem do elevador. Ele continuava carregando o seu bebê, falando com Rico, falando com ela, segurando a mamadeira e concentrado no que iam

fazer o dia todo. Era dia de conferência geral de planejamento do GW para os primeiros meses do ano.

Todo mundo estava lá. Evelyn tinha começado a tomar calmante ontem. E Sean, estava preocupado que os alemães não haviam chegado e sua filha não queria a mamadeira.

A sorte de Evelyn era que Sean era bem alto, então Bel ficava olhando o mundo lá de cima do colo dele e não conseguia alcançar pessoas de altura média como ela. Só por isso ela não agarrou o seu colar.

— Claro, eu já preparei as pastas — ela disse, pensando que ele devia ter uma realidade muito louca na mente. Porque quando ele dizia calmamente que ela ia ter que se virar com a apresentação do seu projeto “local”. Na verdade Sean estava falando sobre os Estados Unidos inteiro. Aquele país enorme era o “local” para ele. Imagina o que ele dizia ao pobre coitado que lidava com todos os “locais” ao mesmo tempo.

E apesar disso, Evelyn queria chegar ao patamar internacional. Queria lidar com a equipe que tinha que pensar em ajustar os enormes projetos que deveriam se adequar ao mundo. Se conseguisse, não seria como uma das diretoras, mas ela não se importava, para chegar a equipe internacional, esse era o trajeto. Tinha que vencer numa das posições de projetos locais.

— Eles chegaram — disse Rico.

Assim que eles entraram no andar da conferência do GW, Sean foi rodeado por seus diretores, equipes e parentes. Não para ver ele, estavam interessados no bebê em seu colo. Isabelle Ward já era famosa ali.

Foi assim que Evelyn lembrou que havia esquecido sua bolsa com seu pen drive lá embaixo, no seu setor. E seu chefe estava bem ali ao lado, se batesse os olhos nela, ia querer saber se ela estava com tudo em ordem. Afinal era sua primeira vez na vida na conferência do GW. Nos anos anteriores ela não era importante o bastante para comparecer, havia entrado como trainee e chegado até ali. Era óbvio que estava uma pilha de nervos. E ela tinha outros três diretores, todos homens e metidos e no cargo há mais tempo. Ela se recusava

a ser a ponta solta. Eles já haviam apresentado projetos na conferência, ela não.

— Tenho certeza que vai sair tudo bem. Vai ser inovador, temos que casar melhor as marcas, isso vai ajudar. Você só precisa convencer os diretores de cada marca — Sean sorriu para ela e balançou Bel.

Até hoje Evelyn não havia conseguido se decidir se ter “ganhado acesso” ao Olimpo, no caso a Sean Ward, era algo bom ou ruim. Antes de ser promovida, ela nunca falava com ele, só quando ele passava e cumprimentava as pessoas por educação. Agora, ela até andava atrás dele enquanto ele carregava seu bebê. O bom é que era só em ocasiões especiais, o resto do tempo, o chefe dela lidava com isso.

Logo depois Beatrice saiu rapidamente do elevador e se enfiou pelo meio das pessoas, aparecendo ao lado deles.

— Eu fiquei presa lá, mas consegui, o contrato é meu! — ela disse, toda feliz e o abraçou.

Sean passou um braço em volta dela e se afastou um pouco, enquanto ela falava, animada e Bel agora tentava pegar algum acessório que estava na mão. Aproveitando a distração, Evelyn fugiu para os elevadores antes que seu chefe a visse. E é claro que não havia nenhum no andar. Quando um deles finalmente chegou ao andar, estava com dois seguranças dentro. Um era o cara que ela um dia, quando era nova na empresa, pensou que até daria mole. Até descobrir que sua colega de trabalho já dava pra ele. Ao menos dava naquela época, anos atrás. E o outro era o cara com quem ela realmente tinha saído. Num dia muito doido.

Gente, o dia só ficava pior.

Kevin saiu do elevador como se nunca tivesse a visto, o que era ótimo, porque ele só a conhecia de vista por vê-la junto com a ex-ficante dele. O outro, porém, abriu um sorriso. Evelyn pensou em dizer algo, mas ele segurou o elevador e ela foi tragada para dentro junto com Beatrice Ward, o assistente dela e Rico. Assim que viu Ramond, Hartie passou o bebê para ele. Beatrice segurava sua bolsa, sua pasta e um paletó no braço enquanto negociava pelo celular com alguém que iria montar uns móveis para ela. Hartie e

Rico estavam perto da porta, discutindo alguma coisa. E Evelyn no fundo do elevador enquanto Ramond sorria para ela e segurava a pequena Belle que devia estar muito acostumada com ele, pois ficou tocando seu pescoço e puxando a sua gravata.

— Esqueceu alguma coisa? — ele lhe perguntou.

— Minha vida — ela disse rápido.

Ramond balançou Bel levemente. E Evelyn que nunca tinha pensado em ter filhos e na verdade achava que isso atrapalharia sua carreira, conseguiu apreciá-lo carregando um bebê... gente, onde estava a mente dela? Aquele cara nem era o seu tipo. Ele não era nenhum mega executivo super bem sucedido que ela admirava. No entanto, foi com ele que ela acabou sua noite de comemoração ao ser promovida.

— Bula! Dada! — Bel apontava para o colar dela e depois abriu e fechou a mão.

— Quer pegar? — Ramond perguntou só de sacanagem.

— Pelo amor de Deus... — ela pediu. — Ela vai abrir o berreiro, estou nervosa demais.

— Nunca tinha te visto nervosa. Minha grande executiva do marketing perdendo as estribeiras? — ele provocou.

Evelyn só trincou os dentes.

— Era o seu andar? Oitavo? — ele perguntou porque passaram direto por ele. Afinal, ela tinha esquecido de apertar.

— Ah, não — ela suspirou. Parecia que toda vez que encontrava com aquele cara, as coisas não funcionavam do jeito que deviam. No momento anterior estava falando com Sean Ward, parecendo uma executiva no controle completo de sua vida. E agora estava suando, nervosa e exclamando coisas.

Beatrice se virou de repente, enfiando o celular na bolsa e foi até Ramond e pegou o bebê de volta, dando a ele sua pasta.

— Sentiu saudade, amor? — ela perguntou a filha. — Desculpa te largar na manhã louca do papai, mas foi necessário. Sabe que a Rita teve um compromisso inadiável, mas amanhã ela volta para ficar com você — ela beijou a bochecha da filha, deixando uma marquinha de batom.

Para sua sorte, Beatrice não prestou atenção nela, pois saiu do celular direto para dar atenção a filha. Evelyn estava feliz por não ter que se apresentar enquanto achava que estava alterada.

Provavelmente, ela nunca mais veria Beatrice Ward de tão perto e olha que ela já havia até pensado em lhe pedir uma foto ou um autógrafo. Ela tinha as revistas em que ela aceitou sair e falou sobre sua carreira. E a achava um exemplo de como era plenamente possível ser bem sucedida, lidar com a fama e usá-la para proveito próprio, sem abrir mão de sua vida. E agora a mulher até tinha uma filha com o chefe da porra do GW inteiro e largava com ele no dia da conferência. Isso só podia ser poder ou loucura. Essa gente vivia no limite entre essas duas coisas, mesmo assim Beatrice havia acabado de subir cinco posições na sua lista de mulheres para seguir.

— Relaxa. Vai dar tudo certo. Você vai arrebentar — disse Ramond. — Tem dedicado sua vida à isso.

A porta abriu e Hartie saiu na frente com Bea em seu encalço. Ramond só ficou para trás para falar com ela.

— Depois que você deixar todo mundo de queixo caído lá em cima e quiser comemorar de novo. Sabe o meu telefone — ele abriu aquele sorriso fantástico que mal dava para acreditar que era natural e não fruto de operações plásticas e próteses. E então saiu e alcançou Bea, Bel e Hartie.

Bem mais tarde, depois de quase desmaiar após sua apresentação brilhante, Evelyn se jogou na poltrona de uma sala de reuniões vazia e quase chorou de alívio. E pegou seu celular, passou pelo número dele umas dez vezes e tentou fugir. Abriu o aplicativo de notícias e acabou descobrindo que Beatrice Ward tinha conseguido um projeto milionário e ia decorar um hotel inteiro e provavelmente a reforma no resto da rede também. E pensar em Beatrice, fazia com que ela lembrasse de Ramond. E quando voltou ao número dele pela décima primeira vez, ela acabou apertando para chamar. Era só mais uma noite. Só uma. Ela era solteira, ele também, qual o problema? E estava com humor para encontrar com alguém essa noite. Alguém que a fazia esquecer de sua obsessão pelo trabalho. Ou seja, de tudo.

* * *

Apesar de Sean ficar extremamente ocupado com a conferência de início de ano, ele combinou com Beatrice que assim que tivessem um tempo, compensariam os dias atribulados. Ao menos esse foi o plano.

— Vamos levar a Bel para a praia? Não está quente ainda, mas é perto, ela vai gostar de ver o mar — Sean fala ao celular, aproveitando uma das novidades da relação deles, agora eles se ligavam quando iam passar o dia inteiro separados.

— Enfim! Ela já foi a França, mas não foi aqui ao lado, na praia.

— Ela vai comer areia, ela está tentando comer tudo que vê — disse Sean.

— Não muita... Podemos amarrar as mãos dela com o babador — ela riu.

— Esse tipo de ideia estapafúrdia não devia vir de mim?

— Eu sou muito melhor nas ideias absurdas. Você faz muito o estilo pai preocupado. Na nossa relação de pais, eu que vou cometer as loucuras.

— Ei, quem a leva para beber água da piscina sou eu.

— E da banheira. Além do patinho que tivemos que comprar um maior para ela não engolir quando você a deixa na água. Por conta própria, Sean.

— Senti um tom de acusação... — ele levantou a sobrancelha.

— Ela ia engolir o pato de borracha!

— Não ia, relaxa. Ela estava na almofada de banheira.

— Não quero nada na banheira que consiga passar pela garganta dela. Compre tudo gigante. Aliás, o banho dela hoje é seu. Acabei de sair da manicure, você que vai ficar com as mãos na água brincando com ela.

— Eu fiz isso, mas ela começou a chorar quando viu aquele pato enorme.

— Não precisava ser tão grande. E roxo! Roxo, Sean!

— Ela gosta de roxo...

— Ela não sabe do que gosta. Sabe a Margarida, a namorada do Pato Donald? Tem um patinho dela pra banheira. Eu vi no site da

Disney.

— Eu faço tudo pela Bel, mas onde eu vou arranjar isso?

— Manda o Rico lá na loja da Disney — ela brincou.

A risada que ele deu a divertiu.

— Não vou fazer isso com ele — Sean apertou o botão do seu telefone e chamou Rico que como sempre veio correndo, esperando uma emergência.

— Eu preciso que alguém vá buscar algo para mim, vou sair daqui muito tarde pra isso — avisou Sean.

— Um documento?

— Uma pata.

— O que?! — Rico arregalou os olhos, tinha certeza que havia escutado errado.

— Especificamente, a Margarida, namorada do Pato Donalds. Pata de banheira, vou dar banho na Bel quando chegar em casa. Ela está chorando quando vê a pata enorme e roxa, mas também não quer ficar lá sem brinquedo.

Rico fez uma cara de terror.

— Quem deu essa aberração para a pobre criança?

— Eu, claro, para ela não engolir. Desde quando entendo de patos? Preciso da Margarida antes de ir embora. Nada que ela possa engolir. Se a Margarida tiver amigas, diga para trazerem também. Pode ser a Minnie, vai ser a única época na vida que ela vai gostar de ver uma rata na banheira.

— E o Pato Donalds e o Tio Patinhas? — Rico estava até anotando naquele seu Ipad.

— Você não acha que já é pato demais, não? — Sean só o olhou enquanto segurava o telefone.

Rico saiu e mandou um estagiário ir catar a pata lá na loja da Disney na Times Square. E quando Sean chegou em casa, Beatrice estava na espreguiçadeira com Bel no colo, se alguém olhasse para ela agora entenderia tudo errado. E pensaria que a vida era fácil e glamourosa junto com um bebê.

Ela estava toda arrumada como se houvesse chegado da rua, algo bem longe do seu normal quando estava em casa cuidando do bebê.

— Mudou de ideia e vai posar para fotos com a Bel? — ele perguntou, franzindo o cenho ao vê-la toda arrumada, maquiada e penteada.

— Eu vou pra rua, bonito. Não cheguei assim, eu me montei assim. Vou dar apoio a Elis e encontrar a Terry e os outros. E você — ela ficou de pé e levantou Bel por baixo dos braços, entregando-a para ele. — Divirta-se.

Sean segurou a filha e lhe deu um beijo na ponta do nariz, ela encostou as mãos no rosto dele e desceu, pegando sua gola.

— Acho que eu devia ficar insultado ou preocupado ou... algum tipo de sentimento estranho — ele passou Bel para o braço direito. — Eu chego do trabalho, minha esposa está arrumada para farra da noite e me larga com o bebê — ele franziu o cenho.

— Porque você é ótimo tomando conta do bebê. Cadê a pata?

Ele indicou a bolsa que tinha deixado junto com sua pasta, Bea foi lá, tirou a Margarida de banheira de dentro e começou a rir.

— Ótimo, vocês estão em boa companhia.

Enquanto ela ia para porta, feliz e contente sobre os saltos de sua sandália e embalada num lindo vestido em tons de azul do Jason Wu; Bel apertava a Margarida que emitia apitos e Sean observava Beatrice ir embora.

— Amanhã é minha vez de ir para a farra — ele avisou.

— Não tem jogo do Giants marcado para amanhã e nenhum dos seus primos está na cidade — ela falou por cima do ombro.

— Tem sempre o Roy. Ele vive disponível — lembrou Sean.

Bea parou antes de sair e o olhou:

— Ele fica bêbado e você acaba tendo que carregá-lo para o carro! — ela riu.

— Mas ainda nos divertimos até ele apagar — Sean sorriu.

— Ok, combinado!

Capítulo 10

*Por todas as vezes que nós vamos brigar e nos desentender,
vamos reatar das melhores formas.
Então, vem cá, tenho um segredo para te mostrar. Começa a tirar
a roupa e volta logo para os meus braços, sexo de reconciliação é
sempre fantástico.*

A ideia de levar Isabelle à praia pela primeira vez foi em frente, apesar de ainda não estarem na época mais quente. E deu tudo errado. Bel se divertiu muito. Bea aprontou uma das suas. E Sean ficou puto. Depois passou para aquele estado em que percebeu que se fosse normal, devia estar mais insultado do que realmente estava. Ele tinha que parar com essa mania de sentir vontade de rir quando Beatrice aprontava uma das suas e lhe dava um bolo ou esquecia de algo que eles tinham combinado, coisas que ela fazia desde que eles se conheceram. E quando ficassem velhos, tudo pioraria porque aí ela ficaria esquecida de verdade e ele estaria perdido.

— Don, tem certeza que não quer ficar? — perguntou Bea, carregando a bolsa de ombro do bebê.

— Tenho, combinei minha folga para o sábado. Vou sair com as minhas filhas.

— Ótimo! Divirta-se com as meninas — ela parou antes de colocar a bolsa no banco traseiro. — Já sente falta de quando elas eram desse tamanho?

— Às vezes sim — ele passou Bel para o braço direito, Beatrice havia a deixado com ele enquanto checava se estava levando tudo. — Não sinto muita saudade das partes em que elas acordavam a noite toda. Mas dessa época assim, de quando elas já tinham uns nove meses... Minha mais velha está enorme.

— Enorme? Ela não acabou de fazer seis anos?

— Então, enorme. Daqui a pouco estarei dando com porrete na cabeça de pretendente.

— Pretendente! — exclamou Bea, gargalhando. — Eu acho que devia rir do porrete, mas pretendente foi ótimo!

Bel ficou olhando para a mãe, curiosa com a risada dela, mas logo voltou a sua tarefa de ficar se virando no colo de Don, como se quisesse fazer uma varredura de trezentos e sessenta graus no ambiente.

— Espera só — disse Don, em tom de promessa.

Bea ainda se divertia, então virou e pegou Bel de volta e a colocou na cadeirinha.

— Vamos fugir, Bel! Nossa primeira fuga. Tirando aquela nossa viagem inesperada, essa é a primeira vez que você sai da cidade.

— Estamos fugindo de novo? — Don aguardava, perto da porta, um olho nelas e outro olho nos arredores. — Da última vez não deu certo.

— Porque você contou — lembrou Bea.

— Já nos resolvemos pelos motivos — ele lembrou também.

— Não estamos fugindo, Don. Você acha que vou fugir com o bebê?

— Eu concordo que isso nos colocaria numa encrenca dupla — ele usou aquele seu tom que misturava sarcasmo e aviso.

— Além disso, Sean só volta amanhã. Ele provavelmente vai no escritório antes, porque toda vez que ele viaja e volta tem um bando de coisas para resolver.

Don assentiu, porque ele tinha a agenda de Sean, mas não era nos horários dele que devia focar, sua função era com Beatrice.

— Ele levou o garoto, Alvez vai conosco — ele avisou e fechou a porta, depois avisou que estavam saindo. Alvez saiu do seu posto, se aproximou e entrou no carro. Agora que havia Bel, eles nunca iam para longe só com um segurança.

Beatrice não sabia dos detalhes do que eles faziam, mas Sean estava carregando Ramond toda vez que saía de casa e às vezes o segurança de Bel sumia sozinho e Sean dizia que ele foi “se atualizar”.

Beatrice fez uma anotação mental para perguntar que negócio era esse de atualização, ela podia não ter a doença da curiosidade

crônica, mas com certeza tinha curiosidade suficiente nela para perguntar certas coisas.

Sean 23:45 - Você não acha que esqueceu alguma coisa?

Beatrice já estava na cama quando a mensagem chegou e Bel estava dormindo lá no berço. Ela havia passado Bel para o berço há pouco tempo, porque ela só dormiu com ela na cama, estranhando o lugar novo. Assim que leu, ela pensou em um bando de coisas. Um dos seus pensamentos mais absurdos foi: *Será que esqueci a babá?* Porque Rita não estava ali, Bea lembrou desse fato quando já estava na estrada, mas a babá só iria depois, na troca de segurança, quando Don voltasse e Ramond subisse.

Bea 23:48 - Provavelmente. Onde você está?

Sean 23:50 - Foi algo grande.

Bea 23:51 - Muito grande? Os pacotes de fralda?

Sean 23:53 - Maior

Bea 23:54 - Uma das malas?

Sean 23:55 - Bem maior

Bea 23:56 - Não tenho nada maior do que minha mala

Bea 00:00 - Sean?

Bea 00:03 - Dormiu? Onde você está?

Sean 00:05 - Tenta... Em casa

Ah meu Deus! — Ela exclamou, dando um pulo na cama. Como assim em casa? Ele não ia chegar amanhã, antes do almoço e provavelmente iria ao GW? Será que havia acontecido alguma coisa?

Será que ele estava machucado ou... Não, era pior. Ela sabia que era algo muito pior. Quando a realização do que havia acontecido a atingiu, ela soube que estava ferrada.

Bea 00:08 - Sean... Eu acho que me enrolei.

Bea 00:10 - Eu juro que só me enrolei.

Bea 00:12 - Foi só um engano.

Bea 00:15 - Sean

Bea 00:20 - Desculpa. Eu me enrolei.

Bea 00:25 - Me atende, vai. Ta caindo na caixa postal, mas você estava online há 2 minutos.

Bea 00:27 - Garanto que está on contando tudo pro Jared

Sean 00:30 - E a Bel?

Bea 00:30 - Dormiu tarde

Sean 00:31 - Imaginei

Bea 00:32 - Você vem amanhã cedo?

Sean 00:33 - Não

Bea 00:34 - Por que?

Sean 00:35 - Tenho que trabalhar

Bea 00:36 - Mas você ia vir comigo...

Sean 00:37 - Até você me esquecer.

Se ele pudesse ver, era capaz até de rir. Ela estava puro sofrimento enquanto olhava para o celular. Havia aprontado uma dessas de novo. E achou até que estava reabilitada, havia parado com esses furos desde que Bel nasceu, mas pelo jeito, agora que o bebê estava crescendo, ela estava de volta ao vício. Ela havia dado vários deles durante a gravidez, Sean tinha aquele olhar de que ia esganá-la, mas como ela estava grávida e por culpa dele foi uma grávida muito mimada, ele só respirava fundo. E olhava a agenda dela.

Houve uma vez que ela sequer lembrou de avisar a ele que tinha uma consulta importante. Mas ele chegou antes dela, pois era o dia que iam saber o sexo do bebê. Beatrice entrou e ele estava lá na sala de espera, trabalhando do Ipad porque foi bem no meio da tarde. Don lembrava disso até hoje para fazer piadas. Só faltou Sean virar para Bea e avisar que era menina, antes de passarem o gel na sua barriga. E todo mundo ainda ria quando Don brincava com isso.

Bea 00:38 - Foi um engano... Eu juro Bea 00:45 - Sean...

Ela tinha problemas com mudanças no cronograma. Ele ia chegar amanhã, o voo posaria no *La Guardia* em torno de dez da manhã,

Sean iria direto ao GW, depois iria em casa pegar sua mala. E ela iria antes. E aí ele disse que iria se esforçar e correr para pegar o voo de noite e chegaria tarde, mas assim poderia ir com ela. Adivinha só o que ela esqueceu.

Hartie 10:27 - Sério, gata. Eu não sei como você consegue esquecer uma coisa daquele tamanho. Tipo, aquele embrulho passa fácil de 1,80m. Se fosse menor, acho que você nunca mais o acharia.

Bea 10:29 - Não é pra você piorar a situação. Eu não esqueci! Eu só me enrolei com os dias e horários. Eu esqueci o que combinamos, não ele!

Hartie 10:30 - Está tudo bem aqui, já te mandei e-mail. Vou falar do que por mensagem? Claro que vai ser sobre você esquecendo um Ward enorme em pleno aeroporto. Gata, no aeroporto. Uma bagagem daquele tamanho, eu fugia pra Austrália, sumia lá no meio das cobras!

Bea 10:31 - Continua não ajudando, Hartie. Ele nem responde mais as mensagens. Eu sempre escapo, mas assim fica difícil pensar no que fazer para aliviar o furo.

Hartie 10:32 - Se lambuza toda de calda de morango, rola no granulado e manda te servirem igual a um leitão, com o traseiro pra cima e uma maçã na boca! HAHAHAAAAHA

Bea 10:33 - HARTIE!! Porra!! HAHAHAAAAHAHAHAHA

Hartie 10:34 - Não resisti, a oportunidade era boa demais! HAHAHAAAAHA Eu sempre quis dar esse conselho!

Bea 10:35 - Vai se ferrar! HAHAHAAAAHAHAHA

A viagem até a casa nos Hamptons levava cerca de duas horas num trânsito normal, se estivesse com humor e dirigindo o monstrengo, Sean fazia em uma hora e meia. E hoje ele não estava com humor, foi dirigindo numa velocidade que não fazia jus a toda a potência do carro. Se Beatrice não houvesse simplesmente o deixado para trás, ele nem estaria dirigindo, porque provavelmente iria no carro com ela e Bel. Afinal, não dispensava as oportunidades para passar um tempo com elas.

Exatamente por isso que iam ficar na praia por três dias, para relaxar fora da cidade, passar um tempo juntos, sair de casa, mostrar novos ambientes ao bebê... E nem a companhia de Bri ele não tinha, porque é óbvio que Beatrice não ia esquecer a cachorra. Jamais. Brianna era parte essencial da família. Só ele quem era esquecido. Claro.

— Eu também morri de saudade — ele disse para Bel, assim que a pegou no colo.

Para variar, Bel estava fazendo seu drama. Ela começou a choramingar assim que viu o pai, era seu choro acusatório para quando o pai ficava dias longe dela. Agora, que estava reconhecendo melhor e percebendo o tempo, ela também fazia esse choro para a avó quando não vinha vê-la por dias.

— Eu sei, eu sei. Mas não vou para longe por vários dias — ele continuava falando com Bel que respondia com sua língua estranha, misturada a pequenas palavras que ela estava falando. Agora ela ficou repetindo sílabas iguais e “não” no meio.

Ela havia dito papa e mama, mas não estava realmente os chamando, era só parte de tudo que ela dizia. Mas a primeira “pessoa” que ela chamou foi a Biii. Quando Brianna entrava, ela exclamava Biii. E quando a cachorra sumia lá pelo apartamento por muito tempo, ela ficava chamando Bii, Bii, Bii. Pois é, Brianna era mesmo realza na família. Quando queria muito a mãe, Bel repetia “mã” sem parar e olhava em volta. Porém, Brianna ainda era a estrela no vocabulário do bebê.

Rita ficou sorrindo enquanto olhava os dois se entenderem, ela tinha levado Bel para um passeio pelos jardins da casa.

Ele a abraçou e ficou balançando levemente, segurando-a com carinho e passando a mão pelas suas costas. Bel deitou a cabeça no seu ombro, mas logo depois voltou a levantar e recomeçou a falar aquela sua língua particular. Sean assentia e respondia enquanto a carregava para dentro da casa. Ele parou para falar com Brianna também, que havia pulado por cima da cerca viva só para chegar nele.

Na sala, Beatrice apareceu, vindo da varanda. Ela foi se aproximando e ele podia ver que ela estava se comportando daquele

jeito de quando havia aprontado alguma coisa. Ela ficava o olhando e se não pudesse dar um jeito de virar o quadro, se aproximava lentamente. Estava fazendo isso agora.

E lhe lançando aquele olhar de filhote carente. Tudo isso com aqueles olhos dourados e irresistíveis que ele tanto adorava. Devia ser por isso que ela fazia, só podia ser, porque Sean tinha absoluta certeza que Bea sabia usar suas melhores armas para fazê-lo perdoar seus deslizes.

Ué, ele também sabia usar as suas, mas Sean aprontava em outra escala.

Beatrice chegou bem perto e continuou o fitando com aquele olhar de desculpas, com o arrependimento estampado em seu rosto, moldado pelas ondas naturais do seu cabelo solto. Sean ainda estava achando que era tudo parte do esquema, porque ele olhava para ela assim e fraquejava.

Por mais danado da vida que estivesse. E ela sabia disso. A maldita sabia.

Assim que estava bem perto, Beatrice se encaixou bem no lugar que parecia reservado para ela.

Com Bel bem segura pelo seu braço esquerdo, o lado direito do corpo de Sean ficava todo disponível para ela se encostar e ficar bem junto a ele, perto do bebê e descalça como estava, era a altura perfeita para sua cabeça se encaixar contra a junção do seu peitoral e do seu ombro. E ele queria apertar o pescoço dela.

Esperava muito que isso não soasse estranho, afinal, querer esganar sua amada esposa era algo estranhíssimo de dizer. Mas ela lhe fazia querer apertar aquele lindo pescocinho, mentalmente, claro.

Ele só segurava no seu pescoço com força quando estavam fodendo daquele jeito totalmente fora de controle. E Sean não queria nem pensar nisso agora, porque colocar as mãos nela o fazia fraquejar feio, forte, sem volta.

Como ainda estava danado da vida por ela o ter esquecido, ele não fez o esperado. Mas foi difícil não passar o braço em volta dela e ficar segurando as duas. Ainda mais com o cheiro sutil do perfume dela, seu preferido, o envolvendo como uma teia, adocicado pela

quentura da pele dela. Sua pele macia e quente... Ele sentia aquela urgência incontável de abaixar a cabeça e cheirar o pescoço dela e fechar os olhos enquanto o fazia, como um viciado junto ao seu vício depois de dias de abstinência.

E é por isso que você acaba nessas situações, porque não consegue resistir — *era a mente dele* tentando manter um pouco da sua dignidade e do seu lado racional, porém tudo isso dava curto perto dela.

— Eu pensei que você vinha mais cedo — ela levantou a cabeça para ele.

Era óbvio que ela diria algo assim, ou não seria Beatrice. E devia saber que ele não perderia a oportunidade de responder:

— Eu estaria aqui desde ontem se você não houvesse me esquecido.

— Eu não esqueci — ela intensificou a expressão de pesar.

— Beatrice — ele negou com a cabeça, como se lhe dissesse para não continuar.

E como Sean já esperava, ela respondeu mudando para a expressão magoada. Como se não fosse a culpada.

Quando ela deu um passo para trás, Bel se abraçou ao pescoço do pai, insinuando para a mãe que estava bem ali e ainda não queria ir com ela. Apesar de que nem passou pela cabeça dela pegar a filha.

— Eu juro que esqueci que tínhamos mudado o combinado. Eu esqueço quando não anoto.

Sean a olhou seriamente.

— Foi isso, eu juro — ela continuou.

Ele continuou lhe lançando aquele enervante olhar sério e calmo que parecia um iceberg ao sair daqueles olhos turquesa.

— Tudo bem — ele mudou Bel de posição, divertindo-a ao deitá-la sobre seus braços e balança-la, fazendo-a rir.

— Tudo bem? — o tom dela era de pura descrença.

Ele assentiu e seguiu com Bel, para sentar nas poltronas lá da varanda, onde Beatrice esteve e passar um tempo com a filha. Ele acabou andando com ela pela varanda e a devolveu para o lanche enquanto ia tomar banho. Assim que ele enfiou a camiseta pela cabeça depois de se secar, Beatrice apareceu no quarto e encostou

na parede em frente a ele. Ela colocou as mãos para trás das costas e levantou o olhar para ele.

— Me beija?

Ele engoliu a saliva e umedeceu os lábios, mas seu olhar não estava do jeito que ela queria.

— Briga comigo — ela pediu.

Sean negou, ele não queria brigar com ela agora. Não sentia vontade. Ontem, ao chegar em casa, talvez ele tivesse se aborrecido. Porque queria muito ir com elas e teria jogado em cima dela o quanto se esforçou para voltar antes. Agora, depois de sua terapia ao volante, porque dirigir o acalmava, Sean não achava que valia a pena brigar por isso. Quando o relacionamento deles ia bem, eles costumavam virar as loucuras dela a favor deles e se divertiam.

Depois que a relação foi de ladeira abaixo e acabou, ele ficava irritado e magoado com ela por causa disso. Estavam bem de novo, podiam voltar a se divertir com as gafes. Tanto as dela quanto as dele.

— Então diz que eu te magoei — ela pausou e ficou olhando para ele. — Eu sei que te magoei. Você faz isso, você sempre faz isso. Fez esse tempo todo.

Ela chegou perto dele, tocou seu rosto com as pontas dos dedos, sentindo a leve aspereza da barba.

— Eu te magoei por todo aquele tempo e você fazia isso, se fechava e ficava assim. E se afastava e ia para longe para superar e voltava. Eu fazia o mesmo. Mas eu não faço mais isso com você há muito tempo.

Descendo a mão até o peito dele, Bea a descansou sobre o seu coração e pressionou levemente, sentindo as batidas. As pessoas não faziam ideia da intensidade com que ele sentia ou de como seu coração se apertava por causa dela. Ou de como batia mais rápido perto dela, acelerava ou perdia batidas por sua causa. Beatrice se esticou e o beijou, apertando a mão em seu peito, sentindo seu coração começar a acelerar. Sean apertou a mão em suas costas e ela beijou a lateral do seu queixo.

— Me perdoa?

— Por me esquecer?

— Sean...

— Não.

Ela moveu os lábios, mudando para aquela sua expressão de arrependimento. Ele sabia perfeitamente quando ela estava forçando além do que realmente sentia. Sean levantou a mão e segurou o pescoço dela, Beatrice pendeu a cabeça para trás, dando-lhe mais espaço e ele acariciou sua garganta com o polegar, fazendo-a fechar os olhos por um instante. Beatrice podia sentir o aperto, a carícia era um tanto rude. Então Sean a pressionou para trás, fazendo-a encostar novamente na parede onde esteve. E soltou seu pescoço. Mesmo assim ela ainda podia sentir o toque na pele suave, como se ele ainda estivesse apertando, foram longos segundos até a sensação começar a aliviar. E Bea lamentou. Gostava de aproveitar todas as suas chances para manter a lembrança do toque dele sobre ela.

Quando ele se afastou, ela ficou olhando e deu alguns passos para longe da parede.

— E a Bel, já tomou banho? — ele perguntou.

— Ainda não.

— Trouxe a pata?

— Sim.

Agora sim apareceu uma expressão de diversão no rosto dele e Sean deixou o quarto. E dessa vez Bea fez um bico de verdade. Era engraçado demais que Bel ia para o banho com ele, brincar e tudo e ela ficava ali na pista. Só porque hoje Bel estava comportada e ela tinha aprontado mais uma.

* * *

— Dormiu? — ela perguntou assim que escutou o som da porta. Quando voltava de viagem, ele sempre ficava com banho, jantar e hora de dormir com a filha.

— Sim, mas lutando — ele respondeu de lá.

Sean se virou quando Beatrice saiu do banheiro usando um robe curto de seda verde, ela parou do outro lado e disse:

— Eu não te esqueci diretamente. Você sabe que é impossível.

Ele assentiu e Bea usava o robe frouxo sobre o corpo, olhando com atenção, dava para ver que não havia nada por baixo. E Sean pendeu a cabeça levemente, admirando a curva atrativa que o robe de seda fazia sobre o corpo dela.

— Não, eu não sei — ele respondeu.

Bea amarrou o laço do robe tão frouxo que ele dançava em sua cintura, abrindo espaço aqui e ali.

— Faça o que você quiser para me redimir — ela foi dançando para o meio do quarto, girou e fez o robe rodar em volta de suas coxas. — Posso dançar se quiser. Posso recitar — ela parou e puxou a manga, mostrando o ombro. — Posso tirar tudo se você quiser.

O olhar dele se iluminou e havia um traço de diversão em sua face e Bea soube que estava fazendo efeito e ela estava derretendo o baú de gelo dele. Como ela esteve girando animadamente com aquele robe leve e nada por baixo, Sean teve vários incentivos visuais para se interessar. Além do entusiasmo dela.

— Esse tecido escorrega, Beatrice — ele avisou, lá de onde estava.

— Eu sei... eu troco — ela respondeu, entendendo bem o que ele queria dizer.

— Eu sei o que você quer e não vou te dar — ele declarou, entrando na brincadeira dela, mas do seu jeito.

Dessa vez a expressão de tristeza dela era genuína, mesmo sabendo que em algum momento, de algum jeito, ela ia conseguir o que queria. Mas não o queria distante agora, não gostava disso e do que sentia quando acontecia. Era só ele fechar aquela pequena porta por onde deixava apenas ela passar para ter acesso a tudo que ele sentia e Beatrice perdia o sono.

Nunca saberia explicar a alguém como funcionava, mas era real em seu relacionamento com ele.

Era como se houvesse uma brecha escondida e ela precisava passar por ela todos os dias. Ou nunca sair dali, mas os sentimentos humanos nunca eram constantes, estavam em eterna mutação e movimento, então ela estava sempre indo e voltando. E reencontrando seu caminho várias vezes. Até pouco tempo,

precisava de mapa do tesouro. Era complexa assim a forma como sentia que funcionava o que tinha com Sean.

Há muito tempo ele havia escondido completamente a entrada, até ela encontrar a brecha. Porém, uma vez que ela houvesse fechado, nunca mais abriria. Beatrice esperava que não acontecesse e jamais poderia tomar como garantido ou eternamente concedido. Porque era assim que relacionamentos morriam, quando as pessoas paravam de se importar e achavam que tudo que tinham já estava certo e não precisavam mais se esforçar. Eles já haviam cometido erros demais, mas esse, era um que eles nunca cometiam. Eles se importavam.

— Você tem a noite inteira para passar comigo e com essa ereção — ela disse, levantando a sobrancelha para ele.

Até parece que ele não tinha profissionalizado a arte de sobreviver a ereções insistentes. Por anos. E recentemente foram meses delas. Ele só não queria mais.

— Eu prefiro continuar insultado por um tempo — ele disse de lá, com seus olhos brilhando de provocação. — Eu acho que esse é um dos nossos problemas. Eu sempre cedo fácil demais pra você.

E assim você vai fazer de novo e de novo.

— Você também me ama demais.

— E tudo precisa de um limite.

— Nós não temos limites um para o outro.

— É mesmo?

Ela negou com a cabeça e tinha de novo aquele olhar travesso.

— Me beija? — ela pediu outra vez.

Ele não parecia nem um pouco inclinado a isso.

— Você não me via há três dias... quatro, agora que passou de meia-noite — ela continuou, parecendo triste.

Sean achava divertido e excitante quando ela estava tentando convencê-lo. Como ele era mesmo sem vergonha, geralmente não precisava de muito para ser convencido. Porém, quando chegava a esse ponto, ela tinha que se esforçar mais.

— Eu senti sua falta.

— Não o suficiente para me trazer, não é? — ele alfinetou.

Beatrice se aproximou da cama e apoiou um joelho nela, enquanto o olhava e soltou o laço do robe, deixando-o abrir pela força da gravidade na seda fina. Claro que Sean sabia o que ela estava fazendo para seduzi-lo, mas não se importava, fazia efeito. Ele nunca desperdiçou uma oportunidade para ficar com ela, mas ultimamente não vinha perdendo nenhuma delas, os horários e as disponibilidades não eram mais as mesmas com um bebê em casa.

— Vai ser conexão física mesmo? — ele perguntou, ainda a provocando.

— Eu posso ficar do lado de cá lhe dizendo várias vezes o quanto te amo e você vai responder daí que também me ama. E vai me deixar na pista do mesmo jeito.

Ele franziu o nariz, demonstrando diversão.

— Do jeito que você me deixou na pista? Sabe como foi difícil pegar o avião na noite passada e correr para casa ao invés de esperar até hoje?

Ela olhou para baixo, arrependida, então afastou levemente as abas do robe, mostrando mais do seu corpo, até os mamilos estarem quase descobertos. O canto direito da boca dele se elevou em diversão.

— O que você disse sobre se redimir mesmo? — ele franziu o cenho, fingindo que estava esquecido.

— Faço qualquer coisa.

— Você vai se comprometer com isso?

— Tudinho — ela passou os dedos pelas abas do robe, afastando mais e agora ele pendia dos seus ombros, deixando seu corpo exposto.

O olhar dele se estreitou para ela e Sean pendeu levemente a cabeça, como se desconfiasse de suas intenções. Ele parou no centro do quarto e cravou o olhar nela. Mesmo se não estivesse tentando convencê-lo, ela teria correspondido aquele olhar. E levou mais a sério quando ele puxou o cordão da calça escura de moletom e a afrouxou, deixando-a baixa em sua cintura. Beatrice engoliu a saliva e umedeceu os lábios, se aproximou lentamente, mantendo o olhar no dele.

O maldito estava a testando, ela pensou. Claro que estava. Ela era uma esposa com segundas intenções e um longo histórico de travessuras. Coisas como deixar o marido para trás e esquecer encontros com ele.

Assim que ela estava perto o suficiente, ele abaixou o olhar, indicando o chão a sua frente. Bea mordeu o cantinho do lábio e parou.

— Tira — ele falou sobre o robe.

Ela o empurrou pelos ombros e deixou cair atrás de onde estava.

— No chão — ele só abaixou o olhar novamente, indicando para onde ela devia ir.

Em resposta, ela deixou o lábio escorregar do aperto dos seus dentes e um leve sorriso malicioso apareceu em sua face e chegou ao seu olhar. Beatrice abaixou e puxou a calça dele, um sorriso maior apareceu em sua face e ela ficou de joelhos.

— Você sentiu falta de me por de joelhos no chão — ela acusou, com os dedos por dentro da cintura da calça. Podia ver o volume da ereção contra o tecido. De joelhos no chão. E nua. Claro que sim.

Ela foi puxando a calça, descendo para o finalzinho do ventre dele, pelas sutis entradas do seu quadril até liberar a ereção e segurá-la. Beatrice umedeceu o lábio inferior, lambeu a ponta do pau dele e voltou para umedecer o lábio superior. Podia senti-lo endurecer mais na sua mão, aumentando para receber a carícia da sua língua. Ela percorreu novamente a extensão do membro, deleitando-se em acompanhar o aumento da excitação dele, podia senti-lo ocupando mais espaço em sua mão e seguiu com a língua a principal veia que se destacava quando ele já estava muito duro.

A visão do que ela fazia elevava o prazer dele até o topo. Claro que ele era visual, mas ele sempre gostou de olhar pra ela. Com certeza adorava fazê-lo enquanto faziam sexo, mais ainda quando ela estava se dedicando tanto a lhe dar prazer. Sean adorava deixá-la confortável para gastar um longo tempo no sexo oral, mas hoje ela estava roubando sua cena. E ainda bem que ele tinha força para manter-se de pé enquanto ela deslizava as mãos para cima, alternando, entre segurá-lo e acaricia-lo pelo seu membro e pelo seu corpo. Fechando os olhos e sugando as bochechas, arrancando

gemidos dele, com a cabeça do seu pau perfeitamente presa em sua boca.

Apesar de ela ter fechado os olhos propositalmente para demonstrar prazer pelo que fazia, Sean continuava olhando para ela. Ele enfiou as mãos pelo cabelo dela e empurrou o quadril. Beatrice abriu os olhos e os levantou para ele, desceu as mãos e as apoiou nas coxas dela. Ele podia senti-la relaxando mais a mandíbula e empurrou lentamente, até estar quase todo dentro da sua boca, até onde era o limite dela. E ele o conhecia bem. Sean adorava limites, ele gostava de tocar neles, empurrá-los e às vezes quebra-los. Ambos sentiam prazer em acariciar os limites e gozar com eles.

Ele puxou as raízes do seu cabelo, guiando e fodendo sua boca, enfiando até onde dava, sentindo a pressão da sua garganta em volta do seu pau, mantendo o ritmo que ela acompanhava. Bea apoiou a mão na base e o retirou inteiro, engoliu a saliva e tornou a abrir a boca, levantando novamente o olhar para ele. Provação pura e ele não decepcionou, segurou seu membro e colocou na boca dela, deixando-a para ditar o ritmo. Ela o segurou e ganhou ritmo nas chupadas mais curtas, acariciando suas bolas retesadas pelo tesão que ele sentia, com o pau pulsando na boca dela, quase explodindo e acabando com o controle dele.

Beatrice pendeu a cabeça, fechando os olhos, claramente deleitando-se com o que fazia com ele, subindo e descendo a mão pela extensão do seu pau, chupando-o com vontade e o acariciando. E quando ele começou a gozar, ela o apertou, mantendo-o no lugar, apertando os lábios em volta da cabeça e engolindo, para acabar totalmente com ele. Sean adorava vê-la ir até a última gota quando estava na sua boca, dava-lhe um barato ainda maior enquanto gozava.

Depois ela o tirou da boca com um som de "pop" e passou a língua pelos lábios, ainda mantendo-o em sua mão e lhe enviou um olhar que misturava travessura e poder. Era altamente provocante.

Beatrice sabia que o tinha totalmente, ele ainda olhava para ela por olhos entrecerrados, claros e coloridos, brilhantes de prazer e satisfação. Sean tinha um lindo olhar de devoção e desejo depois que gozava assim. Ela amava vê-lo.

— Adoro o seu gosto, mas você sabe disso — ela apoiou as mãos nas coxas, sentada sobre as pernas.

Ele piscou algumas vezes, tentando se concentrar novamente, com sua mente e seu corpo ainda se regozijando de todo o prazer que ela lhe dera. Se Beatrice tivesse um batom, ela ia fazer questão de retoca-lo agora, esse tipo de oportunidade não se perdia. A menos que estivesse completamente nua, ajoelhada e sem nada por perto. Nesse caso, ela abriu um sorriso cheio de segundas intenções.

— Levanta — ele disse.

Agora ela voltou para sua tática.

— Me perdoa?

Sean a pegou e colocou de pé a sua frente. A primeira coisa que ela fez foi oferecer os lábios. *A maldita!* — ele pensou, com sua mente muito ativa novamente. Ela sabia muito bem que ele não ia conseguir...

Agarrando seu rosto, ele a beijou com força e desejo, esmagando seus lábios. E ela quase estragou tudo ao mal reprimir o sorriso contra a boca dele. Porém, percebendo ou não, Sean afastou-a abruptamente, ainda segurando-a pelos braços e a encarou. Bea estava com aquele olhar de pedido.

Porém, o jeito que ele a olhou demonstrava que não estava para boa coisa. O bom é que ela gostava disso.

Nesse momento, o que ela mais queria era ser bem fodida, de um jeito específico que ela sabia que ele podia dar. Sean sabia disso. Era aí que entrava sua parte. Não adiantava deixá-la sem nada como um jeito de punir seus deslizos. Funcionava mesmo era deixá-la incerta e excitada, duvidando que ele tivesse a coragem de não dar o que ela queria.

Coragem não era a palavra certa, seria força de vontade. Porque ela sabia que ele ia precisar de muita resiliência para resistir, porque ela estava justamente como ele mais gostava. Umida, responsiva e com aqueles mamilos lindos, rijos e implorando pelo toque dele. Ele a colocou na cama e ela dobrou os joelhos e disse:

— Você vai me dizer para abrir? — ela afastou as pernas. Já estava nua mesmo, ia ter vergonha do que? Com ele, de mais nada.

Agora era a hora que ele diria: Que droga, Bea, por que você faz isso comigo? E então, sucumbiria. Ou diria: Eu fico louco com essa boceta molhada, eu quero muito te chupar. E ela ficaria ainda mais úmida e ele sucumbiria.

Sean foi para a cama e cravou o olhar nela e mesmo sem dizer nada, ela ficou mais excitada e mais úmida. Aquele olhar dele era um verdadeiro explosivo de calcinhas, ela então, que não tinha mais nenhuma. Não tinha chances. Ela queria se tocar para aliviar o têsão, mas preferia a boca dele.

Seu clitóris latejava e ele desceu o olhar como se soubesse. Aquele maldito, filho de uma... também sabia trabalhar bem o cérebro de uma mulher, basicamente a parte mais importante. Não estava nem tocando nela e ela estava quase ofegando, com receio que ele resolvesse não tocar. E mais e mais excitada.

— Me toca? — ela estava perguntando e pedindo ao mesmo tempo, mas pausou e manteve o olhar nele. — Me come?

Dessa vez ele levantou a sobrancelha, mas tocou nele, deu para senti-la estremecer quando as mãos dele subiram pelas suas pernas e foram direto para as partes internas das suas coxas, afastando-as mais.

— Hoje vai ser um dia que você vai falar sacanagem? — ele perguntou.

— Se você quiser...

As mãos dele foram para os seus seios e seus polegares ficaram rodando os mamilos rijos. Por causa da amamentação, fazia pouco tempo que eles haviam voltado a realmente abusar dessa zona erógena do seu corpo.

— Você disse que faria tudo que eu quisesse para se redimir, gosto de ouvir sua voz — ele lembrou, forçando-a a pensar enquanto ele a acariciava.

— Eu quero a sua boca — ela levantou a mão e esfregou as pontas dos dedos naqueles lábios cheios e macios que ele tinha, os mesmo que davam um beijo danado de bom e ajudavam a levá-la a um orgasmo de fazer o mundo girar.

Beatrice tirou os dedos dos lábios dele e esfregou o clitóris, chegou a encolher os ombros e parou o toque, deixando escapar um

gemido sofrido de quem já estava excitada demais para suportar.

Sean apertou as coxas dela e não hesitou ou deu qualquer indicação, abaixou a cabeça e conectou a boca com o seu clitóris, chupando-o imediatamente. Ela recebeu um choque de prazer, súbito e tão forte que sua cabeça caiu, seus olhos fecharam e ela soltou um gritinho de surpresa, seu corpo inteiro se tencionou enquanto ela tentava aguentar a dor prazerosa que se espalhou pelo seu sexo.

Ele continuou chupando com vontade e quando ele chegou a um ritmo com aquela boca deliciosa, ela perdeu a compostura. E gemeu alto, estava super sensível, ele sabia e estava pouco se importando, tinha plena noção do que estava causando nela e achava que era pouco. E ela não teve tempo de sentir a construção do alívio do êxtase, suas pernas tremeram em movimentos incontrolláveis e ela alcançou o orgasmo. Aquele orgasmo intenso e violento, repentino também, no qual você não pode acreditar. E eles começaram a criá-lo antes mesmo de ele começar a tocá-la.

Sean a acariciou com a língua e ela, sensível como estava, respondia com gemidos, mas não via nada, pois seus olhos se mantinham cerrados. Ele acariciou seu corpo, subindo as mãos quentes por ela, pegando seus seios e descendo novamente, enquanto ela se mantinha presa naquela sensação contínua. E Beatrice começou a rir, acontecia as vezes. E também não dava para evitar, era uma reação ao prazer, seu cérebro e seu corpo estavam adorando a sensação. E depois que o turbilhão passava, mas a sensação continuava, ela ria.

Em resposta, ele sorriu e beijou sua coxa e o seu ventre. E lhe deu aquele olhar satisfeito, Bea mordeu o lábio, mas a risada saiu mesmo assim. Sean foi a beijando do seu ventre ao seu pescoço e ela o abraçou e o beijou. Ele tombou para o lado na cama, levando-a junto e a abraçando apertado.

— Você planejou isso, seu maldito?

— Seu castigo da noite, não te dar o que você quer, mas tudo que eu quero.

Capítulo 11

O que eu ganho em troca se eu lhe der tudo que você quer? Eu quero aquela promessa, você só para mim, para fazer tudo que quisermos. Essa noite, só nós dois. O sexo vai ser rude e memorável, mas você gosta assim. E eu vou amanhecer com seu corpo nos meus braços, porque eu gosto assim.

Quando Sean entrou na sala matinal, Beatrice estava sentada à mesa com Bel no colo. Seu café da manhã estava pronto em seu prato, mas intocado. Ao contrário, ela mantinha Bel sentada na sua coxa e entre a proteção dos seus braços, mas segurava um pratinho infantil cheio de papinha de frutas frescas e uma colher colorida e flexível com uma gatinha na ponta. Assim que notou a presença dele, Bea virou o rosto e sorriu, só então que Bel o viu e moveu os braços, emitindo sons para saudá-lo.

Porém, antes que a mãe voltasse sua atenção para a comida, ela percebeu que não estava recebendo mais nada. Então, reclamou.

Ao ouvir o som da filha, Bea olhou para baixo e começou a rir.

— Olha isso! — ela riu.

Bel estava com a boca aberta, fazendo um som de “ah, ah, ah”, lembrando que era para pôr mais comida na sua boca.

— Parece um passarinho! — Bea ria, mas pegou um pouco de papinha com a colher e deu a ela.

Bel aceitou e ficou ocupada comendo. Sean sentou perto delas e ficou sorrindo enquanto as olhava.

— Olha, igualzinho a um passarinho! — Beatrice demorou para dar mais, de propósito. Bel levantou a cabeça e abriu a boca, começou a emitir o som para chamar atenção e quando a colher cheia não veio, ela continuou com a boca aberta, mas sua expressão mudou para reclamação. Os olhinhos até estreitaram em sofrimento.

— Um filhote de passarinho, sempre faminto — divertiu-se Sean.

— Dramática demais! Olha a cara dela — Beatrice ria, enquanto juntava mais papinha na colher e dava a ela.

Bel aceitou, voltou a ficar feliz e se ocupou engolindo.

— Ela nem tenta mastigar — disse Sean, olhando para Bel.

— Ela pressiona na boca, agora que tem uns pedacinhos, ela fica apertando, por isso que demora a engolir. Olha.

Beatrice pegou a papinha com um pedacinho e deu a Bel que apertou a boca, dava para ver pelos lábios dela e fez um som de como se estivesse sugando e engoliu. Sean riu do que a filha fazia, era engraçado como ela se esforçava para comer e logo depois já olhava para a mãe, pedindo mais.

— Ta acabando, gulosa. Não é papinha eterna não — Bea pendeu a cabeça para o lado e deu uma risada leve enquanto a olhava.

Beatrice continuou com a papinha até acabar e Bel ficou olhando para o pratinho colorido enquanto a mãe mostrava que estava vazio. Ela pareceu triste, mas tudo que pôde fazer foi alternar o olhar entre os pais. Sean até ajudou a consola-la e acariciou sua perna.

— Ela está mais pesada, não está? — Bea a segurou e ajeitou no seu colo.

— Ela está maior — o tom dele foi de preocupação, o que acabou saindo muito engraçado. — Ela dava num braço só — ele lhe lançou um olhar temeroso.

— Ainda dá, vai. Você consegue, mas eu já estou apoiando mais no quadril. Viu que ela está mais rápida no chão?

— Vai começar a diversão real — ele brincou, já que em pouco tempo iam começar uma modalidade nova: perseguição de bebê.

— Toma — ela passou Bel para ele para poder tomar café. — Estou morrendo de fome.

* * *

De tarde, depois de colocar Bel para uma soneca, Beatrice estranhou ao não ver Sean em nenhum dos locais esperados. Ele não estava no computador respondendo e-mails e fingindo que não estava olhando trabalho, nem estava nadando ou correndo, nem lendo lá na sala de leitura nos fundos ou mesmo assistindo a NFL na TV. Hoje era dia de jogo, não era?

Ela achou o máximo quando o encontrou relaxando de verdade na pequena sala de TV do segundo andar. Só que não tinha nada

passando, ele dormiu com os fones de ouvido. E Bea obviamente pensou: *Oba! Uma chance!*

Gente que está com a reputação suja tem que aproveitar suas oportunidades. Ela abriu um sorriso e entrou correndo nas pontas dos pés e se enfiou no sofá com ele, ainda bem que era uma peça quadrada e larga que tomava toda aquela parede. Sean acordou quando ela se aconchegou a ele, encaixando-se perfeitamente, ela tinha essa habilidade. E sonolento, ele não ia dizer nada, ela sabia disso. Então, se ajeitou bem e fechou os olhos, mas os abriu e roubou um dos fones dele e colocou no ouvido.

— Fica comigo? — ela pediu, para ter certeza que ele não ia acordar logo e levantar.

Sean se virou um pouco, levando-a junto e a abraçou, apertando-a entre os braços e soltando para relaxarem. Ele esfregou a lateral do rosto contra a têmpora dela e a beijou ali.

— Me perdoa? — ela aproveitou a abertura para perguntar.

Deu para ouvi-lo soltar o ar com diversão.

— Não.

Bea fez aquela sua expressão de tristeza, mas ele não estava vendo mesmo.

— Me beija? — ela continuou.

Ela pendeu a cabeça e Sean foi procurando sua boca e quando encontrou, conectou o beijo contra seus lábios entreabertos e convidativos e esfregou a língua contra a sua. Beatrice retribuiu, mas pressionou as pontas dos dedos contra o queixo dele e o afastou. Sean a escutou rindo, emitindo mais o som da respiração do que do riso. Antes que ele perguntasse, ela disse:

— Eu me arrepiei — e riu mais, agora sonoramente.

Dessa vez Sean abriu os olhos e a observou.

— Às vezes eu não acredito que você ainda faz isso comigo. Me arrepia e é como um choque no meu ventre. Nunca sei quando vai acontecer, acho que você vai fazer isso comigo para sempre.

— Eu espero que sim. Porque você faz isso comigo o tempo todo.

Ela sorriu e o segurou pelo queixo para voltar a beijá-la. Depois ela ficou bem quieta e descansou junto com ele até a hora que Bel

acordou e foi posta para ver o jogo com eles. Ela com certeza ia crescer para virar uma fã de futebol americano.

Rita disse que estava praticamente tirando férias, porque eles pagavam um adicional de deslocamento por fora do seu salário quando a levavam para fora da cidade. Porém, acabavam ficando com o bebê boa parte do tempo, para compensar por passarem horas trabalhando durante a semana e Rita estava relaxando um bocado. Já havia até terminado um livro, mas ela que não ia reclamar.

Sean entrou no banheiro depois de deixar Bel para jantar com Rita e encontrou Beatrice no banho.

Quando notou que ele tinha entrado, ela passou a mão pelo vidro embaçado do box, limpando na altura do seu rosto e dos seus seios e depois descendo até limpar uma área que mostrava todo o seu torso. Então, ela desenhou um coração no vidro embaçado. Sean sorriu e se virou, até esqueceu porque entrou ali. Mas sabia que foi por isso que tomou banho antes ou agora ia acabar ali dentro com ela.

— Vem jantar quando terminar aí — ele avisou.

— Com ou sem roupa?

— É na rua.

— Ah, que droga, eu estava mesmo doida para desfilhar nua pela casa — ela disse, sarcasticamente.

— A Rita dorme cedo — ele lembrou.

— Você vai me levar para jantar?

— Já que estamos de folga.

Bea abriu um sorriso e chegou ainda mais perto do vidro.

— Então, estou perdoada?

— Claro que não.

— Te odeio.

— Eu sei que odeia, por isso que me largou no aeroporto.

— Não te larguei. Você ia para casa e ia me encontrar lá.

— Ah — ele parou e fez aquela expressão de “te peguei”. — Então você lembra.

— Agora...

Ele se virou e foi saindo. Já tinha vencido essa rodada mesmo.

— Jantar. Não demora.

Sean não viu, mas ela deu a língua para ele e voltou a tomar banho. Depois riu da própria reação e decidiu que ia aprontar alguma com ele. Porque quando Sean resolvia bancar o sério e especialmente quando conseguia se manter em suas decisões sobre ela, era irresistível. Não dava para evitar.

Quando ela ficou pronta, eles foram até o *Nammos*, um restaurante aconchegante que servia comida grega. O lugar era uma casa branca e fofa, havia mesas no terraço do térreo, mas nesse horário estava frio e eles sentaram lá dentro. O restaurante havia recebido uma boa cobertura da mídia local quando abriu em 2012, por apresentar algo inédito na cidade. Porém, não era o mais badalado da área, não tinha o chef mais famoso ou cheio de celebridades, mas era algo que ela gostaria. E onde pessoas não iriam atrás deles para fotos e assim teriam privacidade.

Por dentro era bem decorado, com grandes pinturas e uma lareira convidativa. E o cardápio era culinária grega com toque contemporâneo, algo no qual Nikkos Stravos era fantástico. Beatrice, em sua missão de dobrá-lo, disse logo:

— Você fez isso para me agradar, comida grega para eu não sentir muita falta do meu pai!

Sean fez aquela cara de quem não queria dar o braço a torcer, mas Southampton não era sua especialidade como Manhattan, onde ele sabia o endereço e até o número dos lugares onde gostava de comer. Ali, ele tinha que dar uma pesquisada e quando viu esse lugar elogiado e servindo comida grega, não teve dúvidas de onde deveria levá-la.

— Nós não vamos ter tempo para isso tão cedo — ele disse, enquanto ela o provocava.

— Confessa que você quer me perdoar — ela disse, ignorando a cara que ele fazia e segurou o queixo dele. — Olha que cara séria, eu adoro. Dá vontade de te morder todo.

Ela até deu uma mordida no ombro dele e ficou rindo para si mesma, mas estava com muita vontade de apertá-lo. Beatrice

adorava quando ele ficava com aquela cara séria e até franzia o cenho, mesmo enquanto ela estava rindo perto dele.

— Para com isso, Bea — Sean franziu o cenho para ela e Bea também adorava quando ele fazia isso, mas havia um toque de diversão em sua face.

— Ou o que? — ela provocou.

— Vou te prender com o cinto para você ficar quieta bem aí — ele disse, seriamente.

A resposta dela foi soltar uma risada e um sorriso curvou a boca dele. Beatrice se aproximou e tocou a cintura dele.

— Com esse cinto aqui? Parece bom — ela estava usando aquele tom de provocação pesada de quem estava para o jogo e Sean reconhecia bem.

Ele preferiu não responder, só continuou comendo.

— É grosso o suficiente para me segurar? — ela levantou a camisa dele e deu uma olhada rápida. — Hum... interessante.

— Beatrice... — ele disse naquele tom de advertência e pior que ela também gostava disso.

Ela não disse nada, mas ficou o olhando daquele jeito de quem estava tendo várias ideias indecentes com ele.

— Depois daqui a gente vai pra casa?

— Você não quer dar uma esticada comigo? Achei que estivesse animada para uns drinks — ele levantou a sobrancelha.

Bea remexeu sua bebida na taça e voltou a olhá-lo.

— Eu quero ir para casa ficar sozinha com você.

Sean nem se moveu, mas ficou olhando para ela atentamente. Beatrice continuava brincando com a taça.

— Ah, vai... Se você não estivesse danado da vida comigo e me castigando pelo meu deslize, teria pedido a conta nesse segundo.

— Eu nunca te castigo, Bea. Eu só não dou o que você quer.

— Isso é um castigo!

O leve sorriso dele foi uma prova de que sabia disso, mas não se importava. Beatrice estreitou o olhar e aceitou o desafio e seguiu em sua missão de dedicação e sedução. Eles terminaram a garrafa de vinho e era tarde quando chegaram. Bel estava dormindo e Rita também.

A casa era na beira da praia e tinha varandas nos quartos, como se cada hóspede pretendesse fazer sua própria festinha particular de frente para o mar. Toda vez que iam até lá, eles lembravam da festa que fizeram ali juntos, não na varanda, mas naquele quarto. Quando Beatrice ajoelhou atrás dele no banco acolchoado da varanda e o abraçou, os dois ficaram olhando o mar. Com a escuridão, só viam as ondas quebrando e pontos iluminados ao longe. Ela descansou o queixo no ombro dele e os dois estavam lembrando do mesmo acontecimento.

— Eu trouxe um presente para você — ela o beijou no rosto.

— Para mim?

— Na verdade, é meu presente, mas faz um tempo que você não usa — Beatrice completou o mordiscando levemente.

Um sorriso leve apareceu no rosto dele e Sean estreitou o olhar como se avistasse algo interessante na praia.

— E você não vai só me dar o presente, não é?

— Claro que não, eu quero perdão total e voltar a ganhar tudo que eu peço só pra você — ela desceu as mãos pelo peito dele até o cós da sua calça.

— Nem pensar — ele se divertiu com a negociação dela.

Bea ficou de pé e o empurrou pelas costas.

— Agora eu que não quero nada! Quer saber, vou te esquecer mais um bando de vezes. Porque você, Sean, é esquecível!

Ele começou a rir enquanto ela marchava para dentro do quarto. Sean levantou e entrou também.

Quando o viu do outro lado da cama, Beatrice cruzou os braços e deixou bem claro que ele ia ser ignorado. Mas ele começou a abrir a camisa e com um sorriso pra lá de sacana na face. Mesmo sem querer dar o braço a torcer, ela virou o rosto e estreitou o olhar para ele.

— Seu maldito! — ela reagiu, quando notou o que ele fazia. — Você queria me vencer pelo cansaço! Queria que eu explodisse. E desistisse!

O sorriso dele só aumentou quando puxou a camisa a soltando, essa noite ele estava usando uma camisa de botões num tom de

azul royal lindo, muito pigmentado e escuro e ela estava perfeitamente dobrada para dar mobilidade aos cotovelos.

— Não quero saber de você agora.

— Por eu ser esquecível?

Beatrice sabia que ia pagar por aquilo, mas a cabeça dela pendeu para o lado quando ele tirou a camisa e a moveu no ar, a enrolando. E a olhava, ainda com aquele sorriso maldito. Ela xingou baixinho, mas se aproximou da cama como se não pudesse conter e subiu nela, já descalça e andou sobre os joelhos, se aproximando do lado em que ele estava. Assim que chegou perto dele, Beatrice soltou a sua calça e ele deixou a camisa sobre a cama, bem ao lado dela.

— Aquela sua oferta de fazer tudo por mim ainda é válida. Começa a tirar tudo — instruiu Sean.

— Como é possível amar e odiar tanto alguém ao mesmo tempo? — ela abriu a blusa que usava e a jogou para trás. — Eu quero te dar um soco agora.

— Mas a vontade de me beijar é maior, bem-vinda ao meu mundo. Eu penso em apertar o seu pescoço, mas isso automaticamente me faz pensar em te foder.

— E acariciar inteiro — ela abriu um sorriso e ficou de pé na cama e empurrou a saia para baixo, mas a chutou para cima dele, de propósito. — Mas ainda quero te socar.

Sean levantou a cabeça para olhá-la, se aproximou e a acariciou pelas coxas, subindo até colocar os dedos por dentro da barra da sua calcinha roxa. Ele a desceu e a livrou dela, depois a segurou pelas coxas e a trouxe para baixo de novo e a beijou. Apertou-a contra seu corpo e tornou a colocá-la de joelhos na cama, as mãos dele deslizaram pelas suas costas e ele soltou seu sutiã. Beatrice sentiu as alças descendo pelos seus ombros, se soltou dele e o deixou retirá-lo.

Quando ele a soltou, Beatrice estreitou o olhar daquele jeito que ela fazia quando ele a deixava confusa de desejo.

— Você vem para a cama comigo? — ela deslizou para o lado e deitou sobre o colchão. — Sem nada?

Ele tirou tudo também, ao menos o pouco que sobrava nele. E parou uns segundos, olhando para a cama.

— Na verdade, sou eu que tenho um presente hoje. Para fazer o que eu quiser. Arrisca? — ele levantou a sobancelha para ela.

— Eu confio em você — Bea soltou isso com um tom de segundas intenções puras.

Ele se aproximou e a beijou, Beatrice se segurou a ele e se sentou quando ele se ajoelhou.

— Da última vez que estivemos nesse quarto e não falo sobre ontem, você não devia ter confiado em mim — Sean desceu as mãos pelos braços dela e a apertou, trazendo-a para mais perto.

Beatrice se arqueou levemente e o encarou, chegando perto o bastante para seus lábios roçarem os dele.

— Eu estava completamente fora de mim — ele pausou e olhou para baixo, como se estivesse a medindo para as ideias que tinha. — Havia passado muito tempo longe de você. Eu fui rude, faminto, exigi mais do que devia. Não conseguia me saciar, como se o sonho fosse acabar no segundo que eu perdesse contato com você.

Sean tirou as mãos de cima dela por um momento e lhe deu um sorriso divertido.

— Eu não me importei, Sean — ela o encarava enquanto suas mãos desciam pelo seu torso. — Eu estava tão desesperada quanto você.

Ele a surpreendeu ao franzir o cenho para ela e derrubá-la na cama e ajoelhar sobre ela. Beatrice estava olhando para ele e só sentiu o aperto nos seus pulsos e rapidamente nos seus antebraços, ele fazia aquilo rápido demais para não ser curioso. Quando piscava, ela sentia a rápida pontada de dor que acontecia quando seus antebraços eram apertados juntos subitamente. Seu olhar brilhou e um sorriso leve apareceu na sua face.

— Eu nunca entendi porque aquela noite — ele puxou as mangas da camisa enrolada firmemente e controlava os braços dela agora. — De todas que passamos fingindo, justamente aquela.

— Eu não estava fingindo naquela noite — disse Beatrice, mantendo o olhar nele.

Sean franzia o cenho para ela, não parecia convencido ou estava brincando com o que ela queria.

Ele foi para trás e ela teve que ir, pois ele a puxou e a força que mantinha na camisa foi seu apoio para ajoelhar e ser levada na direção dele. Ele abaixou a camisa até ela apoiar as mãos presas no colchão e ficar assim. Fez isso só para olhar para ela.

— Nós chegamos aqui e não era como aquelas festas de mentira, as pessoas eram reais, eram amigos, conhecidos e sua família — ela olhou por cima do ombro. — Então nos tornamos reais e ao invés de fingir para eles, foi só o que seríamos normalmente.

Ele a admirava com desejo, seu olhar percorria seu corpo totalmente exposto e ele a acariciava com uma mão e a segurava com a outra. Quando ele começou a beijar o que admirou tanto, Bea fechou os olhos e abaixou a cabeça, Sean conseguia deixá-la naquele estado insistente de excitação, pelo jeito que falava com ela e a olhava. Vê-lo admirando seu corpo com todo aquele desejo de quem estava salivando para experimentar como seria o gosto na sua língua, deixava-a com a respiração acelerada. E quando ele começava a tocá-la, a mente e o corpo dela estavam a mil.

— Onde está? — ele perguntou baixo, o que a obrigou a abrir os olhos e voltar a prestar atenção em algo além das mãos dele afagando seu corpo e apertando-a até ela gemer em resposta.

— O criado mudo...

Sean geralmente não a soltava quando a tinha assim, ele a virou e logo depois, o som da sua voz estava muito perto novamente.

— Abre a boca.

Ela abriu, não importava se era para chupá-lo ou só para o deleite dele, ela só abriu. E ele lhe deu o seu presente para ela segurar e aquecer ali. Beatrice fechou os lábios em volta da haste fina do plug. E o rodou em sua boca com a língua. Sean a olhou de um jeito que a fez piscar lentamente, devolvendo o olhar com aqueles olhos dourados e sedutores, como se concordasse com ele.

— Não vou ser bom para você hoje, odeio ser esquecido — ele lhe disse e a resposta dela foi um leve sorriso em volta do seu plug de diamante dourado.

Beatrice começou a chupar o que estava na boca dela e o fazia se mover, dava para saber o que ela estava fazendo, porque o plug ia para frente e para trás contra seus lábios.

— Você sabe o que eu quero — ele disse.

Ela afastou mais as pernas e só em fazer isso, sua excitação aumentou, estimulada pelo que fazia e por seu clitóris pulsando por necessidade.

— Não solta isso — ele avisou e a tocou e deu uma puxada no nó prendendo-a, para deixá-la alerta.

Não havia como ficar mais alerta com ele beijando suas coxas, apertando seu quadril e esfregando os seus grandes lábios do seu sexo antes de tocar seu clitóris. Ela se moveu, cerrou os olhos e soltou um gemido em volta do plug na sua boca.

— Não é estranho que nós acabamos aqui, no mesmo lugar — ele apertou seu traseiro e soltou um som de apreciação enquanto olhava para seu sexo úmido. — Onde há um tempo você decidiu parar de fingir que eu não existia. E agora resolveu me esquecer aqui — ele pausou e avisou. — Se você soltar, eu vou te soltar.

Quando ele lambeu a extensão do seu sexo e começou a chupá-la, ela soltou o gemido mais alto que podia com sua boca ocupada e o xingou só com um som agudo, pois se não podia soltar, não podia responde-lo também. Beatrice discordava firmemente que ela fingia que ele não existia. Mas ela que pediu por isso e não ia poder e abrir a boca agora.

Sean brincou com a pontinha do seu clitóris, com plena consciência de que a fazia sofrer de prazer. Ela teve que morder para segurar o plug e quando parava, tornava a chupar e isso a excitava muito, junto com a boca dele no seu sexo. Começou a sentir que ia gozar, nunca durava muito quando ele a colocava de quatro para chupá-la, lhe dava muito tesão. E ela não conseguia parar de chupar aquele maldito plug e encostou a boca contra seus antebraços quando começou a gozar, porque não tinha jeito de não deixá-lo cair.

Ela foi virada bruscamente, seu corpo ainda estremecendo e bateu com as costas na cama, Sean tirou o plug da sua boca e ela gemeu alto, seus olhos ainda cerrados. Ele puxou a camisa e ela abriu os olhos, soltando gemidinhos baixos pela sensação.

— Sabe o que eu acho? — ele enrolava a camisa, sem deixar os braços dela descansarem ainda. — Você apronta das suas esperando

por isso. Deve ser o motivo para gostar tanto de escolher camisas novas para pôr no meu closet.

— Só as bonitas — ela disse baixo, ainda procurando fôlego.

— Eu te dou essa — Sean passou o plug pela língua.

— Hum... — Bea estreitou os olhos, excitava só de olhá-lo fazer isso. E ela afastou mais as pernas.

Ele o desceu pelo seu sexo molhado e o penetrou no seu ânus até sentir a base encostar. Beatrice mordeu o lábio e moveu o quadril para ele.

— Quero algo de você — ele levantou seus braços, mas não a prendeu.

— Eu quero você — ela pediu.

— Não.

Ele deslizou as duas mãos pelo torso dela, se aproximando e beijando seu ventre, seu umbigo e o vale dos seus seios.

— Deixa eu te tocar — ela pediu, com seus braços amarrados acima da cabeça.

Sean soltou o ar como se risse da ideia. Não ia soltá-la agora. Estava muito ocupado brincando e excitando seu corpo já que o tinha todo só para o seu deleite. Ele beijou as laterais dos seus seios e começou a mordiscá-los e chupá-los até alcançar os mamilos. Ele vinha sendo muito gentil com os seios dela, porque ela amamentou por meses. Mas hoje ele estava mordendo, beliscando, mas deixando seus mamilos para a deliciosa carícia da sua boca. Beatrice se remexeu embaixo dele, sua cabeça estava jogada para trás, ela adorava a atenção, seus seios eram uma poderosa zona erógena do seu corpo.

— Eu vou gozar — ela sussurrou.

— Gosto disso — ele respondeu tão baixo quanto.

— Eu quero você.

— Resistir a você é um tormento, Beatrice — ele passou o rosto pela pele dela, arranhando levemente com sua barba rente.

Ele acariciou suas coxas, Bea se movia e aquele maldito plug a manteve atenta a ele o tempo todo, como se Sean já não a deixasse sobrecarregada. Ele ficou de joelhos e ela olhou para sua ereção

enorme, certamente latejando tanto quanto ela. Ele a puxou subitamente pelo tecido que prendia seus braços.

— Eu adoro isso — ela murmurou.

Com um sorriso, ele a penetrou até o fundo e enrolou a ponta da camisa na mão, mantendo-a segura. Beatrice emitiu um gemido de prazer e sua expressão foi de satisfação. Sean não liberou os braços dela e ela sentia puxões a cada vez que ele a penetrava mais. Os sons dela ficaram mais agudos e ela deitou a cabeça e pediu por mais em sussurros. Ele havia voltado a dar o que ela queria, então apoiou uma mão na cama e enrolou o tecido no punho, puxando-a e estocando-a com mais força.

Os músculos dos braços dela protestaram pela tensão de como estavam presos e pelos puxões curtos. Mas Beatrice não estava dando a mínima, ela queria mais forte, mais intenso, queria Sean dando tudo de si para ela. Ele podia continuar puxando a camisa o quanto quisesse se não parasse de fodê-la com toda aquela vontade. Ela via milhares de estrelas quando o quadril dele batia nela e empurrava o plug e a cada movimento do seu membro dentro dela, podia sentir o contato com aquela joia pervertida.

Beatrice não estava nem tentando conter, pulsava em volta dele e do plug e começou a gozar, perdeu a força nos músculos das pernas e elas penderam na cama. E não sabia se sentia os braços, mas ele os segurava. Sean a arrancou da cama, puxando-a pelo nó da camisa nos seus antebraços até poder beijá-la. Sua boca se pressionou contra a dela rudemente e Bea o sentiu estremecer contra seus lábios, esfregar o quadril no seu e começar a gozar. Ele gemeu em alívio e prazer e a soltou, deixando-a cair contra a cama novamente e apoiou a mão sobre as dela, que ficavam bem juntas dentro do nó. Eles não conseguiam nada além de ofegar e sentir ondas de prazer — Você tem que parar de resistir, seu desgraçado — ela o empurrou com as mãos presas.

— Você tem que parar de me esquecer, sua tratante — ele a puxou, trazendo-a para a altura do seu olhar.

— Nunca — ela sorriu quando ele a puxou pela camisa.

Sean a pegou pela nuca e a beijou, mantendo-a bem presa pelo nó da camisa também.

— Você gosta da provocação, não é?

— Está me ameaçando?

— Você já está amarrada.

— E desde quando isso é uma ameaça?

Um sorriso devasso apareceu no rosto dele.

— Eu gosto de como você joga — Sean desceu a mão entre eles, seus dedos acariciaram seu sexo úmido e quente e ele continuou. — Gosto mais de como você fica molhada depois de gozar pra mim.

Várias vezes.

Quando ele tocou o plug e o moveu, Bea correspondeu, mas ele não soltou o nó onde segurava.

— Você não ousaria — ela avisou.

— É uma ameaça? Porque eu fico muito duro quando você começa a me ameaçar — ele tornou a mover o plug e a inclinou um pouco, para olhar o que fazia.

Ela afastou mais as pernas e moveu o quadril, rodando-o levemente.

— Eu fico com muito tesão quando você faz isso.

Sean só levantou aquele olhar que chegava a queimar de desejo e continuou a segurando, com seus braços a frente, dobrados e presos entre eles.

— Continua, Bea — ele tirou e colocou o plug, lentamente.

— Para de me torturar e me solta.

— Você pediu isso desde que cheguei aqui — ele a inclinou mais, apenas soltando um pouco do tecido.

— Eu quero... — ela gemeu baixinho e voltou a mover o quadril.

— Me tocar?

— Também.

— Te dou uma noite toda só para ficar com as mãos em mim — ele deixou o plug dentro dela e esfregou seu clitóris, incendiando sua crescente excitação.

— Seu maldito, filho da mãe — ela trincou os dentes e fechou os olhos, soltando sons baixos e agudos, tentando lidar com as sensações.

Ele sorriu, divertindo-se com ela e ficando mais excitado pela deliciosa visão que ela lhe proporcionava agora.

— Vem aqui e me beija — ele provocou, logo depois de ser xingado.

— Não — ela balançou a cabeça.

Ele ficou de joelhos a frente dela e ao invés de puxar a camisa, a soltou e enfiou as duas mãos por dentro do seu cabelo bagunçado, levantou seu rosto e a beijou apaixonadamente. Para provar seu ponto e mostrar o quanto adorava estar com ela e o sexo entre eles era quente e intenso, conectava-os e celebrava fisicamente o que eles sentiam um pelo outro. Bea apoiou as mãos no abdômen dele e deitou a cabeça para ele beijá-la por quanto tempo quisesse. Porque seus beijos a incendiavam.

Quando ele afastou os lábios, ela piscou lentamente e murmurou:

— Você disse que ia ser legal comigo...

Sean balançou a cabeça e desceu as mãos pelo seu pescoço e por suas costas.

— Eu disse que você era meu presente, mas você sempre é. Não sou legal, eu te dou o que você quer.

O olhar dela se estreitou e Sean adorava isso, mesmo sob a luz baixa ele podia ver o brilho malicioso.

— Eu quero você — ela manteve aquele olhar nele. — De novo.

— Eu sei — ele a pegou pela camisa e pela cintura e a levantou na cama, virando-a.

— Convencido, maldito!

Sean a colocou perto da cabeceira e beijou suas costas, ela o sentiu brincar em cima da tatuagem da sereia tatuada e sensual atrás do seu ombro e seu corpo se arrepiou de excitação, porque ele lhe causava isso, não importava em qual estágio da noite estivessem. Quando o corpo dele pressionou o seu, ela sentiu que sua ereção estava de volta e o atrito dos corpos a deixava consciente demais sobre o plug. E aquele provocador estava fazendo isso de propósito. Bea abriu os olhos quando Sean tirou as mãos do seu corpo e levou segundos para recolocar.

— Era isso que você queria? — ele mostrou o cinto a frente do rosto dela.

A boca dela se abriu quando viu o que ele foi pegar naqueles segundos que se afastou. Quando ela ia aprender que ele guardava

suas alfinetadas para devolver em momentos como esse?

— Ele segura — ele passou os braços em volta dela e já era tarde demais quando Beatrice notou o que ele estava tramando para ela.

A cabeceira estilosa daquela cama tinha muitos espaços e ele usou o cinto para prender seus pulsos — já presos pela camisa — na cabeceira. E apertou. Ela não soltaria por nada e não tinha muito espaço para manobrar além de abaixar e apoiar os cotovelos se sucumbisse. Sean a pegou pelo quadril e a puxou bruscamente, deixando-a de quatro, sobre os cotovelos. Beatrice sentiu as mãos dele deslizando pelo seu corpo e agarrando seu traseiro, afastando suas pernas e admirando a vista.

— Sean... — ela tentou ver melhor sobre o ombro, nesse momento, apenas o sentia aperta-la e brincar com seu corpo. Ele moveu o plug e esfregou seu clitóris enquanto o retirava e o corpo dela não conseguiu entender em qual sensação se concentrar e mandou uma bagunça de prazer pelos seus nervos.

— Puta merda, Beatrice — ele disse baixo, sentindo-a corresponder completamente ao que ele fazia, podia vê-la estremecer e escutar seus sons. — Eu te quero de novo, vou arrancar tudo do seu corpo hoje e você vai ter que me pedir por mais sem me esquecer primeiro.

Ele a lubrificou e ela gemeu no processo, sentindo-o usar os dedos e o maldito plug, apenas para brincar com o corpo dela. O estalo foi o pacote do preservativo que ele colocou. A mão dele, quente e forte na banda do seu traseiro, mantinha-a no lugar. Porque a outra estava segurando seu pau para direcioná-lo. Eles só faziam sexo anal assim, prazeroso e bem lubrificado. Mas ela gemeu longamente quando ele a penetrou, era muito maior do que seu plug e muito melhor. E ele não estava sendo legal. Não foi o que ela pediu.

— Sean! — ela cerrou os olhos e tentou mover as mãos instintivamente e não foi a lugar algum. Seu apoio eram os cotovelos, seus antebraços estavam apertados. E ela continuava sobrecarregada de sensações.

O quadril dele bateu contra seu traseiro e ele a apertava, deixando marcas nas duas bandas. As mãos dele deslizaram e seguraram sua

cintura, ele a estocou repetidamente em movimentos curtos e a ouviu gemer alto. Beatrice nunca esteve presa, muito menos tão presa, para esse tipo de sexo antes, estava acostumada com apoio e mais controle. No momento, ela não sabia o que tinha. Nem abria os olhos, as estocadas dele combinavam com os puxões automáticos nos seus antebraços presos. E o sexo que faziam trazia lembranças de tudo que fizeram naquele mesmo quarto da outra vez que se encontraram ali e sucumbiram, o que só os excitava mais.

Beatrice xingou entre os dentes e gemeu, xingou de novo e tornou a gemer e ela só fazia isso quando estava demais para ela. Sean apoiou a mão nas costas dela, chegando mais perto e mudando o ritmo. Também não ia durar muito. Ele tornou a apertá-la com mais força do que notava, estava alto demais em seu próprio prazer e na loucura que ela lhe causava. Quando ele pressionou os dedos no clitóris dela e esfregou rudemente enquanto a fodia, ela chegou ao orgasmo imediatamente. Beatrice mordeu a camisa e abafou seus gemidos altos, mas ele ainda podia escutá-la. Sean saiu do corpo dela, arrancou o preservativo e gozou pelo seu sexo. O corpo dela ainda tremia e Beatrice não podia conter, ela nunca podia parar nada depois que ele a levava ao êxtase.

Ela estava emitindo aqueles sons que pareciam choramingos de prazer e sua testa estava contra seus pulsos presos. Toda vez que Sean causava isso, ela achava que seu corpo nunca mais voltaria ao normal e seu sexo nunca pararia de latejar. Era como os repetidos jatos de sêmen dele, as ondas de prazer batiam uma atrás da outra no seu corpo. Ontem, ela começou a rir e hoje seus sons eram como choramingos e seus olhos estavam úmidos e ela estava suada, dava para rir e chorar de prazer em momentos diferentes.

Apesar de achar que estava fora de si, Beatrice sentiu quando ele beijou suas costas e seu rosto roçou sua pele. Logo depois ele a soltou do cinto. Então a puxou contra seu corpo, ela sentia a respiração dele ainda acelerada, movendo o peitoral dele contra suas costas. Sean soltou seus braços delicadamente e esfregou as mãos sobre eles, atenuando as marcas na pele dela. Ele sentou e encostou o peso dela contra seu corpo, Beatrice sentia as mãos dele acariciando seus antebraços e depois massageando os músculos dos

seus braços, pois era ali que ficaria dolorido. E ela não se arrependia de nada.

Logo depois ele deixou seu torso cair deitado na cama e a levou junto. Só depois de estarem deitados há uns segundos que ela soltou uma risada. E ele riu ao lado dela. Beatrice se virou e se aconchegou a ele, mas a cama estava uma bagunça, eles iam ter que se mover para recuperar as cobertas e puxar um travesseiro.

— Eu adoro esse quarto — ela murmurou junto a ele.

— Eu sempre adorei. Ele foi o paraíso das minhas fantasias com você por um longo tempo.

— Agora é um paraíso de memórias — ela levantou a cabeça e o olhou. — Mas eu posso realizar suas fantasias.

— Você já realiza.

— Eu até te beijaria agora, mas meu pescoço não se move mais do que isso, não tenho forças.

Alguém me prendeu com uma camisa e um cinto e não me recuperei ainda.

Sean deu uma risada e pescou os travesseiros o que ajudou muito para ambos e Bea conseguiu se ajeitar melhor perto dele.

— Você sabe que eu já te perdoei faz tempo, você só queria me dobrar e me ver seduzido aos seus pés — ele acusou.

— Sempre! — ela riu.

* * *

Infelizmente, era o último dia de folga deles. Beatrice fez um bico triste, empurrando o lábio inferior para baixo e Bel ficou olhando para ela atentamente de forma muito intrigada, depois fez de tudo para imitá-la, causando efeitos muito engraçados.

— Olha, Sean! Ela dança no ritmo!

Ele entrou na sala do primeiro andar e ela estava dançando com Bel que estava mesmo participando e tentando dançar junto com a mãe. Beatrice dançava pela sala, carregando o bebê e a incentivando a acompanhar o ritmo, Bel gostava de músicas animadas e leves e ficava dando pulinhos quando Love Song da Sara Bareilles começava a tocar.

— Toma, dança com ela! Tenta não ser estranho, ela tem que crescer com ritmo — ela a passou para ele, mas continuou dançando em volta.

— Eu não sou estranho — ele foi virando no lugar, dançando com Bel no colo, já que Beatrice estava os rodeando.

Bel ficou rindo, acompanhando a mãe que sem ela no colo, dançava animadamente em volta dela.

E Sean mantinha sua atenção em continuar rodando atrás de Bea e em segurar o bebê super excitado que se jogava para todos os lados no seu colo. Enquanto isso, Love Song continuava no repeat ao fundo. Ao menos era bem diferente das músicas de desenho que eles estavam fazendo de tudo para fugir de ter que escutar o tempo todo.

— Mais rápido! — Beatrice perturbou Sean, o puxando para entrar no ritmo e ele foi obrigado a fazer as duas coisas, não deixar a filha voar do seu colo e acompanhar a música com Bea.

— Olha Bel, o papai não é estranho! Já não vamos passar vergonha quando sairmos para dançar e tivermos que levá-lo — ela brincava.

Sean só podia aceitar a zombaria e continuar animando Bel.

— Ela tem uma novidade — anunciou Bea.

— Qual?

— Coloca no chão.

Sean abaixou e colocou Belle sentada no chão, ela olhou para cima imediatamente como se perguntasse aquelas duas pessoas enormes o que estavam pretendendo. Beatrice puxou o braço de Sean, fazendo-o dar passos para trás com ela. Bel não gostou nada disso, fez força, se inclinou, ficou de quatro e foi engatinhando atrás deles, toda desajeitada, mas sem desistir. Estava tão concentrada em engatinhar que olhava para o chão e para eles, mas queria falar também. Então, parou de engatinhar e começou a reclamar na sua língua de bebê.

— Ela parou de fazer minhoquinha no chão! — comemorou Bea, porque Bel só arriscava umas engatinhadas na cama, mas acabava estatelada. Porém, quando queria chegar aos locais sozinha, ela ia

de barriga no chão, “minhocando” como eles chamavam. — Minha minhoquinha quer virar borboleta — ela riu.

— Caramba, Bel — Sean abaixou e ficou olhando para ela, como um completo bobo. Então estendeu as mãos. — Vem cá, mais um pouco.

Bel abriu um sorriso e engatinhou mais para ele pegá-la. Ela queria dançar mais. Porém, quando Sean não a pegou imediatamente, ela olhou para mãe e fez aquela sua cara de sofrimento e começou a chamá-la.

— Ma... ma... ma... — ela não juntava as duas sílabas idênticas ainda, só repetia a mesma sem parar.

E Beatrice, muito atenta, se inclinou e gargalhou.

— Ela está se sentindo traída, Sean!

Ele a pegou no colo e ficou de pé, balançando-a levemente, para a música que ainda tocava. Bel imediatamente desistiu do seu pedido de socorro para a mãe e se virou para o pai, segurando-se nele e o olhando como seu herói do momento.

— Mal sabe ela que você quem teve a ideia de enganá-la para fazê-la engatinhar — comentou Sean.

Beatrice apenas ria.

— Você precisa saber — disse Sean, falando com a filha. — Que essas coisas são orquestradas por ela. Noventa e nove por cento das vezes. É sempre ela.

— Você disse “orquestrada” para ela? Você realmente usou porcentagem com um bebê de dez meses, Sean? Eu acho que você está trabalhando demais. Além disso — Bea olhou para a filha. — Isso é uma calúnia! Até parece que você é santo.

— Calúnia, Beatrice? Você disse isso para ela? Sabe quanto tempo vai levar até ela entender essa palavra?

— O mesmo tempo que vai levar para ela saber que está orquestrando alguma coisa — ela se divertia.

Os dois olharam para Bel que estava contente outra vez, agora que o pai estava a balançando para a música e a mãe estava ao lado, dessa vez, apenas movendo o corpo naquele ritmo.

— Eu acho que ela deveria começar a aprender porcentagem bem cedo — ele opinou, brincando. — Para ser uma negociadora precoce.

— Você quer levá-la para o maternal para aprender a ler e desenhar ou para orquestrar os investimentos dos coleguinhas e propor acordos de negociação de lancheira?

— Eu aprendi porcentagem antes do esperado...

— Você deve ter aprendido a investir na bolsa com cinco anos, pelo amor de Deus. Você é um maldito Ward, não é à toa que falam mal da família. Com quantos anos eles os obrigam a assinar os papéis do fundo de investimento? Seis?

— Ei... — ele virou o rosto para ela. — Somos todos malditos Ward aqui — o tom de lembrete dele era cômico.

— E falam muito mal da gente pelas costas — ela sorriu.

— Desde sempre.

* * *

Pouco depois, Beatrice resolveu que agora que Sean estava ali também, ela queria aproveitar seu último dia de folga na piscina aquecida. E ele podia se virar para entreter Belle. Então, ele colocou um suéter no bebê e saiu de casa, desceu pela escada traseira e foi para a praia.

— Olha a espuma, Bel! — disse Sean, mostrando as ondas que quebravam logo à frente deles. Ele a abaixou um pouco e a deixou colocar a mão na espuma da onda.

O clima não estava bom o suficiente para banho de mar com um bebê, mas o dia estava limpo e agradável e deu para ela chegar perto o suficiente. Bel já havia provado que gostava de água, mas ela só conhecia a piscina. Era sua primeira vez chegando perto do mar. É claro que tinha que ser com a mesma pessoa que a levou para a piscina pela primeira vez, o pai.

— Não, nada disso, hoje não — ele a segurava enquanto ela parecia que queria mergulhar com roupa e tudo. — Vem, só o pé hoje que está fria.

Ele a colocou em pé sobre a areia molhada e ela começou a chutar, já com confiança para saber que podia aprontar ali e ele não a soltaria, porque nunca soltava. E quando a onda chegou ali,

fraquinha, Bel quis logo sapatear e fazer o caos, mas ele a levantou para ela só sentir a água e não se molhar toda.

— Por isso que nós voltamos lá da piscina sujos e molhados e sua mãe acha que é tudo culpa minha — ele disse, se divertindo enquanto a carregava de volta para a areia seca.

Bel se virou no colo dele e ficou olhando para aquele bando de água em movimento constante.

Sean se sentou e a colocou no colo, ambos de frente para o mar. Ele brincou com ela, segurou suas pernas e as moveu e bateu nos seus pés cheios de areia, o que ela achou que era brincadeira também.

Sean a manteve sobre suas pernas dobradas e limpou suas mãos depois que ela cansou de rodar em cima dele para mexer na areia.

— Não enfia isso na boca, Bel — ele deu leves batidas na mão dela. — Se você voltar pra lá cheia de areia na boca, nós dois estaremos encrencados.

Bel se recostou contra ele e ficou olhando curiosamente para a água que chegava até perto, mas não molhava o lugar onde estavam.

— Além do mar, nós vamos descobrir um bando de coisas, Bel — Sean a mantinha no seu colo e a acariciava, bagunçando seu cabelo fino e escuro. — E você vai descobrir outras no futuro. Sobre mim. Sobre coisas que fiz. Eu não vou mentir para você, mas também não vou trazer meu passado para sua vida. Eu quero muito que daqui a um tempo a gente consiga se entender sobre você não ir sozinha para lugares ermos. E eu prometo que não vou ser um empecilho para você descobrir a vida.

Belle estava o escutando, com certeza não entendia nem um terço, mas sabia que o pai estava conversando com ela. E ela adorava interagir e achava que batia altos papos, mesmo que ninguém estivesse entendendo o que ela dizia. Ela jogou a cabeça para trás, batendo-a contra o abdômen dele e olhou para cima e perguntou:

— Da?

— Mesmo — Sean respondeu, sorrindo. — Prometo para você que não vou exagerar e nem sufocá-la. Vou protegê-la, isso não há como

impedir. Pais fazem isso. E vou apoiá-la e estar ao seu lado. E para onde você precisar ir, se me quiser de companhia, eu estou dentro.

Ele soltou o ar, passou as mãos por baixo das perninhas gorduchas de Bel, movendo-as e ela ajudou, mas continuou falando com ele, usando várias sílabas misturadas.

— Sim, eu sei. Vou ser sincero. E você vai ter que perdoar algum dos meus deslizes. Eu estou de primeira viagem aqui também, você vai ter que nos ajudar. E nós, sua mãe e eu, já fizemos um bando de maluquice. Provavelmente não contaremos nada disso, mas você vai acabar descobrindo boa parte. E aí, espero que seja um bom exemplo do que não fazer e de como aprender com suas burradas. Eu só quero ser bom para você, Bel. — Ele bagunçou o cabelo dela que colocou a mão na cabeça e balançou as pernas como se o mandasse parar.

Sean a levantou e a olhou, Bel movia as pernas, pisando nele e Sean a segurou por baixo do seu traseiro cheio pela fralda.

— Eu te amo — ele disse para ela. — Amo muito. Ter você me assusta, porque você é tudo, é como ver minha vida pulsando em outra pessoa, mas vou ter que me acostumar, não é? Vou adorar descobrir o mar com você, vou ensiná-la a esquiar, a jogar um bando de coisas e sua mãe riria de mim, mas espere só até eu lhe ajudar com a loucura da matemática para um dia você entender tudo que fazemos. Eu quero que a minha garota seja independente. E você vai aprender defesa pessoal, Bel. E boxe, que tal? Tae kwon do? Eu te ensino. E nós vamos viajar por aí! Você, eu e a mamãe. Vamos arrastá-la de qualquer jeito. E eu prometo que vou tentar ser um exemplo digno. Não foi fácil para os meus pais, ainda mais no fim da adolescência, mas eles me ensinaram que a melhor maneira de educar é ser aquilo que você quer que seus filhos sejam. Eu quero muito durar na sua vida, muito mais do que pelo tempo que tive o meu pai.

Bel ficou olhando para ele, percebendo que ainda conversavam alguma coisa, o olhar dele se desviou porque a época que perdeu o pai fazia parte de um período muito sombrio da vida de Sean.

Mas quando os pais a traziam tão para perto, Bel achava que era hora do abraço, então se jogou para frente e se abraçou a ele. Sean

riu e a abraçou apertado.

— Eu vou voltar para você, todas as vezes. Acho que essa é minha melhor promessa. Não sei quando, mas um dia, você vai entender porque eu direi inúmeras vezes que voltarei para você. E direi o mesmo a sua mãe. E cumprirei. Espero muito que no futuro, você entenda meus motivos. Porque eu vou fazer de tudo para entender todos os seus.

Quando ele a balançou contra ele, Bel se moveu e apoiou as mãos no peito dele para olhá-lo e falou também, um bando de misturas.

— Ba, ba! — ela apontou para trás deles, talvez na direção da casa. — Na!

— Lá? — ele olhou por cima do ombro.

— Da!

— Ou cá? — ele franziu o cenho para ela.

— Pa!

Ele levantou com ela no colo e a virou para ver o mar.

— Da tchau para o mar, no verão a gente volta para nadar — ele deu tchau e ela o imitou.

Eles entraram na casa e foram até a piscina onde encontraram Bea, deitada numa cama flutuante e lendo no seu Kindle e seu drink ainda estava lá na borda onde ela o deixou.

— Já era hora! — ela disse de lá.

Sean viu que Bel estava toda animada para ir onde a mãe estava. Então, ele trocou a ambos e chegou na beira da piscina, testou a temperatura e sentou na borda, segurando a filha.

— Olha para cá! — ele chamou Beatrice.

Ela olhou e ele levantou Bel por baixo dos braços e a soltou na água.

— Sean! — Bea se moveu e quase caiu da cama inflável, era instintivo.

— O que? — ele riu e entrou, ele já havia feito isso com Bel na piscina de casa. Ela dava conta.

Quando ele a segurou, ela já estava tentando nadar, crente que seus esforços estavam a levando na direção da mãe, mas não estava vendo nada e o nadar dela era se mover como se engatinhasse na água.

Ele a segurou na água, levando-a até lá e quando chegou, Bel gritou de excitação e se jogou para a mãe. Beatrice ria enquanto segurava aquela coisinha molhada. Ela já havia a visto na água com o pai e entrara com eles, mas em geral, o programa da piscina era o tempo com Sean.

— Toma, bota na borda, isso não é a prova de água — ela disse, dando seu Kindle a ele.

Depois de deixar o aparelho lá, ele voltou para aprontar. Pois Beatrice estava seca demais. Sean agarrou a cama inflável e começou a empurrá-la rapidamente e a balançá-la.

— Sean! Eu vou cair! — ela gritou e riu quando ele as girou. — Seaaan! — ela repetiu e Bel dava gritinhos, mais ainda quando a mãe falava.

Ela acabou tombando na água e ficou rindo e segurando a filha, então colocou Bel sobre a cama inflável enquanto os dois ficavam um de cada lado. Só que Bel não gostou nada disso e Beatrice morreu de rir quando a filha reclamou com o pai, como se soubesse que ele era o “mandante” da piscina. E então ela mesma se jogou para a água, na direção dele.

— Ela é um absurdo! Não basta só a gente cercar a piscina, vamos ter que trancar tudo. Imagina quando ela começar a andar — Bea nadava por perto deles.

— Imagina quando ela começar a pular portões, vai ter que ser alto — disse Sean, enquanto levava a pequena delatora para a borda.

Depois da diversão na piscina, eles a levaram para banho e comida. E acabaram os três relaxando na sala de TV, aproveitando as últimas horas de folga.

* * *

Gente, eu tô todo me tremendo!! Vim para porta do Balthazar ver a Eva Mendes com o Ryan Gosling e a filha. É a tarde dos bebês famosos! Parou um daqueles Range Rover negros aqui na frente e Beatrice Ward saiu dele. E eu já saquei a câmera e comecei a fotografar, fazendo o doido! Dando tchau e chamando para tirar

selfie e perguntando de quem era aquela roupa que ela estava usando. E os três malditos paparazzi só viram depois.

Quando ela estava chegando na entrada, Sean Ward saiu do carro CARREGANDO BELLE WARD! Eu to moooooooooortooooo!! Me segura, senhor. Prende meu cinto que minhas calças tão no chão! Eu fiquei em choque quando aquela COISA saiu do carro com aquela coisinha fofa no colo, gente. Hoje ela estava com um vestidinho branco e com fita azul na cintura. Eu quero uma boneca daquela criança! Ela é linda demais! Claro que para chegar perto dela só com zoom, amor. Ela já tem um segurança magya que se me desse mole eu fazia a babá pra ele. Agora vou embora sonhar com SeanW carregando os filhos que eu pari. Porque gente... Não esquecerei essa visão! Vou tomar meus calmantes para abaixar o fogo na periquita que Ryan e SeanW no mesmo restaurante é demais pro meu coração.

— famousnewyorkers.com — 658 comentários

* * *

Na terça-feira, no início da tarde, Beatrice levou Belle ao pediatra. Ela havia ficado febril outra vez e continuava enjoada e até perdera o apetite, algo nada característico dela. Agora ela passara dos dez meses e sua habilidade mais desenvolvida até o momento era a comunicação. Estava mais ousada para ficar de pé, porém, nada de andar ainda. Semana passada ela havia começado a agachar de propósito, antes só fazia isso por consequência de se desequilibrar. O resultado era que estava caindo sentada com frequência quando tentava treinar seus "agachamentos".

O médico, Dr. Madden, foi indicação de Roy que levava os filhos para se consultar com ele.

Beatrice ficou esperando um velhinho engraçado, mas o pediatra não era velho. Ela até havia brincado que tinha o único pediatra bonitão da cidade. Hartie disse que se precisasse usá-lo de mucama para levar Bel lá, ele aceitava, queria ver o porte do bofe pediatra. Porque segundo ele "sou doido num médico, quero me sentir em Grey's Anatomy!"

E o melhor era que o consultório ficava na Park Avenue, a mesma rua onde Bea trabalhava e onde Candace morava. Ou seja, era perto. Chegavam lá em minutos, mas quem mais gostou disso foram os seguranças. Don foi lá fazer o reconhecimento antes da primeira consulta da vida de Bel, quando ela era recém-nascida. Voltou com um: Ok, melhoraria uma coisa ali ou aqui, mas ok.

E nunca havia muitas crianças esperando, os horários eram organizados de um jeito que no máximo três crianças se “conheciam” entre entrar, aguardar e partir. Toda vez que Beatrice estava saindo, ela via alguém chegando ao consultório. Hoje, ela não conhecia a outra mãe que estava lá com um bebê de um ano e meio. Porém, em dois minutos elas já haviam começado a comentar como não faziam ideia de como seus bebês poderiam ter pegado uma virose.

— Ele nem conhece outros bebês, é até solitário, não tenho outros bebês na família — comentou a mulher, segurando seu filho.

— Eu tenho o mesmo problema — disse Beatrice. — Ela também não encontra outros bebês e quase não vê outras crianças. Eu nunca vou entender essa história de viroses infantis.

— Nem eu — a mulher revirou os olhos. — Ele é meu primeiro, então é tudo novidade.

— Toda vez que acho que estou entendendo do negócio de ser mãe, tudo vira de pernas para o ar e eu não sei nada outra vez — brincou Bea, soltando um suspiro dramático no final e a outra concordou.

A mulher entrou, o médico estava um pouco atrasado no cronograma por causa do bebê anterior que estava com um problema respiratório e foi encaminhado para exames emergenciais. Sempre que chegava ali, Bel esperava uns cinco minutos. Ramond estava lá dentro com elas, porque eles não gostavam de locais em que o horário em que elas chegariam era marcado previamente. Eles trabalhavam com isso, era um dos exemplos de como alguém descobria quando ia encontrar seu alvo.

Consultórios médicos não tinham sistemas incríveis de segurança de horários, era fácil conseguir acesso ao horário de alguém.

— Ai, Bel, agora? — disse Bea, desconfiando que ia ter que trocar a fralda dela.

Bel não estava num dia feliz. Ela choramingou e continuou se mexendo, como se nenhuma posição no colo da mãe fosse confortável. Ela dobrava e esticava as pernas lentamente, como se até isso lhe causasse incômodo. E o olhar que ela lançava para mãe, dava até pena. Estava enjoada e só queria colo.

— Tudo bem, tudo bem — Bea a levantou e colocou contra ela e deu uma checada para ter certeza que teria de ir ao fraldário.

Duas mulheres entraram com um garotinho de uns dois anos e se sentaram, bem na hora que Beatrice levantou e foi trocar a fralda de Belle. No final do corredor tinha um fraldário bem iluminado e com fraldas e lenços para casos de emergência. Beatrice colocou a bolsa de Bel ao lado e pegou o que precisaria para a tarefa inglória que já era tão rotineira que agora ela só franzia o nariz quando tirava a fralda suja.

— Isso não está bom, Bel — ela comentava enquanto jogava a fralda suja fora.

Enquanto isso, Belle, deitada na bancada acolchoada, ainda emitia sons de desconforto e ocasionais choramingos, daqueles que pareciam início de choro. Ela quis o elefantinho, seu brinquedo preferido, que lhe dava conforto. Esse já era o segundo elefante, mas ela não sabia que o outro estava velho e no momento lavando.

Logo depois a mulher mais velha chegou com o menino de dois anos e o colocou na bancada ao lado. Só havia duas. Só que ela executou uma troca de fraldas super rápida, Bea estava ocupada, mas não sabia nem se ele havia feito xixi, mesmo assim, ela trocou. O mais estranho, foi que ela o deixou sentado ali, brincando com um macaquinho que ele botava na boca o tempo todo. Então, se virou e olhou para Beatrice. Ela achou que a mulher ia começar aquele típico papo de consultório de pediatra, o mesmo que ela havia acabado de ter com a mãe que estava sendo atendida agora. E foi um susto quando ouviu:

— Ele pegou o meu filho. Agora você está aí com um bebê dele, enquanto isso, eu nem posso ver o meu filho — disse a mulher.

Mesmo com Bel emitindo reclamações e se esforçando para falar, Beatrice ficou uns cinco segundos só olhando para a mulher. Completamente chocada. Ela só piscava. Só não estava tendo um déjà vu porque o assunto e a abordagem eram completamente diferentes.

— Eu já disse a eles que quero o meu filho de volta — continuou a mulher. — Talvez você preste mais atenção, porque tem ela — disse a mulher, indicando Bel. — Você entende a minha dor. O meu desespero.

Beatrice já havia prendido a fralda limpa. Então ela abaixou o vestido de Bel e a pegou no colo imediatamente, abraçando-a contra ela e olhando para a mulher numa mistura de ameaça e avaliação.

Como Bel não estava num dia de colaboração, ela começou a reclamar do aperto da mãe e ficou balançando o braço por cima do seu ombro, tentando soltar seu outro braço que acabou preso.

— Afaste-se de mim. Agora — Beatrice disse a mulher, resolvendo que não queria entrar em assunto nenhum com ela, ainda mais quando estava com sua filha ali.

— Seu maldito marido, que você deve achar que é um santo, pegou o meu filho. Ele é meu filho. Eu sei que foi ele. Por causa daquela vadia velha. Eu quero o meu filho.

Beatrice estava demorando demais e Ramond estava escutando vozes, ou melhor, o tom das vozes e isso que lhe chamava atenção. Ele apareceu na porta e Beatrice ainda estava segurando Bel e olhando para a mulher como se fosse reagir agressivamente se ela tentasse chegar mais perto. O outro bebê permanecia sentado, ocupado com seu brinquedo. Agora, Bea até duvidava que ele sequer estivesse precisando da consulta.

— Terminou? — perguntou Ramond, ao entrar e pegar a bolsa do bebê.

Ele entrou entre elas propositalmente e analisou a mulher com o olhar, franziu o cenho e aguardou um momento enquanto Beatrice saía com Bel que agora já estava chorando mesmo. Ele tornou a olhar as costas da mulher antes de sair e ficou com a pulga atrás da orelha. Então mandou uma mensagem para Don Ihe dizendo que achava que tinham um contratempo.

— Junto com o bebê? — Don ligou assim que leu a mensagem.

— Sim — disse Ramond.

— Mas que cara... — ele disse mais uns três palavrões.

— Acho que é meu primeiro incidente — disse Ramond.

— Você não está achando isso divertido, está?

— Não, mas vocês disseram que trabalhar com eles era quase como uma série de TV. Eu fiquei esperando o drama e os problemas.

— Garoto, você quer mais drama do que já temos?

— Aqui fora — Ramond deixou claro, os dois entendiam do que estavam falando.

— Fica colado nelas. Vou descobrir que mulher é essa, que troço doido. Ela disse o que foi?

— Claro que não.

— Então, espera só.

O *espera só*, era Don, com anos de experiência naquele trabalho, resumindo o que ele já sabia que ia acontecer. Depois da consulta, Sean ligou para saber como Bel estava. E Beatrice lhe disse que uma mulher muito estranha apareceu lá dizendo algo sobre ele ter pego seu filho. E logo depois Sean apareceu em casa. E Don esticou as pernas lá na área de lazer do primeiro andar, esperando o que ele sabia que ia acontecer. Sean ia ficar puto e a informação ia chegar até ele. Só que Don, eficiente, ficou lá de tocaia e tirou uma foto da mulher para Marcus lhe dizer quem era.

— Não comecei nesse trabalho ontem, novato — Don disse a Ramond. — Você pode ficar com o bebê, mas eu fico com ela. Se a mulher não pediu uma selfie, um autógrafo, um horário no escritório ou algo nessa linha, pode crer que é merda. Com exceção daquele pessoal das doações, mas esses sempre estão uniformizados, mesmo assim, atenção neles. Se não for nada disso, é merda. Espera só.

Bel havia chegado da consulta e permaneceu de péssimo humor, mas dormiu depois do remédio que o pediatra passou. E Beatrice esperava que isso eliminasse a febre e lhe devolvesse o apetite e quem sabe seu humor alegre.

— Ela melhorou? — Sean perguntou da porta do quarto do bebê.

— Que susto! — Bea sussurrou para ele. — Ela dormiu, finalmente. Achei que ia direto até de noite.

Ele foi até lá olhar a filha, mas no momento era tudo que podia fazer. Depois olhou o monitor para ter certeza de que estava ligado e levou Beatrice para fora.

— O que ela lhe disse?

Beatrice repetiu o que a mulher falou, a história louca sobre o filho.

— Você resgatou o filho dela, foi isso?

— Não — ele franziu o cenho. — Claro que não. Ela jamais saberia que fui eu, ainda mais se for uma criança.

— E essa tal velha que ela falou? Que história maluca é essa, Sean?

Ele estava com o cenho franzido, praticamente dava para escutar o som dos arquivos de memória em sua mente sendo acessados para resolver aquilo. Porém, como ele havia saído mais cedo, tecnicamente ainda estava trabalhando e seu celular tocou, ele levou ao ouvido, escutou por segundos e só disse:

— Quanto?

Assim que ele desligou, Beatrice disse:

— Por que as pessoas mais doidas sempre sobram pra mim? Ela foi ao pediatra da Bel. Ela entrou lá com um bebê que nem sei se é dela ou da outra mulher que estava com ela.

— Ah, merda — ele disse de repente.

— O que? — ela exclamou, percebendo que a análise de arquivos na mente dele havia sido concluída com sucesso.

— A tia-avó — ele disse simplesmente, mas dessa vez isso não explicava tudo.

— Sua tia-avó? O que ela pode ter com isso?

— Ela tem uma amiga...

— Ah, não. Lá vem. Quando começa assim é ruim.

— Merda — ele enfiou a mão no bolso, procurando o celular que havia acabado de guardar.

Beatrice cruzou os braços e ficou o olhando.

— Você não está esquecendo nada?

Sean levantou a cabeça e voltou a olhá-la.

— Eu fiz um favor para ela. Eu realmente peguei o menino.

— O que? Sean! Cadê esse menino?

— Está com a avó.

— Sean, você pegou o filho daquela mulher?

— Não foi desse jeito.

— Começa a falar mais rápido porque não está bom.

— O garoto foi sequestrado — ele começou, agora resumindo melhor o assunto, pelas partes importantes. — E a avó dele ficou desesperada. Lembra daquela senhora que estava lá na França e a minha tia-avó não parava de reclamar que ela dormia muito? É essa senhora. Ela é avó do garoto. E passou muito mal quando ele foi levado.

Beatrice colocou as mãos no rosto e respirou fundo, Sean aguardou até que ela deixou as mãos escorregarem para as bochechas e disse:

— Ele é pequeno?

— Seis anos.

— Você tem como me dizer que não aconteceu algo de muito ruim com ele? E sem mentir.

— Esse é o problema, ele não foi sequestrado de verdade.

— O que?

— Foi o padrasto dele. A mãe do garoto ajudou.

— Mentira! — ela estava chocada, aquilo estava parecendo uma trama de romance resumida em poucas sentenças.

Uma família com dinheiro, uma matriarca que controla a grana e é apaixonada pelo neto. Um padrasto olhudo planeja o sequestro. Muita intriga, mentira e mistério até descobrirem que foi o padrasto. E aí já foi oitenta por cento do livro até a reviravolta quando descobrem que a mãe do menino está envolvida. E aí ela foge e começam a caçar o casal e o detetive, que seria o principal do livro, porque esse tipo de livro sempre tem um, encontraria o menino que ficaria com a avó.

Algo que Hercule Poirot acharia levemente intrigante, mas mataria logo a charada com um pouco de repuxar do seu bigode. Beatrice só não sabia em que parte a mãe traidora voltaria para tentar recuperar

a criança. Será que seria na sequência do livro? Mas não tinha enredo suficiente para outro livro. Ou tinha?

— Isso saiu nos jornais, só que foi local, eles moram em Londres. Aqui ninguém ficou sabendo isso.

— Espera — Bea levantou a mão. — Como a sua tia-avó sabia que podia pedir a você para encontrar esse menino? Logo a você, de todas as pessoas possíveis.

Sean lhe lançou aquele seu olhar de quando ele queria dizer que algo era óbvio.

— É a tia-avó. Quando a gente começa a pensar em juntar grana para investir na bolsa, ela já ficou rica fazendo isso. Ela não sabe detalhes, mas sabe algo. E ela dirige uma instituição de amparo a vítimas de abuso, o que inclui traumas por sequestro.

— Muito cômodo, não é? Ela te pediu para encontrar o garoto.

— Essa mulher, é alta, cabelo loiro, ondulado...

— Sim, olhos castanhos e cara de doida.

— Droga — ele olhou para a tela do celular, mas o aparelho começou a tocar de novo.

Sean atendeu e disse outra vez:

— Quanto?

Dessa vez a pessoa devia ter a resposta, porque ele disse:

— Resolve. Não vou pagar isso se não valer a pena — ele pausou e escutou. — Nem pensar, esse cara não vale metade disso. E o juiz? — ele pausou de novo, escutando e depois disse: — Ótimo.

Beatrice tornou a cruzar os braços e ficou o olhando acusadoramente.

— Um dos meus advogados — ele resumiu.

— Sean, você está pagando propina para os outros? O que você fez?

— Nada.

— Isso aqui não é seriado de TV que a galera sai impune.

— Beatrice — ele falou seriamente, guardando o celular. — Não fui eu que me envolvi em nada, mas eu não gosto de mandado judicial e Grupo Ward envolvidos sequer no mesmo parágrafo.

— Eles querem ir lá?

— Antes que eles queiram ou consigam convencer um juiz a emitir essa loucura. Não há sequer causa provável, mas eles também têm seus meios escusos de conseguir e eu tenho os meus de impedir.

— Você está comprando pessoas? Sean Ward! — ela exclamou, mas o pior é que achou essa possibilidade interessante. Ela adorava seriados e aquela história estava parecendo que tinha saído de um episódio de *Scandal*. Ou quem sabe Sean ia precisar de um advogado ao estilo Annelise, de *How Tô Get Away With Murder*.

— Bea... Eu lido com o dinheiro e o emprego de muita gente, de tudo que fizemos ao longo da história e fazemos agora, eu me orgulho da honestidade. Mas ninguém chega até aqui sem comprar alguém. E eu não vou deixar que nos envolvam em escândalo financeiro alheio. Não é problema meu se roubaram dinheiro e investiram em outras empresas, eles têm que prender essa gente. E não se aproveitar da oportunidade para conseguir acesso a documentos de corretoras de investimentos e a empresas como o GW.

— Vai rolar escândalo em Wall Street de novo? — ela parecia até excitada com isso.

— Não com o GW no meio.

— Você vai comprar juízes em reeleição?

Ele só lhe lançou um olhar de advertência.

— Eu assisto muita série política! Assisti *Law & Order* todinha! *House of Cards*! Todas as séries com empresas, políticas, corrupção, advogados sinistros... eu assisto tudo.

— Não estou comprando ninguém. Estou doando para a reeleição de pessoas que acredito estarem fazendo um bom trabalho e estou fazendo redistribuição de renda, é assim que a economia gira. Se um juiz não se deixa chantagear ou intimidar pela promotoria ou por terceiros, então está fazendo um bom trabalho — ele fez aquela cara de santo e até deu de ombros.

— Meu Deus, você é cínico fora de casa também! — ela brincou.

O celular dele tocou de novo e dessa vez ao invés de só perguntar “quanto?”, Sean escutou um dos seus advogados caríssimos dizer algo, provavelmente o cara estava desesperado para agrada-lo.

Ele com certeza não estava falando com Gregory Ward, talvez o primo estivesse resolvendo algum outro problema dos Ward.

— Processem — ele respondeu. — Eles querem usar isso para conseguir informação privilegiada — ele desligou.

— Desistiu de doar? — perguntou Bea, interessada.

— Não, mas a gente tem que atacar de todos os lados.

O celular tocou de novo, agora era o diretor do departamento de publicidade, dando notícias sobre como estava o andamento do que eles estavam fazendo para inundar a mídia de notícias positivas sobre o GW. Antes que a bomba estourasse e alguém sequer sonhasse em coloca-los no meio do escândalo alheio. Sean desligou e olhou para Beatrice.

— Vou resolver isso — ele disse.

— O escândalo dessa gente ladra aí, suas doações, seus processos ou a doida que apareceu no pediatra?

— Todas as alternativas.

— Sabe, se quiser eu mesma dou um jeito nela. Será que eu posso comprá-la também?

— Não, ela vendeu o próprio filho.

— Posso bater nela com um taco?

— Beatrice — ele só lhe deu aquele olhar que ela conhecia, uma mistura de aviso com divertimento e se virou para ir ao primeiro andar.

— Ah, qual é! Eu estava gostando de ajudar no caso. Na investigação. Ou sei lá o que foi isso. Se tiver escândalo, eu posso ir junto?

Sean voltou e a olhou seriamente.

— Beatrice, ela foi ao pediatra da Bel — ele disse isso entre os dentes. — Encurralou você e a nossa filha na porra do fraldário. Eu não confio nela.

— Ei, não fui encurralada. Eu ia dar um soco bem no nariz dela se chegasse mais perto.

— Mas que diabos, você não deveria ter que socar ninguém.

— E o filho dela, Sean? Ela quer o filho.

— Ela ajudou a sequestrar o filho, eu não posso fazer nada e na verdade eu só o encontrei e não o peguei, liguei para um amigo da

polícia de lá.

Bea levantou a mão e tocou a testa dele, desfazendo o severo franzido que havia ali. Acontecia quando ele estava puto da vida.

— Vai lá, bonitão. Descubra mais e volta. Não quero ver essa mulher de novo. E cuidado com essas doações. O que eu vou dizer para Bel se você parar de aparecer na televisão como bom exemplo e for parar no canal de escândalos? Se fizerem personagem de série inspirado em você eu vou assistir tudinho. Quero saber quem vai ser o ator. Se for feio, vou reclamar muito no *Twitter*!

Apesar de estar danado da vida, com o celular no ouvido e maquinando o que ia fazer para resolver seus problemas, ele saiu de lá sorrindo.

Vocês viram que tá dando babado lá em Wall Street de novo e enfiaram nosso local de trabalho dos sonhos no meio? Tô até hoje esperando o e-mail do GW me aprovando no processo seletivo, já me candidatei até para moço da portaria (para ver SeanW passando todo dia e vigiá-lo pelas câmeras, claro). O importante é entrar! Eu sempre me pergunto, onde as pessoas que trabalham lá se escondem. Onde elas comem? Como vivem? Será que no contrato eles mandam mentir sobre o local de trabalho? Com um prédio daquele tamanho, achar a galera que trabalha lá é mais difícil que conseguir ingresso bom para a Broadway na fila da chepa. Eu largava essa vida, juro..... Mentira, ia ficar de lá postando pelo tablet porque eu sou multitarefa. Acho que não me chamam exatamente porque não entendo nada de babado financeiro, índice da bolsa e essas loucuras de gente cheia da nota. Sou formado em marketing, gente, me contrata! Confesso, só li a notícia porque tinha Grupo Ward estampado na entrada! Eu leio Ward, já apita meu sensor!

— do manhattaninsiders.com — 345 comentários

Capítulo 12

Nunca será previsível e normal para nós. Por minha culpa, eu sei. E espero que seja a vida que deseja. Espero que arriscar comigo esteja marcado em sua pele e em seu coração. Porque eu não sei fazer sem você, não sei mais viver sem saber que todo dia vou voltar para os seus braços. E que passaremos juntos por cada loucura da nossa vida.

O pior é que o escândalo estourou nos jornais da manhã seguinte. Uma operação de fraude foi descoberta, já tinha cinco presos, dois estavam em fuga e outros em investigação. Havia duas das melhores corretoras de investimentos de NY envolvidas, pois não sabiam com o tipo de dinheiro que estavam lidando. Mais algumas empresas da bolsa e o GW era uma delas. Era verdade que a receita, a promotoria ou quem tivesse poder ali por trás estava querendo aproveitar a oportunidade para colocar as mãos em mais documentos do que deveria.

Enquanto isso os dois donos das corretoras estavam trocando figurinhas com Sean e mais dois prejudicados, cada um ia olhar primeiro o seu traseiro, mas juntos dava para fechar melhor o grupo e alegar conspiração e perseguição. Ou qualquer artifício que seus advogados caros arrumariam. Eles só sabiam que não iam pagar o pato pelos crimes alheios.

E Sean estava ao celular ao invés de no telefone de sua mesa lá no GW. Porque ele estava seguindo uma pista atrás da mulher.

— Espera, tenho outra ligação — ele deu o celular para Rico e pegou o seu pessoal que quase ninguém tinha o número.

— Sean, que história é essa de Payton estar em Nova York, o que ela foi fazer aí? — era a voz da tia-avó, num tom de quem não estava gostando.

— Eu quero que você fale com a Sra. Casper e lhe diga para puxar a corrente da filha dela. Mande-a cortar o auxílio — exigiu Sean.

— Eu não gosto do seu tom. E logo pela manhã.

— Ela foi atrás da minha esposa e da minha filha, no pediatra.

— Eu vou cortar a cabeça dela — disse a tia-avó, no mesmo tom de pouco caso em que o avisou que estava saindo da linha.

— Corte o dinheiro.

— O marido dela foi solto. Deve saber que os colaboradores que enviei para lhe visitar, não o encontraram.

Traduzindo, a tia-avó estava dizendo que seus seguranças, uns homens que Sean iria contratar para integrar sua operação se um dia aquela adorável senhorinha falecesse, haviam ido caçar o cara para “bater um papo” sobre o que ele e a esposa estavam armando. Ele não sabia exatamente de onde ela tirou aqueles seguranças, mas estavam no nível de Don e Kevin, eram perigosos. Se eles não o encontraram, então o cara não estava lá.

— Tem mais três ligações em espera — avisou Rico, tentando soar calmo, mas ele já havia tomado dois calmantes.

— Faça sua amiga levá-los de volta — ele disse a tia-avó antes de lhe dizer para se falarem mais tarde e então voltou ao celular de trabalho.

* * *

O contato, porém, veio espontaneamente. Dessa vez, sem sobrar para Beatrice.

— Ela quer falar com você — disse Rico, com o telefone na mão. Agora já estavam de volta ao escritório.

Sean pegou o telefone e marcou um encontro num café, um local público, numa esquina, em Midtown, assim ele não se afastava demais. Era um péssimo momento para alguém resolver importuná-lo.

— Devo ir também? — perguntou Rico.

— Não, continua aí, pega as ligações importantes.

Quando ele entrou, a primeira coisa que avistou foi Payton sentada lá no canto com aquele cabelo loiro e ressecado que parecia fino demais e armava porque ela insistia em penteá-lo toda vez que saía. Ele já havia bebido café demais hoje, mesmo assim, sentou à frente dela com um copo de latte gelado. Com o humor que estava,

era bom ele botar algo congelado para dentro ou ia parecer aqueles desenhos com fumaça saindo pelos ouvidos.

— Eu preciso ver o meu filho — ela lhe disse, sem preâmbulos. — Ela não me deixa mais chegar perto dele. Você tem noção do que isso é pra mim? Há uma ordem de restrição contra mim, não posso nem atravessar a rua em frente ao colégio dele.

Ela continuou falando de todas as situações nas quais não podia chegar perto.

— Eu tenho que usar um binóculo para vê-lo melhor!

Sean bebeu um gole do latte e continuou olhando para ela. Payton notou que não estava fazendo efeito nele, não havia sinal de empatia no seu olhar.

— Você fez isso! — ela disse, tentando arrancar uma reação dele. — Quando levou a polícia lá e tornou isso mais do que um problema familiar.

Piorou, aí o olhar dele ficou irônico. Afinal, desde quando sequestro é problema familiar? É caso de polícia, ainda mais quando a mãe compactua para sequestrar o próprio filho e extorquir a avó.

— Você sequestrou o seu filho — ele lembrou.

— Ele estava comigo, não foi sequestro.

— Teve pedido de resgate e ameaça de matá-lo caso não fosse pago.

— Não fui eu!

Sean nem respondeu e ela resolveu mudar de tática de novo.

— Eu estou desesperada. Foi tudo armado pelo meu marido, eu achei que ia dar certo. Achei que íamos embora, juntos.

— O pai do garoto, o pai de verdade, não acha que você é uma boa influência para o filho — ele disse, testando-a.

— Ele é um bastardo! Ele mal via o filho. Só o pegava por uns dias!

— Mas você ia embora com a criança, o dinheiro e o seu ex-marido e o pai nunca mais ia ver o filho, não é?

— Ele não se importa — ela começou a perder o controle e as lágrimas desceram. O pior, é que eram lágrimas reais. — Eu só quero vê-lo. Pode ser com assistência, com uma babá junto, com um segurança, uma assistente social. Qualquer coisa. Eu só quero vê-lo.

Sean soltou o ar.

— Por que você acha que eu posso te ajudar? Foi a polícia, os advogados da sua avó e um juiz lá na Inglaterra que decidiram isso.

— Nada disso faz a menor diferença, ela quem tem a palavra final. Ninguém mais fala comigo lá. Ninguém. Nem mesmo os empregados. A única pessoa que falou comigo desde o ano passado foi você. Agora.

— Por que você tinha que ir assustar a minha esposa? Junto com a minha filha.

— Você sabe que eu não ia fazer nada a elas!

— Sei? Você deixou o seu marido sequestrar o seu próprio filho.

— Ele achou que estava indo passear!

— Duvido. O filho da puta o arrancou da casa e o jogou numa van.

— Eu não colaborei com essa parte, não era esse o combinado. Ele também me enganou nisso. Por favor, eu estou desesperada. Eu preciso ver o meu filho. Você pode falar com ela. Droga, se você disser a ela para me deixar vê-lo, ela vai fazer! Ela confia em você.

— Isso seria o mesmo que me responsabilizar pelos seus atos.

— Eu imploro... — ela estava realmente chorando agora. — Se você fosse obrigado a ficar longe da sua filha...

— Eu não sequestraria a minha filha, Payton. Quando você vai entender a gravidade disso? De todas as pessoas no mundo, por que acha que logo eu não levaria a sério um sequestro? — ele perguntou, sabendo muito bem que ela tinha noção da história dele, afinal, eles já se conheciam naquela época, porque a avó dela já era amiga da tia-avó. E Sean passou vários verões na Inglaterra quando era novo.

— E se no divórcio sua mulher o obrigasse a ficar longe da sua filha, você não ia ficar desesperado?

— Minha esposa nunca usaria minha filha para me atingir. Como você fez. Sabia que o pai do Leo está feliz como nunca por poder ver o filho mais vezes do que aquele acordo de guarda que ele perdeu pra você?

— Ele não merece. Você sempre gostou mais dele do que de mim. Agora estão todos eles com o meu filho e eu aqui, implorando — ela

se inclinou sobre a mesa, chorando e quase derrubou os dois copos de café, mas Sean os pegou antes e esperou ela se controlar e lhe devolveu o seu copo.

Sean encostou na cadeira e cobriu os olhos com a mão enquanto ela secava as lágrimas, quando ela finalmente parou, ele a olhou seriamente e disse:

— Vai ser assim. Você vai se livrar daquele seu ex-marido. Eu não quero saber como, mas você vai cortar relações com ele. Não existe a menor chance de você continuar com o sequestrador do seu filho. E vai parar de beber. Se estiver usando qualquer outra coisa, vai parar também. Só assim vou poder ajuda-la.

— Você sabe que não uso essas merdas! — ela não negou o abuso da bebida, até porque havia piorado depois que perdeu completamente o filho. Porém, Sean a conhecia, ela gostava de beber desde nova, o problema é que acabava perdendo o controle de quanto consumia.

— Ótimo. Você vai sumir da vida desse filho da puta. Para eu convencer a sua avó a tirar a ordem de restrição sobre o seu filho, você vai ter que conseguir uma para o seu marido que vai virar ex imediatamente.

— Eu não moro mais com ele desde o acontecido, já entrei com o pedido de divórcio, ele que não aceitou.

— Não quero saber, Payton. Eu quero que você pare de beber, pare de falar com esse cara. E por favor, não vá mais atrás da minha esposa.

— Eu fui porque eu queria ver sua filha de perto e porque só assim você ia falar comigo.

— Mas que inferno, será que todo mundo que acha que tem que falar comigo precisa procurar a minha mulher primeiro?

— Funcionou... — ela disse baixo.

— Ela quase ficou com pena de você.

— Ela é mãe, ela entende meu sofrimento.

Ele achou melhor nem responder isso.

— Você tem dinheiro? — ele perguntou.

— O que você acha? O que eu tinha, usei para vir te implorar. E o resto, minha avó cortou. Perdi meu emprego por causa do processo.

Minha conta era conjunta com o Max, ele raspou tudo — ela disse, se referindo ao marido.

— Vou te comprar uma passagem de volta para Londres. E você vai ficar lá, limpa — determinou Sean, sacando o celular e mandando mensagem para Rico sobre a passagem que precisava.

— E o meu filho? — ela indagou, olhando-o digitar.

— E o seu marido sequestrador? — ele devolveu, levantando o olhar para ela.

— Nunca mais vou vê-lo. Eu só quero ver o meu filho.

Ele lhe pediu um número para contato e lhe disse para arrumar as malas e esperar a ligação para saber quando ir para o aeroporto. E não prometeu nada, mas ia pedir a tia-avó para dizer a avó da Payton para permitir visitas monitoradas na casa da avó do menino. Assim ela não tinha como tirá-lo de lá. Ele não podia fazer mais do que isso e ela não entendia isso, era o máximo que podia fazer por ela. Não era sua família, ia além de suas possibilidades.

Eles se separaram e ele ficou pensando nisso o resto do dia, porque ela parecia real em seu desespero, realmente lhe implorando. Depois do que aconteceu, ela estava pagando pelo que fez, mesmo que tenha conseguido escapar da cadeia quando seu advogado conseguiu convencer o juiz que ela não sabia de todo o plano do marido.

Sean nunca acreditou que ela não sabia que o marido ia jogar o menino numa van e leva-lo a força. Ela sempre disse que o plano era ele buscá-lo no colégio e leva-lo para ela. Como se isso fizesse diferença. Sean seria a última pessoa a atenuar os fatos de um sequestro, mesmo um encenado. No entanto, lá estava ele, sem conseguir esquecer o olhar de Payton e seu choro de dor, como alguém usando seu último recurso e disposta a se humilhar até o fim para conseguir uma chance.

— Sean, você ajudou aquela mulher a rever o filho? — perguntou Beatrice, na hora do jantar.

Ele havia lhe explicado como conheceu Payton quando ficava na Inglaterra na adolescência, mas Bea não era a melhor pessoa memorizando nomes.

— Estou tentando. Depende da tia-avó convencer a avó dele.

— Ela já foi embora?

Ele olhou para o relógio em seu pulso.

— O voo dela sai daqui a pouco.

— Ótimo, porque eu acho que ela merece uma chance para poder pelo menos voltar a ver o filho, apesar de tudo que ela fez. Porque o menino também deve estar sofrendo sem nunca poder ver a mãe. Mas eu não quero vê-la de novo.

— Não vai ver. Ela vai ficar lá, perto de onde o filho está.

Ao menos assim Sean esperava. Infelizmente, para ele, nunca era simples assim.

* * *

— Ela não pegou o voo — informou Marcus, na manhã seguinte.
— E não está atendendo ao celular. Mas eu o rastreei até a casa onde acho que ela estava.

— Mas que merda — disse Sean.

Beatrice franziu o cenho para ele, por ter dito aquilo alto, Bel estava acordada e do jeito que estava aprendendo a falar, tudo que diziam perto dela agora era perigoso. Ele estava tão danado da vida que só levantou a mão pedindo desculpa, terminou de se vestir sem nem soltar o celular, se despediu das duas e saiu.

— Papa — disse Bel, olhando para Beatrice e fazendo um bico.

Ela riu, segurando-a no seu colo, de frente para ela.

— Não é pra mim que você tem que dizer isso — ela deu um beijinho no nariz dela. — Você só diz quando ele sai — então a beijou de novo. — Mamãe vai ter que sair também, ok? Daqui a pouco. Eu vou trabalhar, mas volto logo.

Belle continuou olhando para ela e fez o bico que havia aprendido, junto com a expressão triste.

* * *

Como Sean não era desses que deixava sua vida para os outros resolverem, ele foi até lá. Ele pensou que Payton estivesse em um

hotel, mas aquilo era um prédio baixo, com poucos apartamentos, perto do Brooklyn.

— Payton, você está aí? — ele perguntou, ao bater na porta.

Teve que bater e chamar mais duas vezes, até que escutou barulho lá dentro e ela disse:

— Estou.

Pela sua voz, ou tinha acabado de acordar ou estava bêbada. Sean mexeu na maçaneta e ela estava destrancada.

— Eu vou entrar — ele avisou tanto para ela, quanto para Kevin que havia parado ao lado da porta, na sua posição de sempre.

Sean entrou no apartamento e a primeira coisa que viu foi Payton, jogada num sofá, definitivamente alterada, mas ela estava tentando lutar contra a tontura. A segunda coisa que Sean viu foi o chão e em seguida, estrelas. Ele se distraiu quando viu movimento do lado direito e logo depois sentiu uma dor arrasadora atrás do seu joelho. Algo que nem podia pôr em palavras. Era como se seu joelho houvesse explodido com uma bombinha que alguém colocou na parte de trás.

Ele caiu de joelhos, sua perna inteira tremia, ele não se deixou tombar completamente e se manteve sobre o joelho bom. O outro ainda estava dormente e se recuperando do choque. Ele se forçou a manter os olhos abertos, apesar da dor.

— Achou que eu não ia vir também? — perguntou o tal de Max, o marido de Payton. — Não dá outra agora não — ele disse para alguém ao lado de Sean.

Não conseguia ver quem era, porque só agora ele sentia sua mente saindo da dor.

— Ele não caiu — disse o cara ao seu lado.

— Deixa — respondeu Max. — Mas você é mesmo arrogante, cara. Veio até aqui só com um cara e entrou aqui, achando que dessa vez eu não ia trazer meus próprios gorilas. Agora tenho segurança também, cara. Quero ver me pegarem.

— Eu falei que só quero meu filho — disse Payton, lutando para levantar.

— Cala boca! — Max se virou rapidamente para ela. — Você me traiu. Foi falar com esse babaca pelas minhas costas! Ia fugir de

mim!

Mas que merda, Sean pensava. Mais uma em que caiu de cabeça. Isso que dava ficar com pena dos outros. Agora estava ali com uma bêbada, um desequilibrado e um armário ambulante. Ele não tomava conta do serviço aéreo entre Inglaterra e EUA para saber que aquele idiota havia conseguido chegar a Nova York.

— Ele vai levantar — o cara ao seu lado avisou.

— Dá outra nele.

— Ah, não — disse Sean, segurando o bastão elétrico antes que o cara o acertasse de novo.

Assim que voltou a raciocinar direito e viu que não estava sangrando e seus músculos não paravam de estremecer, ele logo viu que era um bastão elétrico. Provavelmente modificado. Doía como um passeio no inferno, mas não sujava nada.

— Solta essa merda — disse o cara, tentando torcer seu braço.

Ele levou um golpe no braço que ia ficar doendo, mas não soltou droga nenhuma. Pelo contrário, virou o torso, agarrou o bastão e o encostou na coxa do grandão que soltou um grito de dor. Sean ao menos tinha ficado em silêncio, por puro costume, porque ele foi condicionado assim quando apanhava todo dia, não porque era mais forte ou algo do tipo, era apenas resistente a dor. Não significava que não doía, estava doendo até agora. Ele só ignorava.

Assim que o cara gritou, algo se moveu lá fora. Barulho era um problema, por causa do tom de voz, Kevin havia chegado mais perto da porta. Ele e Sean tinham um sinal combinado, mas Sean não acionou nada.

— Vem cá, traidora — disse Max, levantando Payton. — Larga o cara ou vai sobrar pra ela também. Quero o dinheiro de volta! Você pegou.

Nem deu tempo de dizer que não pegou nada. E Sean lá tinha necessidade de pegar dinheiro de alguém? Ainda mais daquele tipo de gente. Houve um baque surdo lá fora e de repente a porta praticamente explodiu, só faltou voar das dobradiças quando outro cara foi jogado por ela e caiu bem ali no meio da sala, estatelado e desacordado. Sinceramente, se não fosse um momento inoportuno,

ia ser engraçado. O negócio fez um barulhão e o cara simplesmente surgiu no ar e fez um “BUM!” quando bateu no chão da sala.

E enquanto todo mundo ainda estava piscando pelo barulho e pelo corpo, Kevin atravessou pela porta arruinada, avançou, sacou a arma e disse:

— Um só é suficiente, solta esse bastão — ele disse para Max, mostrando que tinha o escutado dizer que Sean veio só com um segurança.

Kevin devia confiar muito em Sean, porque ele ainda estava tomando conta do outro grandão, que tinha parado de se debater depois de levar o choque na coxa. Sean tomou o bastão do cara e disse pra ele:

— Gostou? Essa merda dói pra caralho. Era melhor ter me batido — ele reclamou e deixou o cara lá, mas levou o bastão.

Kevin ainda estava apontando para Max que não era nenhum criminoso sinistro. Era só um cara que gostava de grana e tinha ficado ganancioso demais e resolvido mudar seus métodos. Ele não estava habituado a vida de crimes, nunca tinha visto ninguém ser morto ou apanhar de verdade. Além do sequestro encenado do garoto, aquela era sua primeira vez. Portanto, ele não fazia ideia do que fazer ali naquela situação.

— Larga isso, cara — disse Sean, impaciente e de péssimo humor. — Você vai dar um choque nela e ela vai gritar, vai chamar atenção. E eu vou dar com isso aqui na sua cabeça e depois te dar um choque também, só para ver se você gosta. E vai dar no mesmo no final.

— Eu não vou voltar pra cadeia! — disse Max.

— Na verdade, eu vou dar um choque em você de qualquer jeito, pra você experimentar — respondeu Sean, ainda puto da vida por ter levado o choque.

— Não se aproxima — Max não sabia se tomava conta de Kevin ou de Sean.

O celular de Sean, que continuava no seu bolso, começou a tocar. Ele sabia que devia ser Rico, já histérico, cheio de recados para ele.

— Eu estou com um contratempo, chegarei um pouco atrasado — ele disse, ao celular.

Sean estava ao telefone, bem ali no meio daquela situação. Kevin continuava imóvel, mal piscava e mantinha a arma apontada e o olhar sério sobre Max que estava nervoso demais por causa dele.

— Manda esse cara parar de me olhar e virar essa arma pra lá — exigiu Max.

Foi aí que Payton se dobrou e vomitou. E Sean, ainda ao celular, fez o que disse que ia fazer, deu um choque em Max com aquele bastão maldito. Kevin guardou a arma e avançou, agarrando o cara e o imobilizando. Sean guardou o celular no bolso e segurou Payton, basicamente a arrastando até o banheiro para ela lavar o rosto e terminar o que tinha de fazer no vaso.

— Sinceramente... — ele disse baixo e perguntou: — Ele te fez alguma coisa? Te bateu? Abusou?

— Ele me drogou — ela disse, com dificuldade.

— Só?

— Bateu na minha cara, me chamando de traidora.

— Você vai dizer isso a polícia.

— Não!

— Vai sim. É como vai conseguir uma ordem de restrição contra ele. E como vai mandá-lo para a cadeia de novo. Enquanto você volta para casa. Só assim sua avó vai deixá-la ver o menino.

— Eu perdi o voo, ele não me deixou ir quando descobriu que eu o enganei e vim aqui só para te pedir ajuda. Ele achou que eu tinha vindo para te pedir dinheiro.

— Vou chamar a polícia, você vai contar tudo, testemunhar se precisar e vai pegar o voo para casa;

Ele perdeu a manhã junto com ela. E não conseguia entender exatamente onde se comprometeu com essa história. Teve que aguentar os olhares do detetive Bosco, que já havia tomado para si todos os problemas que os Ward arrumavam na cidade. Mas disse a tia-avó que nunca mais ia resolver os assuntos das amigas dela. Aquelas senhoras da terceira idade estavam conseguindo arranjar mais encrenca do que ele. Sua sorte era morar em outro país.

Jared tinha inúmeras histórias para contar de suas aventuras com o clube da melhor idade da tia-avó. Ele sempre era acionado por ela para resolver as encrencas “mais complicadas”, porque aquelas que

precisavam só de um pouco de músculo, ela mandava seus seguranças. Victoria não podia nem desconfiar que a mãe usava os seus “rapazes” para resolver seus negócios pessoais. Ela usava todos eles: Jared, Sean, Greg, Derek... escolhia de acordo com a situação.

— Não seja irascível, querido. Eu só te chamo em assuntos delicados e exclusivos a sua alçada — ela disse ao telefone.

— Chame o Jared. Ele mora aí.

— Você estava na cidade, não se estresse tanto. Imagino que aquela moça desmiolada esteja voltando para cá.

— Está. Certifique-se de que ela fique aí.

— Tomarei providências. E trate de ser mais educado da próxima vez que nos falarmos. Até mais, dê um beijo na minha bisneta.

Depois do almoço, Sean tinha um compromisso fora do GW, exatamente para tratar daquele escândalo de fraude no qual queriam envolvê-lo. Porém, se pudesse, voltaria para casa e ficaria deitado na cama por umas três horas. Bel certamente o acordaria, mas ele estaria feliz e descansado.

— Quando é que eu vou ter paz? — Sean dizia a Kevin, enquanto iam para o carro. — Eu juro que segui a lista padrão. Parei de fumar há anos, só bebo socialmente, tenho uma esposa maravilhosa. Até produzimos nossa própria filha. E, mesmo assim, eu não consigo ser normal nessa merda. Sou sempre eu o lado errado da corrente. Agora vou dizer o que quando chegar em casa?

— Eu acho que não nascemos para normalidade. Eu estava crente que ia acabar só abrindo e fechando porta e fazendo cara de mau enquanto posava de segurança — disse Kevin e abriu mesmo a porta do carro para ele. — Mas não dá, não dá. Quando dou por mim, estou apagando um gorila e apontando uma arma para um doido. Acho que você vai ter que contar que deu merda de novo. E esse tipo de coisa, só acontece no meu turno. Sempre.

— Sempre — confirmou Sean. — Acho que vou te dar férias, você atrai essas coisas.

— Duvido.

— É, duvido. Mas pensa, onde mais você ia bancar o James Bond? Aquela sua entrada foi triunfal, cara. Com porta explodindo e tudo, achei que ia rolar uma música de fundo — brincou Sean.

— Eu não sei mais se sou pago para isso — comentou Kevin, rindo.

— O pior é que você é! — Sean ao menos se divertiu e entrou no carro.

* * *

— Chefe, tem visita — avisou Rico, abrindo a porta.

Era a única visita em horário de trabalho que Sean havia dito que podia entrar a qualquer hora.

No entanto, já eram cinco e meia da tarde, ele tinha passado a ir embora em torno desse horário para ter mais tempo com a filha.

— Sean... — Beatrice entrou, carregando Belle no colo e levando sua bolsa no outro ombro. Rico vinha atrás levando a bolsa do bebê.

Ele nem estava sentado, estava andando para lá e para cá a frente das janelas, falando com cinco pessoas ao mesmo tempo no telefone. Aquelas conferências malditas que acontecem exatamente no final do dia quando você já está cansado e doido para ir embora. Ela havia o chamado num leve tom de reclamação enquanto avançada por sua sala e ele disse que continuava depois e tirou o fone do ouvido.

Assim que se virou, ele soltou o ar e abriu um sorriso. Ela com certeza estava vindo de casa, num daqueles dias em que chegava mais cedo. E ele só podia invejar e desejar. Ela estava com um rabo de cavalo preso no alto, uma blusa de manga comprida, saia, meia calça grossa, botas de cano curto e confortáveis. E o melhor é que havia colocado em Belle uma roupa de frio tão estilosa quanto. Ela até estava usando botinhas também, um casaco bem fofo por cima do vestido e meia calça que nem a mãe. Sean começou a rir assim que percebeu como Bel estava vestida.

— Ela está te chamando o dia inteiro, então vim te buscar para voltar junto com a gente. Acho que ela pensa que você ainda está viajando — contou Bea.

Ele as encontrou logo à frente da mesa e Bel continuava o chamando.

— Papa, Papa, Papa, Papa... — ela não parava de repetir, só parou quando ele a pegou no colo.

Sean a abraçou bem junto a ele e encostou os lábios na sua cabeça, depois a beijou ali e a balançou levemente.

— E também, aproveitei para ver se você estava intacto. E se ninguém tinha te batido com um bastão ou tentado te fritar outra vez — disse Bea, ela estava até hoje caçoando disso. — Eu gosto de você mal passado, sabe disso, não é?

— Eu também senti sua falta, Bea — ele sorriu para ela e a beijou levemente, depois continuou balançando a filha para alegrá-la. — E você, estava com saudade? Sabe que eu penso em você o dia todo? Eu fico olhando pra você, olha — ele mostrou o retrato dela que tinha na parede a direita, que tinha três quadros médios a enfeitando e o dela ficava bem em cima de uma foto dele com Beatrice.

Fazia pouco tempo que ele havia colocado esses toques tão pessoais ali, porque antes, passar o dia inteiro olhando para uma foto de Beatrice era tortura demais até para ele. E Sean se conhecia, mesmo que colocasse a foto na parede mais longe, sabia que seu olhar iria acabar procurando-a várias vezes ao dia.

Bel ficou olhando atentamente para as fotos, esticou o braço para tocar, então se virou para o pai e deu um sorriso e se agarrou a ele.

— Eu vou para casa, Rico — disse Sean, carregando Bel.

— Tudo bem, quer que eu resolva as ligações?

— Só até as seis, depois vai pra casa — ele disse.

Sean chegou perto de Bea novamente e envolveu seus ombros, puxando-a para mais perto. Ela abraçou sua cintura, encostou os lábios na sua bochecha e deu três beijos no mesmo lugar do seu rosto. Aproveitando que os pais estavam juntinhos, Bel continuou segurando no pai com o braço por cima do seu ombro, mas esticou o outro e agarrou o rabo de cavalo da mãe.

— Bel! — disse Bea, puxando o cabelo da mão dela. — O que nós combinamos sobre não puxar meu cabelo? Isso dói!

Tudo que Bel fez foi abrir um sorriso e levantar os dois braços, era seu jeito de dizer que havia parado. Porém, quando viu a mãe

pegando a bolsa, ela achou que estava indo embora. Então, virou novamente para Sean e tocou seu rosto, dizendo:

— Papa, Papa...

— Eu vou junto, Bel — ele disse, pegando sua pasta também e a pendurando no outro ombro.

— Eu disse, ela está te chamando o dia inteiro. O que me diz que hoje eu vou para cama ver minha série e você vai colocá-la para dormir.

— Você vai me abandonar pelas séries de novo? — ele perguntou baixo, forçando o tom para parecer ressentido.

Beatrice riu do esforço dele para atuar no papel de pobre marido ressentido, Sean não servia para isso. No entanto, ele não ia mentir que gostava mesmo quando ela deixava as séries gravando e aproveitava que Bel havia capotado para dar atenção só a ele.

— Mas é final de temporada! — ela se defendeu.

— Pelo menos é alguma que eu gosto?

— *The Blacklist*. Você disse que adora essa.

— De fato.

— Você pode ver outro dia.

— Por quê? — ele franziu o cenho.

— Você perdeu o episódio passado. Além disso, se você ficar lá na cama comigo, vai me distrair. E eu vou ver lá. Você pode ir bater em coisas lá na academia.

— Sério?

— Séríssimo! E nada de passar no meio do episódio com poucas roupas.

— Tá ficando difícil, Beatrice — ele zombou quando eles entraram no elevador.

— Eu tenho que viver com você, Sean. E ainda conseguir assistir minhas séries, é muito difícil se concentrar assim. Você ativa minha piriguete interna.

— Eu pensei que eu era a piriguete da relação.

— Você é! Roupa não para quieta em você, especialmente depois das dez da noite.

Bel estava olhando para ele de forma muito intrigada enquanto Sean ria e Beatrice cruzava os braços e balançava a cabeça.

Eu quero que a Mattel lance a família Coração dos Wards!! Quero minha Barbie da Bea, meu Ken do Sean e o mini bebê da Belle! Quero que a Belle venha com aquele vestidinho azul e vermelho das fotos. Mas eu quero roupa extra! Quero a roupinha que estava nela hoje!

Preciso de bonecas delas para pôr na minha estante! Tudo bem que aquela roupinha dela, copiando o estilo da mãe deve custar mais do que o meu salário mensal. Mas no mundo da Barbie a gente pode tudo! Amei a botinha! A meia! Tudo! E pelo menos com o Ken eu posso ter SeanW e só pra mim e ainda povoar o mundo Barbie de mini Wards! Eu ia dormir abraçada no Ken versão Ward, ia babar tanto nele que ia precisar comprar outro. Socorro!

Cadê aquela gente que faz aqueles bonecos personalizados, mais lindos que o Ken? Deve ter do SeanW, não é possível!

— do uppersofnewyork.net — 549 comentários

Capítulo 13

Eu estou desmoronando. É como se cada dia um pedaço meu sumisse e eu sinto que me esgotarei. Até você me abraçar e eu sentir que cada parte minha está de volta. E no fim, eu serei feito de tudo que você me deu. De toda a felicidade que sinto por tê-la nos meus braços a cada dia.

Na noite de sexta-feira, Beatrice chegou em casa depois de participar de um evento. E Sean ainda não havia voltado da viagem. Ao invés de ficar com Rita, dessa vez Bel foi ficar com Candace, que continuava se oferecendo para situações em que os pais precisassem se ausentar. E como Tess estava na cidade, Belle passou a tarde e parte da noite, junto com a bagunça que Tibby criava. E quando voltou para casa e Ramond a passou para Bea, ela estava tão cansada que estava reclamando quando a moviam e quase a acordavam. Beatrice a trocou e colocou no berço e mesmo assim ela dormiu por todo o processo.

Mais tarde, Beatrice ouviu um barulho no lado direito do quarto e achou que estava escutando coisas. No entanto, era impossível, se havia algo que não acontecia ali eram sons fora do lugar na madrugada. O andar era alto demais para isso, a segurança no prédio e no tríplice era atenta e ninguém andava pelo terceiro andar naquele horário. Apenas eles. Ela se virou rapidamente e pulou da cama, imaginando se Brianna havia entrado no quarto, mas a cadela não estaria usando o banheiro.

— Sean? — ela chamou, quase alcançando a porta do banheiro.

Ele não estava marcado para voltar hoje, mesmo assim, logo depois que ela chamou, a porta do banheiro abriu e ele saiu de lá, com seu roupão largado por cima dos seus ombros. Dava para sentir a umidade do banho quente demais ali na porta do banheiro e olha que o box era na outra parte do cômodo.

— Desculpa — ele disse baixo, provavelmente se desculpando por acordá-la.

Ao invés de perguntar porque diabos ele estava em casa dois dias antes do planejado, ela ficou olhando para ele, aproveitando a luz que vinha do banheiro. Ele percebeu e voltou, apagando a luz que tinha deixado. Beatrice recuou alguns passos, de volta para a cama e acabou sentando, um tanto confusa. E ele não foi para a cama, ficou ali perto da porta do banheiro. Então olhou a porta do quarto, sair e deixa-la deve ter passado pela sua cabeça.

— Não precisa — ela respondeu, já que ele não disse nada.

Sean tornou a olhar a porta. Ele havia voltado, mas agora que ela estava acordada e olhando para ele, estava procurando uma rota de fuga. Beatrice não sabia porquê. E não queria lhe perguntar por que voltara antes. Era obvio que havia algo muito errado. E fazia tempo que ele não parecia abatido por nada, nem pelo GW depois que resolveu o problema da fraude e nem com seu outro trabalho. Ele até comemorou quando voltou da última vez.

— Sean... — ela engoliu a saliva e apertou as mãos. — Para de olhar para a porta. Se eu não acordasse você ia tomar banho e ir andar pela casa?

Ele olhou para ela e se aproximou um pouco, parecendo derrotado pela lógica dela. Bea balançou levemente a cabeça enquanto o olhava. Ela odiava vê-lo abatido, mas não o via assim há muito tempo. Como realmente não ia perguntar agora, ela foi para trás e voltou para o seu lado na cama, empurrando mais as cobertas para ele também.

— Vem para cama comigo, vai. Tá tarde.

Sean realmente foi, não tirou o roupão, nada. Ele desabou sobre ela e a abraçou. Com o peso do torso dele, ela não podia sair do lugar, mas não estava preocupada com isso. Os braços dele estavam em volta dela e sua cabeça deitou sobre o seu peito. Ela também colocou os braços em volta dele e permaneceu assim. O colchão era macio e suportava sua posição para mantê-lo ali. Porém, mesmo que ficasse desconfortável, ela iria deixa-lo ficar.

Quando ela acariciou suas costas, ele só escondeu mais o rosto contra sua pele. Seus olhos estavam cerrados e ele respirava o cheiro dela. Dali Beatrice não podia ver o relógio no criado mudo, então não saberia dizer quanto tempo ele levou assim. Também não

importava. Ele não tinha voltado ainda, estava agarrado a ela, o seu único ponto seguro na turbulência, tentando juntar todos os pedaços e trazê-los para casa.

Minutos depois quando ele se moveu, não foi longe, apenas mudou de posição ficando de lado na cama e a puxando para abraça-la junto a ele. Beatrice teve que se mover no aperto dele, para liberar os braços e abraça-lo de volta. Porém, agora que estavam de lado e de frente um para o outro, ela foi levada de volta a uma memória de quando eles dividiam aquela casa, mas não eram mais um casal.

Porque naquele dia, ele lhe deu um olhar muito parecido ao que havia dado antes de se deixar tombar na cama com ela.

Já fazia quase três anos, ou mais. Ela não conseguia realmente calcular. Estava lá em cima, na mesa enorme que havia, aproveitando o dia fresco e a luz natural para desenhar um dos seus projetos.

E ele chegou inesperadamente, como hoje. A única coisa que ele fez foi sentar perto dela. E ficou.

Beatrice não conseguiu mais se concentrar em desenhar nada, nem uma linha reta, mas tentou. Até que desistiu e disse:

— Sean?

Do jeito que as coisas estavam péssimas naquela época, ele achou que ela não o queria ali a distraíndo, então respondeu:

— Vou ficar só um pouco.

E ficou, em completo silêncio. Até que ela não conseguiu nem olhar para o desenho e ficou o observando. Sean sequer estava olhando para ela, estava apenas sentado ali, perto dela. Por mais que já estivessem separados nessa época, ela podia notar que algo estava errado. A princípio, ela hesitou, mas esticou o braço e cobriu sua mão direita, já que ele descansara os dois antebraços sobre a mesa. Eles não se tocavam espontaneamente assim há tanto tempo que foi estranho. Sean segurou a mão dela assim que sentiu o toque.

Foi então que ele a olhou e Bea nunca mais esqueceu o que viu no rosto dele. Havia dor e um pedido no seu olhar que ela não fazia ideia de como ler. Naquela época jamais imaginaria o que Sean

realmente fazia quando viajava. E ele não ia lhe pedir nada. Já estava machucado demais pelos últimos acontecimentos de sua vida, pelo afastamento deles e maltratado pelo passado. Não suportaria uma rejeição dela naquele momento.

Beatrice não fazia ideia do que havia acontecido naquele dia e Sean não imaginava que ela não teria o rejeitado. Ele ficou muito tempo segurando a mão dela. Não se mexia, apenas respirava, piscava e apertava sua mão. Até que ele a soltou subitamente e Beatrice ficou sem saber o que fazer.

Não quebrou o contato imediatamente, mas quando acabou o quebrando, ele a olhou novamente e levantou e saiu. Para passar mais uma noite destruído até juntar os cacos. E mantendo-a do lado de fora, sem nenhuma chance de chegar perto o suficiente para compreender. Naquele dia ele jamais teria contado a verdade.

Poucas semanas depois foi o aniversário de Candace, daquela famosa noite. Eles estavam construindo aquele encontro desesperado há mais tempo do que imaginavam na época.

Com as lágrimas descendo, Beatrice sentia a dor por aquele dia em que eles não terminaram juntos como agora. E ela não podia suportar a ideia de que estava lá e não sabia e ele apenas levantou e foi embora. E não fez o que fazia agora, segurando-o com ela.

— Por que nos deixamos machucar daquele jeito, Sean? — ela murmurou e se moveu no abraço dele outra vez, afastando o rosto o suficiente e o beijou.

Quando ela afastou os lábios, ele que segurou seu rosto e a beijou com tanto abandono que a fazia pensar que ele a teria beijado exatamente assim naquele dia. Dando tudo que havia em si para beijá-la, cerrando os olhos e fingindo que não existia mais nada além do toque dela. Ele não era o único nessas missões, talvez os outros procurassem o álcool ou algum outro meio de adormecer. Sean não funcionava com nada disso, ele só queria ela. Já ficara dormente há muito tempo, ela não o deixava voltar lá, segurava-o ali com ela e com todos os seus pedaços. Porque Bea só o queria completo, para ela.

Sean soltou o aperto que mantinha em torno dela para tê-la ainda mais perto. Ele a apertou entre suas mãos e quando fazia isso,

apertando sua pele e percorrendo-a com cuidado, por vezes, Beatrice sentia que ele estava checando se ela era real. Havia dias em que ela podia jurar que sentia a quebra, quando ele resolvia que ela estava mesmo com ele e seu toque mudava. Como agora, quando ele parou de tocá-la daquele jeito e finalmente agarrou seu quadril, acariciou seu traseiro e a virou, pressionando-a contra o colchão. Ele sequer estava sendo rude como eles gostavam, estava apenas demandando. Queria tê-la agora. Precisava dela agora.

Beatrice precisava de volta. Sempre ficava assustada, temendo que um dia ela não conseguisse mais mantê-lo completo com ela. Mas ele sempre voltaria por ela. E sempre se sentiria vivo novamente com o corpo dela contra o seu.

Depois de empurrar o roupão, ele puxou a camisola dela, arrancando-a por sua cabeça. Beatrice empurrou a calcinha e eles se encaixaram, sem nada entre eles. Sean beijou seu rosto e seu pescoço, agora ele não fecharia os olhos por nada, não enquanto a tocava e se tornada dono de cada pedaço seu. Ele se apoiou nos braços, levantando o corpo e a olhando na penumbra. Beatrice o agarrou pelo rosto e o beijou de volta à vida. Soltando-o só quando ambos estavam ofegantes. E excitados.

Pressionando-a entre o colchão e o seu corpo, Sean esfregou o rosto pela pele dela até o vale dos seus seios. Ela sentia a barba dele arranhando e estimulando. Ele beijou seus seios, apertou-o em suas mãos e capturou os mamilos com a boca. Puxando-os com o aperto dos seus lábios, alternando entre eles, sugando-os até estarem molhados e rijos e Beatrice estar se arqueando para ele, gemendo por mais.

Ele não tirou as mãos do seu corpo, não queria perder contato, mas também não afastou a boca da sua pele. Beijou pela maciez do seu abdômen e seu ventre, apertou seu quadril, segurou por baixo de suas coxas e conectou seus lábios com seu sexo. Finalmente fechou os olhos por prazer, sentindo as mãos dela no seu cabelo, escutando seus gemidos e chupando-a com entrega e tesão. Ele queria o seu gosto, depois seu orgasmo e queria possuir seu corpo.

Beatrice não tinha nenhuma chance, ela encolheu os ombros, incapaz de impedir que ele tomasse conta do seu corpo. Ele a

devastava quando a tomava rapidamente, com força e resolução, sobrecarregando-a pela sua possessão. Ou quando tomava cada pedaço seu gradualmente, procurando a si mesmo no seu corpo, construindo seu orgasmo até ela entregá-lo em meio a gemidos longos.

— Eu sinto sua falta — ela o puxou para ela, encaixando-o ao seu corpo.

— Fique comigo — ele disse. *Traga-me de volta.*

— Sempre — ela desceu as mãos pelas costas dele e segurou em sua cintura. — Faz amor comigo.

— Sempre — ele respondeu também.

Ao ficar dentro dela, ele estremeceu, apoiou uma mão na cama e segurou seu quadril, entrando e saindo do seu corpo em movimentos longos. Sentindo cada centímetro do corpo dela, resistindo ao aperto do seu sexo molhado, mas precisando perder-se nela. Beatrice agarrou-se a ele, apertando seus ombros, segurando na sua nuca, já que estavam tão próximos. Quando as estocadas dele ficaram mais curtas, ela passou as pernas por sua cintura e gemeu mais alto, fechando os olhos, deixando a cabeça pender, entregando-se novamente ao prazer de senti-lo preenche-la e ao êxtase ao qual ele a levava.

Ele estava tão focado só nela, em seu corpo, na sensação de tê-la novamente, nos seus sons, no gosto dos seus lábios que seu próprio corpo perdeu o controle sem seu consentimento. Ele começou a gozar, sentindo-a pulsar em volta dele. Sean segurou seu rosto e a beijou enquanto gozava dentro dela e sentia seus lábios tremerem contra os seus e seu corpo estremecer sob o seu peso. Ele não a soltou depois, apertou-a mais forte contra ele e a levou quando foi pro lado.

Essa noite ele não perderia contato com ela. E mesmo quando a respiração dele já estava calma outra vez, Bea levantou a cabeça, acariciou seu peito e não perguntou por que ele voltou antes. Ela sabia a resposta.

— Deixe-me entrar — ela pediu baixo, porque ele ficaria em silêncio, junto a ela, mas quieto em seu canto escuro. — Eu aguento, Sean. Não me deixa do lado de fora.

Sean ficou olhando para ela, agora que sua cabeça estava no travesseiro, ela conseguia enxergar melhor os seus olhos.

— Alguém voltou? — ela continuava falando muito baixo. Achava que algo muito errado havia se passado. Bea se lembrou dos bebês, aquele caso que deixou Sean desconectado por meses, com pesadelos, achando-se sujo para pegar a própria filha.

Ele negou e desviou o olhar, passando a mão pelos olhos e pela testa.

— Isso jamais devia acontecer, Bea. Foi tarde demais.

Mais uma coisa que ele dificilmente diria era que aqueles casos de Jared nos quais ele estava trabalhando, estavam o perturbando. Seu primo ainda estava envolvido com os casos dos jovens traficados como escravos, ninguém pedia resgate por eles. Especialmente no mercado sexual. Eles estavam desenterrando aqueles casos que a polícia não pegava ou não tinha como dar conta. E eram feios.

— Ninguém teve chance — ele se moveu na cama e passou a mão pelo rosto, dizendo muito baixo: — Meu Deus, por quê? Estavam mortos há horas.

Em resposta, ela engoliu a saliva e disse a si mesma que podia escutar o que ele contasse, mas ele nunca trazia os detalhes para casa. Mesmo quando a deixava entrar. Beatrice se apoiou no cotovelo e o abraçou, depois o olhou e esperou.

— Eu sei o que é ficar lá esperando só uma chance para viver. Só uma brecha para se salvar.

Todos os dias, todos os minutos, esperando e temendo. Eu tive uma chance. E nela eu encontrei você — ele disse daquele jeito real e cru que vinha do fundo de suas emoções.

A reação dela foi sentir os olhos arderem, então o puxou para perto de novo e se agarrou a ele.

— Eu sempre vou estar aqui. Nunca mais vai haver um dia como aquele lá na cobertura, quando você sentou ao meu lado, com o mesmo olhar que estava hoje. Mesmo que você me diga para se afastar.

— Você sabe que não posso fazer isso sinceramente.

— Sei.

Ele se ajeitou e apagou rápido demais. Com seu corpo sem energia, seu emocional sobrecarregado e seu psicológico bagunçado. Só de olhar para ele dava para ver que estava em sono profundo. Bea não dormiu tão rápido, mas não se moveu porque ele estava com o braço sobre ela.

Ficou olhando até ficar sonolenta e virar a cabeça para cair no sono.

Ainda teria esses episódios com ele por muito tempo, mas não trocava seus momentos com Sean por nada no mundo. Por nenhuma vida normal como as pessoas esperavam dessa palavra. Só queria ter começado antes. E esperava que ele tivesse muito mais dias de alívio e missões cumpridas como foi a última. Do que de dor e retorno ao passado, inconformado por outras pessoas não terem tido a chance que ele teve. Nos dois resultados, no entanto, ela seria a constante.

Já passava das nove da manhã quando Sean acordou e se virou na cama. Ele havia apagado pelo resto da noite, foi um sono mudo, não teve sonhos, nada. Ele notou que Beatrice não estava por perto e levantou. Não viu bem o banheiro, mas sentiu quando a água gelada caiu no seu corpo. Foi uma tortura momentânea que acordou seu corpo, a água estava fria mesmo, o arrepiou inteiro. Mas assim que ele abriu a água quente e ela foi ficando morna a tortura passou e ele já tinha acordado completamente.

Ele usava essa tática há muito tempo, mas não sabia porque continuava fazendo. Em dias ruins, quando estava sozinho e triste, entrar embaixo do jato gelado o fazia ter flashbacks. Ele fechava os olhos e via novamente aquela sala super iluminada e o canhão de água gelada que o atingia de surpresa e o derrubava. Agora, porém, ele sabia muito bem que estava em seu banheiro, sob a água do seu chuveiro.

Seus e-mails pessoais estavam muito atrasados. Seus e-mails do trabalho estavam todos marcados por Rico. A caixa pessoal estava cheia de pessoas da sua vida deixadas na espera. E a caixa do trabalho parecia um arco-íris porque Rico marcava a ordem de importância por cor. Na verdade, ele esperava que Rico estivesse um tanto bêbado depois de se esbaldar na noite de sexta-feira. Ou

quem sabe estivesse apagado na cama de algum caso. No entanto, conhecendo bem o seu assessor, que estava com ele há quase dez anos, Rico devia estar em coma de doces depois de ter passado a noite fazendo maratona no Netflix. E assim que se recuperasse, ia lhe mandar uma mensagem. E se Sean respondesse, provando que estava acordado, Rico ia ligar.

— Eu escutei barulho, acho que ele acordou também — disse Bea, do lado de fora do quarto.

Antes mesmo de vê-las, ele escutou os gritinhos de Bel e suas tentativas de formar frases. Logo depois Beatrice passou pela porta com a filha no colo.

— Olha só quem estava doida para te ver — ela se aproximou da cama. — Não, não levanta. Fica aí, olha só.

Sean ficou no lugar, contra a cabeceira da cama. E Beatrice colocou Bel lá na pontinha da cama.

O bebê já estava todo agitado e quando foi colocada na cama, já foi de quatro. Então engatinhou em alta velocidade na direção do pai. Agora ela estava expert em engatinhar rápido e sobre obstáculos, como almofadas e travesseiros.

Assim que chegou até ele, Bel se jogou na sua direção. Caindo com o torso do seu corpinho pequeno sobre a barriga dele que havia aberto um grande sorriso para ela. E agora Bel também escalava, então ela se apoiou nele e foi subindo, até estar sobre ele, apoiando-se no seu peito. Sean a abraçou e riu dela que o tocava e lhe lançava aquele olhar de adoração infantil e ele devolvia com amor.

— Eu senti muito a sua falta — ele disse a Bel.

Beatrice subiu no colchão ao lado deles e sentou sobre as pernas, olhando para os dois. Belle se movia sobre o pai, falando com ele, misturando as poucas palavras que faziam sentido com todas as outras coisas que ela dizia. Ela pisava sobre ele, com seus pezinhos minúsculos e escorregava por causa das meias coloridas que usava. Então se agarrava a ele, apesar de Sean estar a segurando. Bel tocou o rosto dele e segurou ali e Sean achou sua escolha de apoio muito engraçada.

— Eu também te amo, Bel — ele acariciou suas costas e ajeitou sua blusa.

— Papai — ela disse de volta, ainda se segurando no rosto dele.

Sean ficou olhando para ela, apenas segurando-a junto a ele e não conseguiu nem responder. Bel cansou daquela posição e voltou a se mover, como se pudesse escalar o pai ainda mais. A meia dela escorregou no abdômen dele e Bel voltou para baixo e se agarrou a ele, deitando a cabeça em seu peito como se houvesse cansado de escalar. Sean ria dela e a animava a continuar sua exploração. Se precisassem levá-la por algum motivo, ia ser um enorme drama. Nem adiantava tentar tirá-la dele agora, Bel se agarraria a ele e se fosse levada ficaria chamando-o sem parar. Quando ela resolvia que ele era todo seu por todo tempo que quisesse, não adiantava teimar com ela.

Beatrice ficou ali do lado deles, com vontade de apertar ambos, de rir e de chorar também. Ela acabou recostando perto deles e Bel esticou a mão para ela, agarrando sua blusa, assim ela podia segurar em ambos. Ela também esticou a perna, mas não conseguia chegar até a mãe, então se contentou em pisar sobre o pai e segurar neles.

— Mama — ela disse para Bea, ela sempre a chamou assim, além de Bii foi uma das primeiras palavras que aprendeu a dizer, sabendo o significado.

— Minha coisinha fofa — Beatrice se recostou contra ele, deitou a cabeça no seu ombro e ficou olhando para a filha.

Bel prontamente esticou a mão e tocou seu rosto também, ela não tinha a menor consideração pelos rostos dos pais, colocava a mão com vontade, mas queria fazer carinho. Beatrice beijou aquela mãozinha minúscula, depois brincou de tentar morder seus dedinhos quando ela ia pôr a mão. Bel ficou rindo e brincando com ela, até que puxou a mão a escondendo e riu, se jogando contra o pai para ele escondê-la.

— Fugiu, né! — disse Bea.

Bel ficou rindo, espremida contra Sean que a segurava e se divertia com ambas. Pelo sorriso dele, dava para ver que estava totalmente de volta para elas. E Bel era justamente o pedacinho que

terminava de completa-lo, não só para protegê-lo dos seus demônios, mas para mantê-lo sempre com elas.

Capítulo 14

Vamos nos encontrar para rir de todas as loucuras que temos cometido. Conte-me o que tem achado de tudo que fizemos. Vamos terminar rindo nos braços um do outro e eu não conheço maneira melhor de acabar uma noite.

Gente! Baixou Ward de tudo quanto é canto nessa cidade! Eu to é mooorta!! A última vez que vi tanto Ward na cidade foi quando SeanW se casou!

E a gente aqui, sofrendo no frio! Enquanto os Ward + convidados estão todos intocados no paraíso de doces lá no Clarence! Eles contrataram aquela louca da Dylan's World que faz doce, doce, doce e doce! É tudo doce, gente! Muito doce! Tudo é feito de doce! Eu descobri que o tema é mundo dos doces do elefante mágico. Eu não sei como! Um convidado vazou que isso é porque o bichinho preferido da Belle Ward é um elefantinho de pelúcia. Agora o elefante tem um paraíso de doces! E não confiscaram os celulares dos convidados! Já tá rolando foto na internet! Tô babando nesses doces, minha boca está cheia de água.

Me chama que eu vou! Tem tanto doce, mas tanto doce que dá para rolar doce para a rua inteira!

— do famousnewyorkers.com — 675 comentários

Beatrice havia decidido que não ia fazer nada gigantesco para o aniversário de um ano de Isabelle e ela não mudou de ideia. Porém, também não dava para fazer algo como a reunião familiar da comemoração dos seis meses. Ela tinha todos os Ward confirmados, incluindo a tia-avó. Todos os Stravos iam baixar em Nova York e olha que era gente, viu. A família dela, ao contrário dos Ward, procriava com intento. Pelo menos eles iam trazer oitenta por cento das crianças que estariam presentes. Os Ward, por outro lado, tinham poucas crianças para trazer. Como dizia a tia-avó, essa geração estava falhando miseravelmente em levar a genética da família à frente.

Além dos familiares, Sean e ela tinham algumas pessoas para convidar. Como Roy com seus dois filhos, Terry com seus filhos... Além de amigos que vinham, mesmo sem crianças, afinal, isso não era requisito. Até bem pouco tempo, os dois também tinham que ir em eventos infantis e sem criança alguma para levar. E assim, Hartie, Rico, Joce, Liz, Nina... estavam todos lá.

Don parecia muito incomodado, porque ele estava de férias forçadas. Assim como Alvez e outros dois seguranças que tinham filhos. Foi muito engraçado vê-lo chegando fora do seu estilo habitual de segurança. Mesmo levando a filha mais nova pela mão, quando ele entrou deu logo aquela escaneada no local, como sempre fazia. E a esposa dele vinha com a filha mais velha. E Alvez que tinha um bebê pouco mais velho que Bel. Até os seguranças dos Ward viviam num drama, então Alvez tinha acabado de retomar o relacionamento com a mãe da criança e a levou junto.

— É claro que eu ainda te amo — Sean dizia para Tibby enquanto a levava no colo para ver a fonte de balinhas de gelatina, as crianças estavam enlouquecendo na área dessas balinhas. — Você sempre vai ser a minha garota. É que agora você tem companhia no meu coração, junto com a Bel.

Tibby não estava com ciúmes da prima, ela estava era preocupada do tio saber que ainda era o amor da sua vida, apesar de agora ela ter o “papai”. E não queria perder seu lugar de amor da vida dele porque tinha um pai. Aliás, Angelo estava lá, com seus sobrinhos e a Mama, pois ela amava uma festa infantil.

— Mas você vai morar no meu coração para todo o sempre, tio — ela dizia a Sean, naquela sua voz infantil, abraçada a ele.

— E você no meu — ele a beijou no rosto e a colocou no chão quando chegaram ao paraíso das balinhas de gelatina.

— Eu amo isso! — ela disse, correndo para roubar algum doce.

Havia um elefante enorme, era o bolo. Estava idêntico ao bichinho de pelúcia de Bel e toda hora ela queria pegá-lo, apesar de ser maior do que ela. Ela passava por perto e esticava o braço, abrindo e fechando a mão, dizendo: dá, dá, dá! Que era o seu “me dá”!

— Não pode pegar agora, Bel. Só mais tarde, mas eu desconfio que você não vai gostar de ver o elefante ser cortado. Isso vai ser

complicado — divertia-se Jared, levando a aniversariante pela festa.

— Eu não acredito que você deu um carrinho para ela, Jared! Ela é um bebezinho! — disse Gwen.

— Não é um carrinho, é um velocípede elétrico.

— Dá no mesmo!

— Claro que não, olha a diferença.

Ele a colocou sentada na cadeirinha do troninho rosa. E logo depois Bel saiu pelo meio da festa, sentada dentro do negócio redondo. Assim que começava a andar ela começava a dar tchau com as duas mãos e ia rindo.

— Alguém segura esse bebê! — disse Agatha, sem fazer ideia do que era aquilo, ela apenas viu a bisneta passar dentro de um negócio rosa.

— Jared! — disse Victoria, que estava junto com Travis, impedindo-o de roubar mais doces. Ela olhou para baixo e viu Bel passar dentro do pequeno veículo rosa.

Travis, filho de Derek, aproveitou a distração da tia e fugiu para ver o bosque de chocolate, ninguém tinha o deixado ficar sozinho lá, porque ele adorava chocolate.

— Papa! Papa! — chamou Bel, quando avistou Sean enquanto seguia dentro do seu velocípede elétrico.

Belle estava parecendo a realeza, dando tchau de dentro do seu carro real. Porém, o tal velocípede não parecia mesmo um carrinho, era redondo, com protetores dourados que impediam que ela pulasse, mesmo se o velocípede batesse. E ela estava com um vestido azul, a saia acabava por cima das laterais, estava demais.

O controle remoto do velocípede estava com Jared, mas a tia-avó o confiscou, só que ela não sabia mexer nele. Por um momento, Bel ficou parada e deu para ouvi-la começar a choramingar.

— Você fez isso — a tia-avó acusou.

— Mas eu sou o padrinho! É meu dever fazer esse tipo de coisa!

— Sean! — ela chamou, movendo o controle no ar. — Ele é muito sem modos. Não sei se confio a direção disso a ele.

— Eu juro que ele sabe dirigir — disse Sean, pegando o controle e recolocando o velocípede em movimento, trazendo Bel de volta.

Assim que Bel parou aos seus pés, ele a tirou de dentro do brinquedo e a pegou no colo.

— Vem dançar comigo? — ele perguntou, levando-a para dançar, para tirar sua atenção de ficar botando o terror pela festa dentro do velocípede. — Eu mereço a honra de levar a dama mais importante da festa para a pista.

Eu tô sofrendo muito aqui, acabei de abrir o Instagram e postaram um videozinho do SeanW dançando com a BelleW no colo. Eu morri de fofura, não consegui levantar até agora.

Aquilo é meu sonho de consumo para pai dos meus filhos, eu estava pronta para parir uns dez Ward pra ele. Como diz o Jay do famousnewyorkers.com é muito sofrido saber que não vou parir os filhos do SW, gente! Por ele eu mudaria de ideia e até ia querer ter filhos! Dez!

Tinha que nascer tudo parecido com ele, claro. Senão iam me acusar de estragar a genética da família, iam até me caçar na rua! Eu caçaria. Se alguém estragar a genética Ward eu passo por cima de carro, já aviso logo aos candidatos (a) a parir Wards no futuro. Vejam o vídeo abaixo. Sofrimento puro!

— do uppersofnewyork.net — 789 comentários

— Pronto, pronto... não precisa ficar assim. Você também vai aproveitar os quitutes da festinha. Olha que delícia esse suco gelado — Belinda dizia a Bel, enquanto a embalava e apoiava o copo de bico onde ela bebia o suco. Depois de um drama básico, Bel estava agarrada a avó, bebendo o suco com bastante intento. Ela estava vendo as outras crianças, maiores do que ela, comer, comer, comer e beber copos e copos de suco e para ela nada. Ela ainda não podia comer as mesmas coisas que as crianças maiores, pois tinha muita coisa que ela nunca comera na vida, os pais estavam inserindo aos poucos. Mas tinha cardápio para bebês a partir de um ano também.

— Belle! — disse Rose, tentando impedir, mas chegando tarde.

Rápida como um raio, Bel tinha roubado um salgadinho do prato da avó. Elas nem conseguiram ver bem o que era, foi algo de forno, um negócio que parecia uma barquinha e tinha frango.

— Devolve, Isabelle — disse Belinda.

Até parece, não deu todo na boca dela, mas tudo que entrou ela não ia devolver. Rose pegou de volta o pedaço que ficou na sua mão e analisou.

— Acho que não vai fazer mal — disse Rose.

— Me dá isso aqui — Belinda comeu o pedaço que sobrou para ver o que era, depois de engolir, ela olhou em volta, Rose fez o mesmo. — Os pais viram?

— Claro que não, mãe!

— Coloca na lista de coisas que avós fazem!

As duas riram e Bel continuou com seu pedacinho na boca, mastigando até engolir. Porém, ambas afastaram mais os pratos. O cardápio estava bem diversificado, tinha porções montadas de comidas de festa para quem quisesse, tinha a parte chata e saudável, tinha a parte dedicada aos veganos e vegetarianos. Tinha a parte preferida dos convidados, as várias besteiras de festas com uma variedade assustadora de salgadinhos. E tinha lista de ingredientes para ser consultada, porque ia dar o maior bafafá na imprensa se alguma criança alérgica saísse dali para o hospital. O jeito era torcer para os pais lembrarem disso. Porque as crianças estavam espalhadas e comendo para todo lado.

Depois da arte que Bel aprontou, Belinda deu a filha para a mãe alimentar, já que ela sabia tudo sobre seu bebê.

— Ela não rejeita muita coisa — Beatrice conversava com Alexandra, a namorada de Alvez que lhe contava que seu filho ficou muito chato para comer nessa fase.

— As minhas também não, mas olha o tamanho delas — disse a esposa de Don, fazendo graça. — Eu sofri demais para alimentar essas bocas famintas.

Agora Bel estava só felicidade, Beatrice olhou o cardápio e escolheu tudo que ela podia comer, então sentou com ela na mesa da aniversariante e se envolveu na tarefa de alimentá-la. Enquanto isso, ela aproveitava para comer também. Um pouco depois, Sean sentou na mesa com elas, junto com seu prato. Ele havia escolhido uma variedade de coisas do buffet.

— Nós temos mesmo que nos esconder para comer? — ele sorriu ao olhar para Bel que não parava de mastigar, daquele seu jeito, apertando tudo na boca e ainda sem todos os dentes necessários para a tarefa.

— Fica difícil dar atenção a todo mundo e ainda conseguir colocar comida na boca, eu tentei — ela analisou um aperitivo de batata e recheado com repolho. Franziu o cenho, porque se fosse para ela, não seria sua escolha. Mas Bel ainda não tinha todas as opções, então ela cortou em pedaços e deu a filha.

Sean tinha se ocupado em comer, mas ambos tiveram de agarrar guardanapos para conter o desastre. Bel começou a cuspir, rejeitando o repolho.

— Bel! Para com isso! Já te disse que cuspir é feio — reclamou Bea, limpando sua boca.

A filha continuava devolvendo, daquele jeito que bebês fazem quando não gostam de algo.

— Já acabou, Bel. Toma — Sean deu o copo de suco a ela que o segurou pelas alças laterais.

— Já pensou se eu não tivesse colocado o babador, ia ter que te trocar. Não pensei num plano B para o vestido. Não me complica, Bel, é meu primeiro aniversário — dizia Bea, olhando para ver se ela estava com o rosto limpo.

Nada disso importava para Bel, ela só continuava agarrada ao copo, mas olhava para a mãe por cima da hora, como se estivesse acusando-a.

— Ela pensa que vai fugir de mim e do repolho. Eu li que precisa dar algo a um bebê dezesseis vezes até ele decidir aceitar ou não. Estamos só na segunda, Bel.

— Eu não gosto de repolho, se ainda fosse brócolis — Sean comentou.

— Fica quieto! — disse Bea, ameaçadoramente. — Ela já entende. E tem que fazer cara feliz quando der essas coisas a ela.

— Você também não gosta.

— Quem disse? Desde que esteja misturado com outras coisas...

— Você é muito mentirosa — ele riu. — Eu te conheço há anos, você nunca gostou.

— Shiu! — ela fez cara feia para ele. — Nada impede que ela adore.

Depois de alimentada, Bel estava pronta para interagir com todos. Cada hora ela estava com uma parte da família.

— Eu acho que o Travis se perdeu no meio do algodão doce — disse Derek Ward, procurando o filho a quem ele já havia proibido de pegar os chocolates.

— Faça-me o favor de não perder uma das poucas crianças que temos — disse a tia-avó, enquanto passeava pelo local, apreciando a decoração.

Derek entrou pelo meio do arco de algodão doce que levava justamente a lagoa de feijõezinhos doces e coloridos. Travis era um bocado atentado, ele e o filho do meio de Rose, Miles, estavam nadando no meio das balinhas. E jogando balas em outras crianças que jogavam de volta. Tibby era uma delas, que estava cheia de coisas coloridas por dentro da roupa. Derek capturou os três, porque eles quem começaram tudo. Logo depois, Derek saiu de lá com Tibby embaixo do braço, com balinhas caindo para todo lado. Travis ia pelo cangote e o filho de Rose estava pendurado. Ele entregou o pequeno Miles a Matt, que esteve o procurando lá perto do chocolate. E levou Tibby e Travis para comerem, ambos já com as roupas manchadas das cores das balas.

— Eu jurava que ela estava com a avó — comentou Angelo, quando levantou a filha que estava em petição de miséria e só caía bala e feijãozinho colorido quando se movia.

Os sobrinhos dele também tinham sido capturados recentemente. Não havia como sair dali, havia seguranças nas portas e até perto de algumas janelas, monitorando o perímetro. E vários do lado de fora. E lá embaixo. E eles tinham informações de quais crianças estavam com quais acompanhantes.

As crianças não tinham como sumir dali, mas em compensação o que elas podiam fazer dentro da festa era sensacional.

— Olha, Sean! — disse Bea, chamando atenção dele.

Ele se aproximou rápido e ela simplesmente soltou Bel dentro da piscina de feijõezinhos coloridos.

— Beatrice! — ele disse, um pouco nervoso quando a filha se debateu e desapareceu dentro daquele bando de coisa colorida.

Ela só ria, mas Bel estava se movendo ali, não fazia ideia do que era aquilo tudo. Ela nem sabia que podia comer aquelas coisinhas coloridas e doces. Sean enfiou a mão e segurou o corpinho pequeno da filha, mas não a tirou, porque ela estava se divertindo. Até que uma coisinha daquelas caiu na sua boca e ela percebeu que era gostoso. Ela agarrou um bocado, mas antes que enfiasse tudo na boca, Sean se levantou e Beatrice tirou tudo da mão dela.

— Eu sabia que você ia ver a luz! — disse Bea.

— Nada de um arco-íris de cores para você ainda, Bel — disse Sean, balançando-a.

Bel fez aquela cara de decepção e seu olhar foi dos doces para as outras crianças que comiam tudo e não lhe davam ideia e nem a procuravam para brincar, porque ela ainda era muito pequena. E seus primos só a engajavam nas brincadeiras quando eles se visitavam, numa festa assim eles estavam ocupados cometendo traquinagens de “crianças grandes”.

— Tadinha — Beatrice estava usando uma clutch lateral que combinava com seu vestido como um acessório planejado, mas não era pelo bem do visual dela. Ela havia descoberto bem cedo que ser uma mãe e não ter local para pôr suas “ferramentas” não dava certo. — Aqui.

Ela pegou um pequeno saquinho e lá dentro havia a única bala que Bel havia experimentado, umas balinhas naturais e mastigáveis, moles, já que ela mal tinha dentes. Elas até precisavam ficar na geladeira. Elas estavam disponíveis no cardápio, para bebês de um a três anos.

— Uma só, te dou outra depois — ela disse, depois de dar uma de melancia.

Bel ficou toda feliz, mastigando e pressionando a balinha na boca. Toda iludida, tadinha, crente que estava ganhando a mesma coisa colorida que as outras crianças estavam comendo. Um dia, ela descobriria como foi enganada naquela festa, mas era para o seu bem.

— Já se recuperou de vê-la caindo na piscina de balinhas? — perguntou Bea, caçoando de Sean.

— Eu pensei que você fosse acabar com meu coração de outro jeito, mas acho que vai ser assim — ele ria, enquanto eles levavam Bel de volta.

— Prometo que não a coloco dentro de nada sem chamar você antes! — Bea os deixou e foi falar com as pessoas.

Sean ia levar Bel para ver as pessoas que ainda não tinham tido contato com ela, antes de cantarem parabéns. Mas enquanto eles iam em direções opostas, Bel olhava por cima do ombro de Sean e reclamava. Ela sabia que as balinhas estavam com a mãe.

— Ah, que isso, Bel. Eu consigo suco. Tenho meus meios de conseguir mais uma daquelas também, mas nada de contar pra sua mãe — ele a balançou e beijou seu rosto, depois brincou com ela, deitando-a no seu colo, fazendo-a rir.

Pouco depois estava todo mundo em volta do palquinho onde estava o elefante, Bel continuava pedindo para pegar o elefante gigante. Ninguém ia convencê-la de que aquele não era o seu bichinho num tamanho grande. Estava idêntico. As crianças pareciam ter vindo da guerra colorida, tinham balinha até no cabelo. Ao menos as mais atentadas e você podia incluir nessa lista os pequenos Ward, dois filhos de Rose, as filhas de Don e o filho mais novo de Roy. Eles formaram uma gangue muito digna naquela festinha. Quem sabe até amizades futuras teriam começado ali, embaixo do algodão doce, no bosque de chocolate, na guerra do lago de feijõezinhos e nos baldes de bala de gelatina. Eles lembrariam desse dia por muito tempo.

— Parabéns, Belle!! — gritaram as crianças, fazendo festa.

Bel estava naqueles momentos de super exposição a sensações, excitada demais, com os olhos arregalados. Vivendo um dos momentos mais fantásticos de sua curta vida de bebê. Aquele bando de gente, todas as crianças, as cores, as coisinhas gostosas para comer. E o elefantão!

A tia-avó disse que queria o álbum de fotos da festa entregue na sua casa, ela queria guardar.

Afinal, não vinha muito a "América" e achou aquilo tudo uma graça. Adorou ter todos os seus pequenos no mesmo local. Haveria fotos e mais fotos para ela escolher, porque a fotógrafa tinha uma equipe e não perdeu nenhum momento importante e nem aqueles cliques inesperados das crianças e das peripécias da aniversariante. Bel circulou pela festa inteira, fez drama, comeu, roubou salgadinho, andou no velocípede, derrubou coisas, pulou no colo de pessoas que havia acabado de conhecer, puxou colares de desavisados. Fez tudo que pôde na primeira farra da sua vida. E tomou mais suco do que devia, foi Beatrice que fechou sua conta do bar dos sucos de sabores intermináveis.

Senão ela ia noite a dentro agarrada no copinho de bico. E depois, haja fralda.

Em compensação, pouco depois de todos dispersarem após os parabéns e enquanto o bolo ainda era servido nas mesas; Bel capotou. Beatrice ficou a ninando enquanto tinha um sorriso no rosto. A festa não foi tão longa, mas durou o bastante para cansar as crianças e Bel participou ativamente o tempo todo, foi excitação demais para o seu um ano de idade.

Gente! Tô aqui cobrindo a saída da festa de um ano da Belle Ward! Vocês acharam mesmo que eu ia ficar em casa com esse bando de Ward na cidade?? E você não vai acreditar, eu ganhei doces! DOCES!! Eu não tô acreditando!!! Sean e BeaW lembraram da nossa existência! Só da gente dos blogs! Eles nos amam!! Sean Ward ME AMA!! Tô pirando! Vou ter sonhos com isso!

Tudo bem, parei a histeria. Tô aqui com a loca da Debbi do uppersofnewyork.net e ela também ganhou!! E aquela biba metida do manhattaninsiders.com que gosta de fazer a PHYNA, mas quando aquele segurança magia veio com 3 cestas cheias de dooooooces e com papelzinho com o endereço de cada blog, ela surtou! A bicha quase caiu dura no chão!

Eu também, mas pelo menos assumo! Cada um ganhou uma! Tô me sentindo importante, eu meio que participei do niver da princesinha dos Ward. Mooorta! Vou pra casa encher a cara de

doce! Pode deixar que vou tirar foto de tudo, para comentarmos o que estava melhor!

— do famousnewyorkers.net — 890 comentários

Eu tô chocada! Tô agarrada numa cesta cheia de doces e potinhos e saquinhos e mini elefantes coloridos e chocolate! Vou comer até cair! Ai, minha dieta! Achei muito justo a gente ganhar lembrancinha também! Para nos consolar da barra que é segurar essa realidade de que não vou parir nenhum bebezinho do SeanW. Vocês viram o vídeo dele dançando com a filha? E as fotos que já vazaram do celular dos convidados! Ainda bem que eles convidam uma galera meio povão que curte aparecer e vaza as fotos. Já pensou que morte horrível se eles só chamassem aquela parentada chique que não ia postar nada pra gente ver! Amei, amei, amei! Será que eles não percebem que sendo legais com a gente, só nos fazem postar mais? Ai, adoro essa gente RHYCA, famosa e maldita de bonita que gosta do povão e dos fofoqueiros!

— do uppersofnewyork.net — 756 comentários

Achei digno os Ward nos darem as lembranças ricas e gostosérrimas que eles deram para os convidados. Já que eles nunca dão um crachazinho sequer de imprensa, nem para cobrir hall de festa. Aqueles desesperados do uppersofnewyork.net e do famousnewyorkers.net também ganharam. Bem feito para aquela metida do newyorklife.com que foi cobrir festa daqueles ricos metidos lá no Hilton. Garanto que não deram nem água a ela! MUAHAHA!

Pelo menos adoçaram minha boca com esses doces, viu. Vamos estipular a fortuna que foi essa festinha do elefante. Quase todos os Ward estão saindo, voltando para hotéis. Fiquei sabendo que a maioria vai ficar uns dias em NY. Não vai ter paparazzi suficiente nessa cidade! Quero fotos, fotos! E Wards caindo na gandaia na cidade!

— do manhattaninsiders.com — 656 comentários.

Capítulo 15

Não sei se estar tão feliz é errado ou se devo temer as consequências. Não sei como evitar com vocês em minha vida. Não sabia que podia ser assim e que essa era a antítese do tormento. Sei viver com meu amor por você, mas não sei o que fazer com o que espero do futuro quando você me abraça e me mostra que vai ser assim. E que não há mais um dia que eu precise temer pelo que vai levá-la, pois você não vai mais deixar. E não sei o que fazer agora que você exterminou cada demônio e me sinto nocauteado por felicidade. Então vou apenas mantê-la nos meus braços.

Vocês viram as fotos que eles liberaram da festa? Me enterra!!! Aquele bebê lindo, gente! A coisinha mais linda e chique em miniatura! Agora que a vi agarrada ao elefantinho, eu entendi o tema da festa. Mas eu já tinha visto aquele elefante, no dia que o Sean a carregou para dentro do restaurante, ele estava segurando o mesmo bicho e até deixou a filha dar tchau para os paparazzi.

E BeaW, a bicha tava destruidora, viu. Ela devia ser proibida de ir de mamãe maravilhosa em festa infantil. Bicha maldita. A filha fazendo um ano e ela está aquele espetáculo. Adorei o sombré do cabelo, tá um arraso. Aquela desgraçada deixa a gente em depressão, porque SeanW tem fissura naquela bicha linda. Ele não larga dela por nada. Toda vez que os vejo juntos, ele nunca larga da maldita. Uma loucura! Aquele homem deve ter uma pegada enlouquecida. Que calooooor!

Eu quero saber o que foi que a mãe dela (dona Belinda, já estou íntimo. Aliás, vocês viram o Nikko Stravos, pai da BeaW. Os dois dão um caldo!) passou nela para grudar Ward desse jeito. Será que foi receita grega?

Vocês viram o JaredW de padrinho mais lindo do mundo? Eu quero! Ainda dá tempo de parir os filhos dele! Me chama que eu vou! E o DerekW com aquele filho lindo! O garoto é idêntico! E vocês viram que o divórcio dele saiu mesmo?? Abriu vaga na família Ward, coorre mulherada! Tem Ward solto e carente na cidade! Se

ele quiser da minha fruta, vou embora para Europa com ele e não volto nunca mais! Me importa pro velho mundo, Derek!

Vamos esperar mais fotos! Quero mais! Cadê mais fotos do SeanW lindo? Quero fotos em HQ dele dançando com o bebê, dele com os doces, dele nos parabéns! Me dá mais!

— do famousofnewyork.net — 856 comentários

— Eu pensei que contratar uma empresa para cuidar da festa deixava a gente livre para não fazer nada. Triste engano — disse Bea, se mexendo preguiçosamente na cama. Ela até já havia levantado, mas a cama macia a chamou de volta.

— Vem tomar café — disse Sean, parando na porta.

— Não quero... — ela se virou e voltou a esconder o rosto.

Sean voltou até a cama e a pegou, virou-a quando já a tinha nos braços e foi carregando para fora do quarto.

— Hum... — ela esfregou o nariz no rosto dele. — Fez a barba. Também adoro assim — ela deu alguns beijos do maxilar dele.

Sean parou do lado de fora do quarto, virou o rosto e a beijou, daquele jeito que ele fazia quando queria muito. Apertou-a contra ele e cerrou os olhos, beijando-a com intento, ela podia sentir o desejo nele.

— Sentiu minha falta? — ela perguntou baixo.

Ele assentiu e tornou a descer o olhar para os lábios dela. Bea o beijou e Sean com certeza apreciou.

— Eu capotei e não te dei nem um beijinho de boa-noite?

A resposta dele foi confirmar com a cabeça e ainda estreitou os olhos, demonstrando sofrimento, algo que lembrava a carinha de sofrida que Bel fazia quando queria fazer drama. Bea o imitou e também fez uma expressão de puro tormento. Depois deu um beijo nos lábios dele e disse:

— Acho que vou ter que curar muita carência mais tarde.

— Concordo. Não muito tarde — ele a levou em frente.

— Não muito — ela assentiu.

— E a noite é minha — ele levantou as sobrancelhas, lembrando.

— Só sua — Bea continuava assentindo.

— Sem séries.

— Nenhuma, só você.

- Gostei disso, repete.
- Só vou ter tempo para você hoje.
- Bom, muito bom.

Ele a colocou no chão em frente à mesa da saleta, onde eles faziam de sala matinal para tomar o café da manhã. A mesa estava completa, toda servida e tinha até um pequeno vaso com um lírio. Era um vaso negro com um lírio lilás, igual ao que tinha no apartamento de solteiro dele. Eles tomaram café da manhã lá por muitos finais de semana. Beatrice sempre molhava a flor quando vinha para Nova York, mas depois de um tempo ela morreu e replantar lírios em vaso era um procedimento complicado que nenhum dos dois tinha tempo ou conhecimento. Então eles compravam outro, como esse novo.

— Isso é praticamente um café na cama! É tudo pra mim? — ela o olhou, animada.

— Claro — ele puxou a cadeira para ela. — Feliz um ano de maternidade. Nós sobrevivemos!

Beatrice abriu a boca e fez aquela expressão de que achou algo muito fofo. Ao invés de sentar na cadeira que ele puxou, ela se jogou nos braços dele.

— Feliz um ano de paternidade! — ela disse, o apertando. — Deu certo!

— Claro que deu, eu não tinha dúvida. Tá, mentira, eu torci para não causarmos danos permanentes no bebê — ele sorriu.

Ela se afastou para olhá-lo.

— Alias, cadê ela? Não tô mais escutando nem os gritinhos.

— Foi passear com a Rita e o Ramond.

— Ah, que fantástico! Vou até tomar café da manhã sozinha! — ela comemorou, porque quase todo dia quando estava tomando café, estava junto com Bel. Antes, quando Bel era menor, ela já havia passado dias amamentando ao mesmo tempo que bebia e comia. Porque seu bebê estava faminto, mas ela também estava.

— Vamos — Sean sorriu, ele também havia tomado vários desjejuns com Bel no colo, ele não podia amamentar, mas havia dado incontáveis mamadeiras e papinhas ao longo daquele ano.

No jantar também, especialmente quando ele estava comendo tarde e era justamente o horário de Bel tomar seu lanche da noite para ir dormir. Já o almoço era mais o departamento de Rita, especialmente depois que Beatrice voltou a trabalhar e passou a tirar o leite com a bomba elétrica.

Eles adoravam a Rita, foi a melhor ajuda profissional que conseguiram. Ela era ótima para impedi-los de pirar com tudo que não entenderam do bebê ao longo daquele ano, pois era paciente e não se assustava facilmente. E ela entrou no ritmo doido da vida deles com a maior facilidade e logo se deu bem com Nadir e Cristina.

— Eu te adoro! — ela o beijou no rosto e o abraçou apertado, depois aceitou a cadeira. — E te comprei um presente. Aliás, um presente muito estranho.

— Estranho? — ele se sentou ao lado dela.

— Sim. São copos para pôr naquele freezer do bar, eles mantêm a bebida gelada. Assim você pode beber o seu uísque puro, mas gelado como você gosta, sem o gelo diluindo. Achei fantástico, se eu não odiasse uísque, ia adotar. Quando você e seus primos estiverem lá fazendo sua reuniãozinha periódica, podem usar e parar de deixar marcas de copos para todo lado.

— Ah, qual é. A gente até usa porta copo — ele riu. — É estranho porque você está patrocinando meus maus hábitos, é isso?

— Bem, se você não começou a beber demais enquanto o bebê chorava loucamente por meses de recém-nascido, não vai começar agora que ela está quase andando.

— Espera, é provável que eu comece quando ela fizer dezoito.

— Eu te mato. Você vai ter que ir pra terapia junto comigo. Porque aguentar uma adolescente vai ser demais pra mim.

— A gente aguenta.

Eles começaram a tomar café e Bea pegou a cesta com pães de vários tipos, ela escolheu justamente um croissant e colocou no seu prato, então riu.

— Lembra daquele dia que eu fiquei com desejo de comer croissant com sushi?

— Puta merda, que inferno! — ele balançou a cabeça. — Duas e meia da manhã, Beatrice. E você praticamente chorando, dizendo que estava com fome e que só queria isso.

Bea começou a rir mais.

— Eu saí atrás de um daqueles restaurantes japoneses vinte e quatro horas.

— A sorte é que a Cristina deixa essas coisas congeladas aqui para fazer. Onde você ia encontrar croissant de madrugada?

— Isso é o de menos! Você esqueceu que não gosta de sushi! De onde você tirou sushi? Até hoje eu não me recuperei disso — ele balançava a cabeça enquanto passava creme de queijo e legumes no pão.

— Do meu desejo descontrolado! — ela ria.

— Eu apareci aqui com todos os tipos de sushi que eles tinham e quem foi que acabou comendo o sushi?

— Você, Cristina e Ramond! Mas os três estavam rindo!

— E quando eu cheguei, cheio de caixinhas de sushi, você disse que o cheiro estava te enjoando e correu para o banheiro para pôr tudo pra fora. Eu acho que peguei antipatia de sushi.

— Mentira! — ela ria, lembrando da cara de terror que ele fez quando ela correu para o banheiro. — Gravidas fazem isso às vezes, Sean. Elas colocam tudo pra fora, você não precisava ficar tão desesperado.

— Desesperado? Depois de se “recuperar”, mais rápido do que devia. Você resolveu que ainda estava com fome, mas queria rolinho primavera. E eu liguei pra entrega de comida chinesa. E eram três da manhã quando o cara bateu aqui.

— Ah, cara... estava tão gostoso! De comida chinesa eu gosto! Mas meu lado grávida achou que queria sushi.

— Meu Deus... — ele deu uma boa mordida no seu pão.

Ela ainda estava se divertindo enquanto mexia seu cappuccino.

— Sabia que croissant com geleia de framboesa e rolinho primavera dentro é muito gostoso?

— É mesmo? — ele era sarcasmo puro.

— Não! Se eu comer isso agora eu passo mal — ela riu e bebeu seu café.

Quando eles já estavam terminando o café, Sean virou para ela e disse:

— Eu também te comprei um presente para comemorar um ano de maternidade.

— É mesmo, o que é?

Ele voltou a beber o café ao invés de dizer.

— Ah, me diz! — ela insistiu.

— É surpresa, ué.

— Eu te contei!

— Só porque quis.

Beatrice descansou a colher e olhou para ele.

— É algo indecente? — como ele não confirmou, ela continuou. — Algo bem sujo?

— Beatrice...

Em resposta, ela se inclinou e perguntou baixo, caso alguém chegasse por ali.

— É uma réplica do seu... — ela deu uma olhadinha para baixo e voltou a encará-lo. — Para eu não sentir sua falta nas viagens?

Sean engasgou e teve que engolir rápido para não cuspir café. Beatrice começou a gargalhar, ela sempre ria quando conseguia desconcertá-lo, não era uma tarefa fácil.

— Não é indecente, Bea — ele disse, se divertindo.

— Não? Então é uma... bolsa de bebê? Porque você sabe, depois que a gente vira mãe, as pessoas ficam nos dando coisas para usarmos com as crianças. Só que não fazem isso com os pais.

— Eu comprei uma bolsa de bebê para mim.

— Mentira!

— Comprei — ele disse como se não fosse nada demais.

— Sério? Comprou uma daquelas bolsa de bebê para pais bem vestidos? Combina com aquelas suas bolsas de couro? Vai ser engraçadíssimo!

— Antes eu tinha que usar as suas...

— Você ainda não começou a sair sozinho com a Bel, eu sempre vou junto.

— Agora que ela tem um ano e eu tenho mais segurança de sair com ela sem que comece um choro desesperado pela mãe, nós

vamos sair sozinhos.

— E para onde vocês vão primeiro?

Ele deu de ombros, pensando em algum passeio.

— Visitar a minha irmã, o Roy... Depois, vamos sair pra vida. Há um bando de lugares para ir, vou levá-la.

Enquanto ele contava, ela sorria, já imaginando as encrencas em que ele se envolveria junto com Bel. Eles conseguiam não se enrolar muito quando saíam junto com ela. Bea sempre tinha algum deslize para contar quando ia para rua com Bel. E ia adorar ouvir as histórias que ele teria para contar com a filha, eles tinham histórias dentro de casa, aventuras como os dias que iam para piscina e para academia e quando ele a levou ao jardim lá de cima e ela enfiou as mãos na terra e passou pelo rosto todo. Imagina o que fariam na rua.

— Você vai me contar tudo — ela disse.

— Claro que vou.

Inclinando-se, ela se apoiou nele e disse:

— E meu presente de mãe? Vai, diz que você me comprou algo fantástico para facilitar minha vida de mãe de primeira viagem.

— Você não queria algo indecente? Eu estava a ponto de ir trocar.

— Também, mas no meu primeiro ano de mãe, quero algo assim bem mamãe — ela ficou fazendo círculos no peito dele com a ponta do dedo. — Além disso, eu tenho um gadget enorme e indecente aqui que eu posso fazer uso em vários horários — ela pressionou as unhas contra o peito dele, elas estavam mais curtas, mas era o suficiente para ele sentir quando ela as pressionava.

Sean olhou por cima do ombro e ainda estavam completamente sozinhos, ele levantou e a puxou da cadeira. Beatrice foi rindo e riu mais ainda quando ele a tirou do chão novamente.

— Pais de bebê não tem muito tempo! — ele disse e o final saiu espremido quando ele a colocou no chão e Bea pulou em cima dele, derrubando-o na cama, caindo por cima do seu corpo.

— Cadê minha bolsa grande, deixei seus copos lá.

— Você sabe que daqui a uns anos não vai dar para me nocautear assim, não é? Minhas costas vão dar mal jeito e você vai ter que chamar um médico.

— Você mal entrou na casa dos trinta anos! Ainda vou levar anos te derrubando! Cadê minha bolsa?

Ele virou, derrubando-a na cama e disse:

— E esse foi exatamente o motivo para eu ter te comprado um presente. Suas bolsas vivem sumindo, aí você fica danada da vida, vai no closet, pega outra, mas então essa também some. E aí você acaba encontrando a bolsa anterior. E então, você pega outra, que também some. Logo, sua carteira some, mas na verdade, ela está na primeira bolsa que você “perdeu” dentro de casa. E agora você também tem as bolsas da Bel para perder. E aí, você pega outra e começa o ciclo todo de novo.

Apoiando-se no cotovelo, Beatrice segurou a cabeça com a mão e o olhou de forma divertida.

— Você está reclamando das minhas bolsas?

— Você tem umas quinhentas bolsas. Semana passada tinha dez bolsas desaparecidas nessa casa. E a bolsa que você saiu com a Bel sumiu, porque ficou no carro. E você ficou danada da vida porque teve que montar outra bolsa para ela.

— Eu não faço isso o tempo todo!

— Todo dia. Pois bem, eu achei suas dez bolsas desaparecidas, peguei a bolsa da Bel lá no seu carro. E te comprei isso.

Ele levantou e pegou o saco de presente e trouxe para ela. Bea sentou rápido e abriu, virando o conteúdo na cama. Caiu uma caixa e dela saíram uns cinquenta botõezinhos redondos, com um símbolo prateado parecido com símbolo de conexão wi-fi. E todos tinham um pin que os prendia ou uma cordinha para prendê-los em alças.

— O que diabos é isso, Sean?

— Localizadores. Você vai prender essas coisas dentro das bolsas, na alça, seja lá onde for. E quando uma delas sumir, você vai acionar o aplicativo localizador no seu celular. E depois de anos te escutando procurar bolsas, você nunca mais vai perder nenhuma.

— Isso é fantástico! — ela disse, olhando os botõezinhos.

— Eu sei — ele respondeu, convencido.

— Eu posso prender isso em gente?

— Você não vai por isso na Bel.

— Eu já comprei uma pulseirinha que apita, tipo localizador de telefone sem fio. Afinal, você já arrumou aqueles seus GPS. Mas dentro de casa, assim que ela começar a andar, vai ser um inferno, vou fazer aquele troço apitar o tempo todo. Além disso, eu pensei em pôr em você...

Sean inclinou a cabeça e riu.

— Para que você precisaria me encontrar dentro de casa? Não sou difícil de achar.

— Gosto de te surpreender! — ela o fez tombar e se abraçou a ele e lhe deu vários beijos.

Sean a abraçou e deitou a cabeça, deixando-a se divertir. Bea apoiou os antebraços no peito dele e ficou o olhando. Às vezes ela sorria levemente enquanto o observava, como se estivesse pensando algo que lhe trazia boas memórias.

— Eu te amo — ela sussurrou tão baixo que foi mais o movimento dos lábios.

O olhar dele se iluminou quando um leve sorriso apareceu em seu rosto.

— Eu também te amo — ele disse baixo, mas continuou, provocando-a. — Mesmo que você consiga perder vinte bolsas em uma semana. E reclame disso toda vez que vai sair.

Ela riu e apoiou o queixo sobre os antebraços.

— Eu te amo, mesmo você sendo sujo.

— Ah, disso você gosta.

— E teimoso.

— Às vezes. Eu cedo um bocado para você.

— E cabeça-dura.

— Nem tanto.

— E super super mega protetor.

— Sempre. Viu, eu aguento você perdendo bolsas, carteiras, cachecóis, casacos e você me aguenta.

— Você acabou de me salvar das minhas bolsas.

— E como eu me salvo de você largando sapatos de salto por perto da cama, pisar descalço em um salto fino daqueles dói.

— Eu não tenho usado tantos! E nem largado no seu lado da cama!

— Qual é, Bea. Quando a gente se embola na cama, fazendo você sabe o que, nunca acordamos no lado certo. Semana passada eu acordei ao contrário, custei para entender que estava com a cabeça no pé da cama.

— Ridículo, ridículo, ridículo! — ela ria.

— Eu sei de onde a Bel tirou essa mania de me escalar. Você. E de noite você cai para o lado errado da cama e eu acordo perto do seu criado mudo, longe do meu despertador.

— Ah, disso você gosta — ela o imitou e escondeu o rosto no peito dele.

— Não me faz ter ideias com você agora, Beatrice. Muito carinho me deixa imaginativo, temos pouco tempo até a Bel voltar e ela não vai comprar essa de não ter ninguém em casa. Eu realmente acho que ela tem radar de pais — ele avisou o que só fez com que ela risse e o provocasse ainda mais.

— Você sempre pode me dar um daqueles amassos maravilhosos de onde eu saio que nem uma pastinha. Realmente estou me oferecendo — ela levantou as mãos como se não fosse impedir.

Dessa vez, ele que riu e a agarrou e virou de lado na cama e a beijou. Bea o abraçou de volta e acabou com as pernas em volta dele e o acariciando e bagunçando seu cabelo. Sean a beijava tão bem que ela gemia em deleite enquanto ele pressionava seus lábios e a segurava por dentro do cabelo. Beatrice desceu as mãos pelas suas costas e as enfiou por baixo de sua camiseta. Ele respondeu, movendo o corpo em cima dela.

Beatrice o empurrou pelo queixo e ofegou, porque ele a deixava completamente sem ar, da melhor maneira.

— Não, não posso. Eu já quero arrancar sua roupa — ela repuxou a camiseta dele.

— Dessa vez você se ofereceu para tarefa — ele apoiou os antebraços dos lados da cabeça dela.

— Você não sabe pegar leve?

— Eu até tento, mas aí você entra no caminho e... — ele deu de ombros, porque a frase já se explicava.

Ela olhou o relógio e depois olhou na direção da porta, apesar de ela estar fechada, mas não trancada.

— Vem! — Bea o empurrou, depois rolou para o lado e pulou da cama e o puxou.

Sean foi junto com ela, envolveu sua cintura, mas quando viu para onde eles estavam indo, ele riu.

— A gente vai fugir para o banheiro de novo?

— Sempre dá certo!

— Eu já te disse que você tem tesão em banheiro, não disse?

— Só em banheiros bonitos e com você dentro.

Ela o empurrou contra a porta do banheiro, fechando-os lá dentro. Sean a levantou, inverteu e a prendeu contra a porta. Ela envolveu a cintura dele com as pernas e agarrou sua camiseta, puxando por cima da sua cabeça.

— Você sabe que essa é a nossa desculpa mais suspeita. Nós dois, num banheiro... banho em conjunto não é desculpa — ele também enfiou o as mãos por baixo da blusa dela e a tirou.

— Se baterem na porta... não dá para escutar do banheiro. É uma desculpa!

Ele a pressionou contra a porta, apoiando os braços na madeira e perguntou:

— Rápido?

— Ah, Deus, sim! Rápido e forte! — ela pediu, agarrando-se a ele.

Deu para ouvir uns arquejos, vários gemidos e palavras sussurradas. A voz dela dizendo que sim.

A porta bateu várias vezes, de formas estranhas e repetidas. Um tempo depois, o som parecia ser o chuveiro ou a torneira, algo forte. De qualquer forma, a porta abriu e Beatrice saiu, olhou o relógio e prendeu o cabelo bagunçado. Deu uma última checada no visual e Sean saiu depois dela, passou a mão pelo seu cabelo escuro, ajeitando-o para trás e lhe deu um sorriso convencido.

— Apaga esse sorrisinho sem vergonha da sua cara agora! — ela disse, o que só o fez sorrir ainda mais.

Ela foi rapidamente para fora e entrou no quarto de Bel que tinha acabado de arremessar um bichinho para fora do berço e estava em pé lá dentro, batendo com um mordedor na barra de madeira e gritando:

— Ba, ba, ba!!

— Isabelle! — disse Bea, da porta. — Não pode jogar coisas!

— Hoje ela tirou o dia para aprontar — disse Rita, enquanto colocava no closet as roupas que chegaram passadas.

A filha olhou para Beatrice, soltou o mordedor e apoiando-se, foi dando passinhos para o lado até estar no cantinho do berço, mais perto da porta. E de lá, ficou levantando os braços para a mãe e chamando-a.

— Hoje ela não quer ficar aqui dentro de jeito nenhum — Rita balançou a cabeça.

— Mas que coisa, Bel. O sol está muito quente para você ficar de farra — ela pegou a filha e a segurou no colo. — Vem, eu tenho que responder meus e-mails. Dá tchau para a Rita. Até amanhã — ela se despediu e saiu.

Beatrice levou-a para o seu quarto e lá a colocou no chão. Eles já tinham protegido todas as tomadas, quinas e levantado objetos cortantes ou perigosos. Bel foi engatinhando, mas quando chegou a cama, usou-a para se levantar e foi andando lentamente, segurando-se nela.

— Papa, papa... — ela chamava, imaginando que Sean estivesse ali.

Brianna apareceu e começou a cheirá-la e brincar com ela. Bel caiu sentada, mas levantou as mãos, para brincar com a cadela.

— Bii! — ela a acariciou, então foi engatinhando para longe da cama.

A cadela foi atrás dela e acabou a derrubando de lado, Bel riu e Brianna foi empurrando-a com o focinho. A cadela ainda era maior do que ela e a fazia ir rolando no chão, enquanto o bebê ria.

— Dessa bagunça você gosta — disse Sean, aparecendo acima delas.

Bel terminou de barriga para cima e quando viu o pai, ficou se movendo, tentando virar para um lado ou para o outro. Bri a ajudou de novo e Bel ficou de quatro e depois se apoiou e conseguiu ficar de pé sozinha, usando o chão para dar impulso com suas mãos.

— Garota esperta! — Sean a levantou rápido, segurando-a nas mãos e movendo-a no ar, de costas para ele.

A filha ria, agora bem mais feliz do que quando estava lá no seu quarto, sem diversão e agitação.

A festa com os pais e com Brianna sempre era muito mais legal. Enquanto Sean brincava com Bel, movendo-a no ar, a cadela ficou embaixo e soltando uns uivos baixinhos, como se estivesse preocupada caso o bebê precisasse ser salvo. Por ela, claro. Afinal, Bri achava que o filhote era seu também, apesar de agora estar um tanto grande. Quando eles chegaram e Sean abaixou a cadeirinha para mostrar a recém-nascida a Brianna, a cadela entendeu a missão.

Sean levou Bel e a trocou para sua roupa de piscina, depois voltou, com Bri ainda em seu encaixo.

— Larga esse notebook, Bea. Eles sobrevivem se você não responder — disse Sean que havia se trocado também.

— Você só quer me ver de biquíni — ela disse de lá.

Ele deu uma boa risada e Bel se divertiu também, mesmo sem saber o que estava acontecendo.

— Claro que sim. Coloca algo escandaloso pra mim — ele ainda se divertia enquanto saía, levando Bel e Brianna.

Bea terminou mais um e-mail, trocou de roupa e os encontrou lá em cima, na piscina. Sean tinha colocado Bel em sua boia com guarda-sol. Era toda inflável e ela ia flutuando pela piscina, protegida do Sol. Sean a empurrava e ela ria, soltando gritinhos de incentivo. Brianna estava deitada perto da piscina, olhando para os dois na água como se fosse precisar resgatar um deles a qualquer momento.

Ela era uma cadela muito engraçada, parecia sempre achar que aquelas pessoas eram doidas e precisam de constante supervisão. Mas bem que gostava de brincar também e aprontar das suas.

A vida corrida, o bebe, os trabalhos não deram muitas chances a Beatrice de ir a eventos em piscinas ou na praia. Porém, ela tinha o guarda-roupa para isso.

— Bom o suficiente? — ela abriu a saída de praia e mostrou seu biquíni dourado, com textura que pareciam pequenas placas de ouro, fazendo o tecido parecer rígido, mas era só em cima.

— Pequeno o suficiente — ele disse e virou a filha na boia, para ela olhar. — Na próxima festa de poucas roupas a gente vai junto, não é, Bel? Vou te arranjar um negócio dourado igual aquele.

O que Bel gostou muito foi da roupa da mamãe, ela esticou o braço, já querendo ver se dava para arrancar aquelas coisinhas douradas e bonitas. Beatrice tirou a saída de praia e o chapéu e pulou na piscina com eles. Ficaram um bom tempo lá brincando com Bel, ela se saía muito bem na água.

Tiraram várias fotos dela na piscina, tanto dentro quanto fora. Mas ela acabou capotando na boia. Foi tombando, tombando e quando eles viram estava apagada sobre a boia.

— Parece até aquela gente que bebe demais nas festas na piscina e capota nas camas infláveis! — riu Bea, tirando fotos de Bel apagada, inclinada sobre sua boia larga e dormindo ali na boa.

Eles a tiraram e acabaram na cama diurna, aproveitando a sombra e bebendo drinks gelados. Bel acordou e se agarrou com seu copo de bico cheio de suco e ficou feliz em ficar deitada entre eles, recostada contra Sean e balançando suas pernas sobre Bea.

— Eu estou tendo um déjà vu — comentou Bea.

— Eu já tive esse déjà vu várias vezes quando vim pra piscina — comentou Sean.

Bel largou o copo e a sorte era que a tampa era vedada, senão a cama tinha virado só suco. Ela se virou e ficou toda atrapalhada, tentando subir em cima dos dois ao mesmo tempo.

— Daqui a mais um menos um ano a gente vai ter outro déjà vu? — perguntou Bea?

Sean segurou Bel e a colocou no caminho certo para conseguir subir, ela estava engatinhando perto deles.

— Sucu, sucu — ela pediu, indicando seu copo de bico e abrindo e fechando a mão pequena e gordinha.

Beatrice devolveu o copo para ela que ficou sentada em cima da coxa do pai, na maior mordomia e bebendo o seu suco.

— Ta? — Bel ofereceu o seu copo para Sean, era assim que ela perguntava se a pessoa queria também.

— Eu tenho o meu, Bel — disse Sean, tirando seu copo da mesinha que ficava bem ao lado e bebendo um gole.

Deu para ver naqueles olhinhos dourados e travessos que ela ficou interessada em pegar a bebida dele. Sean colocou de volta na mesinha e ela ficou olhando para lá, procurando maneiras de chegar até a mesa. Porém, era longe para ela e Bel voltou a beber seu suco.

— Dada — ela disse, apoiando-se na coxa da mãe.

— Ah é, pra ele você oferece suco e pra mim você pede mais — Bea a capturou bem rápido e a fez cair contra ela.

Bel ficou rindo, chegou a fechar os olhinhos e aproveitou o abraço da mãe, recostando contra ela e assim podia observar tudo, a piscina, Brianna deitada ali perto, o pai e seu drink. E ainda podia beber o que restava do seu suco. Antes do copo ficar vazio, ela já pedia mais, porque não era boba.

Bel gostava de se conectar com as duas pessoas mais amadas da sua vida, então enquanto ela estava recostada contra a mãe, esticava a perna para apoiar o pé no pai. Sean agarrou o pé dela e fez cócegas e ela puxou e bateu aquelas pernas curtinhas no ar.

— Sim — ele disse a Beatrice, voltando ao assunto. Com Bel junto e agora falando, as conversas deles eram interrompidas com frequência. — Se você quiser, eu quero.

— Eu preciso que ela fique um pouco mais independente — comentou Beatrice. — E de um tempo para planejar.

— O que você quiser. Nesse caso, as regras ficam por sua conta porquê... — ele abriu as mãos, indicando o óbvio. — Eu não posso ajudar na parte de carregar e trazer ao mundo.

— Claro que pode, você ajudou muito enquanto eu estava com aquela barriga enorme. É só continuar fazendo todas as minhas vontades durante a gravidez.

Ele gargalhou.

— Só isso? — perguntou, divertido e irônico.

— Ué, é pouco? Vou arranjar um trono e te pedir para me trazer coisas.

— Você já fazia isso.

— Claro que não, que calunia. Eu só fiz essas coisas quando já estava enorme, quase com nove meses. Antes eu pedia tão pouco...

— Claro, revirar a cidade atrás dos seus desejos doidos era pouco.

— Era pouquinho... não era todo dia.

— Será que na próxima você consegue ser mais diurna?

— Pensa pelo lado bom, a Bel dorme à noite... quase sempre — ela sorriu.

— Agora.

— Eu queria um menino também — ela declarou.

— E se o próximo não for menino? — ele indagou.

— Então... — ela parou e pensou bem, não sabia se depois do segundo filho, independentemente do sexo da criança, ainda ia querer um terceiro, dependeria de como estivesse se sentindo no futuro e de como fosse a gravidez. — Depois que a segunda fizer dois anos, você me pergunta de novo se quero tentar.

— Eu não vou te perguntar isso — ele balançou a cabeça.

— Por que não?

— Você que vai me dizer se quer.

— E você não vai ficar um pouco desapontado?

Ele franziu o cenho para ela.

— Como eu poderia? Eu fiquei feliz por você ter escolhido ter um filho comigo — ele segurava o pé de Bel que brincava com ele, tirando o pé dali e recolocando. — Eu acho que nem vou saber o que fazer se você quiser mesmo ter mais um — ele sorriu. — Vou ficar como um completo tolo, perdido e animado demais, como fiquei quando soube da Bel.

— Eu quero, você também. Se for um menino, talvez eu não queira um terceiro. Ou queira. Se não for, talvez eu tente ou não tente. Dois é um bom número. Três também, se quando chegar a época eu sentir que quero ter mais, então vamos planejar.

Sean assentiu e ajeitou as pernas de Bel, agora que acabara seu suco, ela estava ficando sonolenta novamente. Ele pensou por um momento, olhando para a filha e disse o que sentia:

— Eu quero outro, quero um irmão ou irmã para ela. Se você quiser mesmo, eu estou dentro. Eu adoraria ter outro, vou amar e ficar como um idiota com todos que você quiser ter — ele declarou, pois queria mesmo ter ao menos dois filhos. Assim como ele tinha uma irmã. Se depois ela quisesse um terceiro, ele também adoraria. Sean queria absolutamente tudo que ela quisesse lhe dar, isso incluía os filhos que poderiam ter juntos.

Ele achava que nesse caso, além de dizer o que gostaria, ele tinha que seguir com a corrente enquanto ela lhe dizia se estava pronta para por outro bebê no mundo. E para eles, com as vidas profissionais que tinham, dava mais certo planejar uma época para “engravidarem”. Bel foi uma surpresa, mas ao mesmo tempo, ele sabia que ela iria parar os anticoncepcionais então após isso, poderia acontecer a qualquer momento. Quando resolvessem parar de novo, iam esperar a surpresa acontecer naturalmente.

— Você é um bobo. Um bobão total — ela se inclinou e passou Bel para ele, deitando-a de bruços no seu peito. Sonolenta, Bel se ajeitou sobre ele que colocou a mão em suas costas para apoiá-la. — É claro que eu iria querer ter filhos com você, seu tolo! São os únicos filhos que quero ter, os seus. — ela se aconchegou perto dele e beijou seu rosto.

Ele abriu um sorriso e passou o outro braço em volta dela e disse:

— Déjà vu, com certeza.

Beatrice levantou a cabeça e ofereceu os lábios:

— Me beija?

Dessa vez ele nem hesitou, virou a cabeça e a beijou lentamente.

— Eu te amo, seu grande tolo. E você acabou de ser aprovado no teste de primeiro ano de paternidade. Com louvor. Ganhei na loteria dos pais! — ela esfregou o nariz no rosto dele e voltou a se apoiar contra ele.

No meio da conversa, Bel se moveu, se abrindo sobre ele igual a uma estrela, como se fosse sua cama. Sean ficou olhando para Bea com um leve sorriso na face, enquanto acariciava levemente as costas de Bel, ela gostava disso para dormir.

— Eu achei que você tinha me consumido, que havia tomado tudo que havia em mim para você. E que para o meu coração bater sem ser num aperto no meu peito, ele dependia de você escolher estar comigo. Não só ficar comigo, voltar para mim e desistir de ir, mas estar comigo sempre, como agora. Aí, você me deu esse presente pequeno aqui — ele moveu a cabeça, indicando a filha. — E não sei como formar frases para explicar como passei a me sentir. Eu só... — ele sorriu e soltou o ar, sem conseguir pôr em palavras a

intensidade do que sentia. — Eu tenho as duas e eu me sinto tão feliz que é até estranho. Eu não sabia que dava para se sentir assim.

O olhar dela ficou parado nele por um instante e seus olhos arderam.

— Eu não achei que íamos chegar até aqui, Sean. Achei que havíamos perdido a chance, mas eu queria tanto ser feliz com você. Era tudo que eu precisava. Eu queria ter tudo com você: os bons momentos, as partes difíceis, os desentendimentos, os altos e baixos, os maus momentos, os dias perfeitos como filmes... tudo que forma os melhores e mais felizes momentos e que nos faz dar valor as partes boas. Para serem as mais importantes. E agora eu tenho isso tudo e não troco por nada.

Bea segurou o olhar dele, expressando tudo que dissera e muito mais do que ela também não sabia pôr em palavras para explicar. Mas ela nunca mais escondeu aqueles olhos dourados que ele adorava tanto, então ele podia ler o seu olhar. Ela encostou a testa contra ele e ficou ali.

— Vai lá, pai do ano. Ela precisa de banho, fralda e aí você me devolve para eu alimentar essa monstrixinha faminta.

Eles entraram, com Brianna no encalço e Bel acordou enquanto eles desciam. Ela começou logo a reclamar, porque já era hora do seu lanche.

Um mês depois, Bel tinha aprendido mais palavras e já estava andando muito rápido, arriscando corridinhas e nem precisava mais se apoiar nas coisas. Estava infernizando a calma vida de Brianna e causando muita bagunça. E estava treinando os pais para a perseguição. Agora que ela fugia, todo mundo na casa estava mais atento.

E pouco tempo depois ela já havia colocado Don, Ramond, Kevin, Nadir, Cristina, Alvez, Rita, Hartie, Rico... todos para a perseguirem. Hartie se divertia quando ela ia ao escritório de Bea. E já havia lhe ensinado mais duas palavras. E ela visitou Sean lá no GW outra vez e agora que ela corria, Rico ficou com aquele seu cabelo cheio de gel todo para o alto. Enquanto Sean falava ao telefone, ele corria atrás dela em volta da mesa, preocupadíssimo com os armários, as

cadeiras ou qualquer lugar que aquela mini Ward pudesse se machucar.

— Ela está vindo! Ela está vindo! — disse Beatrice, que correu lá da entrada do terceiro andar do tríplice.

Atrás dela vinha um barulhinho muito engraçado. Belle estava usando aqueles tênis minúsculos e coloridos que faziam som de brinquedo ao pisar. Quanto mais ela corria, mais sons o tênis emitia, como aquelas bolinhas de apertar. E ela achava o máximo. Pelo bem da sanidade da casa, eles não colocavam isso nos pés dela todo dia. Porém, agora ela já pedia.

— Mama! — Belle corria, tentando persegui-la.

O melhor é que agora que ela aprendera a brincar de esconder, ela usava o tênis e todo mundo sabia onde ela achava que estava escondida. Bel entendera o conceito de procurar a mamãe, o papai, a Tibby e quem mais estivesse. Porém, ela não sabia se esconder ainda. Para ela, escalar a cama e ficar lá encolhida nos travesseiros já era um esconderijo fantástico. Depois ela descia, porque ela havia aprendido isso, fazia de costas, agarrada a colcha e seus pés chegavam no chão primeiro.

Bea se escondeu atrás das cortinas e ficou espiando pelo cantinho, perto da parede. Dessa vez Brianna não apareceu para denunciá-la. Belle parou ali no meio, confusa, porque vira a mãe entrar ali. Ela procurou mais e também não sabia fazer buscas minuciosas, ela entrava nos locais e olhava, ia até o fim, olhava mais, ficava na ponta dos pés para olhar a cama, mas aí voltava. Depois de procurar pelo tempo que para ela já era longo, Bel fez um bico e chamou o reforço.

— Papai! — ela gritou, voltando para onde o vira pela última vez.

Sean não estava se escondendo e havia desenvolvido um daqueles super poderes de pais, eles escutavam a cria chamar bem de longe. Ele apareceu e Belle correu para ele, levantando os braços e quando ele a pegou, ela virou no seu colo e ficou apontando lá para onde Beatrice havia ido.

— Mamãe — ela disse, apontando.

— Ela fugiu? — Sean a levou, mas a colocou no chão e ele logo viu que Beatrice tentava não rir de onde estava. — Você a encontrou

ontem.

Belle continuou apontando e fazendo aquela expressão de tristeza.

— Xô — ela reclamou, tentando repetir a palavra que eles diziam quando ela os encontrava.

— Olha ali, tem algo ali, vai lá olhar — Sean a colocou na direção da cortina. O volume era bem óbvio para ele.

E Beatrice estava rindo agora, então Bel foi lá, ficou puxando a cortina e também entrou atrás dela.

— Achou! — gritou Bea, agarrando-a e a levantando.

Ela saiu de lá abraçada a filha, balançando-a contra ela, o que fazia Bel se divertir muito.

— Você está trapaceando com esse negócio de chamar o reforço — Beatrice disse a Bel, enquanto a levava de volta.

— Ela acha que você é o ápice da diversão, daqui a pouco vai começar a pregar peças como você faz — disse Sean, quando voltou para o sofá onde esteve lendo.

— Eu? — Bea se soltou lá no sofá também, com Bel no colo. E do jeito que ela fazia, caindo sobre o estofado, era só mais diversão para a filha. — Ela pensa que você é o máximo. Já imaginou se ela ficar como o Sr. Super Sérioso com esse cenho franzido. Deus me ajude.

Bea implicou com ele e tocou sua testa para desfazer o franzido. Sean devolveu a provocação ao agarrar a mão dela e morder seus dedos, ela puxou rápido. E Bel ficou de joelhos e foi engatinhando para cima de Sean. Estava óbvio que ele não ia terminar o livro novo do Harlan Coben agora, só em outro momento. Pelo resto do dia ele ia aproveitar a folga para passar com a filha que agora até corria.

— Duvido, vou ficar com a metade racional dela.

— Racional? Seu ridículo! — ela deu com a almofada nele.

Bel levou um susto quando a almofada bateu e olhou de um para o outro, tentando entender o que aconteceu. Depois ficou apoiada em Sean e olhando para Beatrice com aquela expressão de quem sabia que ela era a culpada.

— Viu o que eu disse? — ele perguntou.

Ela riu e abraçou a almofada. Sempre que eles riam alto, Bel ficava os olhando, certas vezes, esperando acontecer algo e até fazia

um bico, como se lhes acusasse de não contar a piada para ela.

Em outras vezes, ela começava a rir junto. E às vezes, tudo isso parecia surreal para Sean e Beatrice.

Claro que quando sentavam juntos ali na sala, muitas vezes vinha a mente deles que não fazia muito tempo que ambos acharam que não continuariam naquele lugar. Supostamente, era para ser especial, eles pensaram no triplex com carinho, Bea se dedicou a decorar cada pedacinho dele. Para Sean representava o local que ele tinha certeza que ela estaria segura e para onde poderia voltar e encontrá-la. Era para ser o lar deles. E virou um castelo de fumaça que ficou a ponto de desmoronar em cima deles. Enquanto morou ali sozinho, Sean sentia como se o lugar estivesse desprovido de alma.

Foi difícil para ela partir e para ele vê-la morando em um lugar que não era a casa deles. Quando ela voltou, foi como se ambos houvessem retornado para casa. E por tudo isso, momentos da vida atual pareciam surreais. Os dois haviam prometido nunca mais partir e se comprometeram com isso.

Porque para eles, partir foi só o final, já que ambos tinham deixado de ser o lar um do outro há muito tempo. E o local que os representava e lhes dava abrigo, foi só a última vítima.

Agora eles também eram o lar daquela garotinha fofa que recebia tanto amor e dedicação. E ela era o mundo deles, assim como eles voltaram a ser tudo um para o outro. E eles se entendiam bem assim. Não era surreal só por causa do recente passado, mas porque era tão bom que parecia feliz demais para ser real. Nenhum dos dois podia esquecer o que aconteceu, porque lembrar tornava cada tarde como essa e outros milhares de momentos em preciosidades.

De qualquer forma, eles estavam fazendo mais sucesso quando saíam junto com Bel. E escutavam: *Ué, vocês não a trouxeram? Cadê a filha? E a Belle Ward?* Beatrice disse que ela não podia saber disso, pois se herdasse a confiança do pai, seria um inferno ter um bebê famoso. Sean achava o cúmulo, afinal, quem ali era a famosa com gente a perseguindo para saber até que meia era aquela que ela estava usando?

— Você, claro. Te perseguem, te querem, parece até que você não sai a semana toda! Eu não tenho um momento de paz quando saio com você. Nunca vi uma coisa dessas! — dizia Bea, comicamente cínica.

Eles se divertiam muito com isso, mas agora que haviam pegado o jeito da coisa, até armavam piadas internas que deixavam os blogueiros enlouquecidos. Não importava que não tinha mais escândalo, tudo dava assunto. Mesmo que os Ward já fossem um escândalo ambulante, agora com reforço.

Mal dava para esperar o resto da família se virar para dar tanto babado quanto eles. E para ver a Bel botando o terror na vida de todo mundo que tomava conta da vida deles. Afinal, ela prometia muita confusão na pré-escola, olha só os pais que ela tinha, como que os mini-Ward seriam discretos com pais como esses? Ser um Ward é já nascer pronto para confusão. E eles se aliavam a...

— Você é inacreditável, Beatrice.

— Um espetáculo! — ela exclamou.

— Eu pensei que eu era um espetáculo, você tinha me dado esse apelido.

— Você é ridículo! — ela riu e se encostou contra ele também.

Bel aproveitou e agarrou uma onda do cabelo da mãe.

— Não puxa, Bel! — disse Bea, antes de ter que sentir a dor.

— Da! — ela abriu a mão, ainda com a mecha de cabelo dentro.

— Você já tem o seu — ela colocou a mão da filha no próprio cabelo escuro e que já estava ondulando nas pontas e Bel ficou com a mão ali como se houvesse esquecido que também tinha cabelo.

Eu me molhei todo de café hoje, gente. Estava numa boa fazendo minha ronda dos ricos e famosos dessa cidade. E dei de cara com os Ward levando aquela coisinha fofa para passear. Lá estavam eles, fazendo o povão, na tranquilidade na calçada da Quinta, pertinho do palácio no ar onde eles moram. E SeanW, aquele espetáculo, com a mini-Ward no colo.

Noventa por cento das vezes que os vejo juntos, BeaW o coloca para carregar o bebê ou empurrar o carrinho. Bicha esperta! Adoro

essa danada. Bota esse boy MARA para trabalhar que a gente gosta de ver esses bíceps retesados.

Ai, gente, adoro essa família! Devia ter terapia para viciados em Ward! Não consigo parar, vou ligar pra loka do uppersofnewyork.net e contar vantagem. As primeiras fotos que tirei deles saíram uma porcaria, porque eu estava todo me tremendo! Como é que me cura desse vício, Senhor?

E agora, a pergunta que não quer calar, vai ter mais Ward nascendo nessa cidade? Vamos começar as apostas! Bota cenzinho aí que eu vou dar o furo! De novo!

— do famousnewyorkers.com — 642 comentários.

* * *

— Essa criança vai me dar tanto trabalho — disse Bea, ajeitando a filha. — Nada tão parecido com você pode passar fácil pela minha vida.

— Ela vai dar trabalho só porque é parecida comigo? — ele levantou a sobrancelha e começou a rir, porque a lógica dela era totalmente louca.

— Também.

— Então ela vai me enlouquecer, porque é sua filha também. Nada que veio de você vai passar por mim sem explodir a minha mente — ele gesticulou uma implosão perto da sua cabeça.

— Ei, eu não explodo só a sua mente. Eu te descontrolo inteirinho — ela brincou e usou um tom de quem estava seduzindo, depois abriu um sorriso, não aguentou e começou a rir da cara que ele fazia.

Sean deitou a cabeça e riu com vontade. Bel sorriu para ele e ficou tentando se levantar do colo de Bea, para ir interagir. A mãe a ajudou e Sean a segurou antes que ela conseguisse se jogar além dele.

Eles já tinham vários planos para o futuro, no próximo inverno eles a levariam para esquiar, até porque ele estava sentindo falta de ir e Bea queria aprender melhor. Era praticamente uma tradição de família, todo mundo ia se aventurar na neve bem cedo. Assim que

entrasse o verão, iriam voltar para a praia e Sean ia cumprir sua promessa a Bel, iam nadar no mar. Depois, iriam leva-la a algum país novo e eles também já haviam prometido que voltariam a casa de campo quando Bel estivesse andando. Fazia tempo que os Ward não se encontravam lá.

As discussões sobre em qual jogo a levariam primeiro, Giants ou Ravens, também eram as melhores! Mesmo que isso só fosse acontecer na próxima temporada do futebol americano.

— O que é isso, Beatrice? — perguntou Sean, quando Brianna finalmente apareceu do seu cochilo, só que usando um vestido com o corpo listrado de azul e uma saia rodada.

— Ué, ela também tem direito.

— Você disse que ia parar com isso quando ela deixasse de ser um filhote.

— Ela é um filhote!

— Claro que não é, olha o tamanho dela.

— Biiiii! — gritou Bel, se esticando para colocar a mão nela, a cadela se apoiou no sofá para ser acariciada.

— Ela é uma garota, goste você ou não. E ela gosta disso, fica quentinha. Ela nem tenta tirar.

— Porque você não parava de pôr essas coisas nela quando ela era pequena.

— Olha que graça, cadê meu celular? Vou postar uma foto.

— Eu tenho a vaga lembrança de que a Bel tem um negócio parecido com isso — ele olhava para a roupa da cachorra.

— Eu sei! Quando vi lá no pet shop, não resisti! — exclamou Bea, tirando fotos de Brianna e Bel que estava tocando a cabeça dela.

— Não se preocupa, Bri. Eu ainda vou te levar para bagunçar, pode ir de vestido se quiser — assegurou Sean, porque ele quem passeava com ela, a levava para o parque e lhe proporcionava as brincadeiras mais ativas.

— Ah, Sean. Ela foi treinada, é o melhor de dois mundos. Ela ainda é sua cadela sinistra e defensora. Afinal, olha o tamanho dessa beleza. Ninguém deixaria de levá-la a sério, mesmo com esse vestido lindo! — Bea a acariciou também.

Com ou sem vestido, Sean era a paixão da vida de Brianna que foi para mais perto dele, colocou as patas no sofá e abanou o rabo e ele brincou com ela.

O negócio é que agora eles estavam prontos para o que viesse. Até para as loucuras do resto da família, pois os Ward iam arrepiar. Restava saber se a cidade ia aguentá-los nessa fase, porque eles prometiam muito assunto. E do jeito que a família era, uma cidade só não bastava para eles.

Agradecimentos

Depois de todo esse tempo acompanhando os Ward, chegamos até aqui! E nos despedimos devidamente de Sean e Bea. Se você chegou até esse livro, definitivamente já é um (a) Ward experiente! Bem-vinda (o) a família!

Como vocês sabem, esse livro não ia existir. Quando terminei o Quando Eu Te Beijar, achei mesmo que era o fim. Eu já estava trabalhando no Ward 2.5 e escrevendo pequenas cenas para Sean e Bea. Eu achei que lhes contaria como seria a vida deles através de pequenas passagens nos livros dos outros Ward. Só que, vocês não estavam aceitando isso muito bem.

De verdade, obrigada por cada e-mail e mensagem que vocês me enviaram através das redes sociais. Eu li tudo, tentei responder todo mundo. Mas foi notável que todos pediam a mesma coisa, um fim “decente” para o Seantrice. E toda essa história que vocês acabaram de ler, vivia na minha mente, eu sabia o que acontecia na vida deles. Eu sei o que mais vou contar, pelos livros dos outros personagens. Então, depois de achar que havia me despedido de Sean e Bea, eles voltaram a minha mente. E eu resolvi que sim, todos nós merecíamos um livro adicional. E nasceu esse livro. Adorei escrevê-lo, meu coração se enterneceu e ao me convencer de escrever esse livro, vocês me proporcionaram esse maravilhoso sentimento de ter mesmo terminado uma história. Obrigada!

Espero muito que vocês continuem acompanhando a saga da família Ward. Ainda temos muitas confusões, babados e escândalos para aprontar juntos! E alguns Ward esperando para ter sua história contada e conquistá-los tão intensamente quanto Sean e Bea fizeram!

Bjux,
Lucy.

Sobre a autora

Lucy Vargas é uma jornalista e escritora carioca. Sua paixão pela escrita começou aos 10 anos quando permitiram que assistisse uma novela. Insatisfeita, ela resolveu reescrever o que viu. Desde então nunca mais parou e escreveu todo tipo de história que lhe agradasse. Os romances entraram em sua vida aos 13 anos e é até hoje seu gênero preferido.

Ela escreve romances contemporâneos e de época, como Cartas do Passado e As Cartas da Condessa, presentes nas listas de mais vendidos das lojas online. E também é autora da Série Ward, best-seller da Amazon, iTunes, Kobo e Google Play. O primeiro livro da série, Quando Eu Te Encontrar, estreou como livro mais vendido do iTunes BR. Em 2015, Lucy lançou O Refúgio do Marquês pela Editora Charme.

Lucy é a primeira autora independente e brasileira a chegar as listas de mais vendidos de todas essas livrarias online.

Table of Contents

[Quando Eu Te Abraçar](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)